V

PROCESSO N.º 22804 ANO 1983

24.626

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,

Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT

PROCESSO N. 22804

INTERESSADO: ARIOSTO MILA E OUTROS

PROCEDÊNCIA: CAMPINAS

DATA: 05/12/83

REPARTIÇÃO:

N.º DE ORDEM DO PAPEL:

ASSUNTO: Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência"sito à Rua:Culto à Ciência,nº422-Campinas.

Recapiado em 27/11/87-S.G.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

330

CONDEPHAAT

PROCESSO N.º 22504/83

Ao
Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artistico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT

Senhor Presidente,;
Estão estabelecidas as seguintes caracteristicas para o processo identificado pelo número acima.

Data de abertura	05/12/83	Tecnico responsável	arqta Silvia Wolff
Posse atual da documentação	Condephaat	Setor	SPA

Data Prevista para Encerramento	

Processo apensado ao processo n.º		Processo de referência	

INTERESSADO

X	Pessoa Fisica.		Pessoa Juridica.		Poder Público.
Nome	Ariosto Mila e outros				
RG / CNPJ		Telef.		CEP	
Ender.		Bairro			
Mun.	Campinas	UF			

LOCAL

Ender:	Rua Culto à ciência, 422		
Bairro:		N.º do contribuinte	
Municipio	Campinas	Municipio cód. n.º:	

SITUAÇÃO

	Denúncia		Solicitação de regularização		Pedido de Certidão.
	Solicitação de informações	X	Pedido de tombamento		Retorno de informações (Inf. Processo)
	Solicitação de aprovação		Pedido de qualificação como Estância		Outra
Outra:					

ASSUNTO

	Projeto		Informações Gerais		Cartazes/ Painéis/ Anúncios		Alteração Ambiental.
	Obra		Reforma		Diretrizes		Pesquisa Mineral
	Serviços de Conservação	X	Tombamento		Demolição.		Extração Mineral
	Alteração do Sistema Viário		Mudança de Uso		Restauração		Outro (especificar abaixo)
Outro:							
N.º Processo CADAN (Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios)							

OBJETO

	Área natural.		Sítio Arqueológico		Área envoltória de Edificação tombada.
X	Edificação.		Bem Móvel.		Área envoltória de Núcleo Histórico tombado.
	Núcleo Histórico.		Patrimônio Imaterial		Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado.
	Segmento Urbano.		Área envoltória de Área Natural tombada		Outro.

São Paulo, 08 de agosto de 2001

Assinatura

2

SECRETARIA DA CULTURA
CONDEPHAAT

SOLICITAÇÃO DE TOMBAMENTO GUICHÊ Nº 00092

INTERESSADO ARIOSTO MILA E OUTROS.

DATA 21/11/83.

DESCRIÇÃO Tobamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência"

PROPRIETÁRIO

LOCALIZAÇÃO Rua Culto à Ciência, nº 422- Campinas.

fs. 02

Exmo.Snr.Dr.Antonio Augusto Arantes Neto
DD.Presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Històrico, Arqueológico,Artístico e Turistico do Estado.

À SA para abertura de processo.

AA.

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

Os abaixo assinados vêm mui respeitosamente requerer,na forma da legislação em vigor,se digne V.Excia. autorizar a abertura de processo deTombamento do prédio do Colégio Estadual "Culto à Ciência" -próprio do Estado,sito à rua Culto à Ciência Nº 422 na cidade de Campinas

Os signatários ex-alunos daquele estabelecimento,bacharelandos de 1933,organizaram-se para pleitear essa medida, compenetrados de que é dever indeclinável colaborar na preservação do Patrimônio Cultural pátrio.

A pretensão dos requerentes encontra apoio na legislação vigente,considerando o incontestável valor daquele bem, relação ao desenvolvimento sócio-econômico-cultural do Município e do Estado,como se poderá depreender da documentação anexa.

Requerem mais a V.Excia. data vênia, que em sendo possivel, o pronunciamento favoravel venha a ser exarado antes do dia 10 de dezembro proximo,considerando a especial circunstância da comemoração,nessa data, do Jubileu da Formatura.

P.deferimento

São Paulo,10 de Novembro de 1983

Lúcia Venere Décourt Lucia Venere Décourt
R.Albuquerque Lins,867 -Ap 801 - 01230 -S.Paulo (SP)
tel. 665008

Donato R. Borges
S.Q-S -211 Bloco "C" Ap 605 - 70274 Brasilia -DF

Ariosto Mila
Rua Comandante Ismael Guilherme,61 -04031 S.Paulo - (SP)

Homero Gomes
Av.Herminia A.Couto da Silva,95 -13100 - Campinas -(SP)

Carlos Casimiro Costa
Rua Manduri,664 - 01437 - S.Paulo - (SP)

Maria Aparecida de Almeida Pentead[illegible]

[illegible]

[illegible]

Luia Grandinetti Volpe

Umbertina Padilha de Souza Aranha

Vicente Canecchio Fo

Maria [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Doracy Fabrício Passos Barros

[illegible]

Maria Edwina Rehder Teixeira

p. 03

CAMPINAS III

SF-23-Y-A-V-4-SE-A

INDICE DE RUAS

(1A) RUA COMENDADOR DARIO LUCENTI
(1) RUA MAESTRO FLORENSE
(2) RUA PERCIVAL DE OLIVEIRA
(3) RUA FERNANDO MARTINI
(4) RUA ADAMANTINA
(5) RUA DR DALVO MATOS DEDECA
(6) RUA OSWALDO ANDRADE
(7) RUA ROBERTO SILVEIRA
(8) TRAVESSA SÃO JOSÉ
(9) RUA DOS SUCUPIRAS
(10) RUA DAS GREVILEAS
(11) RUA DAS GUAZUVIRAS
(12) RUA DOS JACARANDÁS
(13) RUA DAS CASTANHEIRAS
(14) RUA DR JOÃO OTAVIANO RIBEIRO NETO
(15) RUA ANTONIO TEPEDINO PIGANO
(16) RUA DOMINGOS SIGNORELLI
(17) RUA JOSÉ GUERNELLI
(18) RUA DANTE MOSCARDI
(19) RUA DONATO RADOMILE
(20) RUA JOAQUIM CRUZ DE SOUZA
(21) RUA PROF JOSÉ LEOPOLDO SCHIFFERLI
(22) RUA AGUDOS
(23) RUA ADOLFO NORONHA
(24) RUA ANTÔNIO ALVES ARANHA
(25) RUA IPÊS BRANCOS
(26) RUA DOS EBANOS
(27) RUA DOS LINDOS
(28) RUA DAS BÉTULAS
(29) RUA DAS TUIAS
(30) RUA DAS LIBÉRNIAS
(31) RUA BENEDITO CLAUDINO DE SILVA
(32) RUA DR PEDRO S. GARGANTINI
(33) RUA FRANCISCO VIVONA JR
(34) RUA JOSÉ LEONE
(35) RUA FABRUNDES VARELA
(36) RUA MARIO TOMAZ
(37) RUA ANTONIO VALLE
(38) RUA JOÃO SETEMBRO
(39) RUA MARIA ALVES COMPAGNONE
(40) RUA ISRAEL
(41) RUA ARGENTINA CECONELLI
(42) RUA CORONADO
(43) RUA CONCHAS
(44) RUA COLINA
(45) RUA GAETANO TORRIGLIATO
(46) RUA ROCAINA
(47) RUA GENERAL BENTO BICUDO
(48) RUA TENENTE CORONEL JOSÉ FERREIRA LANERIRÃO
(49) RUA TENENTE PEREZ MARIN
(50) RUA COMENDADOR PAULO CAMARGO
(51) RUA CAP SATURNINO DE BRITO
(52) RUA GOTOVIA
(53) RUA BATUIRA
(54) RUA IRIGUÁ
(55) RUA CALHANDRA
(56) RUA BORBA GATO
(57) RUA GENERAL COUTO DE MAGALHÃES
(58) RUA JOAQUIM NABUCO
(59) RUA ANTÃO DE PAULA SOUZA
(60) RUA JOÃO ALFREDO WILSON DA COSTA
(61) RUA VITORINO B FILHO
(62) RUA LEOPAR
(63) RUA CONSTANTINO MAGNO
(64) RUA CRUZEIRO
(65) RUA PAULA SILVA
(66) RUA JOÃO CARDOSO
(67) RUA BETUCATU
(68) RUA EXPEDICIONÁRIO PAULO TANDRA
(69) RUA TENENTE FLÁVIO OLIVEIRA GOMES
(70) RUA DR PAULA CASTRO
(71) RUA 4 DE JULHO
(72) RUA ANTÔNIO J. RIBEIRO JUNIOR
(72A) RUA ADEMAR TOMAZ
(73) AV. GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO
(74) RUA AZAEL LOBO
(75) RUA DR BONIFÁCIO C FILHO
(76) RUA MARIANO DE CAMARGO
(77) RUA LIDGERWOOD
(78) RUA ENÉIDA VERMELHO DE OLIVEIRA ALVES
(79) AVENIDA JOÃO PENDO BURNIER
(80) RUA JORGE MIRANDA
(81) RUA MARECHAL DEODORO
(82) RUA DR ERNESTO KHULMANN
(83) RUA DO ROCIO
(84) AVENIDA DOS EXPEDICIONARIOS
(85) RUA DR JAIME PINHEIRO DE ULHOA CINTRA
(86) RUA BEM TE-VI
(87) RUA JACUTINGA
(88) RUA SARACURA
(89) RUA ROLINHA
(90) RUA INAQUIM
(91) RUA JACAMIN
(92) RUA GUAINUMBIS
(93) RUA MACUCO
(94) RUA MARACANÃ
(95) RUA PINTASILGO
(96) RUA BATISTA CEPELOS
(97) RUA CURIANGO
(98) RUA CATIRUARA
(99) RUA SENADOR VERGUEIRO
(100) RUA ALMEIDA JUNIOR
(101) RUA EDUARDO PEREIRA
(102) RUA DURVALINO QUATRACCIA
(103) RUA JOSÉ STAMPA
(104) RUA JUAN PABLO PERETTI
(105) RUA SANTA RITA DURÃO
(106) AV MARECHAL JOÃO BATISTA DE MORAES
(107) RUA ANHEMBI
(108) RUA GUATEMI
(109) RUA PALMAHER
(110) RUA SOL FEVEREIRO
(111) RUA ANTONIO T MASCONCELOS
(112) RUA MANOEL PINHEIRO
(113) RUA 15 DE MARÇO
(114) RUA 24 DE FEVEREIRO
(115) RUA ALBERTO PENTEADO
(116) RUA BLUDO MANOEL DA COSTA
(117) RUA AUGUSTO PEREIRA
(118) RUA TENENTE CORONEL VALENTINA FIGUEIREDO
(119) RUA BASILIO DA GAMA
(120) RUA 30
(121) RUA PEDRO A VASCONCELOS
(122) RUA PADUANO B CARVALHO
(123) RUA FRANCISCO G. DA SILVA
(124) RUA AVERICO FREDERICO
(125) RUA SANTA CLARA PERES URBINA
(126) RUA JAGUARINA
(127) RUA DESEJALVARO
(128) RUA CARAJÁ-ASTATUBA
(129) RUA SARGENTO J. S DE OLIVEIRA
(130) AVENIDA F DE PAULA OLIVEIRA
(131) RUA APINHEIROS
(132) RUA MADRE MARIA CONCEIÇÃO
(133) RUA NAMBIKWARA PAULO MURURU
(134) RUA ERNESTO SEGALLIO
(135) RUA PASTOR OLIERO CARLITO DE LIMA
(136) RUA F. DE ASSIS IGLESIAS
(137) RUA VENDA GRANDE
(138) RUA RANGEL PESTANA
(139) RUA ENÉI PEREIRA PIRES
(140) AVENIDA GENERAL CAMARA
(141) RUA FERNÃO POMPEU DE CAMARGO
(142) RUA S VICENTE DE PAULA GOMES
(143) RUA CUIABÁ
(144) RUA 26 DE MARÇO
(145) RUA VOTORANTIM
(146) RUA CACIQUE TIBIRIÇÁ

DETALHES NUMERADOS

(1) PRAÇA JOSÉ ANTONIO M. SANSANO
(2) PRAÇA CHARLES CHAPLIN
(3) PRAÇA MANOEL PALACIO
(4) PARQUE INFANTIL MARIO GATTI
(5) CONSERVATÓRIO MUSICAL
(6) PRAÇA CAP ALBERTO MENDES JR
(7) PRAÇA MASSAME SAID DAHER
(8) PRAÇA SANTA MARIA
(9) PRAÇA NS DAS GRAÇAS
(10) E E PG C CRISTOVAO ZINZ
(11) E E PG REV PROF J C NOGUEIRA
(12) CENTRO INFANTIL MARIA LA ZARA DIAMANTE GONÇALVES
(13) IGREJA SANTA MARGARIDA MARIA
(14) CENTRO COMUNITÁRIO CHÁCARA II
(15) E E PG PROF H SIQUEIRA
(16) PRAÇA DE ESPORTES C SALVADOR LOMBARDI NETO
(17) PRAÇA GAL H DE SOUZA MELO
(18) TELEFÓNICA
(19) E E PG MARECHAL MALLET
(20) PRAÇA TIRO DE GUERRA
(21) PRAÇA NICOLA ALASELVA
(22) INST E EMPG DE PEDAGOGIA
(23) TERAPÊUTICA PROF N S PINTO
(24) IGREJA J C S DOS ULTIMOS DIAS
(25) SEMINÁRIO PRESBITERIANO
(26) PRAÇA EUCLIDES DA CUNHA
(27) PRAÇA PEREIRA MAGALHÃES
(28) SECRETARIA DA DIVISÃO REGIONAL DE CAMPINAS
(29) PRAÇA SOUZA SIQUEIRA
(30) PRAÇA LUIZ E ALMEIDA
(31) INST EDUCACIONAL MAGALHÃES
(32) E E PG PROF ARY M GALVÃO
(33) CENTRO INFANTIL BETTERELLO
(34) PRAÇA PADRE GASPAR BERTONI
(35) PRAÇA CICERO A DE SOUZA
(36) E E PG S P S
(37) PRAÇA FERNANDO DE NORONHA
(38) E E PG COM JOSÉ NERY
(39) PRAÇA DANTON P MONTANHO
(40) PRAÇA IZIDORO DIAS LOPES
(41) PRAÇA PEREIRA SALVADOR MOSA
(42) PRAÇA HERBERT JEFFERY JACOB
(43) ESTÁDIO GUANABARA
(44) PRAÇA DR U PRADO DE MOURA
(45) PRAÇA MOEYS NOGUEIRA
(46) CENT E M E DO TRABALHADOR
(47) PRAÇA LIM BANDEIRANTES
(48) PRÇA PROF. RAFAEL PADOVANI
(49) E E PG PROF KENNETH SANSANO
(50) PRAÇA DR ROLANDO
(51) PRAÇA ALBERTO PRIM
(52) PRAÇA PROFE BIRAGA
(53) PRAÇA DR SAMUEL DE MORAES
(54) PRAÇA JOSÉ CARLOS LADELVA
(55) HOSP MATERNIDADE DE CAMPINAS
(56) CENTRO DE SAÚDE
(57) PRAÇA PROF E D C LAURENTO
(58) HOSP MATER SANTO ANTONIO
(59) E E PG BARÃO DE JAGUARA
(60) E E PG PROF NEPOMUCENO PAES
(61) IGREJA DE VIRGES
(62) PRAÇA DR JARDIM DE SOUZA
(63) PRAÇA DE ESPORTES DE CAMPOS
(64) PRAÇA DE ESPORTES MUNICIPAL DA VILA TÉNERA
(65) PRAÇA DE ESPORTES VARGAS
(66) E E PG PROFESSORA V SALGADO
(67) PRAÇA SANTA CATARINA
(68) PRAÇA SUDO SEGALLIO
(69) PRAÇA FRANCISCO DE SANTI
(70) CENTRO SOCIAL NS DO CARMO
(71) HEAL SOC PORTUGUESA DE BENEF
(72) HOSPITAL CORAÇÃO DE JESUS
(73) PRAÇA LUIZ DE CAMÕES
(74) INSTITUTO PENIDO BURNIER
(75) DELEGACIA SEC DE CAMPINAS
(76) HOSPITAL REAL PORTUGUÊS
(77) HOSPITAL VERA CRUZ
(78) E E PG CONDE DE MARA
(79) PRAÇA DO E E PG SANTA CLARA
(80) CENTRO SOCIAL NS DO CARMO
(81) E E AF HOR A M A MAMAL
(82) E E PG DR MARIO NAVARRO
(83) E E PG DR A F GONÇALVES
(84) REGIONAL DE CAMPINAS
(85) PRAÇA M H CASTELO BRANCO
(86) PRAÇA DOS VIAJANTES
(87) PORQUE INF MANOEL AFONSO
(88) E E PG GUIDO SEGALLIO
(89) E E PG DR OSTEVENSON
(90) SENAI EDUCAÇÃO CAMPINAS
(91) CURTUME CAMPINAS
(92) SANDE E P DA S E DO CAMPO
(93) PREFEITURA MUN DE CAMPINAS
(94) CONSTANTINO DE CAMPINAS
(95) IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA
(96) IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS
(97) PRAÇA PROF E LEMOS
(98) CLINICA INFANTIL DE CAMPINAS
(99) HOSP DR MOEYS MUNICIPAL
(100) PARQUE DE EXPO DO MARAÚ
(101) SUPERMERCADO SEGALLIO
(102) MACHADINHO ROSA LUIZA
(103) PARQUE BANDEIRANTES
(104) CAMPO MUNICIPAL
(105) PROPOSTA SEMAE DE CAMPINAS
(106) PRAÇA PROF ANTONIO LUIZ FERRAZ
(107) PRAÇA DR ROBERTO BRAGA
(108) ESTADIO MUNICIPAL
(109) PRAÇA DR SAMPAIO FERRAZ
(110) PRAÇA DR ARTHUR NOGUEIRA
(111) INSTITUTO AGRONOMICO

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

RODOVIAS / FERROVIAS
- Auto estrada
- Estrada pavimentada
- Estrada sem pavimentação
- Estrada em construção
- Código Federal, Estadual, Municipal
- Caminho, Trilha
- Estrada de ferro

HIDROGRAFIA
- Rio
- Ribeirão e Corrego
- Curso d'agua intermitente
- Lago
- Represa, Barragem
- Vala
- Terreno sujeito a inundação
- Brejo ou Pântano

VEGETAÇÃO
- Cultura
- Mato, Macega

PLANIMETRIA
- Rua pavimentada
- Rua sem pavimentação
- Área densamente edificada
- Edifício importante
- Construção isolada
- Limite estadual
- Limite municipal
- Loteamento clandestino
- Rocha
- Areia
- Muro, Cerca
- Carreadores
- Linha transmissora de energia
- Vértice

ALTITUDE
- 625
- 650
- Curvas de nível
- 546.60 332.576 Pto trigonométrico, Ref. de nível
- 453.12 374 Ponto Astronômico, Cotas

OBRAS DE ARTE
- 374 Bueiro, Ponte
- Corte
- Aterro
- Praça

DECLINAÇÃO MAGNETICA 1979 E CONVERGÊNCIA MERIDIANA DO CENTRO DO FOLHA

NQ NO

NM

FUSO 23

A DECLINAÇÃO MAGNETICA VARIA ANUALMENTE 9' OESTE

INDICE DE COBERTURA

FOTOINDICE	FAIXA	FOTOS
16E	18	3092-3094
16E	19	3143-3145

FOTOGRAFIAS AÉREAS 1978

REAMBULAÇÃO DE CAMPO 1978/79

ESCALA 1:10.000

100 50 0 100 200 300 400 500 600 700 800 900 1000 Metros

EQUIDISTANCIA DE CURVAS DE NIVEL 5 METROS

PROJEÇÃO UTM : UNIVERSAL TRANSVERSA MERCATOR

REFERÊNCIA HORIZONTAL CORREGO ALEGRI MG

REFERÊNCIA VERTICAL MAREGRAFO DE IMBITUBA SC

COEFICIENTE DE DEFORMAÇÃO LINEAR K 1.0016199

MERIDIANO CENTRAL 45° FUSO 23

QUADRICULA 1000 METROS

OS NOMES DE RUAS E DETALHES QUE NÃO PUDERAM SER LANÇADOS NO CORPO DA CARTA FORAM SUBSTITUIDOS POR NUMEROS INSCRITOS RESPECTIVAMENTE ENTRE PARENTESES E EM CIRCULOS QUE SE ENCONTRAM RELACIONADOS AO LADO DIREITO DA MESMA

PRIMEIRA EDIÇÃO 1979

DIREITOS DE REPRODUÇÃO RESERVADOS

Agradecemos a gentileza da comunicação de possíveis falhas ou omissões verificadas nesta carta.

ARTICULAÇÃO DAS FOLHAS

075/097	075/098	075/099
076/097	076/098	076/099
077/097	077/098	077/099

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

MUNICIPIO DE CAMPINAS

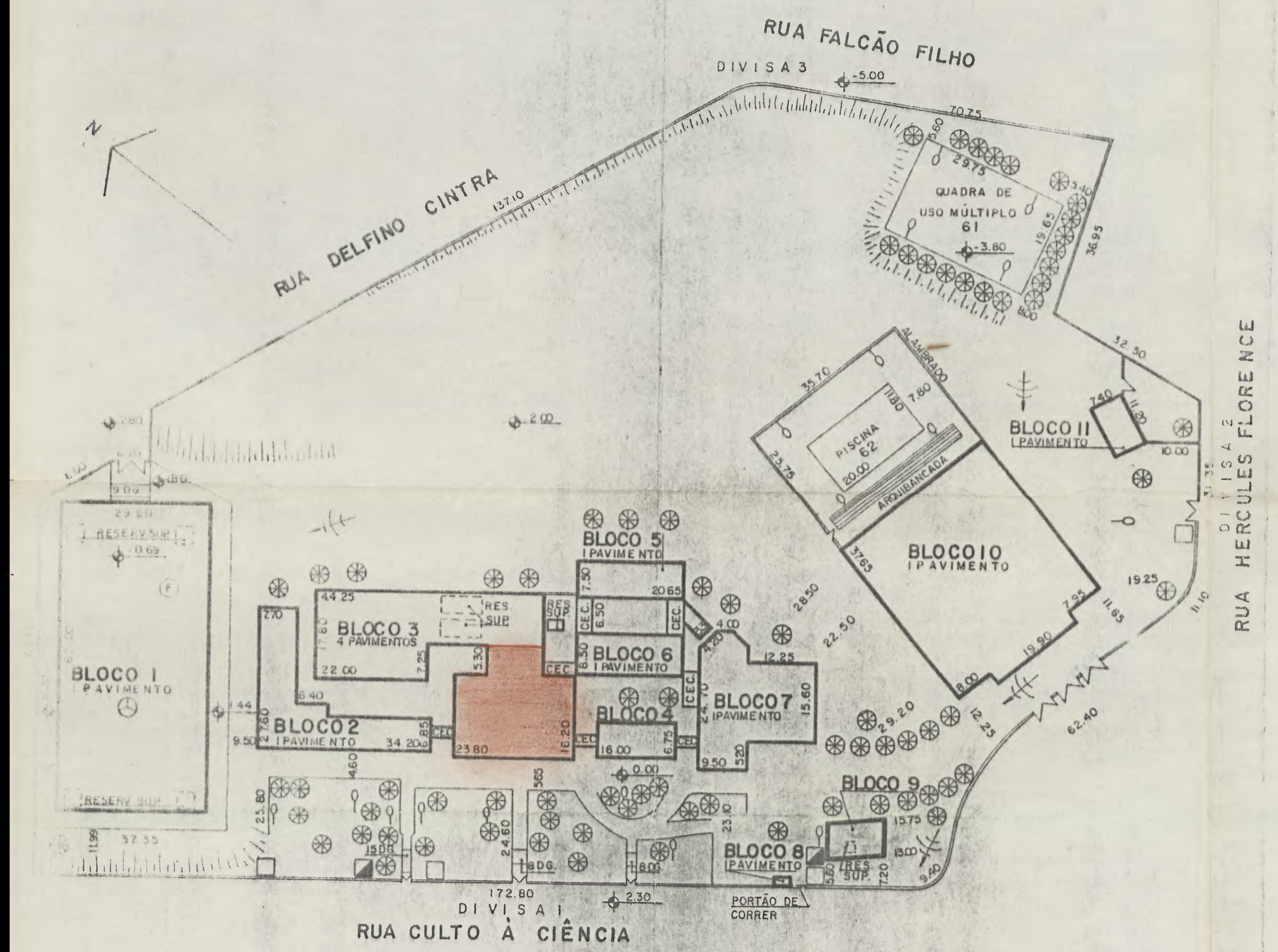
LOCALIZAÇÃO DA FOLHA NO ESTADO

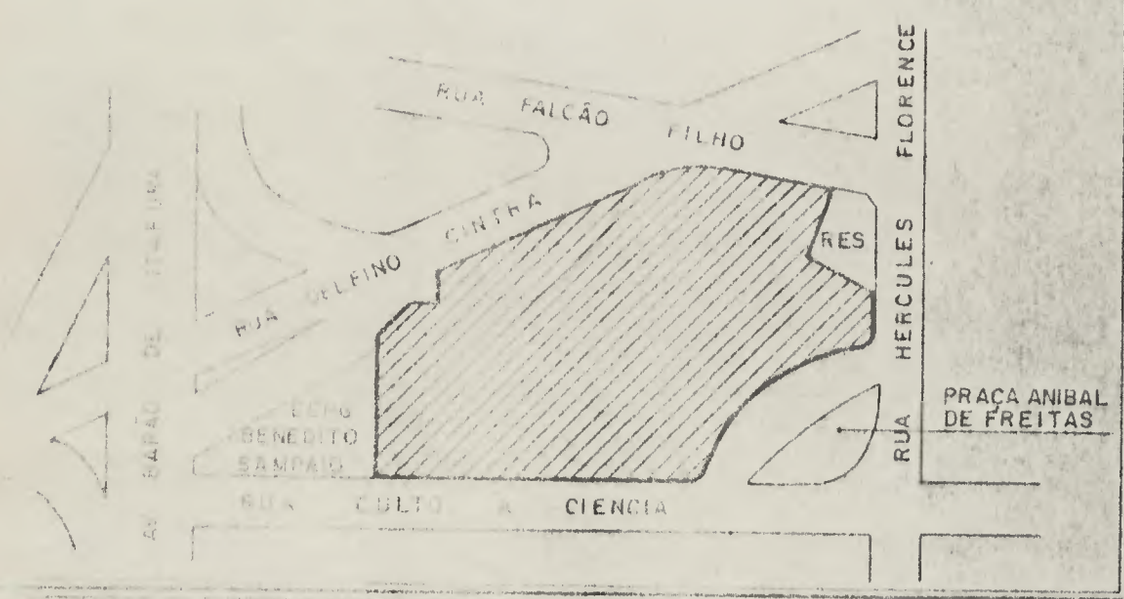
LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO
Executado por TerraFoto S.A. Atividades de Aerolevantamento

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO

COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL
DIVISÃO DE GEOGRAFIA

PLANO CARTOGRÁFICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

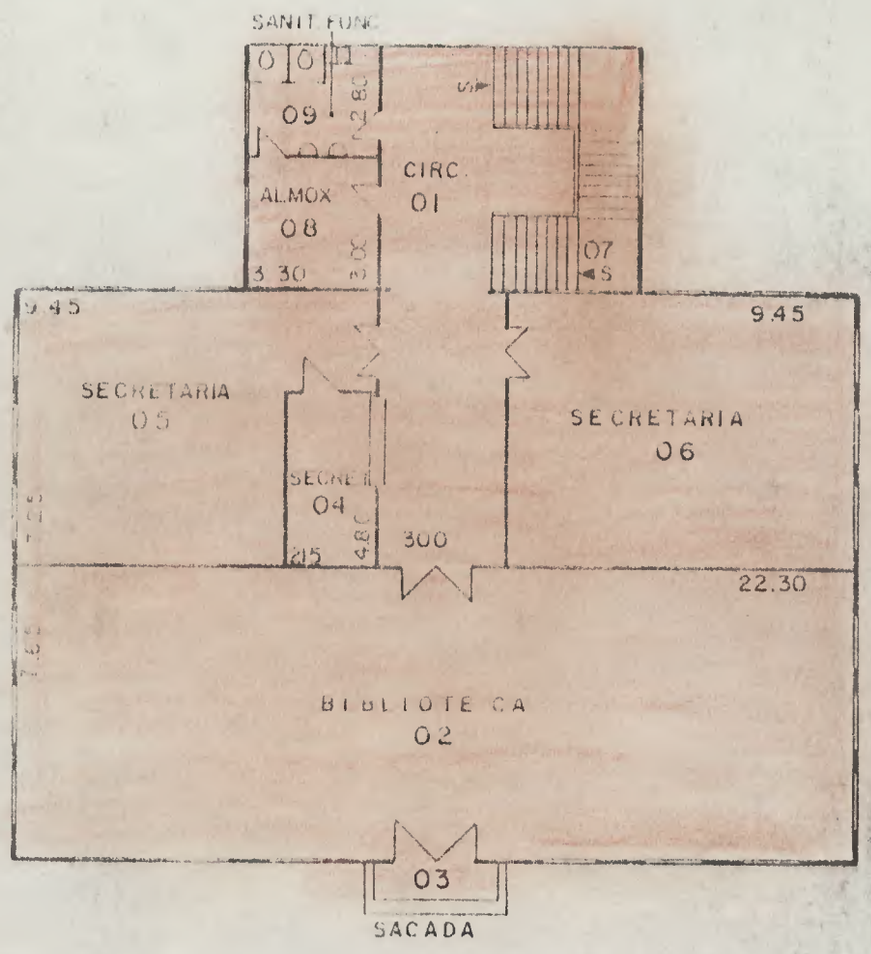




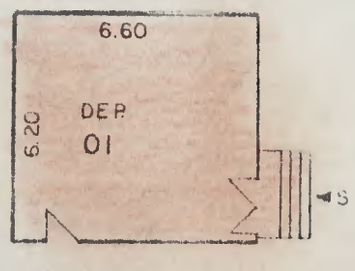
ÁRVORE DE GRANDE PORTE	POSTE DE ILUMINAÇÃO
(F) FOSSA	POSTE COM TRANSFORMADOR
(FS) FOSSA SÉPTICA	INDICAÇÃO DO NORTE
(P) POÇO	PARA-RAIO
(PA) POÇO SEMI-ARTESIANO	TALUDE
COTA DE NÍVEL	ACLIVE
ENTRADA DE ÁGUA	EROSÃO
ENTRADA DE LUZ	

LEGENDA

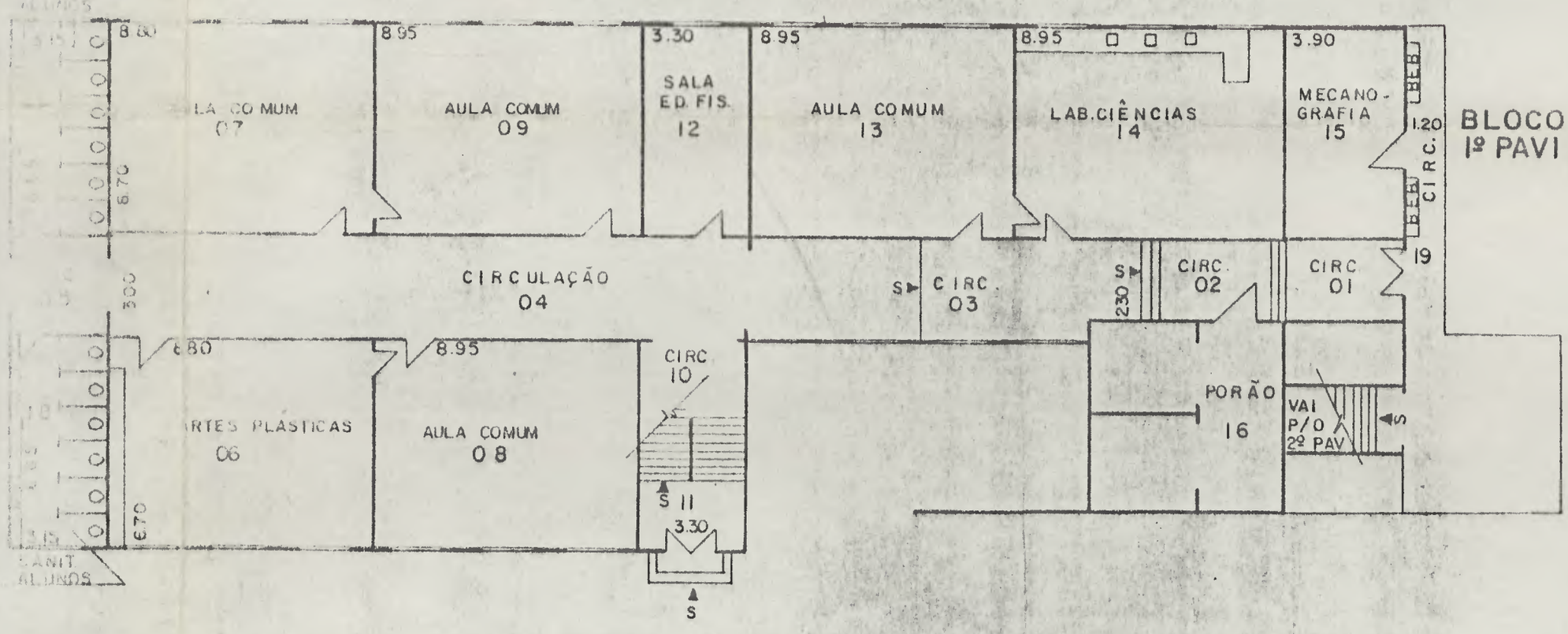
SERVIÇOS / RUAS	CALÇADAS PAVIMENTADAS		RUAS PAVIMENTADAS		ÁGUA		ESGOTO		LUZ		ILUMINAÇÃO PÚBLICA		TELEFONE		COLETA DE LIXO		ÁGUAS PLUVIAIS	
	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N
1 C.À CIENCIA	X		X		X		X		X		X		X		X		X	
2 AV. B. ITAPURA	X		X		X		X		X		X		X		X		X	
3 D. CINTRA	X		X		X		X		X		X		X		X		X	
4 F. FILHO	X		X		X		X		X		X		X		X		X	
5 H. FLORENCE	X		X		X		X		X		X		X		X		X	
6																		



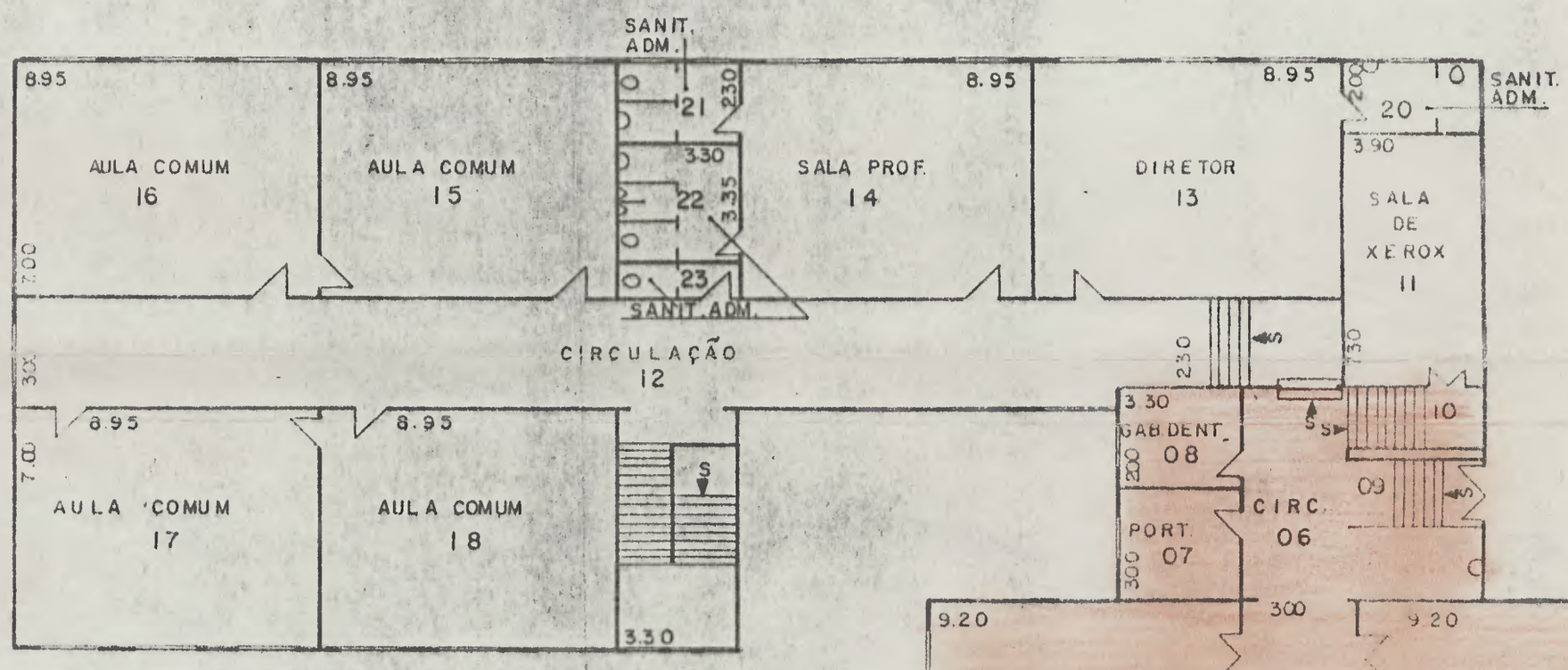
BLOCO 3
3º PAVIMENTO



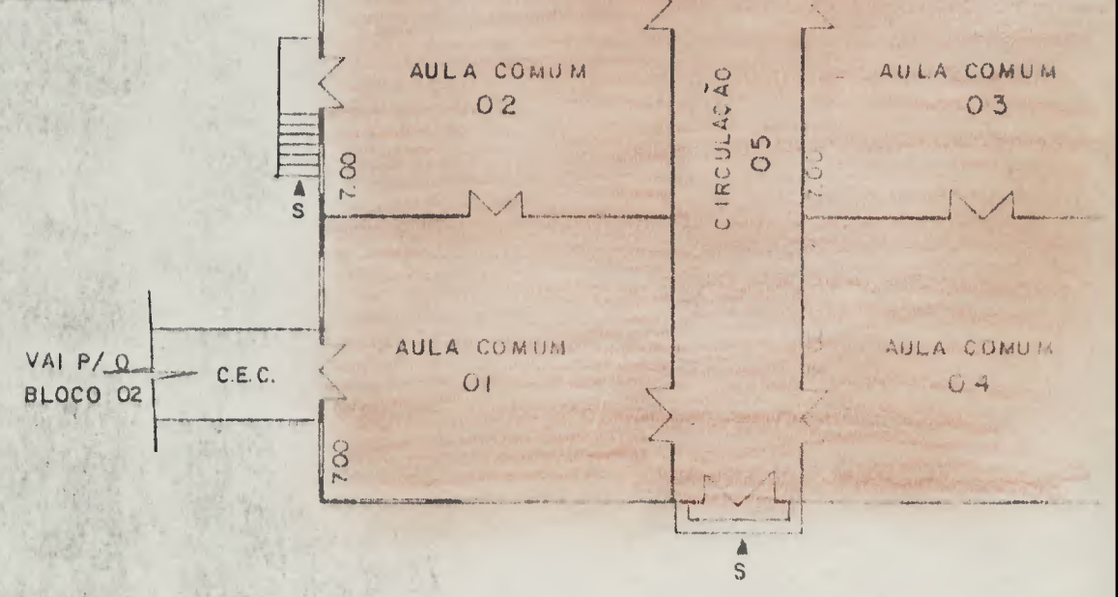
BLOCO 3
4º PAVIMENTO



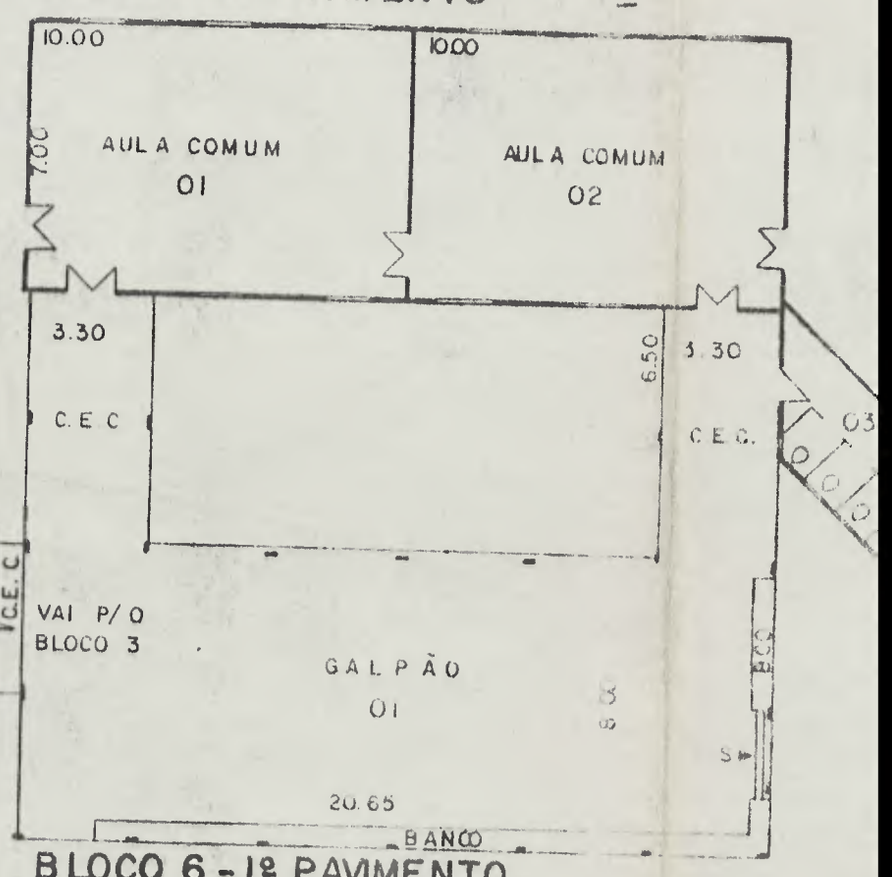
BLOCO 3
1º PAVIMENTO



BLOCO 3
2º PAVIMENTO

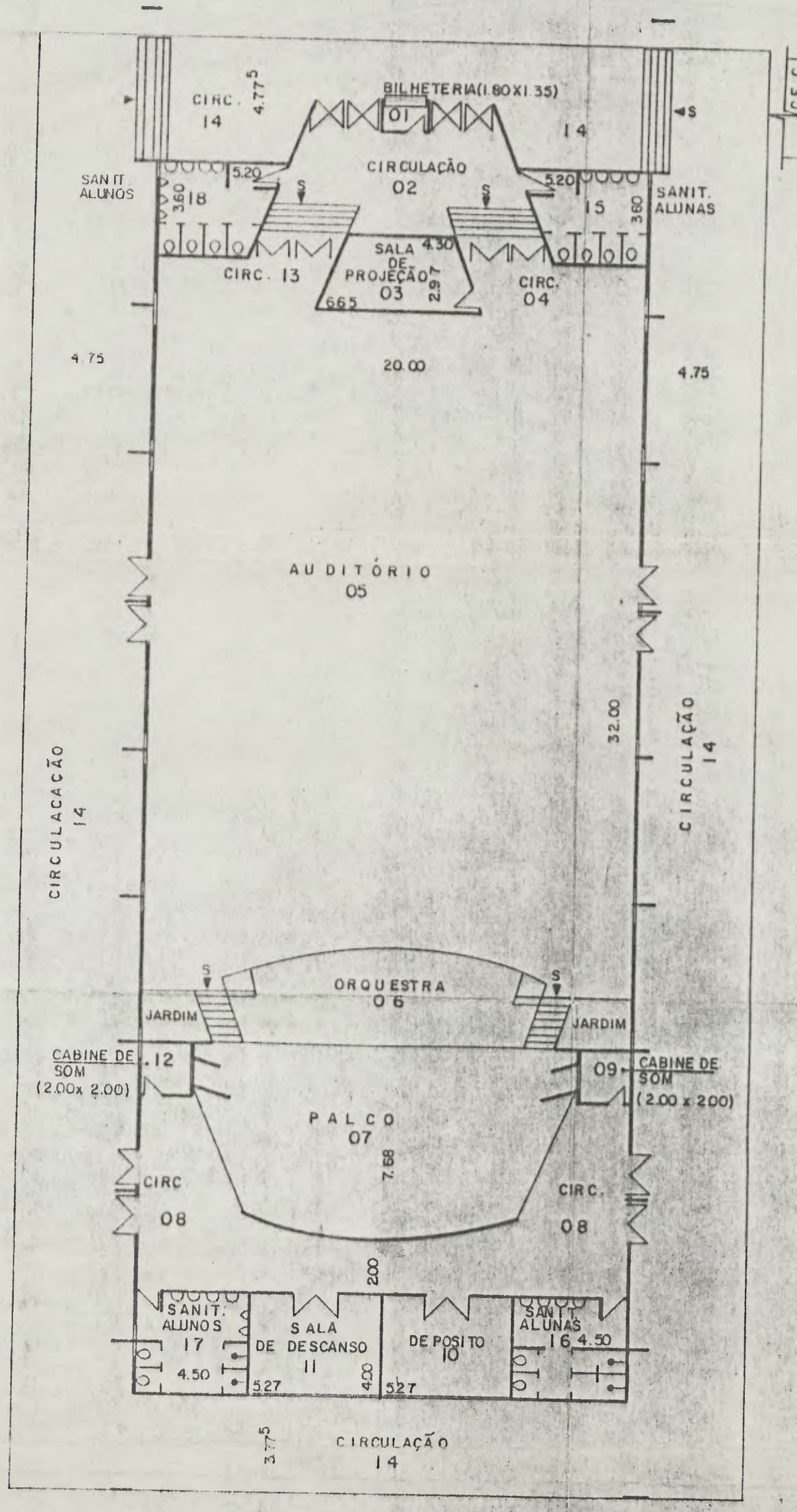


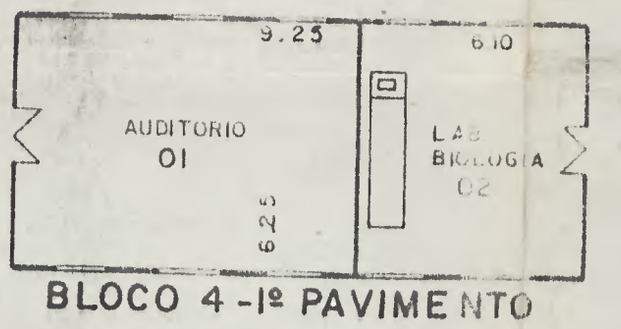
BLOCO 5 - 1º PAVIMENTO



BLOCO 6 - 1º PAVIMENTO

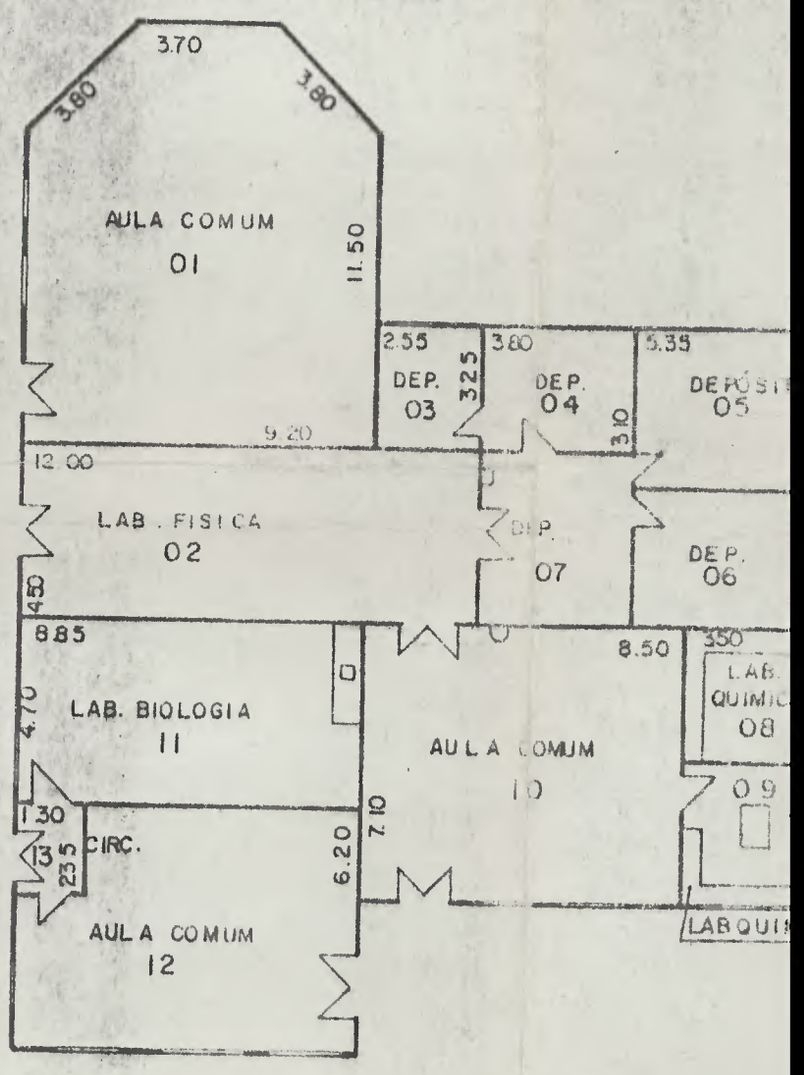
BLOCO 1 - 1º PAVIMENTO

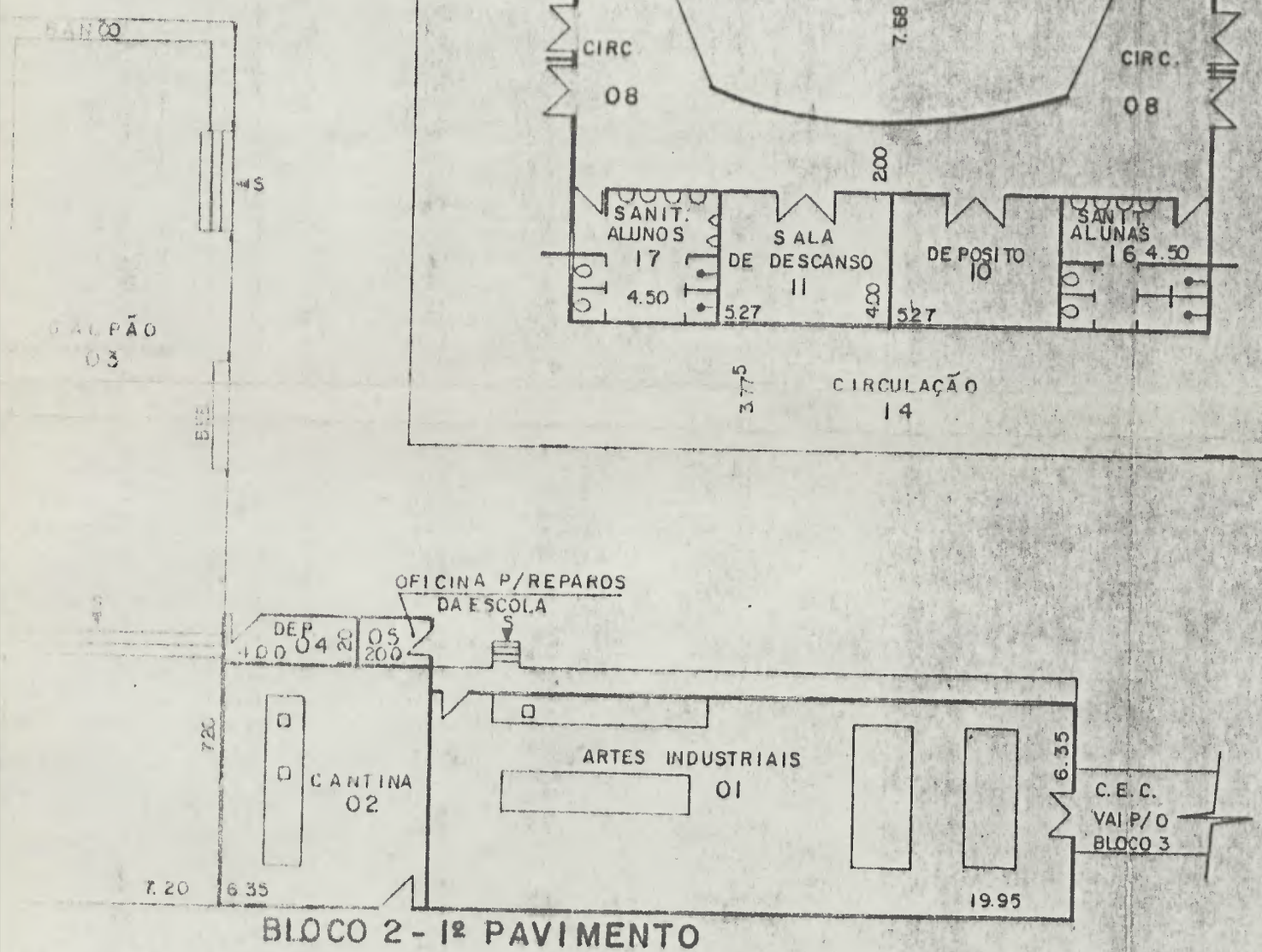




BLOCO 4 - 1º PAVIMENTO

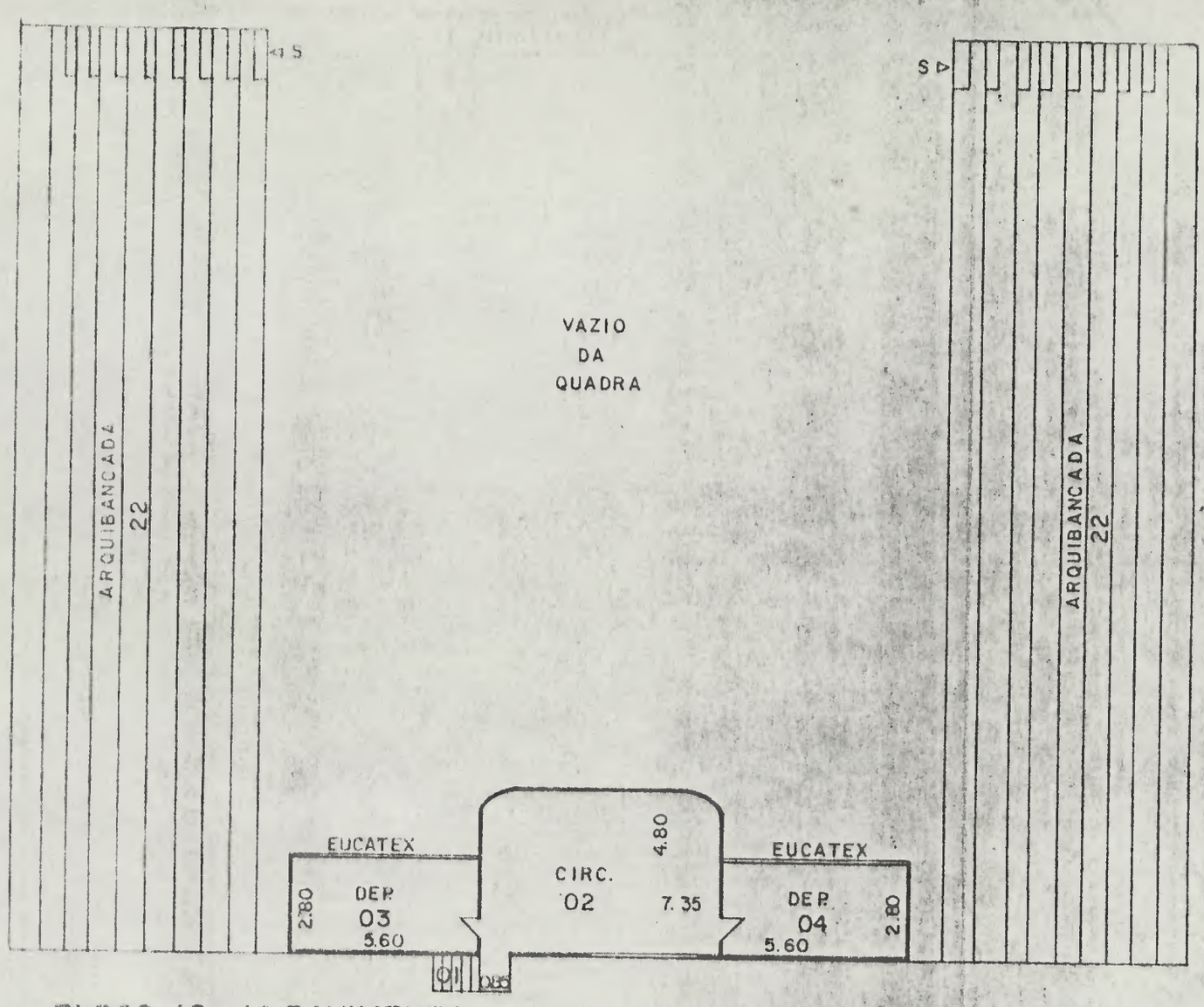
BLOCO 7 - 1º PAVIMENTO



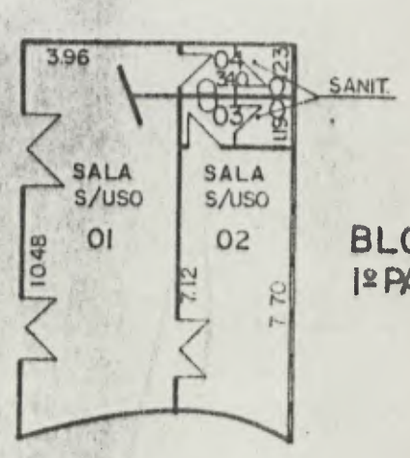


BLOCO 2 - 1º PAVIMENTO

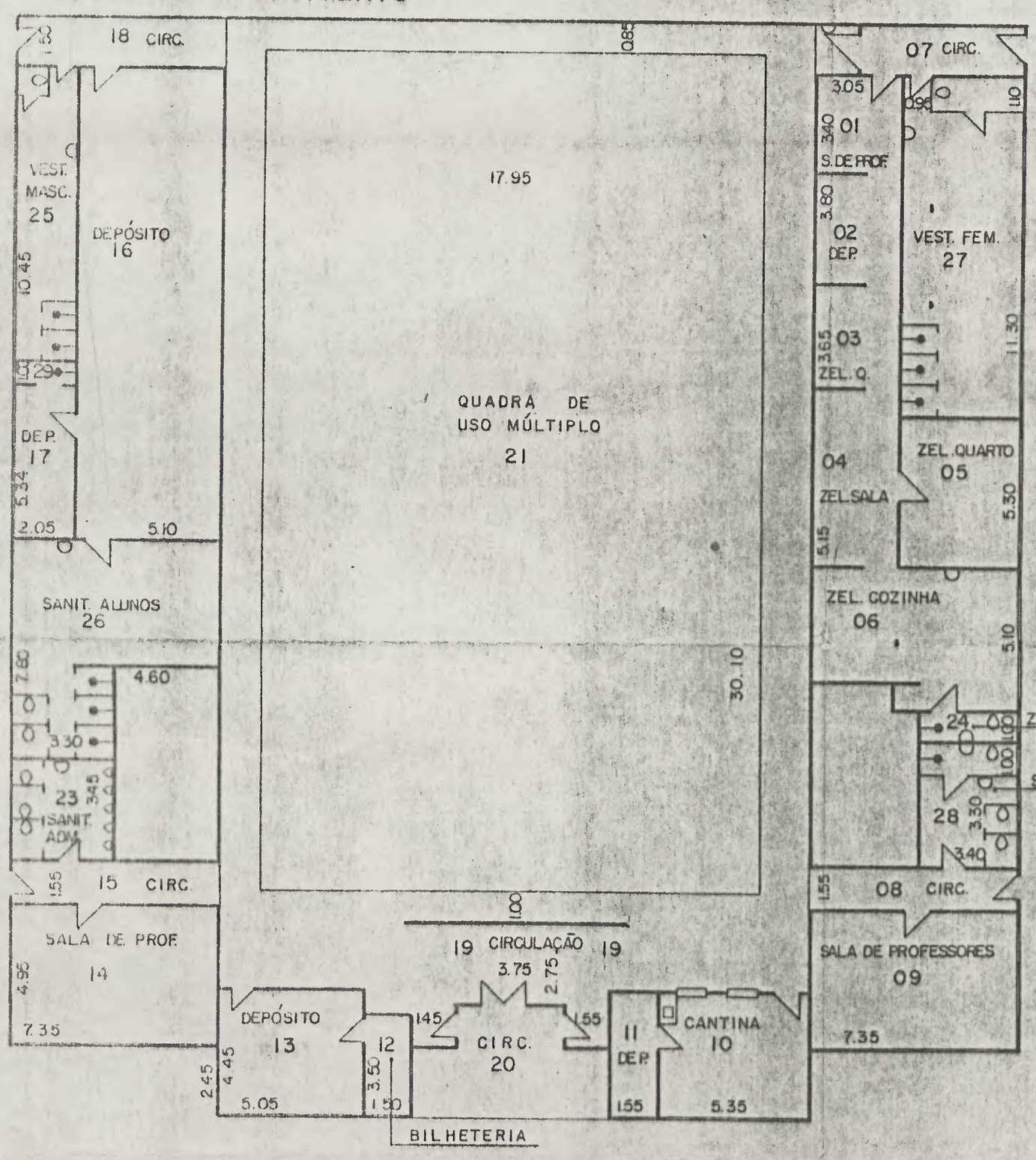
COMPANHIA DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO

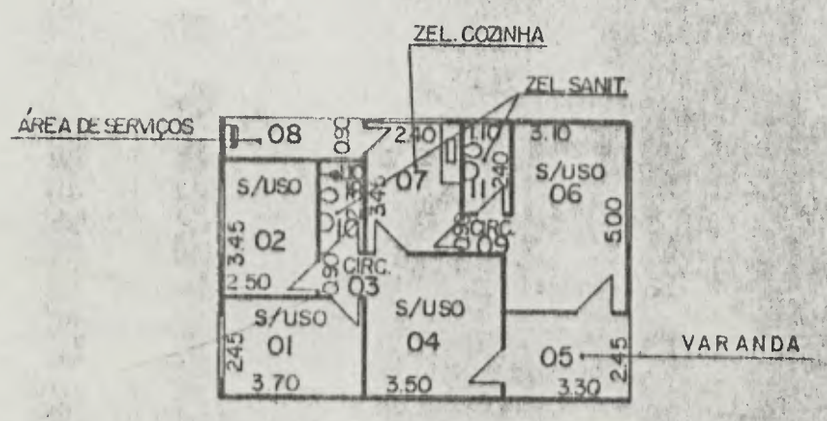


BLOCO 10 - 1º PAVIMENTO

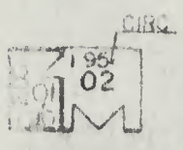


BLOCO 11
1º PAVIMENTO

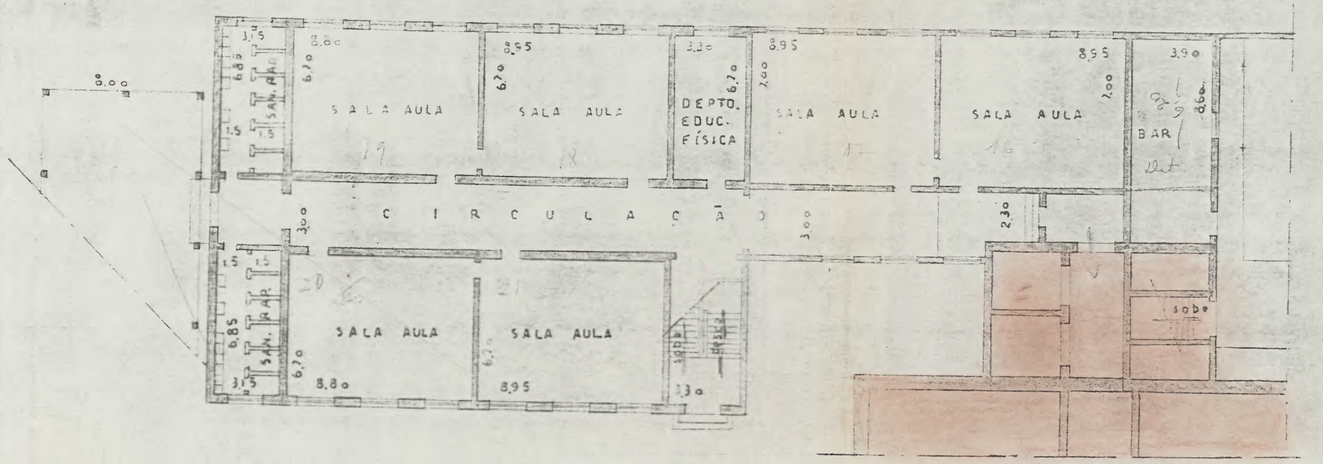




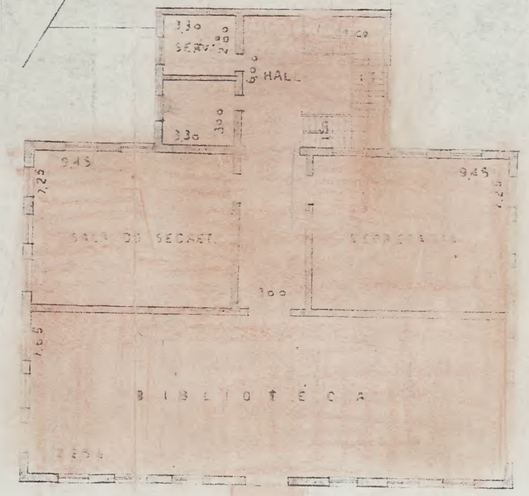
BLOCO 9 - 1º PAVIMENTO



PORTARIA
BLOCO 8
1º PAVIMENTO



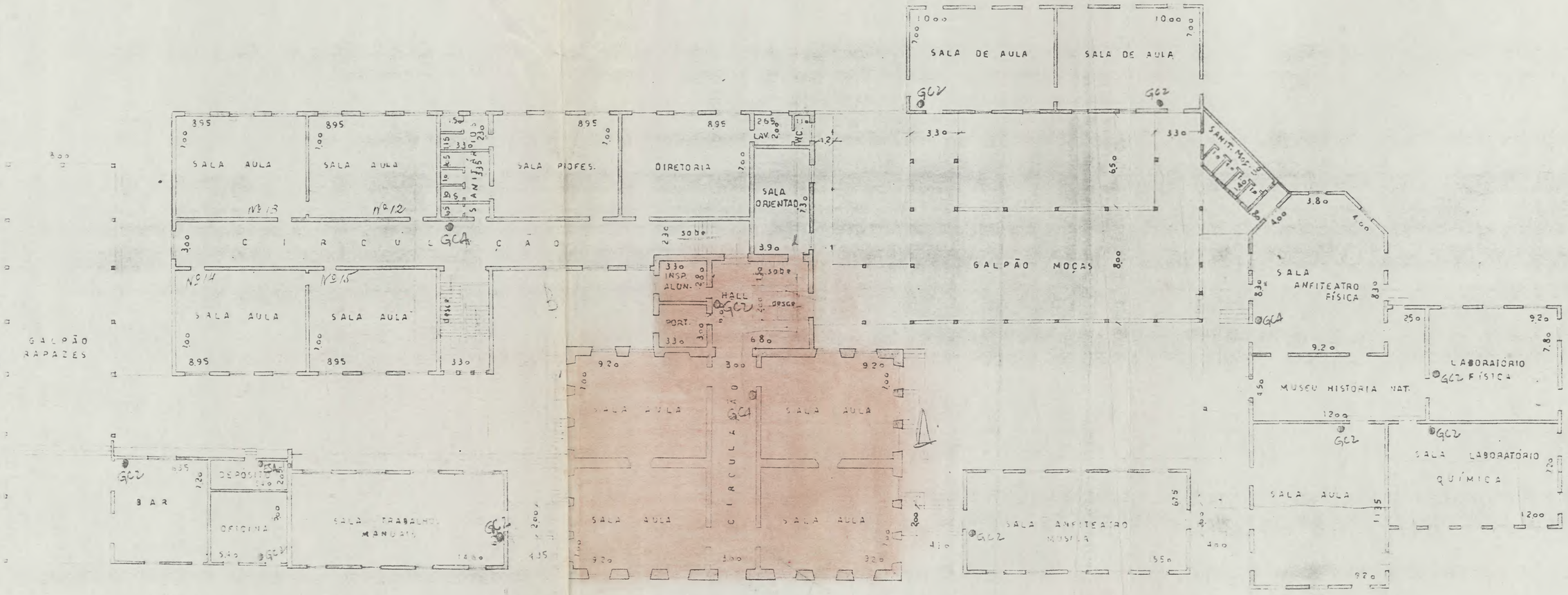
PLANTA DO PORÃO esc. 1:200



PLANTA PAV. SUPERIOR esc. 1:200

COLÉGIO ESTADUAL "JUNTO À CIÊNCIA"
CAMPINAS

f. 09



PLANTA DO PAV TERREO 1:200

COLEGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA"

12

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 10

do GUICHÊ n.º 00092/83 (a)

Interessado: ARIOSTO MILA E OUTROS

Assunto: TOMBAMENTO DO COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA".

AO SR. DIRETOR TÉCNICO.

O PRESENTE GUICHÊ DE TOMBAMENTO DO COLÉGIO "CULTO CIÊNCIA", LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, AO NOSSO VER, SE ENCONTRA PLENAMENTE INSTRUÍDO PARA UMA AVALIAÇÃO FINAL DO EGRÉGIO CONSELHO.

CONSIDERANDO ESSE FATO, AINDA ASSIM, ESTIVEMOS NO DIA 30 DE NOVEMBRO PRÓXIMO PASSADO NO LOCAL COM O OBJETIVO DE CONFERIR AS INFORMAÇÕES CONTIDAS NO GUICHÊ E INICIAR CONTATOS PRELIMINARES.

ENTENDEMOS QUE A OPORTUNIDADE DA ABERTURA DO PROCESSO DE TOMBAMENTO NOS LEVARÁ A UM ESTUDO DE MAIOR PROFUNDIDADE PARA, DENTRO DO CONHECIMENTO DA TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA DESSE EDIFÍCIO ESCOLAR, CONFIGURARMOS SUA IMPORTÂNCIA DENTRO DO PANORAMA DA PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO E EM PARTICULAR DA REGIÃO DE CAMPINAS.

SÃO PAULO, 02 DE NOVEMBRO DE 1983.

Flávio Luiz M. B. de Moraes.

FLÁVIO ~~LUIZ MARCONDES~~ BUENO DE MORAES.
ARQUITETO.

50.000 - X-981 Impr. Serv. Gráf. SICCT

A Presidência

Encaminhamos o presente quiche, a nosso ver suficientemente informado, especialmente no que se refere aos aspectos arquitetônicos, para que o E. Colegiado aprecie a oportunidade da abertura de processo de tombamento.

1/12/83

Ao Snr. Conselheiro

Antônio Augusto Arantes

para relatar

S. Paulo 2/12/83

Segue ....., juntad..... nesta data, documento / folha... de informação rubricad..... sob n.º.....

.....em.....de.....de 19.....

(a).....

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

do GUICHÊ n.º 00092/ (a)

Interessado: ARIOSTO MILA E OUTROS

Assunto: Tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência, à R. Culto à Ciência, nº 422, CAMPINAS

PARECER

Por ocasião do cinquentenário de sua formatura, 18 ex-alunos do Colégio"Culto à Ciência" encaminharam solicitação no sentido de que se abra processo para estudo de tombamento do edifício que sedia aquela escola, na cidade de Campinas. Inaugurada a 12 de janeiro de 1874, aquela escola era fortemente identificada - como o próprio nome sugere - com as concepções positivistas emergentes na época e constitutivas do ideário republicano.

Entre os ex:alunos que solicitam o tombamento desse bem figura o arquiteto Ariosto Mila que realizou cuidadosa pesquisa histórica e arquitetônica que fundamenta o pedido.

Estando o pedido adequadamente instruído e sendo esse um bem que de alguma forma deve ser preservado, justifica-se a abertura de processo pretendida, ficando desde já a recomendação sobre a conveniência do STCR verificar o estado atual do acervo da biblioteca daquela escola que foi bastante rico em obras importantes para a linha de pensamento que orientou a sua criação.

São Paulo, 5 de dezembro de 1983

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO

Conselheiro

50.000 - X-981 Impr. Serv. Gráf. SICCT

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 12

do GUICHÊ n.º 00092/ (a)

Interessado: ARISTO MILA E OUTROS

Assunto: Tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" à Rua Culto à Ciência, nº 422 - CAMPINAS

SÍNTESE DA DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO
ATA Nº 583 - SESSÃO ORDINÁRIA
DE 05-12-1983

O Egrégio Colegiado aprovou o Parecer do Conselheiro Antonio Augusto Arantes Neto e decidiu pela abertura de processo de estudo de tombamento do Colégio Estadual Culto à Ciência, à Rua Culto à Ciência, nº 422 - CAMPINAS.

1. À DT para providenciar abertura de processo.
2. Elaborar as minutas de notificação de praxe.
3. Ao STCR para dar prosseguimento aos estudos, com ênfase à verificação do estado atual do acervo da biblioteca do referido Colégio.

GP, 05 de dezembro de 1983

Antonio A. Arantes

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

50.000 - X-981 Impr. Serv. Gráf. SICCT

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311
CONDEPHAAT

São Paulo, 5 de dezembro de 1983.

Ofício GP nº 699/83
P.Condephaat nº 22804/83

Senhor Secretário

Vimos comunicar a Vossa Excelência que foi aberto neste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT - por decisão do Egrégio Colegiado desta data, Ata nº 583, Processo nº 22804/83 para estudo de tombamento do Edifício do Colégio Estadual 'Culto à Ciência', localizado à rua Culto à Ciência nº 422, na cidade de Campinas.

De conformidade com a legislação aplicável à espécie, mais precisamente, às disposições contidas nos artigos 142 e seu parágrafo único, 144 e 146 do Decreto nº 13.426, de 16.3.79, a deliberação do Conselho propondo o tombamento ou a simples abertura do processo, assegura, desde logo, a preservação do bem a ser tombado até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no imóvel em termos de destruição ou alteração que possam descaracterizá-lo.

Aproveitamos o ensejo para apresentar a Vossa Excelência protestos de alta estima e elevado apreço.

Atenciosamente,

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

GABINETE DO
06 DEZ 1983
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

A Sua Excelência o Senhor
Prof.Dr. Paulo de Tarso Santos
DD. Secretário de Estado da Educação
Praça da República, 53
Capital

Recebi o original nesta data.
São Paulo,

50.000 - IV-982
Impr. Serv. Gráf. SICCT

RG.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311
CONDEPHAAT

São Paulo, 5 de dezembro de 1983.

Ofício GP nº 700/83
P.Condephaat nº 22804/83

Prezado Senhor

Vimos comunicar a Vossa Senhoria que foi aberto neste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT - por decisão do Egrégio Colegiado desta data, Ata nº 583, Processo nº 22804/83 para estudo de tombamento do Edifício do Colégio Estadual 'Culto à Ciência', localizado à rua Culto à Ciência nº 422, na cidade de Campinas.

De conformidade com a legislação aplicável à espécie, mais precisamente, às disposições contidas nos artigos 142 e seu parágrafo único, 144 e 146 do Decreto nº 13.426, de 16.3.79, a deliberação do Conselho propondo o tombamento ou a simples abertura do processo,assegura, desde logo, a preservação do bem a ser tombado até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no imóvel em termos de destruição ou alteração que possam descaracterizá-lo.

Outrossim, solicitamos de Vossa Senhoria, comunicar os demais interessados, também subscritores do pedido de tombamento.

Aproveitamos o ensejo para apresentar-lhe protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

Ilmo.Sr.
Prof.Dr. Ariosto Mila
Rua Comandante Ismael Guilherme, nº 61
04031 - CAPITAL

50.000 - IV-982

Impr. Serv. Gráf. SICCT

15
8

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Rua Líbero Badaró, 39

CONDEPHAAT

São Paulo, 6 de dezembro de 1983.

Ofício GP-nº 705/83
P.Condephaat nº 22 804/83

Senhor Prefeito

Vimos comunicar a Vossa Senhoria que foi aberto neste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado — CONDEPHAAT o Processo nº 22 804/83 para estudo de tombamento do edifício do Colégio Estadual "Culto à Ciência", localizado à Rua Culto à Ciência nº 422, nessa Cidade.

De conformidade com a legislação aplicável à espécie, mais precisamente, às disposições contidas nos artigos 142 e seu parágrafo único, 144 e 146 do Decreto nº 13 426, de 16.3.79, a deliberação do Conselho propondo o tombamento ou a simples abertura do processo, assegura, desde logo, a preservação do bem a ser tombado até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no imóvel em termos de destruição ou alteração que possam descaracterizá-lo.

Aproveitamos o ensejo para apresentar-lhe protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

Ao Senhor
José Roberto M. Teixeira
DD. Prefeito Municipal de
Campinas
CEP 13 100

JM/Isa*

50.000 - XI-980

Impr. Serv. Gráf. SICCT

18

16
8

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Rua Líbero Badaró, 39

CONDEPHAAT

São Paulo, 6 de dezembro de 1983.

Ofício GP-nº 706/83
P.Condephaat nº 22 804/83

Senhor Delegado

Vimos comunicar a Vossa Senhoria que foi aberto neste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado — CONDEPHAAT o Processo nº 22 804/83 para estudo de tombamento do edifício do Colégio Estadual "Culto à Ciência", localizado à Rua Culto à Ciência nº 422, nessa Cidade.

De conformidade com a legislação aplicável à espécie, mais precisamente, às disposições contidas nos artigos 142 e seu parágrafo único, 144 e 146 do Decreto nº 13 426, de 16.3.79, a deliberação do Conselho propondo o tombamento ou a simples abertura do processo, assegura, desde logo, a preservação do bem a ser tombado até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no imóvel em termos de destruição ou alteração que possam descaracterizá-lo.

Aproveitamos o ensejo para apresentar-lhe protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

Ao Senhor
Dr. Amâncio Augusto Malheiros Lopes
DD. Delegado Titular da Polícia Civil
Rua Marechal Deodoro, 13
Campinas
CEP 13 100

JM/Isa*

50.000 - XI-980

Impr. Serv. Gráf. SICCT

17

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Rua Líbero Badaró, 39

CONDEPHAAT

São Paulo, 12 de dezembro de 1983.

Ofício GP-nº 725/83
P.Condephaat nº 22 804/83

Senhora Diretora

Vimos comunicar a Vossa Senhoria que foi aberto neste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado — CONDEPHAAT o Processo nº 22 804/83 para estudo de tombamento do edifício do Colégio Estadual "Culto à Ciência", localizado à Rua Culto à Ciência nº 422, nessa Cidade.

De conformidade com a legislação aplicável à espécie, mais precisamente, às disposições contidas nos artigos 142 e seu parágrafo único, 144 e 146 do Decreto nº 13 426, de 16.3.79, a deliberação do Conselho propondo o tombamento ou a simples abertura do processo, assegura, desde logo, a preservação do bem a ser tombado até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no imóvel em termos de destruição ou alteração que possam descaracterizá-lo.

Aproveitamos o ensejo para apresentar-lhe protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Presidente

Senhora
Lúcia Martinez Ruger
DD. Diretora do Colégio Estadual
"Culto à Ciência"
Rua Culto à Ciência nº 422
Campinas
CEP 13 100

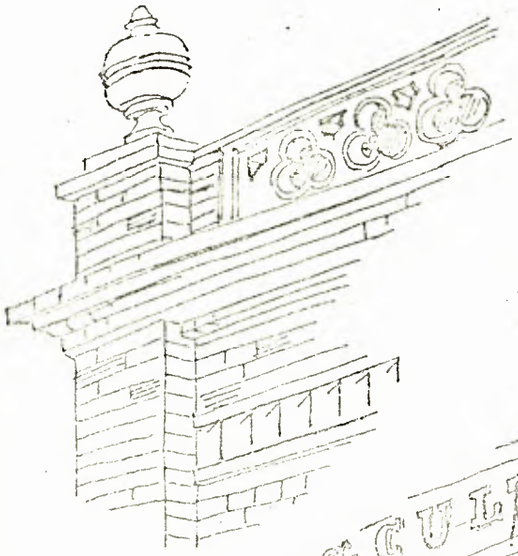
JM/Isa*

50.000 - XI-980

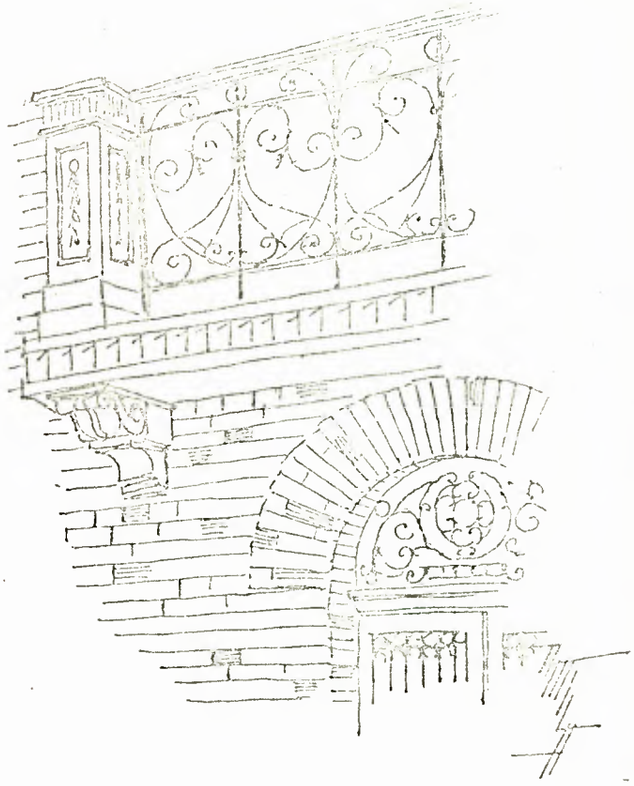
Impr. Serv. Gráf. SICCT

Ao STCR em cumprimento aos termos do item 3 da decisão do E. Colegiado

Cardyfrant, 12/12/83



CULTO Á SCIENCIA



19

O presente dossiê contém documentação que instrue pedido de Tombamento do prédio do Ginásio Culto à Ciência em Campinas (SP), encaminhado ao E. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.

Campinas, outubro de 1983.

20

CONTEÚDO

Apresentação

Justificativa

Resenha histórica

1874

1895

1911

1944

Plantas do Bloco Principal

Memorial

Fotos

Culto à Ciência - Monografia histórica - Cópia

Planta Cadastral da Cidade - Prefeitura

Planta Cadastral do Prédio - CONESP

Planta dos Pavilhões de Ensino

JUSTIFICATIVA

O retrospecto histórico do Colégio Culto à Ciência de Campinas encontra um inestimável auxílio na crônica fielmente registrada no transcurso de sua vida.

De fato desde sua fundação, há mais um século, ainda como entidade de caráter particular, as anotações precisas não apenas revelam as ocorrências da instituição, como refletem também e com muito brilho, a própria determinação e fé com que os responsáveis motivaram a realização de suas aspirações, questionando os problemas e anotando cuidadosamente as soluções adotadas.

É realmente importante assinalar a vigência de uma tal mentalidade a presidir os destinos daquela sociedade que trabalhava para o futuro no plano da instrução pública.

Com a mesma abnegação foi compilada em 1946, pelo professor do Culto à Ciência o Engenheiro Carlos Francisco de Paula, uma preciosa monografia pacientemente pesquisada em arquivos do Colégio, da imprensa e outras fontes.

Nessa publicação que vem servindo de apoio a todos quantos se interessam pela investigação histórica da velha escola, além dos fatos mais importantes são citadas as personalidades que desempenharam funções na fundação da sociedade ou na instituição, constando também a relação dos respeitáveis professores e ainda as primeiras turmas de alunos que frequentaram e se formaram naquela casa.

Também nós dela nos valemos e para complementação da documentação anexamos cópia desse interessante trabalho.

O natural desenvolvimento do país demandando constantemente novas colocações, passou a exigir daquela associação transformações visando atualizar o bem em causa no interesse da comunidade, em especial no que se refere ao próprio do Colégio que desempenha vigorosamente, ainda hoje, suas elevadas

funções no ensino público do Estado de S. Paulo.

Ressalta daí a importância e a conveniência em disciplinar a conservação do imóvel, no que toca aos valores históricos, e artísticos, sem naturalmente prejudicar o cumprimento de suas funções na tarefa educacional até mesmo por considerar tais cuidados como implicitamente incluidos no currículo cultural do ensino.

O construtor do prédio foi o Empreiteiro-Construtor Guilherme Krug, o local da construção, antiga rua Alegre, recebeu na ocasião a denominação de Rua Culto à Ciência, hoje número 422.

O primitivo terreno conservou-se praticamente intato em sua área como patrimônio físico do estabelecimento; a planta cadastral anexa fornecida pela Prefeitura Municipal de Campinas, dá informações sobre a área envoltória num raio de 300 metros.

Originariamente foi edificado um único bloco com área aproximada de 1.000 metros quadrados, construidos em 9 mêses, prazo bastante razoável até para nossos dias.

O projeto, inspirado na Arquitetura clássica francêsa do século XVII, configura, na concepção original, uma organização austera que reflete, com muita propriedade o pensamento e as possibilidades vigentes no meio e na época.

O edifício em cujas empenas foram dispensados quaisquer revestimentos deixando transparecer o cuidado plasmado no preciosismo artesanal do aparelho de sua impecável alvenaria, sofreu ao longo do tempo varias transformações.

As maiores alterações não se verificaram na planta, mas principlamente na cobertura com profundas alterações do visual.

Acompanhando a monografia do Prof. Carlos de Paula, que registra as reformas, e analisando documentos e fotos existentes pode-se tentar estabelecer presumivelmente a cronologia e o alcance das várias reformas, reproduzindo em desenhos livres o aspecto do prédio nas épocas de interesse.

1874 - "No dia 12 de janeiro de 1874 deu-se, como estava anunciado, o ato solene da inauguração do Colégio Culto à Ciência" (pág. 13).

A reprodução fotográfica de uma litogravura existente nos arquivos do ginásio, representando o prédio em perspectiva geometricamente construida, pode ser considerada fiel ao projeto inicial que deu origem ao edifício então inaugurado.

A cobertura na forma de duas águas apresentava beirais sobre a cornija e lucarnas na fachada principal.

Os oitões laterais eram guarnecidos por janelas até o nível do sotão.

1895 - "Alguns dias depois foi decretada a lei 284 de 14 de março de 1895 - Fica criado um ginásio para o ensino secundário, científico e literário, na cidade de Campinas"..."O Diretor recem nomeado visitou a 16 de agosto o edifício do antigo Culto à Ciência, percorrendo todas as suas dependências, para se inteirar das obras de adaptação do prédio e serviços de limpeza geral" (pág.37)

Uma fotografia da época mostra as transformações sofridas na situação jurídica de próprio do Estado. Foi reformado o telhado que recebeu uma cimalha de elementos transfurados trilobados e pinhas de terracota sobre os cunhais.

A fachada ganhou também um balcão com gradil de ferro, pilares e mísulas também em terracota, além de ornatos como vasos e lanternas; a porta principal recebeu uma bandeira de ferro na qual ficou registrada a data da nova fase do Culto à Ciência.

1911 - "Conseguiu ainda do Governo do Estado que fôssem executadas diversas reformas no prédio, como sejam a construção de uma sala para professores, o aumento do salão nobre, instalações sanitárias, etc". (pág.56)

Uma foto do prédio, mostra o aspecto depois desses trabalhos que atingiram o telhado dando-lhe a forma de quatro águas e suprimindo as lucarnas da fachada e os oitões laterais.

1944 - "Durante o ano de 1944 foi executada uma reforma geral no prédio do Colégio substituidas, as venezianas das salas de aulas por vitrais, com apreciável vantagem para a iluminação". (pág.71)

Por uma recente fotografia pode-se observar que os vitrais adotados tinham maior largura e menor altura do que as peças substituidas, obrigando a aplicação de guarnições de argamassa nas ombreiras e suplementos de alvenaria nas vergas, para arrematar as cicatrizes abertas na alvenaria; nessa época foram também revestidos os cunhais, a cornija e o embasamento. Esse o aspecto atual do predio.

O Ginásio que integra hoje a rêde de ensino secundário do Estado, foi acrescido de novos pavilhões conforme registra o cadastro da CONESP, plantas anexas, que assinalam também a locação das construções em relação ao lote.

As características do bloco principal bem como o estado de conservação do imóvel estão anotados no memorial descritivo anexo, pelo qual se evidencia a necessidade de uma orientação especializada no plano de preservação como um bem patrimonial histórico - cultural, condição que se reivindica para o edifício em aprêço.

RESENHA HISTÓRICA

A fundação do Culto à Ciência, magnifica realização da iniciativa particular dos campineiros, teve suas melhores razões no desenvolvimento que a cidade experimentava no contexto sócio-econômico do país no final do século XIX.

A sociedade campineira vivia a necessidade de oferecer instrução à juventude, o que se tornava difícil pela ausência de recursos culturais adequados, exatamente no momento em que um surto de progresso projetava a agricultura lançando o café brasileiro nos mercados internacionais.

Relata Luiz Saia em sua obra "A Morada Paulista": " A região de Campinas, reduto mais forte da produção paulista de açúcar, teve que ceder suas terras para o café. Em 1852 contavam-se alí 68 fazendas de café e 51 engenhos, dois anos depois o número de fazendas sobe a 177 e o de engenhos desce para 44. A ser veridica tal informação, isso significaria exatamente o momento decisivo da expulsão do açúcar pelo café; pelo menos no momento culminante desse processo".

E acrescenta, com dados da prefeitura, que em 1851 a renda municipal de Campinas era de 3.065 contos de réis, subindo extraordinariamente, em 1870, para 29.725 contos de réis. O arquiteto Luiz Saia, pioneiro na criação da consciência preservacionista dos valores artísticos e históricos em nosso meio, fez seus estudos secundários no Ginásio Culto à Ciência de Campinas.

Esse aumento de 1.000% era realmente surpreendente, quando se considera que naquela época, em vinte anos, o capital normalmente apenas dobrava seu valor.

O clima social reinante mostrava-se então extremamente favoravel ao empreendimento, cuja história apresenta seu maior interesse nas primeiras décadas de sua vida.

O manifesto convocatório de Antonio Pompeu de Camargo do qual se originou a Sociedade Culto à Ciência sem fins lucrativos, é de 1869; a pedra fundamental do edifício foi lançada em 1873 e a instalação do Colégio Culto à Ciência verificou-se em 1874.

Fruto da vontade de alguns idealistas, o desenrolar dessa vida nem sempre foi isenta de preocupação. Muitas vezes dificuldades apareceram e muitas vezes elas inspiraram soluções eróicas, provando a tempera daquela gente, na superação de crises econômicas, administrativas e até mesmo a desgraça de uma cruel epidemia que poderia ter aniquilado a cidade.

A febre amarela que em 1889 castigou duramente o povo, deixou um terrível saldo negativo, entretanto não lhe abalou o ânimo, antes deu-lhe força para um glorioso renascimento, brotado do calor das próprias cinzas, como nos conta a Fenix espalmada no brazão de armas da cidade.

Se houve porem alguma força, alem do âmbito estritamente material, que incentivasse o desenvolvimento, essa foi a do pensamento filosófico.

Floresciam na ocasião as idéias de positivismo que marcaram indelevalemnte sua influência em fatos como a proclamação da República, a abolição da escravatura e a reforma do ensino.

A filosofia positivista inspirou a Lei Áurea, transcreveu seu lema na bandeira de nossa Pátria e gravou o ideal de sua mística na arquitrave de nossa Escola.

Trabalho livre em "Ordem e Progresso"; crescimento espiritual no rito do "Culto À Ciência".

Ainda que não se deseje entrar no mérito dessa filosofia, ha que considerar a influência dessa força na determinação daquele momento histórico que mudou o modelo socio-econômico-cultural do Brasil e a importância do papel desempenhado pelo Culto à Ciência no preparo da juventude.

Na sessão inaugural ouviu-se a voz de Campo Salles, cuja transcrição é oportuna pela admirável atualidade dos conceitos que encerra: (pág. 14)

"Senhores. Em presença do fato que hoje solenizamos, quem há que não pressinta através do futuro a grande luz, a luz que ilumina tôda a humanidade: - o progresso?

O cidadão já não se limita a esperar do Estado aquilo que pode fazer por si e que constitui uma indeclinável necessidade sua. Os meios não faltam. Quando a vontade individual não basta, convoca-se o esfôrço comum e forma-se a associação para levantar a escola. Se isto não é tudo, pelo menos prenuncia a próxima solução do mais importante problema social, porque significa o despertar da consciência pública.

É já muito na verdade quando sentimos que temos sêde de instrução. É o sintoma precursor da saúde moral dos povos. Sim, a sociedade caminha, obedece às leis do progresso e já agora vê o verdadeiro ponto de partida para os mais altos destinos no desenvolvimento da razão, na cultura do espírito, esse centro luminoso onde reside por excelência a distinção suprema que caracterizou o ser humano - a corôa da criação.

Atesta a história que outrora, quando em tudo e por toda parte as aspirações do homem tinham um limite invencível na bárbara lei do privilégio, a educação intelectual de todo monopolizada era antes um luxo da classe aristocrática, do que uma necessidades dos povos.

A escola era o apanágio exclusivo daqueles que, para garantia de supostos direitos, julgavam necessário avassalar tudo, subrepujando o espírito, a alma, o cérebro do povo. E ao serviço dos inimigos da humanidade foi posto o braço prepotente do jesuitismo.

Extirpar a ignorância era, pois combater de um golpe a absurda desigualdade posta pelos preconceitos no seio da sociedade, que assim se achava dividida em duas classes: - uma fei-

ta para governar e outra para ser governada.

Cabeça e braço, motor e máquina, eis como estava constituída a humanidade. Era como uma diferença de raças.

Mas a filosofia moderna, com a lógica inflexível dos sãos princípios, triunfa pouco a pouco do preconceito. Um instinto natural desperta no povo a necessidade de reivindicar os direitos usurpados. Trava-se luta gigantesca, opera-se a auspiciosa revolução das idéias e o choque dos interesses opostos entre a aristocracia e a realeza, fêz que do velho feudalismo da Inglaterra, nascesse a aurora da liberdade para todas as nações.

E se é certo que hoje a necessidade da instrução popular é entre nós um ponto livre de controvérsia, e se é esta a verdade universalmente proclamada, cumpre, porque o momento urge, fazê-la baixar do realismo doutrinário para a realeza prática.

Eu conheço, disse um profundo pensador, uma força maior que todas as forças: - é a força do espírito humano quando ele é esclarecido; e uma fraqueza, a mais incurável de tôdas as fraquezas: - é a ignorância.

Não se espere, pois, indolente pela ação oficial. Que o povo se associe para educar o povo".

O prédio do Culto à Ciência, testemunha de fatos tão significativos de nossa história, já recebeu a consagração de várias gerações.

Ele pertence realmente ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; está tombado de fato pela admiração, respeito e veneração que o povo lhe tributa como a reverenciar o privilégio de uma vetusta e honorável personalidade que lhe foi outorgada espontaneamente por lídimo direito.

Que se transcreva, então, esse direito no Livro do Tombo.

Relator:
Ariosto Mila

MEMORIAL DESCRITIVO
da construção e estado de conservação do prédio do Colégio Culto à Ciência - Campinas.

Terreno: - O conjunto de edifícios do Culto à Ciência está construído em cota inferior ao grade da rua Culto à Ciência, entretanto não se notam problemas de arrimo ou de escoamento de águas pluviais.

A área acha-se cercada em todo o perimetro com muro de alvenaria de tijolos em bom estado.

Fundações: - Presumivelmente sapatas corridas de alvenaria de tijolos já consolidadas não havendo sinais de recalques.

Estrutura: - Conjunto de estrutura isostática com apoios em muros portantes de alvenaria de tijolos suportando vigamento dos pisos, provavelmente em perfis de aço, bem como do telhado em treliças de madeira. A estrutura em apreço tem condições para assegurar a estabilidade do edifício.

Cobertura: Sobre as tesouras de madeira trama de suporte das telhas tipo marselha, necessitando revisão geral, calhas e condutores de chapa totalmente corroidas pela ferrugem ocasionando abundantes goteiras.

Vêdos: Perimetrais e divisorios de alvenaria de tijolos em bom estado.

Forros de madeira de pinho em mau estado de conservação, parte se desprendendo, por força da ocorrência do cupim que poderá atingir as peças de resistência do telhado.

Pavimentos: - Assoalhos de taboas de peroba "macho e femea", que não são certamente as da construção primitiva, mas podem ser consideradas em bom estado.

Escadas de madeira com corrimão em balaustres torneados, de-

degraus desgastados.

Vãos: - Esquadrias de madeira: - Portas internas de madeira em bom estado, Portas externas danificadas pela colocação de reforços de emergências.

Esquadrias de ferro: - Caixilhos basculantes guarnecidos com vidros fantasia encontram-se em bom estado.

Paramentos: - Revestimentos das paredes em reboco comum apresentando desgaste natural. Pintura: - a óleo e à tempera, em mau estado.

Equipamento Elétrico: Rêde de distribuição de iluminação em conduits embutidos. Rêde e Luminárias em estado precário.

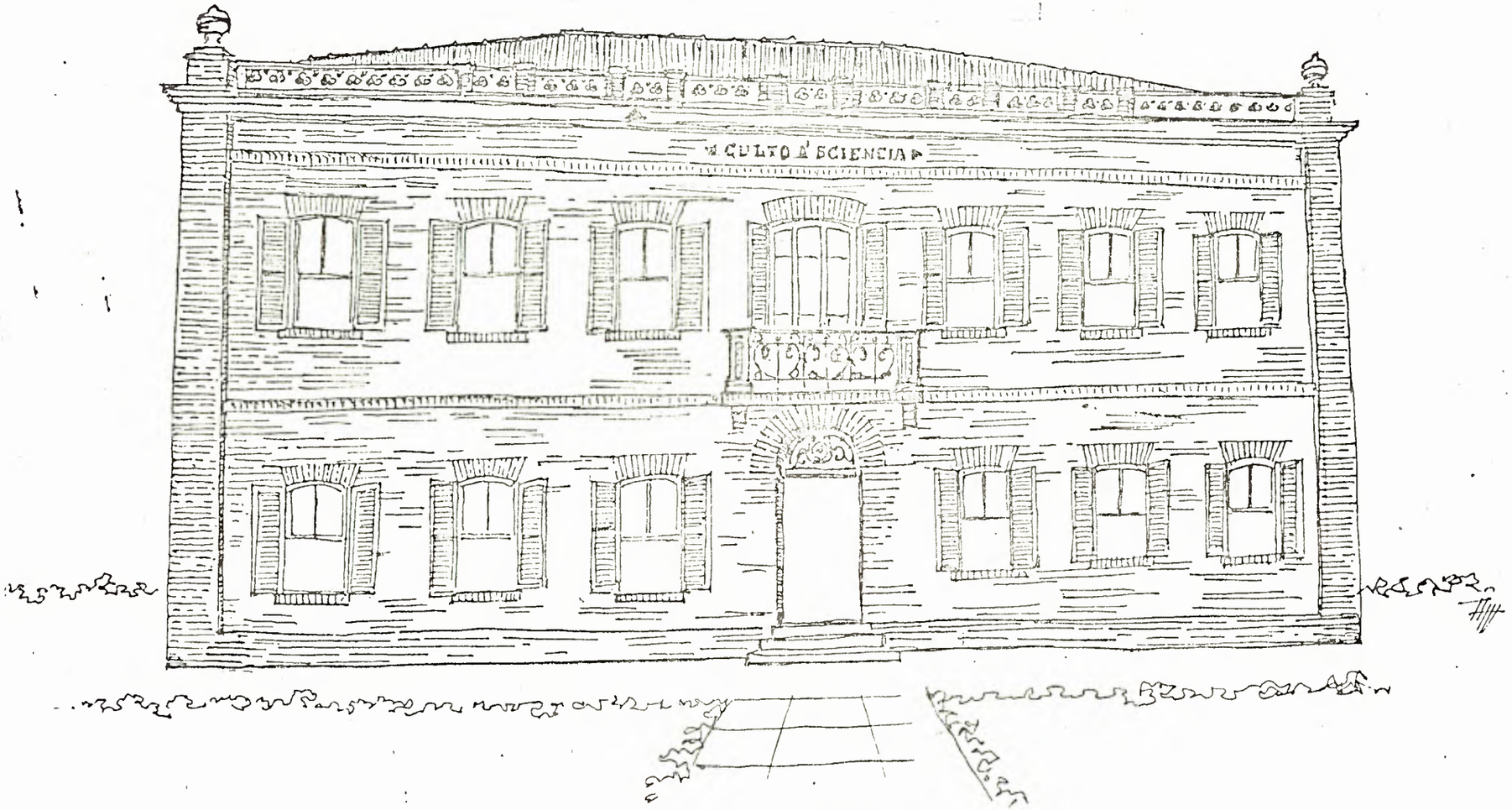
Equipamento Hidro-Sanitário: Rêde de água em tubos de ferro galvanizado e aparelhos hidraulicos em mau estado de conservação.

Rêde de esgoto em manilhas de barro e aparelhos sanitários em estado precário.

1874

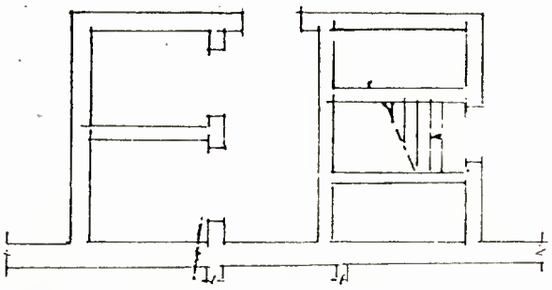
De uma litogravura da época

1895 De uma foto da epoca

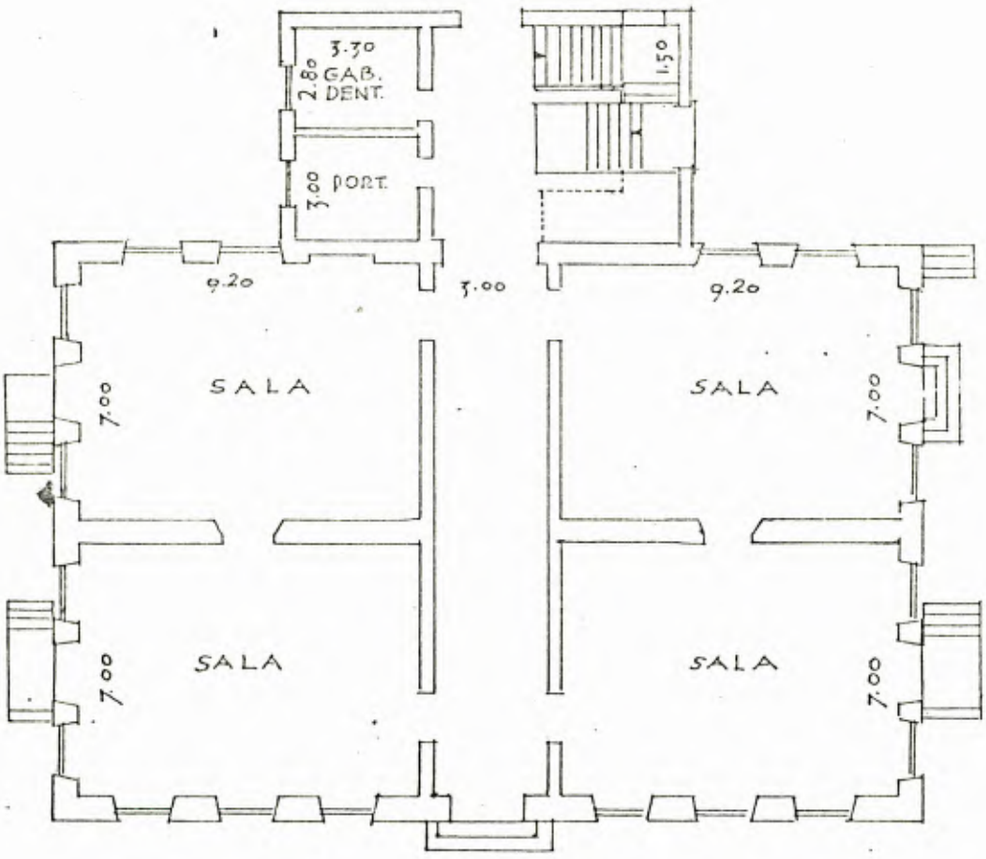


1911

De uma foto da época



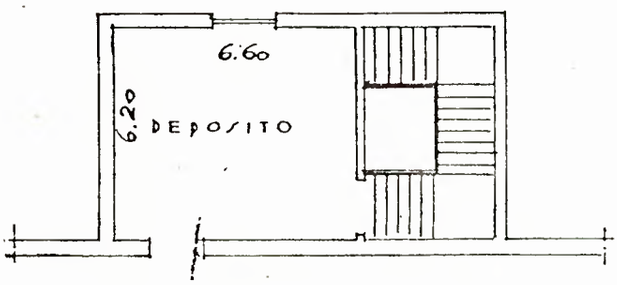
PORÃO



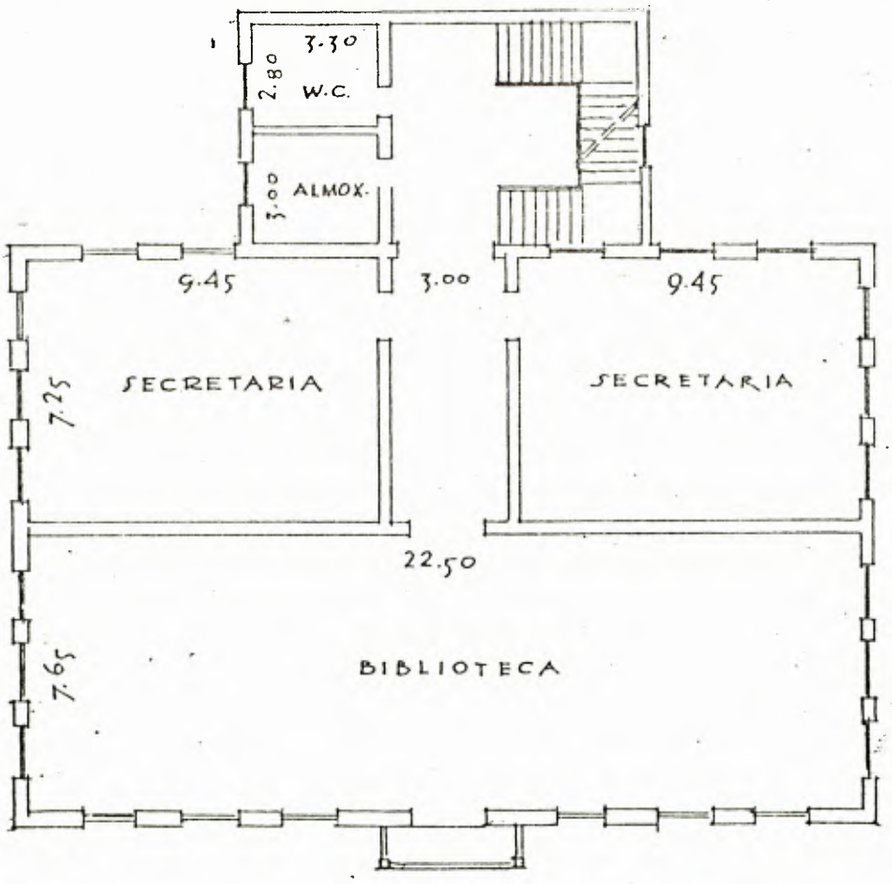
PAV. TERREO

ESC. 1:200

De um desenho do arquivo



SOTÃO



PAV. SUPERIOR

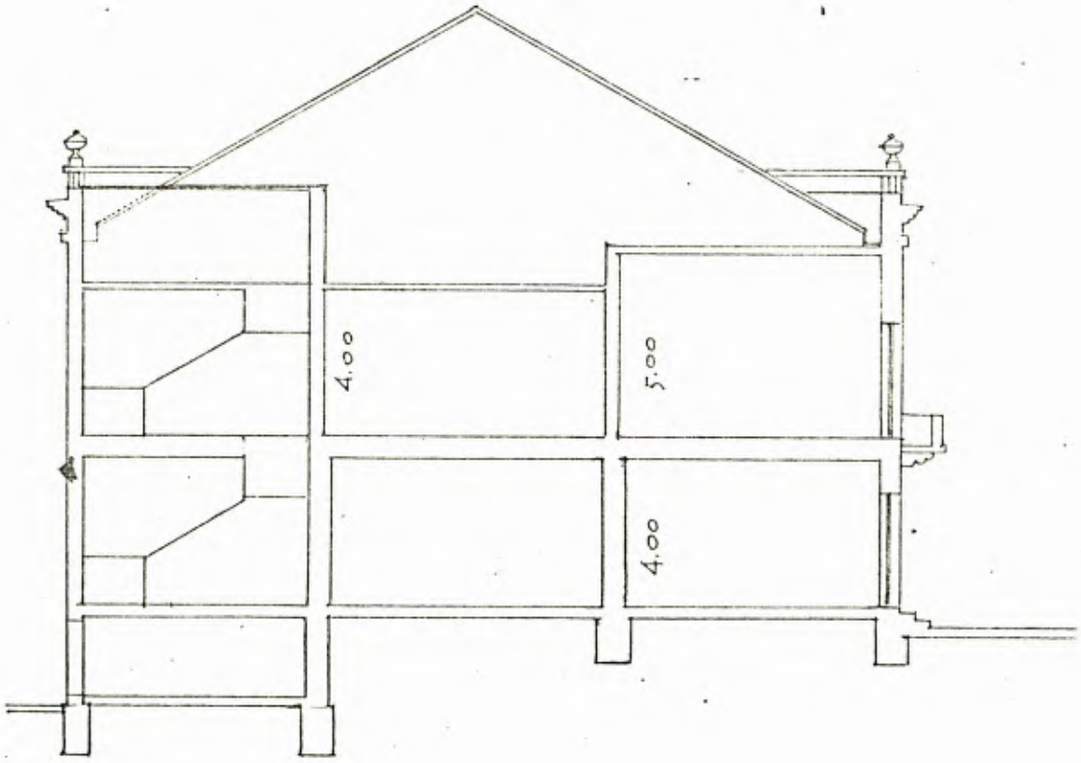
ESC. 1:200

Folha 36

Folha referente à residência do Barão de Itapuã (prédio da PUCC) anexada em processo da Escola Normal Carlos Gomes.

processo PUCC — nº 14335/69
nº 2201/82

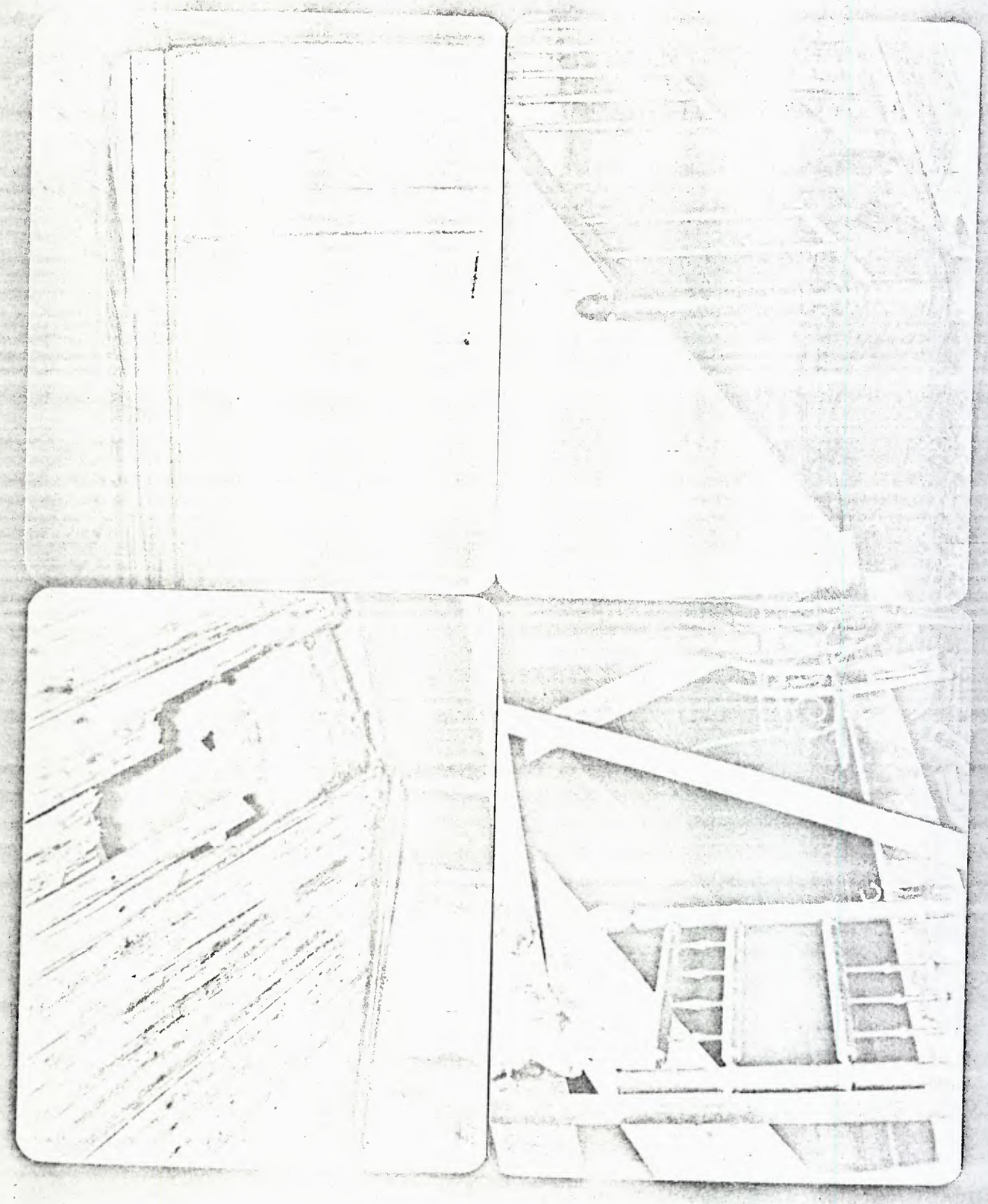
incorporado ao processo SCET nº 14335/69 em 25-04-82.



CORTE LONGITUDINAL ESQUEMÁTICO_ESC: 1:200

38

39



CÁRLOS F. DE PAULA

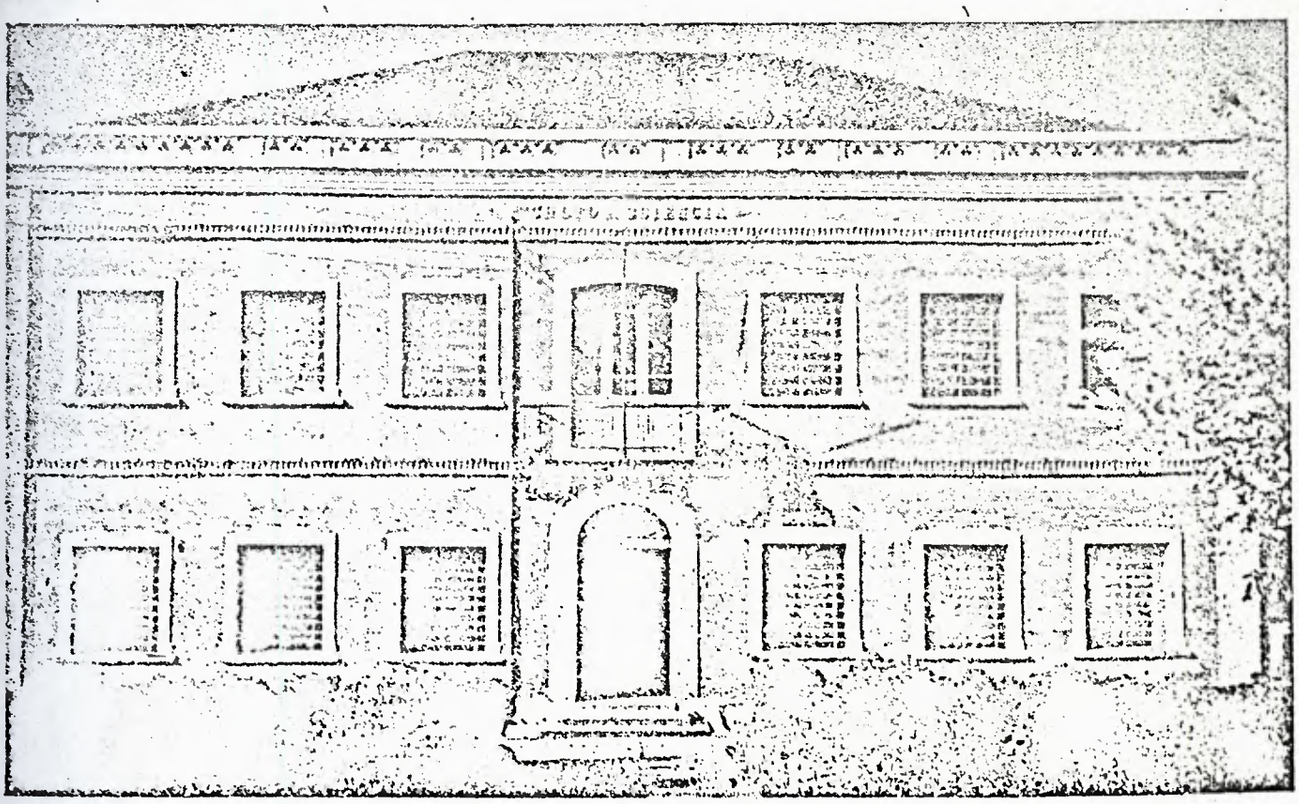
Culto à Ciência

COLÉGIO - GINÁSIO E COLÉGIO ESTADUAL

MONOGRAFIA HISTÓRICA

CAMPINAS

1946



FRENTE PRINCIPAL DO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINAS, depois da reforma em 1944

Os originais dêste trabalho nos foram enviados por seu autor, acompanhados de um gentil cartão em que se nos impunha a honra de "levá-lo às águas lustrais com a abertura do prefácio".

Êsse o motivo principal de aceitarmos a incumbência, — era ordem de dileto amigo a quem urgia obedecer.

Além desta, outra razão determinou também nossa aquiescência a tão lisonjeira imposição: "ninguem mais que nós se acha atualmente tão ligado ao Colégio Estadual, — é o autor da obra quem o diz, e com muito acêrto, seja-nos permitida a franqueza.

Eis, os motivos dêste preâmbulo, escrito à guisa de prefácio, pois um trabalho do dr. Carlos de Paula não necessita de apresentação, — impõe-se por si só, pelo nome de seu autor.

Êste livrinho não desmerece das outras obras da mesma autoria, quer científicas, quer de tradição, gênero ultimamente cultivado com carinho pelo ilustre professor de matemática. Digamos de passagem que os trabalhos de tradição são conhecidos apenas por seus íntimos, pois não tem querido seu autor dar-lhes publicidade.

Encontram-se nas páginas que se seguem o mesmo cuidado nas asserções, a mesma escrupulosa exatidão nos dados fornecidos e a mesma clareza já conhecida em seus trabalhos científicos, tudo aliado a uma finura de observação dos fatos descritos.

Ademais, a leitura dessas páginas patenteia àqueles que não

tendo o plano geral de educação moral, física e intelectual que seria adotado no estabelecimento, a seriação dos cursos que abrangia um curso de conhecimentos práticos e outro acessório.

Pouco tempo depois, em 29 de janeiro de 1889, era nomeada pela diretoria da Associação uma comissão composta dos drs. Tomás Alves, José de Campos Novais e capitão Francisco Alves de Almeida Sales para acompanhar durante o ano letivo o progresso dos alunos, cooperando com o corpo docente para maior eficiência do ensino.

Quando tudo denotava que o Colégio Culto à Ciência ia entrar em uma fase de franca prosperidade, eis que surge em Campinas a maior desgraça que flagelou a cidade — a febre amarela.

Era então crença geral que essa terrível moléstia não subiria a serra de Santos; assim, quando a 23 de fevereiro de 1889 apareceu o primeiro caso da febre amarela, ninguém deu crédito, salvo o médico denunciante dr. Eduardo Guimarães.

Em pouco tempo o mal alastrou-se pela cidade, paralisando quase tôdas as atividades; o Colégio Culto à Ciência poucos dias após a abertura dos cursos, com 115 alunos matriculados, foi obrigado a suspender as aulas no dia 9 de março, quando a pavorosa epidemia já grassava impiedosamente.

Cogitou-se em princípio de maio de fazer a transferência temporária do colégio para Jundiaí, o que não se conseguiu; suas portas conservaram-se fechadas por longos meses, reabrindo-se as aulas sómente em 1.o de julho.

Apesar de um ano letivo tão precário, os alunos habilitaram-se aos exames finais de preparatórios, graças ao devotamento do corpo docente, assim constituido: português — Alfredo Pujol; francês e latim — o diretor; aritmética e geometria — dr. João Brás de O. Arruda; inglês — dr. Diogo Pupo. Alcançaram as melhores notas nesses exames, prestados em dezembro perante a Academia de São Paulo, os seguintes alunos: Salvador Franco Bueno, Edgard Egídio de Sousa, José Correia Pacheco, João Quevedo, Cassiano Noronha Gonzaga, Alberto Sarmento, Luís Branco, Olímpio Soares Caiubí, José W. Tompson Junior, Aristides Sales, Manuel de Costa Carvalho, José Bayeux, Plutarco Soares Caiubí, Mauro Álvaro de Sousa Camargo e alguns outros.

As aulas do ano letivo de 1890 tiveram início a 15 de janeiro, com 76 alunos matriculados; mas em virtude dos boatos que se propalavam de casos de febre amarela na cidade, os alunos começaram a retirar-se do colégio, pelo que o diretor Hipólito G. Pujol resolveu em 15 de fevereiro suspender as aulas,

até que cessasse o terror que se apoderava da população da cidade.

A direção do colégio envidou todos os esforços no sentido de transferir os alunos para uma fazenda do município, nada conseguindo. O estabelecimento de ensino conservou-se fechado até o dia 9 de junho, quando foram reabertas as aulas, continuando reservados os lugares dos alunos gratuitos comprovadamente pobres.

O diretor, em edital que saiu publicado em 15 de junho, prevenia aos interessados que em dezembro não haveria férias escolares, sendo dadas as aulas sem interrupção.

Nos exames de preparatórios prestados na capital, nas duas épocas correspondentes aos meses de julho e novembro de 1890, obtiveram a nota plenamente os alunos: Alberto Sarmento, Avelino Duarte de Resende, Barnave Néger, Ernesto Gustavo Correia, José Teodoro Bayeux e René Hertz. Em resumo, houve 39 aprovações e apenas 2 reprovações.

O resultado dos exames excedeu a expectativa, porquanto, forçado pela segunda epidemia que assolou a cidade, o colégio se conservara fechado durante 6 meses, reduzindo-se o ano letivo a apenas 5 meses. Com uma frequência muito reduzida de alunos, o Culto à Ciência apresentou nessas aprovações uma eloquente prova de aplicação de seus alunos e da dedicação de seu corpo docente.

Terminaram os preparatórios os alunos Alberto Sarmento, João Coutinho de Lima e Alfredo de Almeida Resende.

O corpo docente do colégio era o seguinte: português — dr. Alfredo Pujol e Hipólito Pujol; francês, latim, geometria e história — Hipólito Pujol; inglês — dr. Diogo Pupo; aritmética e geometria — Rocha Fragoso e Hipólito Pujol; filosofia e retórica — dr. Alfredo Pujol. Continuava na direção o professor Hipólito G. Pujol, que a uma variada cultura aliava grande tino administrativo.

No fim do ano de 1890 passara o colégio por uma reforma baseada sôbre o novo plano de ensino, estando anunciada a abertura das aulas a 10 de janeiro de 1891 para os internos, e a 15 do mesmo mês para os externos.

Logo ao início das aulas, o dr. Diogo Pupo, que vinha regendo proficientemente a cadeira de inglês, foi coagido por motivos particulares, a exonerar-se, sendo substituido pelo professor Artur Gosling.

Em junho achavam-se matriculados nos diversos cursos 85 alunos, mas já no mês de agôsto êsse número ascendia a 109. Dentre os professôres, 5 residiam no estabelecimento e cooperavam para a boa disciplina. Achavam-se funcionando regular-

mente todos os cursos, inclusive as aulas de moral, direito público, imigração e colonização.

Além de alguns outros, obtiveram nota ótima na primeira semana de agôsto dêsse ano de 1891, os seguintes alunos, quase todos campineiros: Druzo Pompeu do Amaral, Heitor Teixeira Penteado, Fernão Pompêu de Camargo, José de Freitas Guimarães, Clóvis Egídio de Sousa Aranha, Osvaldo Álvaro Bueno, Paulo Branco, Ernesto Pujol, Gelásio Pimenta, Otaviano Franco e Celso de Morais Sales.

Apesar dos danosos efeitos das duas epidemias, o colégio encontrava-se em situação auspiciosa, graças principalmente aos esforços de seu diretor, professor Hipólito G. Pujol. A fim de proceder à eleição da nova diretoria da Associação, bem como aprovar as contas apresentadas pelo diretor do colégio, foi convocada pelo diretor José de França Camargo uma Assembléia Geral de acionistas, que se realizou no salão do Juri no dia 23 de agôsto de 1891. Os membros que compunham a antiga diretoria não compareceram a esta assembléia; apenas o cidadão Francisco Glicério Cerqueira Leite fez-se representar por seu procurador, o dr. Antônio Alvares Lobo.

A sessão foi presidida por Bento Quirino dos Santos, servindo de secretários o dr. Antônio Alvares Lobo e Antônio Lapa. Apurada a eleição da nova diretoria da Associação, verificou-se o seguinte resultado: Presidente — Francisco Glicério de Cerqueira Leite; tesoureiro — José Joaquim Duarte de Resende; secretário — dr. Francisco Augusto Pereira Lima; diretores — drí Luís Silvério Alves Cruz e Cândido Álvaro de Sousa Camargo.

Do relatório apresentado pelo diretor do colégio, professor Hipólito G. Pujol, constava que foram matriculados 116 alunos durante o ano, havendo frequentado as aulas 100 alunos, dos quais 22 recebiam ensino gratuito e dêstes eram internos 7 alunos.

O estado financeiro acusava um pequeno deficit, não obstante o professor Pujol haver conseguido, durante a sua zelosa administração, pagar dívidas antigas do estabelecimento na importância de Cr $23.888,10.

Em agôsto dêsse ano de 1891, os alunos fundaram o "Clube Literário Culto à Ciência", cujo objetivo era manter uma pequena biblioteca e publicar o jornal "Culto à Ciência" para estimular o gôsto literário entre os associados. A diretoria dessa agremiação estudantina tinha como presidente — José de Freitas Guimarães; vice-presidente — Floriano Novais; 1.o e 2.o secretários — Ernesto Pujol e Aristides Barreto; tesoureiro — João Tompson Junior; procurador — Inácio Mesquita;

bibliotecário — Daví Novais. Para oradores foram indicados o presidente e o 1.o secretário.

Em setembro de 1891 frequentavam o colégio 102 alunos, destacando-se entre os mais aplicados o aluno Fernando Bueno, com apenas 9 anos de idade. No fim dêsse ano letivo fizeram-se 69 inscrições para os exames parcelados de diversas matérias, perante as bancas de São Paulo, conquistando as melhores notas os seguintes alunos: Aristides Barreto, Alfredo Maurício, Jorge de Morais Barros, Floriano Novais de Camargo Andrade, Bruno dos Santos, Ferdinando Silva, Júlio Brandão de Magalhães, José Teodoro Bayeux, José de Freitas Guimarães, João de Oliveira, Ernesto Gustavo Pujol e Bento Pio Bitencourt. O resultado geral dos exames não desmereceu do conceito que gozava o corpo docente do estabelecimento, tendo sido inhabilitados nas provas escritas apenas 4 alunos e não havendo nenhuma reprovação na oral.

O curso primário achava-se dividido em dois graus: o 1.o grau compreendia os alunos de 8 a 10 anos de idade, sob a direção do professor Tomás Lessa; o 2.o grau, os de idade superior a 10 anos, a cargo do professor Ernesto Justo da Silva. Constituiam o corpo docente do curso secundário o diretor Hipólito Gustavo Pujol e os professôres dr. Lima Côrtes, Luís Branco, Luís Felipe da Rosa, dr. Bogumil Martholomey, Foot e Henrique Potel.

A abertura das aulas do novo ano letivo de 1892 foi marcada para o dia 12 de janeiro; entretanto, pela 3.a vez caiu sôbre Campinas o terrível flagelo da febre amarela, esparramando a morte e a desolação entre seus habitantes. A epidemia perdurou até princípio de junho, quando a comissão médica a considerou extinta. Foi então anunciada a reabertura dos cursos em diversos estabelecimentos de ensino da cidade, sem figurar o Colégio Culto à Ciência.

O educandário campineiro atravessaria então uma situação de séria dificuldade, de que a parte financeira seria a mais grave. A febre amarela não se limitara a levar à morte inúmeros habitantes da cidade, mas lhe fizera ruir as colunas mestras do trabalho e da atividade. E o Colégio Culto à Ciência, que agremiava a flor da mocidade campineira, não podia escapar a essa fatalidade.

O secretário da diretoria, dr. Francisco Augusto Pereira Lima, publicou em 29 de junho, na Gazeta de Campinas, uma convocação de todos que faziam parte da Associação para uma assembléia no dia 4 de junho, no Clube Campineiro, a qual não se realizou.

Alguns dias após, o diretor do colégio, professor Hipólito

Pujol, avisava pela imprensa que as aulas se reabririam a 11 de julho, segunda feira, sem conseguir resultado animador. Propalou-se mesmo pela cidade, em setembro dêsse ano de 1892, que o "Culto à Ciência", passaria a denominar-se — "Ginásio Nacional", com caráter oficial.

Nessa conjuntura, o dr. Pereira Lima fêz pela imprensa local a convocação de todos os acionistas para uma Assembléia Geral no dia 11 de dezembro de 1892, domingo, no Paço Municipal, para deliberarem sôbre assunto de magna importância. Não se realizando por falta de número, a assembléia, fêz o referido diretor — secretário nova convocação para o dia 17, sábado, esclarecendo que deveria ser deliberada a dissolução ou a continuação da sociedade.

No dia 11 dêsse mês, marcado para reunir-se a assembléia, o professor Hipólito Gustavo Pujol que vinha prestando inestimáveis serviços no cargo de diretor do colégio, em que se revelou um grande educador, apresentou o seu pedido de demissão. Tendo assumido a direção do estabelecimento em 18 de dezembro de 1888, lutou corajosamente contra os efeitos das calamitosas epidemias que tornaram improfícuos seus ingentes esforços para manter a casa de ensino, da qual era não somente o diretor mas também conceituado mestre de várias disciplinas.

Não se realizando a assembléia convocada para o dia 17, foi feita a terceira e última convocação para o dia 24, ao meio dia, no Paço da Câmara Municipal, a fim de ser deliberado o mesmo assunto constante nas anteriores convocações.

No dia marcado, realizou-se a última assembléia geral de acionistas da Associação Culto à Ciência, havendo comparecido pequeno número de pessoas. O dr. Pereira Lima leu um relatório em que ressalvava sua responsabilidade sôbre a extinção do estabelecimento que tantos benefícios havia prestado à mocidade estudiosa, opinando pela sua continuação, não como internato mas como externato. Êste alvitre não foi aceito, porquanto não resolveria a grave situação financeira do estabelecimento.

Ficou então deliberado, em face do art. 43 dos Estatutos — no caso de dissolução da Sociedade ficará o patrimônio pertencendo à Municipalidade de Campinas para fins exclusivamente da instrução — transferir todo o patrimônio da Sociedade para a Câmara Municipal, que ficaria com o encargo de pagamento das dívidas. O patrimônio estava avaliado em Cr $..... 150.000,00, sendo as dívidas as seguintes: Nota do ex-diretor H. Pujol, Cr $19.600,00; ao Banco Mercantil de Santos, Cr $ 2.200,00; ao Banco União de São Paulo, Cr $6.000,00; ao Banco Crédito Real de São Paulo, Cr $36.687,00, no total de Cr $ 64.487,00.

O presidente da Associação "Culto à Ciência" general Francisco Glicério, oficiou em princípio de janeiro de 1893 à Corporação Municipal, comunicando o que havia sido deliberado em assembléia no dia 24 de dezembro, bem como solicitando as necessárias providências para a posse imediata do patrimônio.

E assim se encerrou a primeira fase do Colégio "Culto à Ciência", onde formaram a sua mentalidade tantas figuras que se destacaram nas ciências, nas artes, no jornalismo, na política, na magistratura, honrando sobremaneira as tradições daquele instituto, iniciativa esplêndida dos velhos campineiros que, sem a menor preocupação de lucro, não tiveram meças de sacrifício para fundar um estabelecimento modelar de ensino e educação.

SEGUNDA PARTE

GINÁSIO E COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINAS

III — FUNDAÇÃO E INSTALAÇÃO DO GINÁSIO DE CAMPINAS. O PRIMEIRO CORPO DOCENTE E ADMINISTRATIVO — FESTAS GINASIAIS

As iniciativas e empreendimentos diversos que sempre caracterizaram a gente ativa da cidade de Barreto Leme, como que se haviam arrefecido ante a expectativa tétrica de reaparecimento da febre amarela. A indústria e o comércio local sofreram sérios prejuizos, algumas casas comerciais se transferiram para outros centros e muitas famílias abastadas se mudaram para a capital do Estado.

Estabelecimentos que eram o orgulho de Campinas, como o "Culto à Ciência" — cuja existência de 18 anos é um rastro luminoso na história desta cidade, viram-se, depois de tanta luta, na dura contingência de fechar suas portas.

Ficaram então os campineiros sem o seu colégio, onde pudesse a mocidade estudiosa habilitar-se à admissão em cursos superiores do país. Não se punha em dúvida que seria instalado nesta cidade um dos ginásios criados pelo Congresso Estadual, lei n. 88 de 8 de setembro de 1892; fazia-se mistér apenas que se não protelasse a efetivação dêsse grande melhoramento.

Logo que a Câmara Municipal de Campinas entrou na posse do patrimônio do extinto colégio, que permanecera sob a guarda de um zelador, percebendo o salário de 120 cruzeiros mensais, a Comissão de instrução pública apresentou em sessão de 19 de janeiro de 1893 um parecer no sentido de ficar o Intendente de higiene e instrução, dr. Antônio Alvares Lobo, au-

torizado a entender-se com o Govêrno estadual sôbre a aplicação das verbas consignadas para o Ginásio oficial a ser instalado em Campinas. Ficaria assim atendida uma legítima aspiração desta terra que fôra tão duramente flagelada pelas epidemias.

Em reunião da Câmara Municipal de 14 de agôsto de 1893, foi aprovado que se requeresse ao Congresso do Estado a instalação do Ginásio no edifício do antigo "Culto à Ciência", imóvel êste de valor superior a 150 mil cruzeiros, ao passo que a dívida da extinta Associação ascendia no máximo a 70 mil cruzeiros, matéria esta já tratada na mensagem do Presidente do Estado. Não obstante os reiterados pedidos da Edilidade de Campinas, findou-se o ano de 1892 sem que o Govêrno estadual resolvesse o ingente problema da instrução secundária nesta cidade.

Ainda em abril do ano seguinte, 1894, a Câmara Municipal renovou a representação ao Congresso Estadual para que fôsse lógo atendido o anseio de Campinas, dotando-a com um estabelecimento oficial de ensino secundário.

Desta vez o ato da Câmara encontrou franco apoio nas duas casas do Congresso. A Comissão de instrução pública, de que eram membros Paulo Egídio, Ricardo Batista e Fonseca Pacheco, emitiu em 12 de junho parecer favorável à proposta da Edilidade Campineira. O Senado do Estado havia também dado sua aprovação para a lei que subira da Câmara dos Deputados, autorizando o Govêrno a entrar em acôrdo com a Câmara Municipal de Campinas para transformar o antigo "Culto à Ciência", em um instituto oficial de ensino secundário.

Em consequência, foi decretada a resolução n. 273 de 21 de junho de 1894, e em 26 dêsse mês a imprensa dava à publicidade o seguinte decreto: "O dr. Bernardino de Campos, presidente do Estado: Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Art. 1.o — E' autorizado o Govêrno do Estado a entrar em acôrdo com a Câmara Municipal de Campinas, para o fim de passar à propriedade do Estado o prédio em que funcionou o antigo colégio "Culto à Ciência". § único. — O Govêrno poderá para êsse fim abrir os necessários créditos.

Estava vencida a primeira etapa no sentido de ser satisfeita a legítima aspiração dos campineiros.

No orçamento havia sido consignada a verba de 75 mil cruzeiros para o custeio do estabelecimento de ensino; o Govêrno, porém, não queria assumir a responsabilidade da dívida tôda, sem examinar o que lhe fôra proposto, e até o mês de outubro não viera a comissão encarregada dêsse exame. A imprensa local, pelo Diário de Campinas, fêz nesse sentido um apêlo ao dr. Cesário Mota Junior, Secretário do Interior.

Em ofício datado de 21 de dezembro de 1894 e dirigido à Intendência Municipal, o Secretário da Fazenda, dr. Rubião Júnior, solicitava as bases para ser lavrado o contrato de transmissão do patrimônio do "Culto à Ciência" para o domínio do Estado. A Câmara Municipal, em sessão de 31 de dezembro, autorizava o Intendente a efetuar essa transmissão, nas bases já estabelecidas.

Em edital publicado a 13 de fevereiro de 1895 o Intendente Municipal, tenente-coronel dr. Antônio Alvares Lobo, fazia um convite a todos os credores do extinto Colégio Culto à Ciência para que apresentassem suas contas, em virtude da transferência que ia ser feita do referido estabelecimento ao Govêrno do Estado.

A transferência realizou-se no dia 8 de março, pagando o Govêrno do Estado aos Bancos de Crédito Real, União e Mercantil os débitos da sociedade extinta, entregando ainda Cr $ 23.062,18 à Câmara Municipal para pagamento de outros credores avulsos e quirografários, com o compromisso de fundar o ginásio nesta cidade, para cujo custeio já fôra votada a verba de 75 mil cruzeiros.

Alguns dias depois, foi decretada a lei n.o 284 de 14 de março de 1895: — "Fica criado um ginásio para o ensino secundário, científico e literário, na cidade de Campinas". Mais uma etapa se vencera em prol do justo anseio dos campineiros.

Por decreto de 1.o de agôsto dêsse ano, foram nomeados o dr. Mário Bulcão para diretor do Ginásio de Campinas, e o comendador Tomás Paulo do Bom Sucesso Galhardo para exercer em comissão o cargo de secretário, no qual pouco tempo se demorou.

O Diretor recém-nomeado visitou em 16 de agôsto o edifício do antigo Culto à Ciência, percorrendo tôdas suas dependências, para se inteirar das obras de adaptação do prédio e serviços de limpeza geral.

A 10 de novembro, os jovens campineiros que eram candidatos ao curso ginasial promoveram uma reunião na Sociedade Luís de Camões, em que se resolvera representar ao Intendente Municipal a fim de o mesmo interceder junto ao Govêrno do Estado para que fôsse logo aberto o Ginásio. Em resposta, o oficial de gabinete do Secretário do Interior esclareceu que a inauguração desta casa de ensino estava dependendo da realização dos concursos para provimento das cadeiras relativas aos dois primeiros anos do curso, e bem assim das obras de readaptação do prédio. Os jornais da capital do dia 1.o de outubro já

haviam publicado editais abrindo os referidos concursos.

As provas dos concursos para provimento das diversas cadeiras terminaram em 21 de fevereiro de 1896. Para a cadeira de português apresentaram-se três candidatos, dos quais um se retirou e os outros dois foram inhabilitados. Foram anuladas as inscrições para as cadeiras de francês e de italiano. Para a cadeira de latim e noções de grego foi habilitado o único candidato inscrito, dr. Eduardo Gê Badaró, e para a de geografia, cosmografia e história do Brasil, o dr. Gustavo Enge, os quais, perante o diretor, tomaram posse das respectivas cadeiras em 12 de novembro de 1896, antes da inauguração oficial do Ginásio. Foram êstes os dois primeiros lentes catedráticos do Ginásio de Campinas.

Na referida data 12 de novembro, foi nomeado para exercer o cargo de secretário o dr. Antônio Rodrigues de Melo, na vaga deixada por Tomás Galhardo. Uma semana depois, no dia 19, foram nomeados para os cargos de contínuos os cidadãos Benedito de Oliveira e Antônio da Silva Machado; para o cargo de porteiro, o cidadão Euzébio Pinto da Costa. Merece registro a perseverança do funcionário Benedito Oliveira, que vem exercendo com notável dedicação o posto de secretário do estabelecimento, cuja evolução acompanhou até ao presente.

Após grandes lutas e esforços desmedidos inaugurou-se finalmente o Ginásio de Campinas, no dia 4 de dezembro de 1896, data esta que permanecerá indelével nos fastos da história desta terra.

Abriram-se de novo, à luz da instrução, as portas do antigo educandário; iluminaram-se as salas do velho templo para o novo Ginásio Oficial, fadado a ser digno continuador das tradições honrosas do memorável Colégio Culto à Ciência. Iriam assim voltar o rumor, o encanto e a vida ao abençoado recanto do fim da rua que recebeu o nome do notável colégio de que tanto se orgulhavam os velhos campineiros.

Às treze horas, presentes o dr. Antônio Dino da Costa Bueno, Secretário do Interior, vereadores à Câmara Municipal, o Intendente, representantes da imprensa, professôres e pessoas gradas, foi aberta a sessão.

Discorreu brilhantemente sôbre a influência da instrução na vida das nacionalidades, o dr. Dino Bueno, terminando por declarar solenemente instalado o Ginásio de Campinas, sendo entusiasticamente aplaudido.

Seguiu-se com a palavra o dr. Mário Bulcão, diretor do Ginásio, que falou sôbre a organização do importante instituto que acabava de ser instalado pelo patriótico Govêrno estadual,

e finalizou agradecendo o comparecimento de todos os presentes.

Tomaram depois a palavra o dr. Manuel de Assis Vieira Bueno, Intendente Municipal, que fêz a apologia da ciência, e o dr. Jacob Tomás Itapura de Miranda, em nome da Congregação do Ginásio da Capital. Por fim, o Secretário do Interior referiu-se em frases encomiásticas ao ex-Culto à Ciência, e encerrou a sessão declarando inaugurado o Ginásio.

Foram passados telegramas de saudações aos ilustres conterrâneos General Francisco Glicério e José Paulino Nogueira, denodados trabalhadores em prol da fundação desta casa de ensino.

Em seguida, foi servida uma lauta mesa de iguarias e doces, sendo levantados diversos brindes.

A título de curiosidade reproduzimos a ata de instalação: "Aos quatro dias do mês de dezembro de 1896, nesta cidade de Campinas, no edifício destinado ao funcionamento do Ginásio da mesma cidade, à uma hora da tarde, presentes o dr. Antônio Dino da Costa Bueno, Secretário do Interior, a Câmara Municipal encorporada, dr. Manuel de Assis Vieira Bueno, Intendente Municipal, dr. Raimundo da Silva Cunha, Delegado de Polícia, representando o dr. Chefe de Polícia do Estado, membros da Comissão Sanitária do Estado, representantes do funcionalismo público e grande número de pessôas gradas da localidade, além de excelentíssimas senhoras, que assinam igualmente com o Diretor e lentes do Ginásio, a presente ata, o dr. Secretário do Interior declarou solenemente instalado o Ginásio desta cidade em um brilhante discurso, no qual fêz o histórico do ensino no Estado, e quais os intuitos que visa o estabelecimento ora instalado; em seguida obtém a palavra o dr. Mário Bulcão, diretor do Ginásio, ao qual seguiu-se o dr. Itapura de Miranda, lente do Ginásio da Capital, representando o corpo docente daquele estabelecimento.

Compareceram representantes da imprensa local, deixando de o fazer o dr. Alberto Sarmento, deputado estadual e os lentes dr. Eduardo Gê Badaró e Luís Gambeta Sarmento, que foram representados pelo Diretor do Estabelecimento.

Em seguida, o dr. Secretário do Interior declarou interrompida a sessão para lavrar-se a respectiva ata, que vai assinada pelos presentes e em seguida encerrada a sessão. Eu, Antônio Rodrigues de Melo, secretário do Ginásio de Campinas, o escrevi".

(Seguem-se as assinaturas).

Estava satisfeita a aspiração dos pais de famílias desta terra e das cidades vizinhas.

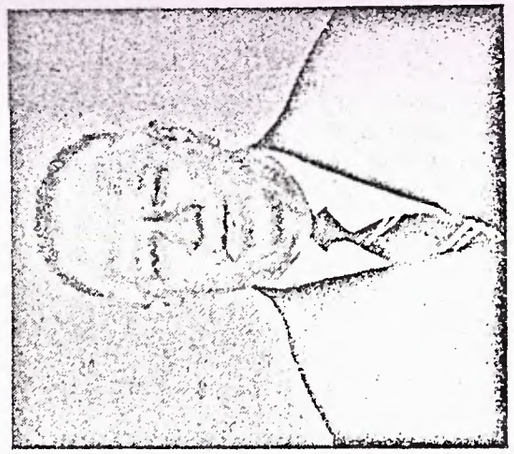
O Ginásio de Campinas foi o segundo instituto oficial de ensino secundário fundado no Estado; o primeiro é o Ginásio de São Paulo, cuja fundação data de 16 de setembro de 1894. Durante um decênio o Estado de São Paulo manteve apenas êstes dois ginásios, com o fim de proporcionar a alunos externos a instrução secundária e fundamental, necessária e suficiente, não só ao bom desempenho dos deveres de cidadão, mas também à matrícula nos cursos de ensino superior e obtenção do grau de bacharel em ciências e letras. Os exames finais eram feitos no próprio estabelecimento, resultando com isso extraordinária vantagem aos estudantes. A frequência era obrigatória, podendo o aluno perder o ano no caso de exceder o limite permitido de faltas, medida esta moralizadora e que torna o ensino mais sólido e eficiente.

Iniciaram-se, em 17 de fevereiro de 1897, os exames de suficiência dos candidatos à matrícula nos primeiros anos do curso ginasial, os quais constituiram as primeiras turmas do novo estabelecimento.

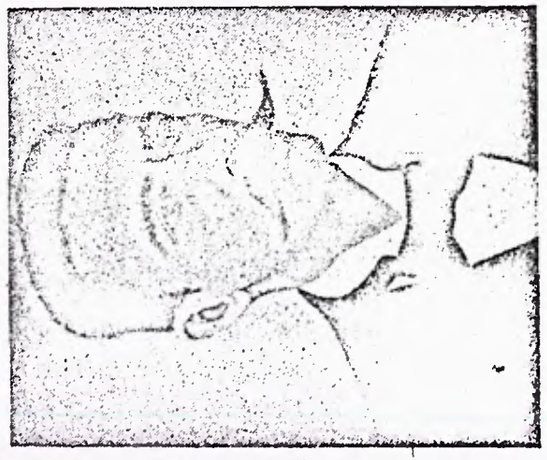
Findos os exames, foram habilitados os seguintes alunos, que se matricularam no 1.o ano do curso ginasial: Jorge Nogueira Ferraz (matriculado sob n.o 1), Raul Cardoso de Almeida, Luís Nogueira Neto, Didier Monteiro, João Batista Pompeu de Lacerda, José Raoul, Luís Faber, Oscar Pereira, Plínio José de Sousa Brito, Sílvio de Morais Sales, José de Oliveira Cabral, José Pereira de Andrade Jr., Valdomiro Fragoso, Manuel Rodrigues dos Santos, Euclides de Araujo Roso, João Carvalho, Vítor Brenneisen, Alarico de Souza Bueno, Paulino Muniz Filho, Benjamin Ribas d'Ávila, Dagoberto Pio de Camargo Bitencourt, Arbaldo Cabral Benjamin e Artur Ivahy, ao todo 23 alunos.

No 2.o ano, matricularam-se em 1897 os alunos que seguem, obedecida a ordem da matrícula: Edmundo Pimentel (matrícula n.o 1), Cnêu Pompêu de Camargo, Cincinato Rodrigues Sarmento, Domingos João de Paula, Orlando de Carvalho (que deixou o Ginásio durante o ano), Francisco Próspero de Oliveira, Ramiro Falque, Antônio Bueno de Miranda, Camilo Machado, Eugênio Décourt, Antônio Sarmento Jr., Paulo Sarmento, Jaime Muniz, Dorvelino Guatemosin, José Ferraz de Andrade, Laurival José Pereira de Queirós, Amadeu Nogueira Ferraz e Paulo Correia de Melo. Exercia as funções de amanuense Baltasar Carneiro, nomeado a 16 de março dêsse ano.

As aulas dos dois primeiros anos tiveram início no dia 1.o de julho, com a presença de todos os alunos matriculados, prelecionando os lentes em cavaco de exortação aos alunos para que se dedicassem com ardor aos estudos, a fim de que o Gi-



BENEDITO OLIVEIRA, secretário e o mais antigo funcionário



DR. MÁRIO BULCÃO, 1.º diretor do Ginásio de Campinas

conhecem o velho colégio, quase que enterrado nos confins da rua Culto à Ciência, no bairro do Botafogo, o valor do trabalho aí realizado no meio século de sua existência e os benefícios prestados à instrução secundária em nosso Estado, e mesmo ao nosso Brasil. Para os que, como nós, estão ligados ao Ginásio de Campinas, percorrer as páginas dêste livro é reviver bons e longos anos de nossa existência, pois, são elas um ótimo repositório de recordações; é relembrar a pléiade brilhante de amigos e colegas que se foram e que nos serviram de modêlo pela cultura, pela retidão de carater e pelo amor ao trabalho; é rever na sua meninice as duas gerações que passaram por aquela casa e que hoje prestam serviços inestimáveis à Pátria, nas várias atividades que exercem.

Campinas, Janeiro de 1946.

A. FREITAS

PRIMEIRA PARTE

COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA

I — SOCIEDADE CULTO À CIÊNCIA. CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA; SUA ATIVIDADE NO PRIMEIRO DECÊNIO (1874-1884)

Era Campinas, no princípio do terceiro quartel do século passado, um dos municípios mais prósperos e opulentos da então Província de São Paulo. A feracidade de suas terras, trabalhadas pelo braço escravo, sob a direção enérgica dos descendentes de destemidos desbravadores de florestas, transformara a cidade na capital agrícola da Província.

Entretanto, até o ano de 1854, somente três de seus filhos haviam conquistado a láurea de um diploma científico, conforme escreveu o grande campineiro Campos Sales (Almanaque de Campinas para 1873). A cultura da terra, absorvente e remuneratória, precedera a cultura da inteligência, propiciando-lhe mesmo o advento, fazendo de Campinas um dos mais notáveis centros culturais do país.

Muitos jovens campineiros procuram então instruir-se em estabelecimentos de ensino da capital da Província, no colégio S. João do Lageado, em Sorocaba, enquanto outros fazem seus estudos em colégios que se fundaram em Campinas, como sejam o colégio S. João, do professor João Brás da Silveira Caldeira; o colégio do professor João Batista Pupo de Morais, que funcionava na fazenda Laranjal (Joaquim Egídio); as escolas dos professôres Malaquias Ghirlanda, Joaquim Roberto Alves, e outros.

Em princípio do ano de 1869, agitou-se a idéia da fundação de um estabelecimento de ensino na cidade, uma casa de educação que fôsse modelar sob o tríplice aspeto intelectual, moral e físico. Fôra o idealizador da alevantada iniciativa o adiantado agricultor Antonio Pompeu de Camargo, homem de convicções seguras, destinado pelo seu caráter a personificar o tipo moral de uma época na terra que lhe serviu de berço. O plano do benquisto campineiro foi recebido com franca simpatia e grande entusiasmo pelos conterrâneos.

Tratou-se logo de organizar uma sociedade constituída por pessoas gradas, representadas por fazendeiros, industriais, comerciantes e alguns graduados pelas academias, com o objetivo de concretizar tão nobre e patriótica idéia.

Em data de 6 de fevereiro de 1869, tornaram público o seguinte manifesto escrito: "Convencidos de quanto é sensível nesta cidade a falta de um estabelecimento que se destine ao ensi-

no primário e secundário, regularmente montado, de modo a poder realizar com o aperfeiçoamento possível a educação moral e intelectual dos alunos; convencidos de que esta falta, dificultando a educação dos filhos dêste município, embaraça de modo extraordinário o seu progresso moral, e assim neutraliza os grandes elementos de prosperidade que já possui; convencidos, finalmente, de que é já tempo de providenciar decisivamente sôbre uma tão palpitante quanto urgente necessidade, têm os abaixo assinados, para o fim de fazer edificar ou reconstruir um prédio com as acomodações especiais para o referido estabelecimento de ensino, se associado nas condições abaixo descritas".

Seis foram as condições aceitas, sendo as mais importantes as seguintes: a) Nomear-se uma diretoria com o encargo de mandar construir ou reedificar um prédio que pudesse obter por compra. b) O prédio regularmente montado deveria ser entregue por aluguel a indivíduo de reconhecida capacidade para direção do ensino. c) Cada sócio contribuiria com a quota de quinhentos cruzeiros ou mais, se lhe aprouvesse.

O referido manifesto foi apresentado à numerosa reunião de pessôas das mais representativas, que se realizou no Paço Municipal a 19 de maio dêsse ano. Discutido o assunto para que fôra convocada a reunião, são em seguida aprovados seus pontos principais, reduzindo-se apenas a quota sugerida de quinhentos cruzeiros para vinte e cinco cruzeiros, não se podendo aceitar acionistas com número menor de cinco quotas.

Foi na mesma ocasião nomeada uma comissão constituída pelos drs. Jorge de Miranda, Manuel Ferraz de Campos Sales e Cândido Ferreira da Silva Camargo para confeccionar os estatutos da novel Sociedade. Ficou também constituída a diretoria provisória com cinco membros, tendo sido eleitos: Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral (depois visconde de Indaiatuba), comendador Joaquim Egídio de Sousa Aranha (depois marquês de Três Rios), Joaquim Quirino dos Santos, dr. Jorge Guilherme Henrique Krug e Antônio Pompeu de Camargo.

Conferiram-se poderes a esta diretoria para representar a sociedade em seus negócios e arrecadar o dinheiro necessário para compra de um prédio, sendo então alvitrada a aquisição do antigo sobrado pertencente a herdeiros do tenente Felisberto Pinto Tavares.

A ata desta memorável reunião foi assinada pelo presidente Joaquim Bonifácio do Amaral, secretário Cândido Ferreira da Silva Camargo, Floriano Ferreira de Camargo Andrade, Antônio Dias Novais, Luís Antônio de Pontes Barbosa, Joaquim Floriano Novais de Camargo, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Joaquim Egídio de Sousa Aranha, Antônio Leite de Camargo Barros, Álvaro Xavier de Camargo Andrade, Floriano de Camargo Campos, Francisco de Campos Andrade, Manuel Ferraz de Campos Sales, Jorge de Miranda, Eliseu Teixeira Nogueira, Pedro José dos Santos Camargo, Jorge G. Henrique Krug, Joaquim Teodoro Teixeira, Cândido José Leite Bueno, Antônio Manuel Proença, Domingos Leite Penteado e Francisco Soares de Abreu.

O alvitre para aquisição do grande sobrado pertencente aos herdeiros de Felisberto Pinto Tavares não se efetivou. Êste sobrado, sito à rua Dr. Quirino (antiga rua do Comércio), tornou-se propriedade do Barão de Ibitinga, mas estava predestinado a ser a sede de um grande colégio; efetivamente, desde o ano de 1921 lá está instalado o Colégio Ateneu Paulista, cujos proprietários adquiriram então por cem mil cruzeiros o imóvel que passou por notável transformação.

Em reunião de 11 de julho ficou resolvido que se procurasse uma grande área de terreno em condições de satisfazer o fim a que se destinava, devendo a apresentação dos trabalhos nesse sentido, inclusive preço de compra, ser feita em uma assembléia que ficou marcada para o dia 22 de agôsto.

Em assembléia realizada nesse dia, ficou estabelecido, entre outras resoluções, que a aquisição do terreno seria de exclusiva competência da diretoria da Sociedade; foi também aprovado o projeto dos estatutos que, apresentados ao Govêrno Provincial, obtiveram a carta na forma da lei, em data de 23 de setembro de 1869.

Na mesma assembléia, os diretores Joaquim Egídio, Joaquim Quirino e dr. Jorge Krug ofereceram uma relação dos terrenos examinados, com os respectivos preços. Em virtude do que fôra deliberado, a diretoria optou pela compra da grande chácara pertencente ao tenente Antônio Rodrigues de Almeida, situada na extremidade da rua Alegre, que era a denominação da atual rua Culto à Ciência.

Reunindo os requisitos necessários para o fim a que se destinava, com uma área superior a 2 hectares, contendo rico manancial de água pura, não se poderia encontrar outro terreno mais adequado, apesar de afastado do centro urbano. A escritura de compra foi lavrada a 9 de novembro, pela quantia de dez mil cruzeiros, abstendo-se de tomarem parte na deliberação e ato de escritura os diretores Joaquim Bonifácio do Amaral e Antônio Pompeu de Camargo, que se deram por suspeitos, por motivo de parentesco com o vendedor do terreno.

Nessa época, porém, foi a esperançosa Sociedade obrigada a interromper, por algum tempo, a sua marcha, não porque se arrefecesse o ardor dos associados, mas em virtude das circunstâncias adversas que por aquêle tempo sobrevieram, acarretan-

do à lavoura do país um certo desalento, que não podia deixar de se refletir na vida de um município agrícola, como era Campinas.

Em janeiro de 1873, quando felizmente já estavam desvanecidos todos os receios, o ilustre campineiro comendador Joaquim Bonifácio do Amaral que era o presidente da diretoria, convocou os sócios para se reunirem em assembléia geral, que se realizou no dia 12 dêsse mês no edifício da Câmara Municipal.

Presentes 21 sócios, o presidente da diretoria apresentou o relatório e contas, que foram aprovados. A seguir, explicou os motivos pelos quais a diretoria não contratara ainda a construção do prédio destinado ao colégio, e solicitou o apoio de todos os acionistas para ser levado a bom têrmo o programa da Sociedade. Pela assembléia foi dada plena adesão a todos os atos praticados pela diretoria, hipotecando-lhe ainda todo auxílio para o bom desempenho de sua missão.

Estando findo o prazo marcado nos Estatutos para a duração da diretoria, e atendendo aos justos motivos apresentados pelo Barão de Três Rios (Joaquim Egídio de Sousa Aranha) e Joaquim Quirino dos Santos, na mesma assembléia foi eleita a seguinte diretoria: Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, Antônio Pompeu de Camargo, dr. Jorge Krug, dr. Américo Brasiliense de Almeida Melo e dr. Joaquim José Vieira de Carvalho. Os membros da nova diretoria gozavam do mais alto conceito na sociedade campineira, reunindo, pois, todos os predicados para efetivar a idéia grandiosa que era a razão de ser da Sociedade Culto à Ciência.

A diretoria, após haver realizado diversas reuniões em casa do comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, que continuou como presidente, abriu concorrência para a construção do edifício destinado ao colégio. Estudadas as propostas apresentadas, foi aceita a do empreiteiro construtor Guilherme Krug (abstendo-se de votar o diretor dr. Jorge Krug), que se sujeitou às condições exigidas pela diretoria.

A 11 de março de 1873 lavrou-se, no cartório do 2.o tabelião José Henrique de Pontes, a escritura do contrato de empreitada para construção do referido edifício, obrigando-se o empreiteiro a entregá-lo concluído no prazo de oito meses, a contar dessa data, pela quantia de 45 mil cruzeiros.

Nos têrmos dêsse contrato, deveria o edifício constar de um pavimento térreo e outro superior, medindo 23,50 metros de frente por 17 metros de fundo, contruído de tijolos aparentes, pelo sistema flamengo, devendo oferecer aspeto elegante. O pagamento seria efetuado em 6 prestações, sendo a primeira prestação paga no ato de assinatura do contrato.

No domingo, dia 13 de abril, procedeu-se ao lançamento da pedra fundamental do edifício, perante numerosa assistência, tornando-se o ato mais solene pela presença de muitas famílias.

O dr. Américo Brasiliense de Almeida Melo, em nome da diretoria, produziu eloquente oração manifestando o reconhecimento da Sociedade Culto à Ciência a todos que lhe vinham trazer a adesão; fêz considerações sôbre o valor da instrução, sendo sua palavra interrompida várias vêzes pelos aplausos do grande auditório.

O estimado campineiro Diogo Pupo, em feliz improviso, saudou a sociedade que tão abnegadamente trabalhava pela cultura da inteligência. O 5.o anista de direito, Ludovice, embora não fôsse filho desta terra, discorreu calorosamente sôbre o ato, sendo também muito aplaudido.

O auto de lançamento da primeira pedra, subscrito pelo secretário da diretoria dr. Joaquim José Vieira de Carvalho, foi lido e assinado pelas pessoas presentes. O referido auto diz o seguinte:

"Auto de lançamento da primeira pedra do colégio da Sociedade — Culto à Ciência".

"Aos 13 dias do mês de abril de 1873, nesta cidade de Campinas, no terreno sito à ~~rua~~ Alegre e pertencente à Sociedade, achando-se presentes os cinco membros da diretoria, comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, presidente; dr. Joaquim José Vieira de Carvalho, secretário; dr. Jorge Krug, tesoureiro; dr. Américo Brasiliense de Almeida Melo, adjunto de secretário, e Antônio Pompeu de Camargo, diante do grande concurso de pessoas que, espontâneamente, compareceram mao lugar, o empreiteiro das obras — Guilherme Krug entregou a pedra fundamental do edifício ao presidente e êste, acompanhado de todos os diretores, desceu ao alicerce e aí a colocou na parte sôbre que deve ficar assentada a porta principal, na frente do mesmo edifício. Terminado o ato, foi lido êste auto que, depois de assinado pela diretoria, empreiteiro e mais pessoas presentes, foi encerrado em um vaso de cristal depositado sôbre a pedra, o qual também guarda o seguinte: — uma lista nominal de todos os acionistas, um resumo histórico da fundação da sociedade, um exemplar dos estatutos, dois jornais da capital, Correio Paulistano e Diário de S. Paulo, publicados no dia 10 do corrente, a Gazeta de Campinas, de igual data, um Almanaque de Campinas e Rio Claro, para o corrente ano, a pena com que o tabelião Pontes lavrou a escritura do contrato da empreitada para a construção do edifício, uma moeda de prata de 500 réis, uma dita de 200 réis, duas de níquel, sendo uma de 100 réis e outra de 200 réis, três ditas de cobre sendo uma de 40, outra de 20 e outra

de 10 réis, duas ditas de bronze, sendo uma de 20 e outra de 10 réis e uma de ouro de 5$000.

E eu, Joaquim José Vieira de Carvalho, secretário da diretoria subscrevi êste auto. (Seguem-se as assinaturas).

O empreiteiro deu logo início à construção, a qual prosseguiu com regularidade, fazendo a entrega da casa de todo acabada no prazo contratual, no dia 15 de dezembro do mesmo ano. (O saudoso historiador campineiro, Leopoldo Amaral, escreveu em seu livro "Campinas — Recordações", que nesta fase a Associação viu-se obrigada a interromper a marcha; deve haver equívoco, pois que a interrupção se deu após a compra do terreno até o início da construção, operada três anos e meio mais tarde).

A construção do prédio e demais aprestos inerentes atingiu a setenta mil cruzeiros; havendo sido arrecadados dos sócios apenas trinta e oito mil cruzeiros, o comendador Joaquim Bonifácio do Amaral supriu com dinheiro de seu bôlso e sem juros, o restante da importância necessária.

Referindo-se ao gesto generoso do comendador Joaquim Bonifácio, escreveu o brilhante jornalista Quirino dos Santos: "O serviço que êle acaba de prestar ao nosso município, é daqueles que constituem um brasão imperecível e que as palavras não podem medir no devido alcance". Escreveu mais: "Campinas foi a primeira cidade da Província que deu um exemplo dêstes, tão nobre e tão notável".

No dia 1.o de dezembro de 1873 realizou-se a Assembléia Geral dos acionistas da Associação Culto à Ciência. A diretoria apresentou o relatório e respectivas contas, tendo sido aclamada uma comissão composta do tenente coronel José Egídio de Sousa Aranha, Antônio Manuel Proença e Bento Quirino dos Santos, para proceder ao exame e emitir seu parecer.

O secretário da diretoria, dr. Vieira de Carvalho, ofereceu um projeto para a organização administrativa e docente do colégio. Para estudar o assunto foi também aclamada uma comissão constituída pelo Barão de Três Rios, tenente coronel Antônio Carlos Pacheco e Silva, Antônio Manuel Proença, dr. Jorge de Miranda e dr. F. Quirino dos Santos.

No domingo, 21 de dezembro, reuniram-se novamente os sócios em assembléia geral, sendo aprovadas as contas apresentadas pela diretoria. Para solver o deficit proveniente da construção do edifício, o estimado gerente do Banco Mauá & Cia., Domingos Luís Neto, ofereceu a importância necessária. Os prestantes diretores drs. Vieira de Carvalho e Américo Brasiliense solicitaram exoneração de seus cargos, visto terem de se ausentar da cidade; foi-lhes consignado um voto de louvor, sendo as

vagas preenchidas pelos drs. Manuel Ferraz de Campos Sales e Cândido Ferreira da Silva Camargo.

No último domingo do ano, 28 de dezembro, reuniu-se a diretoria a fim de empossar os novos diretores drs. Campos Sales e Cândido Ferreira. Foram então eleitos o dr. Campos Sales para secretário da diretoria e dr. Cândido Ferreira para adjunto. Tratou-se, a seguir, de resolver sôbre a nomeação do diretor e abertura do colégio, ficando adiada para o dia seguinte a discussão das bases apresentadas.

No dia 29 reuniu-se novamente a diretoria da sociedade, sendo então nomeado para o cargo de diretor do colégio o professor Ferdinando Boeschentein, percebendo o ordenado anual de seis mil cruzeiros e, sob proposta dêste, o professor Daniel Uhlmann, para vice-diretor, com o vencimento anual de três mil cruzeiros.

Na mesma reunião ficou deliberado que a instalação do colégio seria realizada no dia 12 de janeiro de 1874. Dava, assim, o povo campineiro um exemplo da mais alta significação patriótica: — a organização em seu próprio meio de uma sociedade que, sem visar proventos materiais, cuidasse da formação intelectual e moral da mocidade, o grande ideal dos povos em todo tempo.

Os estatutos sociais, que haviam sido aprovados por ato do Govêrno Provincial de 23 de setembro de 1869, sofreram algumas alterações em Assembléia Geral de dezembro de 1873. Foram, no entanto, mantidos os fins essenciais da Associação: — a fundação e manutenção, em Campinas, de um estabelecimento de ensino primário e secundário, sem lucro algum pecuniário aos associados; os bens sociais e o rendimento destinar-se-iam exclusivamente em benefício da instrução; seriam admitidos gratuitamente alunos pobres; no caso de dissolução da sociedade, o patrimônio ficaria pertencendo à municipalidade de Campinas, com a obrigação de aplicar seus vencimentos em proveito da instrução. A Sociedade Culto à Ciência havia realizado um capital de Cr $86.817,78.

No dia 12 de janeiro de 1874 deu-se , como estava anunciado, o ato solene da inauguração do Colégio Culto à Ciência, no belo edifício construído pela Associação no fim da rua Alegre (atual Culto à Ciência). A solenidade correu entre grande entusiasmo e expansões de júbilo, mostrando a gente desta terra que bem sabia avaliar o significado do grande feito.

O vigário da paróquia de Santa Cruz (hoje Matriz do Carmo), padre Francisco de Abreu Sampaio procedeu, com tôdas as cerimônias do ritual católico, ao benzimento do novo edifício, percorrendo todas as salas. Concluída esta solenidade, a

diretoria do Culto à Ciência, constituída do presidente comendador Joaquim Bonifácio do Amaral (depois Visconde de Indaiatuba), secretário dr. Manuel Ferraz de Campos Sales, vice-presidente Antônio Pompeu de Camargo e drs. Jorge Krug e Cândido Ferreira da Silva Camargo tomou assento em lugar adrede preparado numa das salas de aula, que se achava repleta de famílias e cavalheiros.

Levantando-se o presidente, comendador Joaquim Bonifácio, disse que tinha a honra de declarar, tomado de maior contentamento, que estava inaugurado o Colégio Culto à Ciência. Calorosas salvas de palmas vibraram em tôda a sala.

Em seguida, o secretário dr. Campos Sales, com a sua reconhecida eloquência, proferiu o seguinte discurso, muito aplaudido:

"Senhores. Em presença do fato que hoje solenizamos, quem há que não pressinta através do futuro a grande luz, a luz que ilumina tôda a humanidade: — o progresso?

"O cidadão já não se limita a esperar do Estado aquilo que pode fazer por si e que constitui uma indeclinável necessidade sua. Os meios não faltam. Quando a vontade individual não basta, convoca-se o esfôrço comum e forma-se a associação para levantar a escola. Se isto não é tudo, pelo menos prenuncia a próxima solução do mais importante problema social, porque significa o despertar da consciência pública.

"E' já muito na verdade quando sentimos que temos sêde de instrução. E' o sintoma precursor da saúde moral dos povos. Sim, a sociedade caminha, obedece às leis do progresso e já agora vê o verdadeiro ponto de partida para os mais altos destinos no desenvolvimento da razão, na cultura do espírito, êsse centro luminoso onde reside por excelência a distinção suprema que caracterizou o ser humano — a corôa da criação.

"Atesta a história que outrora, quando em tudo e por tôda parte as aspirações do homem tinham um limite invencível na bárbara lei do privilégio, a educação intelectual de todo monopolizada era antes um luxo da classe aristocrática, do que uma necessidade dos povos.

"A escola era o apanágio exclusivo daqueles que, para garantia de supostos direitos, julgavam necessário avassalar tudo, sobrepujando o espírito, a alma, o cérebro do povo. E ao serviço dos inimigos da humanidade foi pôsto o braço prepotente do jesuitismo.

"Extirpar a ignorância era, pois, combater de um golpe a absurda desigualdade posta pelos preconceitos no seio da sociedade, que assim se achava dividida em duas classes: — uma feita para governar e outra para ser governada.

"Cabeça e braço, motor e máquina, eis como estava constituída a humanidade. Era como uma diferença de rapas.

"Mas a filosofia moderna, com a lógica inflexível dos sãos princípios, triunfa pouco a pouco do preconceito. Um instinto natural desperta no povo a necessidade de reivindicar os direitos usurpados. Trava-se luta gigantesca, opera-se a auspiciosa revolução das idéias e o choque dos interêsses opostos entre a aristocracia e a realeza, fêz que do velho feudalismo da Inglaterra, nascesse a aurora da liberdade para tôdas as nações

"E se é certo que hoje a necessidade da instrução popular é entre nós um ponto livre de controvérsia, e se é esta a verdade universalmente proclamada, cumpre, porque o momento urge, fazê-la baixar do realismo doutrinário para a realeza prática.

"Eu conheço, disse um profundo pensador, uma fôrça maior que tôdas as fôrças: — é a fôrça do espírito humano quando êle é esclarecido; e uma fraqueza, a mais incurável de tôdas as fraquezas: — é a ignorância.

"Não se espere, pois, indolente pela ação oficial. Que o povo se associe para educar o povo".

Serenadas as palmas, ocupou a tribuna o professor Ferdinando Boeschenstein que, em longas considerações sôbre as vantagens do estudo, expôs o seu programa como diretor escolhido para o colégio.

O brilhante poeta e jornalista F. Quirino dos Santos recitou uma poesia, dedicada ao seu amigo Joaquim Bonifácio do Amaral, da qual destacamos a seguinte quadra:

Oh grandes! oh pequenos! é de todos a esmola!
O espírito tem fome e em ânsias se desfaz!
Abate-se a cadeia quando se funda a escola!
E vão-se a guerra e o crime: a educação é a paz!

O dr. Vicente Maria de Paulo Lacerda produziu também bela peça oratória, sendo muito aplaudido.

Terminada a sessão inaugural, passaram os assistentes a um compartimento fronteiro, onde lhes foi servido farto lanche, sendo então levantados diversos brindes, todos correspondidos na maior efusão de júbilo.

E assim se instalou êsse templo de instrução, exemplo talvez único no país, devido à iniciativa de uma associação que não esmoreceu diante das dificuldades que sempre se apresentam para obstar aos grandes empreendimentos. Entretanto, se a diretoria muito fêz para que tomasse corpo a legítima aspiração desta terra, é de justiça salientar os nomes de Antônio Pompeu de Camargo — o idealizador, e do comendador Joaquim Bonifácio do Amaral — o realizador do monumento destinado a

ser um padrão de glória para a terra campineira: — o Colégio Culto à Ciência.

O diretor do colégio, professor Ferdinando Boeschentein, e o vice-diretor Daniel Uhlmann, que mantinham em Araraquara o Colégio Ipiranga, fizeram em data de 30 de novembro de 1873 uma publicação pela imprensa, comunicando que o mesmo seria incorporado ao novo colégio de que eram diretores.

Em reunião da diretoria de 13 de janeiro de 1874, o comendador Joaquim Bonifácio, obrigado pela necessidade de repouso para a sua saúde, apresentou o pedido de demissão, com visível pesar de todos seus companheiros. Em vista dos motivos alegados, foi atendido e substituído pelo vice-presidente Antônio Pompeu, até que em Assembléia Geral fôsse procedida a eleição.

Em fins de março dêsse ano, foi rescindido o contrato com os antigos diretores do Colégio Ipiranga, sendo então contratados para exercer o cargo de diretor do Culto à Ciência o dr. Francisco Xavier Moretzsohn, e para vice-diretor o professor João Bentley. O dr. Moretzsohn imprimiu sábia e brilhante orientação ao estabelecimento, cuja fama se espalhou logo pela Província.

Animada por tão inteligente orientação, a diretoria da Sociedade desenvolveu grande empenho no sentido de dotar o instituto de ensino com um corpo docente constituído por professôres competentes, o que foi plenamente conseguido. Eis a relação dos professores: dr. Francisco Moretzsohn, diretor: Português e alemão.

João Bentley, vice-diretor: Aritmética, álgebra, francês, inglês e geografia.

Amador Bueno Machado Florence: Latim, francês e desenho.

Henrique de Barcelos: Gramática portuguêsa.

Antônio Martins Teixeira: Primeiras letras, doutrina cristã e sistema métrico.

Leon Blazeck: Piano e ginástica.

Azarias Dias de Melo: Música.

As aulas funcionavam nas salas do 1.o pavimento, achando-se instalados no pavimento superior os dormitórios e a administração.

Os exames de fim do 1.o ano letivo iniciaram-se no dia 3 de dezembro e prosseguiram até o dia 5, havendo os alunos demonstrado grande aproveitamento, firmando a justa nomeada do diretor e do corpo docente.

Terminadas as provas de exames, a que estiveram sempre presentes os membros da Diretoria do Culto à Ciência e do Con-

JOAQUIM BONIFÁCIO DO AMARAL (depois Visconde de Indaiatuba), - o realizador do Colégio Culto à Ciência

ANTÔNIO POMPEU DE CAMARGO, - o idealizador da fundação do Colégio Culto à Ciência

selho de Instrução Pública do distrito, pronunciaram discursos cheios de inspiração o diretor dr. Moretzohn, o dr. José Bonifácio da Silva Pontes, membro daquêle Conselho, sendo ambos muito aplaudidos; o dr. Manuel Ferraz de Campos Sales, delirantemente aclamado; o dr. F. Quirino dos Santos, também aplaudido com veementes palmas.

Em seguida foi servido um delicado lanche, durante o qual ergueram-se os mais entusiásticos brindes ao diretor do estabelecimento e sua exma. senhora, à Diretoria do Culto à Ciência, ao Conselho de Instrução e ao comendador Joaquim Bonifácio do Amaral.

O colégio contava então 60 alunos internos, 10 semi-pensionistas e 14 externos. Obtiveram as melhores notas, pelo seu comportamento e aplicação, os seguintes alunos: Joaquim Floriano de Camargo Junior, Francisco de Campos Barros, José de Campos Novais, Joaquim Franco de Camargo, Rodrigo Monteiro de Barros, Antônio de Pádua Sales, Antônio Pupo Nogueira, Francisco de Assis Nogueira, Cândido Morais Bueno, Ernesto N. da Luz, Euclides Egídio de Sousa Aranha, João de B. Machado, Ladislau Leite de Barros, Artur Sampaio, Luís de Campos Sales, Luís Vitorino Moretzsohn, José Francisco Barbosa Aranha Júnior, Pedro Alcântara de Sousa Aranha, Artur Nogueira Ferraz, Francisco Ferreira de Camargo, Artur Leite de Barros, Pérsio Pacheco, Luciano Teixeira Nogueira e Bento José dos Santos.

Pelo desembaraço e rapidês com que resolveram as questões de aritmética, os alunos Pérsio Pacheco e Silva e Luciano Teixeira Nogueira mereceram uma referência elogiosa do examinador Joaquim Corrêia de Melo. Nos exames de latim, foram elogiados pelo mesmo examinador os alunos Francisco de Campos Barros, Luís de Campos Sales e Luís Vitorino Moretzsohn.

Dos alunos que estudavam música, cujas aulas eram ministradas pelo professor Azarias Dias de Melo, fizeram jus ao elogio do competente maestro José Pedro Sant'Ana Gomes, os seguintes: Joaquim Álvaro de Sousa Camargo — 1.o pistão, Artur Sampaio — 1.o clarinete, José de Campos Novais — 1.o flautin, Eduardo Pompêu — 1.o saxofone, Antônio de Pádua Sales — 1.o saxe, Euclides Egídio — trombone e Silvano Pacheco — bombardino.

Ao esforçado diretor do colégio, dr. Francisco Xavier Moretzsohn, foi dirigido um ofício de congratulações da diretoria pelo excelente resultado dos exames, assinado pelo secretário dr. Campos Sales.

O Colégio Culto à Ciência era então o único no gênero em todo o país; mereceu especial menção do Ministro do império,

conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, pelo importante serviço que estava prestando à instrução pública (ofício de 19 de setembro de 1874). — O Presidente da Província, dr. João Teodoro Xavier, teceu os melhores elogios ao estabelecimento, como se infere de suas palavras: — "Louvo êstes relevantíssimos serviços prestados especialmente à instrução até agora tão desprezada, serviços que revelam o alto grau de filantropia e espírito público dêsse município".

A 4 de março de 1875 ocorreu o falecimento do dr. Jorge Guilherme Henrique Krug, grande amigo da instrução, para o que não media sacrifícios. Aqui fundou o Colégio Florence, dirigido pela sua respeitável irmã d. Carolina Florence, e tomou parte saliente na fundação do Colégio Culto à Ciência. Falaram, à beira da sepultura, o dr. Manuel Ferraz de Campos Sales e o professor Rencheler, êste do Colégio Internacional.

A diretorio da sociedade, constituída de cidadãos cultos, reconhecendo a influência que exerce o professor na formação do espírito do aluno, bem como das linhas definidoras de sua personalidade, preocupava-se continuamente com o corpo docente do colégio. Em junho de 1876 foram admitidos o ilustrado Juiz Municipal dr. Carlos A. de Sousa Lima para lecionar aritmética e geografia, e o professor S.F. Philidory para as disciplinas de francês, latim e caligrafia.

Nos têrmos do manifesto publicado na "Gazeta de Campinas", o Colégio Culto à Ciência habilitava os alunos em tôdas as matérias exigidas para a matrícula nas academias do país, para o comércio e para a indústria. A pensão semestral era de Cr $250,00 para os alunos internos, Cr $180,00 para os semi-pensionistas e Cr $60,00 para os externos. A diretoria achava-se assim formada: Antônio Pompeu de Camargo — presidente; dr. Cândido Ferreira da Silva Camargo — vice-presidente; dr. Manuel Ferraz de Campos Sales — secretário; Bento Quirino dos Santos — tesoureiro; e Luís Antônio de Pontes Barbosa. Na direção do colégio continuava o dr. Francisco Xavier Moretzsohn.

Em novembro dêsse ano, submeteram-se às provas de exame, em S. Paulo, os seguintes alunos: Inácio de Queiroz Lacerda, Antônio de Pádua Sales, Adolfo Correia Dias, Cândido de Morais Bueno, Euclides Egídio de Sousa Aranha, Olavo Egídio de Sousa Aranha, José de Campos Novais, Luís de Campos Sales, Carlos de Meira Botelho, Júlio Cesar Ferreira de Mesquita, Joaquim Álvaro de Sousa Camargo, Alexandre Florindo Coelho, Juvenal Getnil Leite Penteado e outros. O resultado veio confirmar a excelência do ensino ministrado no colégio. Houve 12 aprovações plenas e 8 simples em português, e apenas 1 reprovado; em francês foram obtidas 12 aprovações plenas e 3 simples, e em inglês 1 plenamente e 2 aprovações simples.

Já no ano seguinte, em exames também prestados na capital da então Província, registraram-se 15 aprovações em português, 16 em francês, 14 em inglês e 3 em latim.

Por êsse tempo, o Colégio Internacional, fundado em 1870 nesta cidade e de que era diretor o professor G. Nash Morton, também muito cooperava para instruir a mocidade, enviando alunos a S. Paulo, onde demonstravam excelente preparo nos exames a que lá se submetiam.

No dia 1.o de janeiro de 1878, reuniram-se os acionistas em número de 85, no salão do Clube da Lavoura, a fim de se proceder à eleição da nova diretoria e serem examinadas as contas para sua aprovação. Aberta a assembléia, foi logo suscitada a questão se podiam ou não votar os acionistas ausentes, mediante procuração. Não tendo havido acôrdo entre os acionistas, foi aprovada a proposta apresentada pelo dr. Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra, no sentido de ser adiada por seis meses a eleição.

O dr. Francisco Xavier Moretzsohn, que desde março de 1874 vinha exercendo com grande competência o cargo de diretor do colégio, solicitou ~~em~~ data de 28 de março de 1878 a exoneração, sendo substituído pelo dr. Melquíades da Boa Morte Trigueiro, ex-professor da Escola Normal de São Paulo e de muito tirocínio no magistério.

Os dois primeiros alunos do Colégio Culto à Ciência que concluíram os preparatórios, Júlio Césas Ferreira de Mesquita e Inácio de Queirós Lacerda, matricularam-se em 1878 no 1.o ano do curso jurídico da capital.

Por êsse ano de 1878, tinha o colégio um grupo de alunos que cultivavam a arte teatral. Entre os mais entusiastas figuravam Cincinato Césas da Silva Braga, João Batista Correia Neri, José Manuel Lobo e Manuel Saturnino do Amaral, os quais levaram à cena, com retumbante êxito, um peça de França Junior — "Tipos da Atualidade".

Em novembro seguiu a turma de alunos do colégio para prestar em S. Paulo os exames de diversas matérias O resultado veio mais uma vez confirmar a excelência do ensino ministrado no Culto à Ciência, havendo alcançado as melhores notas os seguintes alunos: Antônio Cândido de Camargo: Cincinato César da Silva Braga, João Francisco Reis Jr., João Nepomuceno Nogueira da Mota, José Pinheiro de Ulhóa, Antônio Alvares Lobo, Antônio do Amaral Vieira, Artur de Freitas Albuquerque e Francisco de Paula Pinto.

No fim do ano seguinte, obtiveram os primeiros lugares nos

exames de latim, inglês, francês e português, prestados em S. Paulo, os alunos: Antônio Alvares Lobo, Adolfo Correia Dias, Francisco de Paula Pinto, Joaquim José Saraiva Junior, Tito de Sousa Rodrigues, Francisco de Assis Barros Penteado, João N. Nogueira da Mota, José Eduardo Rágio Nóbrega, João Batista Machado Junior, Manuel Saturnino do Amaral, Teotônio Elias de Paula, Abelardo Pompêu do Amaral, José Manuel Lobo, João Batista Correia Neri e Bráulio Ludgéro de Toledo, ao todo 36 aprovações e apenas 6 reprovações. Fazia parte do corpo discente Alberto dos Santos Dumont, que mais tarde tanto glorificou o Brasil.

Nos exames a que se submeteram durante os meses de fevereiro e março de 1880, conquistaram as melhores notas em retórica, filosofia, história, aritmética e geometria, os alunos: Adolfo Correia Dias, Antônio Alvares Lobo, Cincinato César da Silva Braga, Francisco de Assis Barros Penteado, Joaquim Augusto Gomide, João Nepomuceno Nogueira da Mota, Oscar Ataliba da Mota Amaral e José Manuel Lobo.

Concluíram os exames de preparatórios os alunos Adolfo Correia Dias, Antônio Alvares Lobo, José Eduardo Rágio Nóbrega, Francisco de Assis Barros Penteado, João Nepomuceno Nogueira da Mota e Tito de Sousa Rodrigues, sendo que os três primeiros matricularam-se nesse ano na Faculdade de Direito de S. Paulo.

No dia 7 de novembro de 1880, domingo, reuniram-se os acionistas da Instituição no paço da Câmara Municipal, sob a presidência de Antônio Pompêu de Camargo. Após a leitura do relatório apresentado pela diretoria, o dr. Cândido Ferreira da Silva Camargo propôs o adiamento da assembléia para o dia 14 do mês, em que se procederia à eleição dos novos diretores, o que teve o consenso dos presentes.

No referido dia, realizou-se a assembléia na sala das sessões da Câmara Municipal, sob a presidência de Antônio Pompêu de Camargo. Foi aprovado o parecer da comissão de contas, lido pelo dr. Francisco Augusto Pereira Lima.

Com a palavra, o dr. Manuel Ferraz de Campos Sales expôs, em nome da diretoria, os fatos mais importante srelativamente aos negócios da Associação, declarando que o deficit podia ser considerado extinto, em virtude do animador acolhimento que tivera uma subscrição destinada a saldar a dívida existente. Fêz o histórico da marcha administrativa do estabelecimento desde a sua fundação, tecendo elogios ao diretor dr. Melquíades Trigueiro.

Em seguida, o dr. Luís Silvério Alves Cruz propôs um voto de louvor a todos que haviam concorrido em benefício da casa de ensino. A nova diretoria, então eleita, foi a seguinte: drs. Cândido Ferreira da Silva Camargo, Francisco Augusto Pereira Lima, Carlos Noberto de Sousa Aranha e Jorge de Miranda, e mais Álvaro Xavier de Camargo Andrade. Apurada a eleição, falou o dr. Cândido Ferreira em nome da diretoria, sendo a mesma imediatamente empossada.

Encerrava-se, assim, de modo auspicioso para o Colégio Culto à Ciência, o ano de 1880, que fechou um decênio tão fértil em iniciativas particulares, levantando um florão de legítimo orgulho para os filhos de Campinas. Em 1870 é fundado o Clube Semanal com o patrimônio de Cr $26.750,00; em 1872 organiza-se a Companhia Campineira de iluminação a gás, com o capital de Cr $396.000,00; em 12 de janeiro de 1874 é inaugurado o Colégio Culto à Ciência; em 15 de agosto de 1876 inaugura-se a Santa Casa de Misericórdia, cujas obras custaram Cr $..... 284.267,00; em 1878 é construido o Hospital de Morféticos, com subscrição popular que atingiu a Cr $15.000,00, e ainda fundado o Hipódromo Campineiro com o capital de Cr $40.000,00. Tantas iniciativas arrancaram do grande filho desta terra, Campos Sales, a entusiástica interrogação: "Qual o município que mais tenha feito?".

Em março de 1881 concluiram o curso de preparatórios os alunos Antônio do Amaral Vieira, José Manuel Lobo e Joaquim Augusto Rágio Nóbrega, que ficaram habilitados à matrícula no 1.o ano da Faculdade de Direito.

Exercia então o cargo de diretor do Colégio Culto à Ciência o dr. Alfredo Augusto Campos da Paz, espírito culto e de rija têmpera moral, que por motivo de moléstia teve de exonerar-se, havendo deixado de sua breve direção no educandário campineiro o traço indelével de um caráter inflexível no cumprimento do dever. Faleceu no Rio de Janeiro a 26 de janeiro de 1883.

O ensino de ciências naturais, ministrado pelo emérito educador dr. João Kopke, ressentia-se da falta de aparelhos para a parte experimental; a montagem do gabinete de físita fêz-se em janeiro de 1882, com aparelhos que foram encomendados nos Estados Unidos da América do Norte.

Achava-se na direção do estabelecimento o dr. Isidoro de Pinho, que aproveitou o período de férias dêsse ano para proceder à pintura geral do prédio, reforma do mobiliário escolar e serviço de drenagem na chácara. Elaborou também o regimento interno, organizou o programa de ensino e incentivou a realização de conferências sôbre questões de maior relevância no ensino.

Debaixo do mesmo incentivo, resolveram os alunos formar

uma associação, que deveria publicar um pequeno hebdomadário, "Aliança", e cuja diretoria foi a seguinte: dr. Isidoro de Pinho — presidente honorário; Alberto Sarmento — presidente; Teodolindo Lima — vice-presidente; Edgardo Ferreira — 1.o secretário; Joaquim Gabriel — 2.o secretário; José la Farina — procurador e Manuel de Castro — tesoureiro e orador.

Em outubro de 1882 deixou o cargo de professor do Culto à Ciência o ilustre escritor Júlio Ribeiro, que foi fundar um colégio em Capivarí. Para as cadeiras vagas foram contratados o padre dr. Fergo Dauntre para reger as cadeiras de latim e retórica, e o dr. João Alberto de Sales para francês e filosofia.

A Assembléia Geral realizada no dia 25 de dezembro dêsse ano, convocada para eleição da diretoria, tomou um aspeto grave, produzindo uma impressão desfavorável aos velhos propugnadores do Colégio Culto à Ciência. A Associação, fundada havia um pouco mais de um decênio, visando um tão alevantado fim, parecia que caminhava para o aniquilamento com a desagregação de seus elementos constitutivos. A mudança frequente de diretores do colégio deveria também concorrer para o declínio do estabelecimento, às voltas com a instabilidade administrativa.

A nova diretoria, que recebeu o colégio em situação pouco animadora e ficara com o encargo de reerguê-lo para o bom nome desta terra, ficou assim constituida: Major João Martins de Azevedo, Francisco Glicério, Elisiário Ferreira de Camargo Andrade, Major Carlos Egídio de Sousa Aranha e João Manuel Alves Bueno.

Dois dias depois, os diretores Elisiário Ferreira de Camargo Andrade e Francisco Glicério, na qualidade de únicos membros da diretoria recém-eleita, convocaram pela imprensa todos os sócios efetivos para uma Assembléia Geral no dia 31, em que se trataria, além da discussão a aprovação das contas da administração anterior, do fechamento ou continuação do colégio.

Realizou-se a Assembléia no dia marcado, ficando resolvido que a casa de ensino fundada pelos campineiros não podia fechar-se. A diretoria então eleita foi a seguinte: dr. Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra — presidente; João Manuel Alves Bueno — vice-presidente; Francisco Glicério — 1.o secretário; Luiz Quirino dos Santos — 2.o secretário, e José de França Camargo — tesoureiro. Ficou como diretor interino do colégio o professor Joaquim de Toledo.

O estabelecimento que tantos benefícios havia prestado ao desenvolvimento intelectual da mocidade paulista, esteve pois, na eminência de encerrar sua atividade.

Felizmente, para o bom nome desta terra, a nova diretoria imprimiu-lhe grande alento, graças a medidas acertadas que logo adotou. Recebendo o educandário com 9 ou 10 alunos apenas, já contava no início da segunda quinzena do mês de janeiro com 57 alunos, aguardando para breve a entrada de mais dez.

Ficou assim garantida a continuação dessa casa de ensino, testemunho eloquente da iniciativa particular e do desprendimento dos antigos campineiros.

Para exercer o cargo de diretor efetivo foi convidado o dr. José Nápoles Teles de Meneses, conhecido educador que já fôra diretor de um colégio na capital do país, tendo chegado a Campinas a 3 de fevereiro e se instalara no próprio colégio.

Pelo boletim publicado em 21 de abril de 1883, assinado pelo novo diretor, obtiveram notas ótimas em português — Bento Pereira Bueno, em latim — Otávio Mendes, em geometria — Antônio Pinto e Miguel Penteado, em aritmética — Antônio Pinto, Miguel Penteado, Clodomiro Franco, Bento Bueno, Cândido Egídio, Felix Bocaiuva, Francisco da Costa Carvalho e outros.

Faziam parte do corpo docente os professores dr. João Alberto Sales, Henrique de Barcelos, dr. Gabriel Dias da Silva, Joaquim Toledo, Antônio Mercado, Bacelwits, João Vieira de Almeida e Augusto Pegelow.

A instituição "Culto à Ciência" nunca se encontrou em situação folgada pelo lado financeiro; recebendo alunos pobres que não contribuiam nem se quer com a taxa de matrícula, cobrando prestações módicas de outros, era natural tivesse suas fases deficitárias.

Foi numa dessas fases que os alunos da Escola Sociedade Luiz de Camões, ao impulso de nobre solidariedade, levaram a 8 de junho de 1883, no Teatro São Carlos, a peça — O gato de botas, em benefício do Culto à Ciência. A hora marcada para início do espetáculo, já se achava literalmente cheio o teatro.

De um camarote, o aluno do colégio beneficiado, João Coutinho de Lima, proferiu entusiástico discurso alusivo à festividade. O diretor dr. Teles de Menezes leu uma brilhante oração, fazendo o histórico da benemérita Associação Culto à Ciência, em que recordava os seus abnegados fundadores. Rematou o espetáculo a comédia — "Os alunos do sr. Pantaleão", cujo desempenho muito agradou a todos.

Os alunos do Culto à Ciência organizaram por êsse tempo um Clube Atlético, o qual levou a efeito em 14 de outubro dêsse ano um interessante certame esportivo no terreno do colégio.

No mês de novembro, como vinha sucedendo todos os anos, os alunos mais adiantados submeteram-se aos exames em São Paulo. Houve 32 aprovações nas diversas matérias, alcançan-

do a melhor classificação, entre outros, os seguintes alunos: Abelardo de Cerqueira Cesar, Antônio Francisco de Paula Sousa, Luís Augusto de Queirós Aranha, Otaviano de Sousa Bueno, Felix Bocaiuva e João Custódio da Costa Carvalho. O resultado excedeu a expectativa, atendendo-se a que as aulas se iniciaram nêsse ano no mês de abril e diversos alunos ingressaram com atraso.

Foi comemorado a 12 de janeiro de 1884 o primeiro decenário da fundação do Colégio Culto à Ciência. A primeira página da Gazeta de Campinas dêsse dia traz diversos artigos alusivos à data, assinados por Carlos Ferreira, Alberto Sales, Otávio Mendes, dr. Gabriel Dias da Silva, Alípio Teles, João Vieira de Almeida e Antônio Maria da Silva, sendo êstes quatro últimos professôres do estabelecimento.

Escreveu Carlos Ferreira: "O Colégio Culto à Ciência é um dos primeiros estabelecimentos de ensino do império, considerado sob todos os pontos de vista". O professor João Vieira de Almeida disse: "O Culto à Ciência tem sido o fator mais poderoso do adiantamento de nosso povo".

O diretor dr. Teles de Meneses, em bem lançado artigo, procurou ligar a data que se comemorava ao nome de Jorge Krug — um dos fundadores do estabelecimento, grande animador das questões relativas à instrução.

Uma comissão de alunos, constituida por José Pinheiro de Ulhoa, Manuel da R. Castro, Augusto Bueno, Otaviano Bueno, Francisco da Costa Carvalho, Joaquim Egídio de Sousa Aranha e Cândido Egídio de Sousa Aranha dirigiu um manifesto, publicado no referido jornal do dia, ao Presidente e membros da Diretoria do Colégio Culto à Ciência.

Os alunos que formavam o Clube Atlético comemoraram no domingo, dia 13 a passagem do 1.o decenário, com jogos e corridas que tiveram extraordinária animação. Nesse dia foram colocados em uma das salas principais do colégio os retratos dos fundadores Joaquim Bonifácio do Amaral (Visconde de Indaiatuba) e dr. Jorge Guilherme Henrique Krug.

Nesse ano de 1883 fechou a matrícula com 112 alunos.

Por motivo de conveniência à boa disciplina e aplicação, resolveu a Diretoria em fevereiro de 1884 que seriam admitidos sómente alunos internos, sendo entretanto permitido que continuassem durante êsse ano os alunos de outras categorias que já se achavam matriculados.

Na tarde de 14 de março de 1884 faleceu em Campinas o estimado cidadão de nobre estirpe, Antônio Pompeu de Camargo, que tanto contribuira para o progresso de sua terra e cujas qualidades de caráter íntegro eram por todos admiradas. Era

a personificação da bondade e do desinterêsse, e dêle escreveu Francisco Glicério: "E' um patrício cujo nome e cuja constituição moral devem ser invocados, sempre que as tormentas das más horas sociais passarem rugindo sôbre nossas cabeças". Os funerais realizaram-se no dia imediato, sendo o féretro carregado da casa do ilustre extinto até a igreja pela diretoria do Colégio Culto à Ciência, do qual fôra o idealizador e de cuja diretoria fizera parte.

Em data de 20 de maio de 1884 solicitou e obteve demissão do cargo de diretor do colégio o dr. José de Nápoles Teles de Meneses, que se retirou para São Paulo. Foi nomeado para substituí-lo o dr. Amador Bueno Machado Florence, escritor e orador brilhante, que imprimiu excelente direção ao estabelecimento.

II — REFORMA DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO CULTO À CIÊNCIA. DIREÇÃO DE JORGE MIRANDA E HIPÓLITO PUJOL. DISSOLUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

A Associação Culto à Ciência vinha sendo regida pelos estatutos que datavam da época de sua fundação, convindo reformá-los em alguns pontos para que se adaptassem melhor às conveniências que se manifestaram posteriormente. Para êsse fim, foi convocada uma Assembléia Geral dos membros pertencentes à referida Associação, que se realizou a 1.o de junho de 1884.

Expostos os fins da reunião, ficou nomeada uma comissão composta do dr. Francisco da Costa Carvalho, dr. Manuel Ferraz de Campos Sales, major Carlos Egídio de Sousa Aranha e capitão Francisco Alves de Almeida Sales para examinar e emitir parecer sôbre o projeto de reforma apresentado pela diretoria. Para a discussão dessa reforma foi convocada outra Assembléia Geral para o dia 8 do mês, a qual se realizou porém no dia 21 na sala da Câmara Municipal, sendo aprovados sem emendas os novos estatutos.

Constava de 52 artigos em 8 capítulos e levava a assinatura dos diretores dr. Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra, João Manuel Alves Bueno, José de França Camargo, Luís Quirino dos Santos e Francisco Glicério. Os principais artigos são os seguintes: Art. 1.o — A Sociedade "Culto à Ciência", fundada pelos estatutos aprovados pelo Govêrno Provincial em 23 de setembro de 1869, com sede nesta cidade de Campinas, fica constituída sob a forma de anônimo e continua a ter por fim manter e dirigir um colégio de instrução primária e secundária, promovendo a educação de alunos do sexo masculino. Art. 2.o — A

Sociedade não tem direito à distribuição de dividendos ou quaisquer outros lucros pecuniários. Art. 4.o — O capital social será de Cr $110.867,43, quantia esta correspondente à primeira tomada de ações, donativos e empréstimos feitos.

O capítulo II trata das atribuições da diretoria, constituida de 5 membros eleitos de 2 em 2 anos. A Assembléia Geral ordinária deveria reunir-se anualmente no 2.o domingo do mês de fevereiro. Art. 31 — No colégio se receberão alunos internos, pensionistas, meio pensionistas e externos, mediante as taxas e pensões que foram marcadas pela diretoria. O colégio poderá receber alunos gratuitamente, sendo pobres, a juizo da diretoria. No caso de dissolução da Sociedade, ficará o patrimônio pertencendo à municipalidade de Campinas, para fins exclusivamente da instrução.

Ocorreu a 6 de novembro de 1884 o falecimento do prestante cidadão, Joaquim Bonifácio de Amaral (Visconde de Indaiatuba) — o realizador da nobre iniciativa ideada por seu cunhado Antônio Pompeu de Camargo. Era uma individualidade que reunia a uma energia máscula grande distinção de maneiras e moral inflexível. Foi chefe do partido liberal, abastado e inteligente agricultor em Campinas, onde introduziu o braço livre a partir de 1852.

Em 6 de abril de 1885 reabriram-se as aulas do instituto campineiro, tendo sido muito auspicioso o resultado obtido pelos alunos em exames de diversas matérias, e prestados em os meses de fevereiro e março dêsse ano, perante o curso anexo à Faculdade de Direito de S. Paulo. Fizeram-se 32 exames com 27 aprovações, o que era uma comprovação dos bons métodos de ensino e do valor do corpo docente.

Conquistaram os primeiros lugares nesses exames os alunos Bento Bueno, Miguel Penteado, Elpídio de Queirós, Carlos Viana, Joaquim de Almeida, Antônio de Morais, Manuel de Castro e Alberto Sarmento.

No dia 2 de dezembro de 1885 deixou a direção do colégio, para cujo nome não media sacrifícios, o dr. Amador Florence, que continuou a residir em Campinas, de cuja Câmara Municipal era o presidente. Assumiram interinamente a direção do estabelecimento de ensino os professores J.P. de Ulhoa e Luís Drouet, até que em 21 dêsse mês veio ocupar o cargo do diretor o dr. Jorge de Miranda, homem de grande descortino e que já havia prestado bons serviços ao Culto à Ciência.

O dr. Jorge de Miranda era advogado de banca rendosa; deixou a advocacia para dedicar-se à causa da instrução. A acertada orientação que desde o início soube imprimir à casa de ensino, produziu os melhores resultados, tendo aumentado

em alguns meses o número de alunos de 25 para mais de 60.

Com o consequente acréscimo da receita, a situação financeira do estabelecimento, que foi quase sempre precária, tendia a normalizar-se. A pensão anual era de Cr $400,00 e a jóia de entrada (dispensada para os alunos de fora da então Província) era de cinquenta cruzeiros.

No mês de julho reuniu-se ao corpo docente o cônego Cipião Ferreira Goulart Junqueira, para ministrar as aulas de catecismo, matéria esta que fazia parte do programa adotado pelo colégio.

A fim de despertar o estímulo entre os alunos, continuou a ser publicado na imprensa local o boletim contendo a relação nominal dos alunos que obtinham notas ótimas em suas lições e dos que não haviam comparecido às aulas.

No comêço do ano letivo de 1886 os alunos fundaram uma associação literária denominada "Clube Jorge de Miranda", cuja diretoria era: Joaquim Cândido de Oliveira — presidente; Alfredo de Campos Sales — vice-presidente; Luís Quirino dos Santos Jr. — secretário; Rafael Sampaio Vidal — orador; Antônio Gonçalves — tesoureiro.

No dia 7 de setembro, os alunos dessa associação promoveram a solene inauguração da novel agremiação estudantina. A frente do estabelecimento achava-se artisticamente ornamentada, apresentando belo aspeto. Realizou-se uma sessão literária presidida pelo diretor dr. Jorge de Miranda, ladeado pelo secretário Plauto Barreto e pelo orador Rafael Sampaio Vidal.

Aberta a sessão pelo presidente, os alunos cantaram com muito entusiasmo um hino, letra do falecido poeta e jornalista dr. Francisco Quirino dos Santos e música do maestro Azarias. Além do diretor, produziram vibrantes discursos os alunos Rafael Sampaio Vidal, José Joaquim Monteiro, João Coutinho, Múcio Pompeu, Joaquim Cândido e o menino Artur Barbosa.

O aluno Lafaiate Egídio fêz uma saudação ao diretor, revelando seu aproveitamento nos estudos; Lotário Pinto frisou com precisão a incúria que então havia sôbre a instrução, e Bernardo de Sousa Campos discorreu sôbre o mesmo assunto com grande firmeza de idéias. Após a sessão houve um animado baile que se prolongou até a madrugada.

Em 28 de outubro de 1886 o monarca D. Pedro II, que se achava em Campinas, fêz uma visita ao Colégio Culto à Ciência, colhendo excelente impressão de tudo que observou e louvando o corpo docente pelo aproveitamento verificado entre diversos alunos por êle arguidos em diversas matérias. O colégio era então frequentado por 130 alunos entre internos e externos, dos quais 30 eram gratuitos. Havia o imposto municipal de

Cr $0,01 (dez réis) sôbre açougues, o qual revertia em benefício dessa casa de ensino.

Nos exames prestados perante o curso anexo à Faculdade de Direito da capital, nos primeiros dias do mês de dezembro, foram aprovados os seguintes alunos: José Joaquim Monteiro, Alfredo de Campos Sales, João Coutinho, Gabriel Oliveira, Augusto Lamaneres, Joaquim Almeida Luís Branco, Rafael Sampaio Vidal, Luís Quirino dos Santos Jr., Joaquim Alves de Almeida Sales, tendo concluido os preparatórios o aluno Abelardo Cerqueira.

Na segunda quinzena de outubro de 1887 o diretor dr. Jorge de Miranda enviou uma circular aos pais dos alunos, comunicando que nos dias 30 dêsse mês e 1.o de novembro haveria no colégio provas de habilitação para os alunos que pretendiam fazer exames de preparatórios em São Paulo, e que somente os que fôssem aprovados naquelas provas teriam atestado do colégio. As bancas de exames de habilitação realizados no Culto à Ciência eram constituidas dos professores dr. Estevão de Almeida, Henrique de Barcelos, Miguel Alves Feitosa, José Peters, Horácio Serosoppi, revdo. Eduardo Lane, dr. Amador Florence, dr. José de Campos e alguns outros. Os exames foram de português, francês, inglês, latim, geografia, história, aritmética e geometria, tendo havido 18 aprovações com distinção e 23 plenamente.

Nos dias 28 e 29 de novembro realizaram-se os exames de promoção. Do curso primário passaram para o intermediário os alunos: João Paulino da Costa, José Francisco da Costa, Celso Pompeu do Amaral, Raul Branco, João Carvalho, Euclides Cintra e Fausto Azevedo. Para o curso secundário foram promovidos 41 alunos. Findos os exames, foi servido aos alunos um lauto jantar, em que foram feitos diversos brindes dos alunos ao diretor do colégio e aos professôres, a que respondeu agradecendo o dr. Jorge de Miranda. À tarde houve exercícios e corridas, e em seguida a distribuição de prêmios aos alunos que mais se haviam distinguido nos exames, finalizando tudo com um concêrto musical sob a direção do proveto professor dr. Ferreira Pena.

Foi ótimo o resultado geral dos exames prestados na capital, em dezembro de 1887, porquanto não houve nenhuma reprovação. Distinguiram-se nesses exames pela quantidade de matérias a que se submeteram os alunos Domingos Guaicurú Sampaio Ferraz, Carlos Alberto Viana, João César Bueno Bierrenbach, João C. de Andrade Lima, Mariano de Almeida Leite e Silva, Mário de Morais Sales, Armando dos Santos Dias, Alfredo de Campos Sales, Vergniaud Neger, Luís Quirino dos

Santos Jr. e Eduardo P. Westin, sendo que estes dois últimos concluiram o curso de preparatórios.

A situação financeira do colégio continuava precária, pelo que o Govêrno Provincial mandou entregar à direção a verba de cinco mil cruzeiros como auxílio. Durante o ano circulou o periódico mensal "Culto à Ciência", órgão da agremiação dos alunos.

No último dia do mês de outubro, encerraram-se as provas de habilitação dos candidatos a exames parcelados em S. Paulo, que constavam de 11 matérias, conforme regulamento então em vigor. Em sinal de reconhecimento para com seus mestres, os alunos ofertaram valiosos objetos de escritório aos professores drs. Pupo e Lacerda.

Os exames de promoção efetuaram-se nos dias 29 e 30 de novembro dêsse ano de 1888, sendo a banca examinadora composta dos professôres Manuel Jansênio Tolentino, Abelardo Cerqueira e dr. Brás Arruda. O presidente do Conselho Municipal de instrução pública, dr. João de Castro Prado, assistiu a essas provas, em que os alunos revelaram muito adiantamento. Foram promovidos 20 alunos para o curso secundário e 14 para o intermediário.

Nos exames realizados no curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo, foram, entre outros, aprovados os seguintes alunos: Otacílio Caiubí, João Batista Barbosa Ferraz, João Paulino Pinto, Eliseu de Queirós Teles, Herculano de Andrade Couto, Antônio Barbosa Ferraz Neto, João Cesar B. Bierrenbach, João Coutinho de Lima, Domingos Guaiucurú de Sampaio Ferraz, Luís Branco, Sócrates Fernandes de Oliveira, J. Paulino Pinto, João Quevedo e José Batista Coelho.

Em consequência de pertináz moléstia em pessoa da família, o dr. Jorge de Miranda, que desde 21 de dezembro de 1885 vinha exercendo sàbiamente e com extrema dedicação o cargo de diretor, apresentou seu pedido de demissão, sendo substituido pelo conceituado educador professor Hipólito Gustavo Pujol, que assumiu o pôsto em 18 de dezembro de 1888.

O novo diretor já contava com um longo tirocínio na direção de estabelecimentos de ensino, e possuia conhecimentos especializados de pedagogia moderna. Logo de início, sugeriu à diretoria da associação o plano de serem ministradas noções gerais de agronomia, com aplicações práticas, aos alunos que não pretendiam seguir os cursos superiores; contava para êste fim com a valiosa colaboração do dr. Francisco G. Dafert, diretor da Estação Agronômica, hoje Instituto Agronômico do Estado.

O professor Hipólito Pujol tratou logo da reforma dos estatutos, que foram publicados em data de 21 de dezembro, con-

násio de Campinas fôsse o guarda zeloso das tradições do extinto Culto à Ciência.

Em sessão da Congregação realizada a 2 de julho, foi apresentada uma representação assinada pelos lentes para que o Diretor oficiasse novamente ao Govêrno do Estado, comunicando que o corpo docente era inteiramente solidário com a Diretoria sôbre a conveniência de serem logo feitas no estabelecimento as reformas propostas para maior eficiência do ensino e que, em nome da Congregação, se congratulasse com o mesmo Govêrno pela resolução tomada no sentido de ser autorizado o funcionamento das aulas.

Os drs. Manuel Vieira Batista e Abílio Álvaro Miller, nomeados respectivamente para os cargos de lentes interinos de inglês e alemão e de história geral, em 6 de julho dêsse ano de 1897, bem assim o dr. Olímpio da Silva Leão, nomeado também interinamente para a cadeira de aritmética, álgebra e geometria, em 4 de março, na vaga deixada pelo dr. Luís Gambeta Sarmento, que não chegou a tomar posse, foram empossados em seus cargos perante a Congregação reunida a 17 de julho, sendo saudados pelo professor Henrique de Barcelos.

Para o ensino de desenho foi contratado em 20 dêsse mês de julho o professor José Vilagelin Jr., e para ginástica o professor Cornélio Gasperini Vianello. Ficou então o primeiro corpo docente do Ginásio de Campinas constituido pelos seguintes professôres: Henrique de Barcelos, dr. Mário Bulcão, dr. Eduardo Gê Badaró, dr. Gustavo Enge, dr. Olímpio da Silva Leão, dr. Manuel Vieira Batista, dr. Abílio Álvaro Miller, José Vilagelin Júnior e Cornélio Gasperini Vianello.

Não obstante haver candidatos habilitados ao 3.o ano, o Govêrno hesitava em autorizar o funcionamento dessa classe. Sómente a 13 de junho foram abertas as matrículas, iniciando-se as aulas no mês de agôsto. A ordem dos alunos matriculados no 3.o ano, em 1897, foi a seguinte: Alfredo Monteiro de Cavalho e Silva, Alberto Pinto de Morais, Oscar de Morais, Firmínio Tamandaré de Toledo Jr., João Ribas d'Ávila, Alberto Gomes Pinto, José Bonifácio de Almeida Sales, Heitor Sarmento, José da Silva Pinto e Anibal Vieira Bueno, ao todo 10 alunos, dos quais devia sair a primeira e luzida turma de bacharéis em ciências e letras.

A instalação tão almejada do 3.o ano do curso ginasial fôra solenemente celebrada pelos alunos, principalmente dessa série, no dia 4 de agôsto. Às 19 horas já era grande a afluência de pessoas ao edifício do Ginásio, artisticamente ornamentado com bandeiras e festões que sobressaiam da farta iluminação.

Às 20 horas, foi aberta a sessão pelo diretor dr. Mário Bul-

ção, que deu a palavra ao aluno Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva para, em nome dos terceiranistas, saudar o corpo docente do Ginásio; respondeu o lente dr. Abílio Álvaro Miller. Falou em seguida o aluno Camilo Machado, em nome do 2.o ano, saudando seus colegas do 3.o ano e os professôres; respondeu o lente dr. Gustavo Enge. O aluno Jorge Nogueira Ferraz falou em nome dos alunos do 1.o ano, respondendo o professor Henrique de Barcelos.

O aluno Alfredo Monteiro retomou a palavra para saudar a imprensa, respondendo o dr. César Bierrenbach e o professor José Vilagelin. O aluno Orlando de Carvalho fez uma saudação às autoridades presentes, seguindo-se o aluno Jaime de Morais Sales que saudou o Grupo Escolar, na pessoa de seu diretor professor Cristiano Volkart, que agradeceu. O dr. Álvaro Miller saudou a Câmara Municipal. O professor Henrique de Barcelos fêz ainda uma saudação ao dr. Mário Bulcão, como representante do Govêrno e como um dos mais esforçados pugnadores para o funcionamento do Ginásio.

Tantos discursos, todos calorosamente aplaudidos, demonstram bem o entusiasmo dessa festa.

Por fim, o Diretor agradeceu a presença de todos que vieram abrilhantar a reunião, avisando que ia iniciar-se a parte musical, que foi executada com grande agrado pelos distintos amadores: João Batista de Castro Ferraz (bandolin), Raul Gárin (violino) e José Braghetto (piano). Seguiu-se animado baile que se prolongou até a madrugada.

Alguns dias depois, em 13 dêsse mês, distinguia o Ginásio com sua honrosa visita o Arcebispo D. Joaquim Arcoverde, que foi recebido pela Congregação do estabelecimento e saudado pelo talentoso aluno Alfredo Monteiro.

Para completar o quadro de contínuos foi designado o cidadão Antônio Ferreira da Costa, em data de 29 de outubro de 1897, exercendo com desvêlo o cargo até 19 de setembro de 1922, quando se transferiu para a Escola Normal de Campinas, como bibliotecário.

A data 15 de novembro foi festivamente comemorada pelos alunos, que nesse dia fizeram a inauguração solene do "Clube Cesário Mota"; produziram discursos o Diretor e diversos alunos.

O corpo docente, administrativo e os alunos solenizaram com brilhantismo o 1.o aniversário da instalação do Ginásio. Ao meio dia foi aberta a sessão solene do "Clube Cesário Mota", orando o aluno João Ribas d'Ávila que saudou a Congregação. A seguir, assumiram a tribuna os alunos Jaime de Morais Sales, Carlos Olinto Braga e Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva,

pelo 3.o ano; Laurival de Queirôs, pelo 2.o; alguns outros recitaram trechos literários, sendo todos aplaudidos pela numerosa assistência.

Ocupou depois a tribuna o lente dr. Gustavo Enge, que produziu um discurso muito conceituoso sôbre o aperfeiçoamento humano. Falaram ainda o dr. Álvaro Miller e o Diretor. Seguiu-se um concêrto musical e por fim animado baile.

Os poucos meses do 1.o ano de funcionamento do Ginásio assinalaram, pois, festas memoráveis promovidas pelos alunos, cujos programas primavam pelo caráter literário e artístico.

O encerramento das aulas ficou adiado para 28 de janeiro de 1898. Nesse dia, o Diretor promoveu uma sessão de professôres e alunos, congratulando-se com êstes pelo bom resultado de seus estudos e pela disciplina com que se houveram, terminando por agradecer aos lentes a colaboração recebida para elevar o estabelecimento no alto conceito que merece. Em seguida, o aluno Alfredo Monteiro fêz um discurso de agradecimento aos professôres, respondendo o dr. Gustavo Enge. O professor Henrique de Barcelos também se congratulou com a mocidade estudiosa e agradeceu, em nome de seus colegas, o diploma de sócios honorários que lhes havia conferido o "Clube Cesário Mota".

No dia seguinte, reuniu-se a Congregação do Ginásio para tratar da classificação dos alunos, cuja promoção se fizera obedecendo à frequência e à média das notas obtidas nos meses letivos. As férias deviam prolongar-se até 30 de abril, reabrindo-se os cursos em 1.o de maio.

O dr. Mário Bulcão, que vinha exercendo com grande zêlo e competência a direção do estabelecimento de ensino, e havia regido interinamente a cadeira de francês e italiano, fazendo sempre jus à estima de todos os professôres, foi nomeado, por decreto de 8 de fevereiro de 1898, para exercer o honroso pôsto de Diretor Geral do ensino público do Estado. Sucedeu-lhe o professor Henrique de Barcelos, nomeado diretor interino em 8 dêsse mês, sendo empossado em reunião da Congregação realizada a 17 do referido mês. Ao professor Barcelos que era também brilhante escritor, foi tributada uma homenagem em que discursaram os drs. César Bierrenbach e Álvaro Miller.

Para as cadeiras de física, química e história natural, foi nomeado em caráter interino, a 26 de fevereiro de 1898, o dr. José Pinto de Moura, que tomou posse perante a Congregação em 2 de março. Para o lugar de preparador dessas cadeiras, foi então nomeado o farmacêutico Eugênio Bulcão, e para exercer o cargo de lente interino de francês e italiano, na vaga deixada

pelo ex-diretor dr. Mário Bulcão, designado o professor Rodolfo Noronha, em 29 de abril de 1898.

No período de férias, circulou o 1.o número do "Ginásio de Campinas", órgão do Clube "Cesário Mota", trazendo excelente colaboração de professôres e alunos.

Em 19 de abril eram publicados editais, subscritos pelo amanuense, servindo de secretário, Baltasar Carneiro, sôbre a realização dos exames de admissão ao 1.o ano e de suficiência para os anos superiores do estabelecimento. Os exames tiveram início no dia 25 e se prolongaram até a segunda semana de maio, reabrindo-se as aulas no dia 16.

No ano letivo de 1898, matricularam-se 18 alunos no 1.o ano, sendo o primeiro matriculado o aluno repetente Luiz Nogueira Neto; no 2.o ano matricularam-se 17 alunos, sendo Luís Faber o primeiro matriculado.

A primeira turma do 4.o ano, cuja matrícula se iniciou em 15 de abril de 1898, era formada dos alunos seguintes: Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, Jaime de Morais Sales, José da Silva Pinto, Alberto Pinto de Morais, Firmino Tamandaré de Toledoo Jr., Anibal Vieira Bueno, Oscar de Morais, João Ribas d'Ávila, José Bonifácio de Almeida Sales, Carlos Olinto Braga e Gustavo Armbrust.

Por decreto de 21 de junho de 1898, foi dispensado a pedido, o dr. Olímpio da Silva Leão da regência interina da cadeira de mecânica e astronomia, sendo nomeado o dr. José Ribeiro da Silva Pirajá para preencher o cargo.

Comemorando o seu primeiro aniversário e a gloriosa data da proclamação da República, o Clube "Cesário Mota" realizou em 15 de novembro dêsse ano uma sessão solene, que foi aberta pelo presidente do grêmio, Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, que convidou o diretor Henrique de Barcelos para ocupar a presidência. Discursaram durante a sessão os seguintes alunos: Carlos Olinto Braga, João Ribas d'Ávila, Luís Maragliano, José Bustamante de Sá, Alfredo Monteiro, Laurival de Queirós, Francisco Próspero de Oliveira, e os lentes drs. Abílio Álvaro Miller, Gustavo Enge e João von Atzingen.

Foi também solenemente comemorado o 2.o aniversário de instalação do Ginásio, no dia 4 de dezembro. O edifício achava-se belamente ornamentado, produzindo o conjunto das diversas decorações, feitas pelos alunos, um aspeto deslumbrante. Às 20 horas, depois de eloquente oração pronunciada pelo lente de história universal, dr. Álvaro Miller, deu-se início ao concêrto musical, em que tomara mparte os professôres: J. Braghetto e D. Steudel, Henrique Armbrust, a professora Perpétua Duarte e as senhorinhas Ermínia Faber, Zini Nogueira e Violante de

Barcelos. Seguiu-se uma soirée dansante que se prolongou até o raiar do dia.

O professor Henrique de Barcelos, que em 8 de fevereiro de 1898, fôra nomeado para exercer em caráter interino a direção do estabelecimento, havendo tomado posse a 2 de março, foi por ato do Govêrno de 19 de dezembro dêsse ano, nomeado diretor efetivo. Por êsse motivo, os professôres e alunos do Ginásio prestaram-lhe uma significativa manifestação.

De 20 a 30 de abril de 1899 realizaram-se os exames de suficiência aos diversos anos, reabrindo-se as aulas no dia 2 de maio, no período da manhã. Matricularam-se no 1.o ano 18 alunos, pertencendo ao aluno Domingos de Araujo a matrícula n.o 1; no 2.o ano, matricularam-se apenas 12 alunos.

A primeira turma de alunos matriculados no 5.o ano, que começou a funcionar em 1899, era a seguinte: Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, Jaime de Morais Sales, Firmino Tamandaré de Toledo Jr., Alberto Pinto de Morais, José Bonifácio de Almeida Sales, José da Silva Pinto, Carlos Olinto Braga, João Ribas d'Ávila, Gustavo Armbrust e Oscar Morais.

O 3.o ano de instalação do Ginásio foi festivamente comemorado a 2 de dezembro de 1899. Às 19 horas realizou-se a sessão solene na sala da Congregação, presidida pelo diretor Henrique de Barcelos. Aberta a sessão, foi dada a palavra ao orador da solenidade professor Rodolfo Noronha, que fêz uma brilhante exposição das festas na antiguidade, na idade média e na idade contemporânea, estabelecendo um paralelo entre elas e as festas nas casas de ensino. Referiu-se ao Ginásio de Campinas, fazendo votos para que o Govêrno estadual logo o equiparasse ao Ginásio Nacional.

Falou em seguida o quintanista Alfredo Monteiro, tecendo elogiosas referências ao estabelecimento de ensino. Depois de encerrada a sessão, deu-se início à nimada soirée dançante. Num dos intervalos das danças os meninos Henrique Teixeira, Alfredo Sarmento, Jaime Barbosa e Luís Pires representaram a interessante comédia "Um pequeno sábio", da lavra do professor Henrique de Barcelos, e a menina Matilde Correia recitou com muito espírito um monólogo.

IV — PROVIMENTO DAS CADEIRAS POR CONCURSO. AS PRIMEIRAS TURMAS DE BACHARELANDOS.

DIREÇÃO DO DR. JORGE DE MIRANDA E DO PROFESSOR ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO.

O diretor do Ginásio, professor Henrique de Barcelos, ficou autorizado pelo Govêrno, em data de 28 de fevereiro de

1900, a pôr em concurso as 1.a, 3.a, 4.a, 5.a, 6.a, 8.a, 9.a e 10.a cadeiras, as quais se achavam providas interinamente. Poucos dias depois, a 20 de março, solicitava sua exoneração de lente interino da 9.a cadeira (física, química e história natural) o dr. Pinto de Moura; e mais tarde, a 9 de junho, o mesmo fizeram o dr. Olímpio da Silva Leão e o professor Rodolfo Noronha, todos êles competentes e dedicados professôres.

A reabertura das aulas ficou prorrogada para o dia 11 de junho, em vista de não estarem ultimados os concursos que se realizavam na Capital. Nesses concursos foram classificados em 1.o lugar: 1.a cadeira (português) — Bento Ferraz; 3.a cadeira (francês e italiano) — dr. João Keating; 5.a cadeira (aritmética, álgebra e geometria — Ernesto Luís de Oliveira; 6.a cadeira (trigonometria, mecânica e astronomia) — dr. Lúcio Martins Rodrigues; 9.a cadeira (antropologia, psicologia e lógica) — dr. Abílio Álvaro Miller. O dr. Lúcio Martins Rodrigues desistiu da nomeação; o dr. João Keating e professor Ernesto de Oliveira tomaram posse perante a Congregação no dia 9 de junho de 1900. Em 22 de dezembro dêsse ano, em virtude do art. 6 do Regulamento dos Ginásios que baixou com o Decreto n. 858 de 14 de dezembro de 1900, o professor Ernesto Luís de Oliveira optou pela regência da cadeira de geometria e trigonometria; o dr. Nicolau Gustavo Vitor André Enge optou pela cadeira de geografia e cosmografia, e no dia 25 dêsse mês, o dr. João Keating pela cadeira de francês.

Os drs. Abílio Álvaro Miller, João Keating e professor Bento Ferraz foram nomeados para as respectivas cadeiras por Decreto de 5 de junho de 1900.

No ano letivo de 1900 achavam-se matriculados 16 alunos do 1.o ano e sòmente 9 no 2.o ano.

Em 11 de junho dêsse ano tiveram início as matrículas dos primeiros alunos que iam constituir o 6.o ano, formando a primeira turma de bachareis em ciências e letras, que foi a seguinte: Jaime de Morais Sales, Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, Carlos Olinto Braga, Firmino Tamandaré de Toledo Jr., Alberto Pinto de Morais, Gustavo Armbrust e Oscar Morais.

Por Decreto de 14 de junho exonerou-se, a pedido, do cargo de diretor, o professor Henrique de Barcelos, sendo nomeado para preencher interinamente a vaga o dr. Eduardo Gê Badaró, lente catedrático da 2.a cadeira.

Em 5 de julho procedeu-se em São Paulo, ao julgamento dos candidatos que haviam concorrido à cadeira de história universal, sendo classificado em 1.o lugar o dr. João Cesar Bueno Bierrenbach, e em 2.o o dr. Villanuova Machado. O dr. Cesar Bierrenbach foi nomeado a 16 do mês e tomou posse no dia 21.

Pelo Decreto n. 858 de 14 de dezembro de 1900, assinado pelo presidente do Estado de São Paulo, dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, e pelo secretário do Interior. dr. Bento Bueno, foi aprovado o Regulamento dos Ginásios do Estado, que eram então apenas dois: o Ginásio da Capital e o de Campinas. Nos têrmos dêsse Decreto, os lentes catedráticos das cadeiras dêste Ginásio, que foram desdobradas, poderiam optar por uma delas, e o ensino era regulado por programas organizados trienalmente pela Congregação do Ginásio Nacional e aprovados pelo Ministro dos Negócios Interiores da União. Os compêndios da classe eram indicados pelos respectivos lentes e aprovados pela Congregação. As cadeiras sempre providas mediante concurso, cujas principais provas eram: a) prova escrita, com a duração máxima de 4 horas, realizada a portas fechadas; b) prova oral, que constava de arguição recíproca dos candidatos, arguindo cada candidato durante 30 minutos; c) preleção, durante o prazo fatal de 60 minutos.

A equiparação do Ginásio de Campinas ao Ginásio Nacional, de modo que seus diplomas deram acesso a qualquer academia superior do país, foi estabelecida pelo Decreto n. 3928 de 16 de fevereiro de 1901 do Ministério dos Negócios do Interior e da União. Exercia o cargo de Fiscal Federal o dr. Antônio Alvares Lobo, que se manteve até o ano de 1911.

O dr. Jorge de Miranda, nomeado em 7 de janeiro de 1901 para o cargo de diretor, tomou posse a 10 do mês. Inteligente e culto, fêz o dr. Jorge de Miranda uma excelente administração, apesar de ser de pequena duração, porquanto se exonerou em 1.o d eoutubro do ano seguinte, para ocupar o alto pôsto de Procurador Geral do Estado. Para a direção interina do Ginásio foi então nomeado o lente dr. Francisco de Paula Magalhães Gomes, que permaneceu até 19 de fevereiro de 1903.

A solenidade de formatura da 1.a turma de bachareis em ciências e letras realizou-se a 1.o de março de 1901. Presidiu a sessão, que teve grande brilhantismo, o Secretário do Interior dr. Bento Bueno, achando-se presentes o dr. Mário Bulcão, Inspetor de Instrução Pública, o bispo de Pouso Alegre, autoridades civis e militares, além de avultado número de famílias. Receberam seus diplomas, os bacharelandos Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, aprovado com distinção, grau 12; Jaime de Morais Sales, idem, com grau 10; Carlos Olinto Braga e Gustavo Armbrust, aprovados plenamente, grau 8; Alberto Pinto de Morais, Firmino Tamandaré de Toledo Jr. e Oscar de Morais, aprovados plenamente, grau 6.

Foi paraninfo o lente dr. Eduardo Gê Badaró, que produziu conceituosa alocução; em nome da Congregação falou o dr.

Álvaro Miller; pelos alunos que se bacharelaram discursou Carlos Olinto Braga, e finalmente o delegado do Govêrno Federal, dr. Antônio Alvares Lobo, saudando os bacharelandos e suas famílias.

Em data de 17 de fevereiro de 1901, exonerou-se, a pedido, o secretário dr. Antônio Rodrigues de Melo, sendo a vaga preenchida pelo dr. Augusto Xavier Bueno de Andrade, que entrou em exercício a 6 de março. Em 22 dêste mês foi o dr. Manuel Agostinho Lourenço, nomeado lente catedrático da 12.a cadeira (física e química) e, em 30 de abril, dispensado o dr. Manuel Vieira Batista da cadeira de inglês e alemão.

Foram nomeados para as funções de contínuos, a 8 de março de 1901, os cidadãos João Mariano da Costa Lobo e Antônio Ferreira Cesarino. O primeiro foi removido para o Instituto Agronômico do Estado, em 25 de novembro de 1925, e o segundo aposentado a 1.o de agôsto de 1935, ambos zelosos cumpridores de seus deveres.

O prazo para inscrição de candidatos aos concursos das cadeiras vagas fôra encerrado no dia 5 de junho, dêsse ano, sendo lavrado o respectivo têrmo pelo dr. Augusto Bueno, secretário, na presença do dr. Jorge de Miranda, diretor, e do dr. Antônio Alvares Lobo, fiscal do Govêrno Federal. Inscreveram-se ao todo 51 concorrentes, sendo 3 na cadeira de literatura, 7 em inglês, 6 em italiano, 6 em alemão, 3 em grego, 7 em aritmética e álgebra, 4 em mecânica e astronomia, 7 em história natural e 8 em história do Brasil.

No decorrer das provas dos concursos deram-se alguns pequenos incidentes, provocando protestos dos que se julgavam prejudicados. Estiveram suspensas as aulas, reabrindo-se os cursos a 27 de julho.

Perante a Congregação do Ginásio, achando-se presentes tôdos os lentes, com exceção do dr. Eduardo Gê Badaró, tomaram posse no dia 14 de agôsto os seguintes concorrentes classificados em 1.o lugar e que haviam sido nomeados por Decreto do dia 9 do mês: José Sttot (inglês), dr. Camilo Vanzolini (italiano), professor João von Atzingen (alemão), dr. Henrique Augusto Vogel (grego), professor André Perez y Marin (aritmética e álgebra), dr. Luís Bueno Horta Barbosa (mecânica e astronomia) e Basílio Magalhães (história do Brasil). O lente Bento Ferraz saudou, em nome da Congregação, os novos colegas, lembrando a união e a solidariedade como condições essenciais ao progresso da casa de ensino a que vinham prestar sua colaboração; respondeu o jovem e talentoso recipiendário Basílio Magalhães que, em oração concisa, afirmou os intuitos dos que ingressavam na grande missão de formar moral e intelectualmente a mocidade.

Após brilhantes provas de concurso a que se submeteram, foram empossados em suas respectivas cadeiras mais os seguintes novos catedráticos, nomeados pelo mesmo Decreto de 9 de agôsto: dr. Henrique Maximiano Coelho Neto (literatura), em 17 dêsse mês, e dr. Francisco de Paula Magalhães Gomes (história natural), em 4 de setembro, os quais foram saudados, respectivamente, pelo dr. Abílio Álvaro Miller e Manuel Agostinho Lourenço.

Respondendo à saudação, disse Coelho Neto que agradecia à sua boa estrêla ter vindo estabelecer sua tenda de trabalho nesta terra, onde encontrara aquêles dois elementos que ,no dizer de Taine, se tornam imprescindíveis à existência: um meio físico exuberante e uma corporação científica ilustre como o Ginásio de Campinas.

Ficou dest'arte organizado o corpo docente do Ginásio de Campinas. Uma plêiade ilustre de professôres, literatos e cientistas, constituiram o 1.o grupo de lentes catedráticos dêste estabelecimento de ensino, cujo nome logo se irradiou por todo o país, no alto conceito de uma instituição modelar, pelo valor de seu corpo docente e pela sólida base que demonstravam seus alunos nos cursos superiores.

Em 14 de novembro dêsse ano de 1901, foi dispensado o professor contratado de ginástica, Cornélio Gasparini Vianello, cargo que vinha exercendo desde 22 de junho de 1897.

A cerimônia de colação de grau à 2.a turma de bacharelandos realizou-se a 1.o de janeiro de 1902, com numerosa assistência que deu ao ato um caráter solene. Receberam o grau de bacharel em ciências e letras os bacharelandos seguintes: José Bonifácio de Almeida Sales, aprovado com distinção, grau 12, nas matérias do 6.o ano; Paulo Correia de Melo, distinção, grau 12; Edmundo Pimenta, plenamente, grau 9; Francisco Pompeu de Camargo, plenamente, grau 6, e José Ferraz de Andrade, plenamente, grau 6.

Foi presidida a sessão pelo diretor dr. Jorge de Miranda, que deu a palavra ao lente Basílio de Magalhães, representante da Congregação. O ilustre catedrático de história do Brasil proferiu um belíssimo discurso, saudando os bacharelandos e salientando o importante papel que deverão desempenhar na sociedade, como obreiros inteligentes do progresso pátrio. A seguir, fêz uso da palavra o dr. Abílio Álvaro Miller que, na qualidade de paraninfo, produziu conceituosa oração. Em nome dos novos bacharéis falou José Bonifácio de Almeida Salles.

No ano de 1902 achavam-se matriculados, nos diversos anos do curso ginasial, 105 alunos. Em 18 de abril dêsse ano foi con-

tratado, pelo prazo de 2 anos para a aula de ginástica, o professor Vicente de Vicq, em substituição ao professor Vianello.

Em visita de despedida compareceu ao Ginásio, em 28 de novembro, o dr. Jorge de Miranda. Reuniu-se a Congregação para render homenagem ao estimado ex-diretor que, por três anos, dirigiu o antigo Colégio Culto à Ciência e posteriormente o Ginásio, havendo-se sempre com muita competência e devotamento em a nobre tarefa de orientar a educação da mocidade. Pouco tempo depois, a 13 de agôsto de 1903, falecia em S. Paulo. Já nesse ano, o dia 4 de dezembro foi considerado feriado no Ginásio, em comemoração à data de 4 de dezembro de 1896 em que se deu a inauguração desta casa de ensino.

Os alunos do 6.o ano, que constituiam a 3.a turma de bacharéis e a 1.a de alunos que fizeram o curso completo, concluiram os exames em dezembro de 1902, com o seguinte resultado: Luís Faber, Ramiro Falque, Eugênio Décourt e Jorge Nogueira Ferraz, aprovados com distinção, grau 10; Sílvio de Morais Sales, plenamente, grau 9; Paulino Muniz Filho, simplesmente, grau 5. A sessão de colação de grau realizou-se a 8 de janeiro, deixando de comparecer o bacharelando Jorge Nogueira Ferraz, por motivo de moléstia. Falou o diretor interino e paraninfo dr. Magalhães Gomes, aconselhando os alunos que haviam completado o curso secundário que não olvidassem jamais a fé — base indestrutível da verdadeira ciência. Por seus colegas, e substituindo o orador da turma Jorge Nogueira Ferraz, discursou o bacharelando Ramiro Falque. Em último lugar falou o representante da Congregação, dr. Álvaro Miller, cujo discurso produziu excelente impressão ao numeroso auditório.

Por Decreto de 7 de fevereiro, dêsse ano de 1903, foi nomeado para o cargo de diretor do Ginásio o dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio, antigo deputado e republicano prestigioso. Tomou posse a 19 do referido mês, perante a Congregação que se reuniu sob a presidência do dr. Eduardo Gê Badaró.

Infelizmente, o dr. Abreu Sampaio não correspondeu às simpatias com que foi recebido, provocando seus atos administrativos uma luta com parte do corpo docente, que em outubro de 1904 fazia publicações pela imprensa em forma de censura pelo descaso com que o diretor tratava o regulamento. Deixou o cargo em 25 de novembro de 1905, por ter sido nomeado diretor da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de S. Paulo.

No ano letivo de 1903 matricularam-se no Ginásio 103 alunos, dos quais 27 no 1.o ano e 5 no 6.o ano.

Em sessão cívica realizada a 19 de agôsto dêsse ano, 7.o dia do falecimento do ex-diretor dr. Jorge de Miranda, o catedrático de psicologia e lógica dr. Abílio Álvaro Miller, fêz o elogio

fúnebre do falecido, cujo retrato foi então inaugurado no salão nobre como justo preito de gratidão.

Perante o diretor dr. Adolfo de Abreu Sampaio receberam o grau de bacharel em ciências e letras, os seguintes alunos que em 1903 concluiram o curso: José Fogaça de Almeida, João Batista Pompeu de Lacerda, José Antônio Vilas Boas e Antônio de Arruda Camargo.

No ano de 1904 o Ginásio do Estado, em Campinas, deu apenas 2 bacharéis em ciências e letras: Godofredo Augusto de Pádua e Castro e Amleto de Cenzo. Os alunos Vitor Brenneisen e Domingos de Araujo, que também terminaram o curso, receberam o certificado de conclusão de estudos, com direito à matrícula nos cursos superiores. Não houve solenidade de colação de grau.

Para substituir o professor de ginástica, Vicente de Vicq, cujo prazo de contrato se findara, foi contratado em 27 de setembro de 1904 o professor Jorge Carlos Guilherme Hennigs, que durante 32 anos ministrou com dedicação as aulas de educação física aos alunos do Ginásio. Por Decreto de 26 de agôsto de 1936 permutou o cargo com o professor Alberto Krum.

No ano seguinte, 1905, matricularam-se 27 alunos no 1.o ano, 16 no 2.o, 18 no 3.o, e apenas 5 no 4.o.

O dr. Francisco de Paula Magalhães Gomes que regia com muita proficiência a 13.a cadeira — história natural e noções de antropologia, foi exonerado a pedido em 19 de dezembro de 1905.

Perante o diretor interino, dr. Eduardo Gê Badaró, receberam no dia 2 de janeiro de 1906 o diploma de bacharel em ciências e letras os alunos Leopoldo Crisóstomo de Castro Jr. e Antônio Fernandes de Abreu. Nesse mesmo dia o professor Arnaldo de Oliveira Barreto foi nomeado diretor efetivo do Ginásio, havendo logo tomado posse do cargo, e assim a 15 do mês os demais alunos que terminaram o curso, Carlos Ribeiro Martins Leão, Estêvão Pucci Júnior e Paulino Muniz Filho, êste da turma de 1902, já receberam seus diplomas das mãos do novo diretor.

O lente da 2.a cadeira-literatura, Henrique Maximiano Coelho Neto, que tanto abrilhantou a cátedra do Ginásio por mais de 4 anos, foi exonerado a pedido, por Decreto do Govêrno de 25 de abril de 1906. Para preencher a vaga, foi transferido em 9 de maio dêsse ano o lente da 1.a cadeira, professor Bento Ferraz, que era também grande conhecedor da matéria. O professor Bento Ferraz aposentou-se em data de 30 de agôsto de 1934, transferindo-se para São Paulo, onde faleceu a 18 de abril de 1944.

Após brilhantes provas de concurso, tendo como competidores o dr. Raul Soares de Moura e professor Otoniel Mota, foi nomeado em 8 de outubro dêsse ano para a cadeira de português,

o professor Américo Brasiliense Antunes de Moura, que exercia o cargo de professor na antiga Escola Complementar desta cidade. O professor Américo de Moura, inteligente e estudioso, deixou o exercício da cadeira em 14 de abril de 1914, por ter sido nomeado lente da Escola Normal Secundária da Capital do Estado.

Com a exoneração, a pedido, do dr. Francisco de Paula Magalhães Gomes, ficou vaga a cadeira de história natural e noções de antropologia, sendo então posta em concurso. Apresentaram-se 3 candidatos, havendo obtido melhor classificação o professor Francisco Furtado Mendes Viana, cuja nomeação para a referida cadeira se deu a 2 de julho de 1906. O professor Mendes Viana acumulou a direção interina do Ginásio, durante o afastamento por licença do diretor Arnaldo de Oliveira Barreto, não tendo conseguido eliminar certas dissenções entre alguns membros do corpo docente. Foi pôsto à disposição do Ministério da Agricultura por ofício do Govêrno de 12 de março de 1913, sendo exonerado, a pedido, por Decreto de 5 de abril de 1915.

Foi nomeado, a 19 de abril de 1906, para o lugar de contínuo, o cidadão Lélio Acioli, depois promovido a escriturário, em cujo cargo se aposentou em data de 14 de junho de 1940.

Em 2 de julho de 1907 faleceu no Rio de Janeiro, onde se achava em tratamento numa casa de saúde, o dr. João Cesar Bueno Bierrenbach. Grande consternação provocou em sua terra natal a notícia do falecimento do insígne tribuno campineiro. No dia seguinte, 3 de julho, reuniu-se a Congregação do Ginásio, sendo resolvido unânimemente que se prestassem ao saudoso professor as homenagens devidas e se colocasse em sessão solene o seu retrato a óleo no salão nobre, no dia 2 de novembro. O dr. Cesar Bierrenbach muito elevou a cátedra de história geral, com suas sábias preleções; era um orador fluente que sobremaneira empolgava o auditório.

Era praxe, no fim de cada ano, reunir-se a Congregação do Ginásio para proceder a eleição dos oradores nas comemorações das datas nacionais, no ano seguinte. A escolha recaia geralmente no dr. Cesar Bierrenbach e no dr. Álvaro Miller, ambos oradores notáveis. Eram mais felizes em seus discursos, quando falavam de improviso.

O dr. Augusto Xavier Bueno de Andrade, que exercia o cargo de secretário desde a exoneração concedida ao dr. Antonio Rodrigues de Melo, faleceu em 11 de janeiro de 1907, achando-se antes no gôzo de prolongada licença. Para preencher a vaga foi nomeado por Decreto de 14 de janeiro de 1907, o major Joaquim Ulisses Sarmento, diretor do jornal "Correio de Campinas", entrando em exercício em 19 do mês.

O major Sarmento era muito estimado por todos, graças à sua delicadeza; substituiu os diretores Arnaldo de Oliveira Barreto, Francisco Furtado Mendes Viana, dr. Antônio Rodrigues Alves Pereira e dr. Amadeu Mendes, durante os períodos de licença dos mesmos, pautando seus atos com espírito de justiça. Por diversas vêzes requereu licença, substituido sempre pelo incansável amanuense Benedito de Oliveira. Atingido pelo Decreto n. 6.634 de 30 de agosto de 1934, foi aposentado compulsoriamente, e faleceu em quarto particular da Santa Casa, de cuja mesa administrativa fazia parte, em 28 de setembro de 1938.

Depois de brilhante concurso a que se submeteu, foi nomeado em 16 de junho de 1908 o dr. José Augusto César para a cadeira de história universal, que se achava vaga com o falecimento do dr. César Bierrenbach. O dr. Augusto César era dotado de grande cultura, e não obstante o seu retraimento ao convívio dos colegas, era atencioso no trato particular. Havendo conquistado por concurso uma cadeira na Faculdade de Direito de S. Paulo, exonerou-se da cadeira de história universal, por Decreto do Govêrno de 18 de abril de 1927.

Em 2 de julho de 1908 faleceu o estimado funcionário Eusébio Pinto da Costa, que desde 26 de novembro de 1896 achava-se encarregado dos serviços da portaria do estabelecimento. Foi substituido pelo cidadão Brasílio Machado da Luz, nomeado a 21 daquele mês, havendo exercido dedicadamente o cargo até 30 de agôsto de 1934, quando se aposentou.

A 6 de janeiro de 1909 realizou-se a solenidade de colação de grau aos bacharelandos Hugo Vasconcelos Sarmento, José Juliano Vanzolini, João de Castro Pupo Nogueira e Deoclésio Vieira da Silva Lemos. A sessão foi presidida pelo diretor professor Arnaldo de Oliveira Barreto, tendo comparecido o fiscal do Govêrno dr. Antônio Alvares Lobo, quase tôda a Congregação do Ginásio e muitas famílias. Paraninfou a turma o dr. Abílio Álvaro Miller, que produziu um longo e conceituoso discurso. Falou em seguida o professor Bento Ferraz, representante da Congregação, e por fim o bacharelando João de Castro Pupo Nogueira.

O professor Manuel Agostinho Lourenço que vinha, desde o ano de 1901, regendo proficientemente a cadeira de física e química, faleceu a 30 de janeiro de 1909, sendo seu retrato colocado no salão nobre como justa homenagem ao ilustrado professor.

Em 15 de abril dêsse ano, matricularam-se no 1.o ano do curso ginasial as primeiras alunas, as quais foram as seguintes: Dulce Pinheiro, Odete Pinheiro, Sebastiana Pereira Adôrno, Rosentina Faria de Aguiar, Margarida Pereira, Julieta Pupo Nogueira, Maria Noemie Décourt, Noêmia dos Santos Teixeira, Delmira dos

Santos Andrade, Zuleika Cerqueira e Ester Cerqueira. A classe tôda continha 66 alunos.

Havendo conquistado a cadeira de física e química mediante concurso, foi o professor Anibal Freitas nomeado lente catedrático em 24 de setembro de 1909, tomando posse em sessão da Congregação realizada a 8 de outubro.

O novo lente da 12.a cadeira foi saudado pelo dr. Álvaro Miller, a cuja alocução respondeu, agradecendo. No dia seguinte entrou em exercício do cargo, sendo saudado pelo aluno do 6.o ano, José B. Gouvêia, em nome da classe. Com o desdobramento da cadeira, foi nomeado, por Decreto do Govêrno de 24 de janeiro de 1929, para a cadeira de física, cujo cargo conservou até 28 de dezembro de 1937, quando optou pelo cargo de diretor do Ginásio, nos têrmos do Decreto Federal n. 24 de 29 de novembro de 1937.

O professor Anibal Freitas teve destacada atuação no Ginásio de Campinas, que será apreciada ao ser estudada a sua direção neste estabelecimento.

A turma de bacharelandos do ano de 1909, era constituida pelos alunos Clodomiro Ferreira Jorge, Eugênio Sbragia, Antônio Barbosa Amaral, Armênio Borelli, Herculano Loureiro de Almeida, Eugênio Maçon e José Berthaud Gouvêia, os quais receberam das mãos do diretor professor Arnaldo Barreto o diploma de bacharel em ciências e letras.

Em 1910 matricularam-se 75 anos no 1.o ano (2 classes), 65 no 2.o (2 classes), 41 no 3.o, 17 no 4.o, 9 no 5.o, e 14 alunos no 6.o ano. Dentre os 14 matriculados no 6.o ano, achavam-se as alunas Valentina Lapa Penteado, Marina Maia, Maria Isabel do Amaral Martins e Laura Correia de Melo, sendo esta filha de José Vaz Pinto de Melo e natural de Avaré, e as outras três de Campinas. Concluiram o curso de bacharelato 12 alunos, inclusive as 4 alunas referidas, sendo que as três primeiras fizeram os estudos no Colégio Progresso Campineiro e prestaram os exames finais no Ginásio. Foram as primeiras alunas que se bacharelaram por esta casa de ensino, recebendo o diploma no dia 31 de dezembro de 1910, das mãos do diretor interino professor Francisco Furtado Mendes Viana.

Dias antes de ser iniciado o ano letivo de 1910, em 12 de abril, foi exonerado a pedido o lente da cadeira de latim dr. Eduardo Gê Badaró, que se transferiu para o Rio de Janeiro. O dr. Badaró muito concorreu para a formação do bom conceito do Ginásio de Campinas, desde os primeiros anos, acumulando, por diversas vêzes, o cargo de diretor interino.

Alguns dias depois, verificou-se mais outra vaga no corpo docente do Ginásio, com a remoção do lente catedrático de inglês professor José Sttot, para igual cargo do Ginásio da Capital do Estado, por Decreto do Govêrno de 18 de abril dêsse ano, e no mês seguinte, a 16 de maio, o lente da cadeira de geometria e trigonometria, professor Ernesto Luís de Oliveira, era exonerado a pedido, transferindo-se para Curitiba, em cuja escola de engenharia foi lente. Com isso, perdeu o Ginásio de Campinas, dois valiosos elementos que tanto dignificaram as cátedras de que foram os primeiros detentores por concurso.

A fim de preencher as vagas que então se deram nas cadeiras de inglês e de geometria e trigonometria, foram abertas inscrições aos concursos dessas matérais, os quais se realizaram com tôda regularidade no próprio estabelecimento, como os concursos anteriores.

Para a cadeira de inglês, foi nomeado em 2 de setembro de 1910 o professor Erasmo Braga, que seguiu a mesma trilha elevada de seu antecessor, pela cultura, dedicação e espírito de justiça. Foi exonerado, a pedido, por Decreto do Govêrno a 6 de julho de 1922.

O lente da 11.a cadeira — mecânica e astronomia. dr. Luís Bueno Horta Barbosa, foi pôsto em comissão do Govêrno Federal a partir de 6 de setembro, não reassumindo mais o cargo no Ginásio, do qual foi exonerado, a pedido, em 9 de julho de 1925. O dr. Horta Barbosa possuia grande conhecimento de matemática, tendo sido substituido durante o longo período de afastamento, pelo professor André Perez y Marin, lente de aritmética e álgebra.

No dia 3 de novembro de 1910 iniciaram-se as provas do concurso para provimento da 10.a cadeira — geometria e trigonometria, que desde 16 de maio se encontrava vaga com a exoneração solicitada pelo professor Ernesto Luís de Oliveira. Achavam-se inscritos 9 candidatos, dos quais apenas 4 chegaram até a última prova, realizada a 11 dêsse mês, sendo classificado em 1.o lugar o engenheiro Carlos Francisco de Paula, nomeado lente catedrático da referida cadeira por Decreto de 21 de novembro. Tomou posse perante a Congregação, reunida a 24 do mesmo mês, havendo sido saudado pelos lentes professor Basílio de Magalhães e drs. Abílio Álvaro Miller e Henrique Augusto Vogel.

V — DIREÇÃO DOS DRS. ANTÔNIO RODRIGUES ALVES PEREIRA E AMADEU MENDES. ALTERAÇÕES NO CORPO DOCENTE.

Em sessão da Congregação, especialmente convocada, tomou posse do cargo de diretor do Ginásio, a 19 de maio de 1911, o dr. Antônio Rodrigues Alves Pereira, removido de igual cargo do Ginásio de Ribeirão Preto, na vaga aberta pelo prof. Arnaldo de

Oliveira Barreto, que deixou o cargo em 3 de fevereiro dêsse ano. O dr. Rodrigues Alves Pereira caraterizou-se pelo tato administrativo, procurando dissipar as prevenções que havia entre os professôres, principalment epor motivo de substituições nas cadeiras de ensino, prevenções essas que faziam frequentemente agitadas as reuniões da Congregação. Conseguiu ainda do Govêrno do Estado que fôssem executadas diversas reformas no prédio, como sejam a construção de uma sala para os professôres, o aumento do salão nobre, instalações sanitárias, etc. cujos trabalhos foram projetados e dirigidos graciosamente pelo lente da 10.a cadeira. A biblioteca, que se achava localizada na sala da secretaria, continha em 1911 cerca de 1.200 volumes; graças aos desvelos do dr. Pereira, o número de volumes atingiu a 2.503 em 1914 e ficou a biblioteca bem instalada no salão nobre. Deixou o cargo em 4 de maio de 1917, quando foi removido para diretor do Ginásio Estadual da Capital.

Habilitado em concurso realizado no estabelecimento, foi nomeado lente da 7.a cadeira — latim, por Decreto de 28 de outubro de 1911, o dr. José Bento de Assis. O dr. Bento de Assis, que também advogava em Campinas, transferiu-se para o Ginásio de São Paulo, por Decreto de 17 de junho de 1933.

O lente da cadeira de história do Brasil, professor Basílio de Magalhães, foi declarado em comissão da Secretaria do Interior a partir de 14 de setembro de 1912; havendo terminado essa comissão em 30 de abril de 1921, obteve outras licenças e afinal considerado em comissão junto ao Govêrno do Estado de Minas Gerais a contar de 1.o de julho de 1923. Por despacho de 11 de outubro de 1938 foi aposentado. Durante os onze anos em que se manteve no exercício da cadeira, o professor Basílio se impôs à estima de seus colegas e à admiração de seus alunos, reunindo muita competência a apreciáveis qualidades didáticas.

O professor José Vilagelin Júnior, que vinha ministrando as aulas de desenho, como professor contratado desde 20 de julho de 1897, passou a ser efetivo a partir de 12 de fevereiro de 1913. Faleceu o professor Vila, como era designado por seus colegas, em 20 de maio de 1920, no exercício do cargo, deixando fundas saudades ao corpo docente e administrativo do Ginásio, onde era muito estimado.

Por Decreto do Govêrno de 3 de fevereiro de 1913, transferiu-se para o Ginásio da Capital do Estado, o professor João von Atzingen, que com proficiência e dedicação exerceu, desde 9 de agôsto de 1901, o cargo de lente de alemão.

Para prover a cadeira, vaga com a remoção do professor von Atzingen, foi nomeado em 28 de maio de 1913 o dr. Ernesto Kuhlmann, classificado em primeiro lugar em concurso. O dr.

Kuhlmann era um espírito reto e combativo, havendo tomado parte muito ativa na política municipal. Exato no cumprimento do dever, soube dignificar a cátedra que ocupou durante 24 anos, havendo ainda substituido alguns lentes. Faleceu no exercício do cargo, a 26 de junho de 1937. A Congregação prestou-lhe merecida homenagem, inaugurando o retrato no salão nobre do Ginásio.

O cargo de Inspetor Federal que, desde o ano de 1911. era exercido pelo dr. Jaime de Morais Sales, passou a sê-lo pelo dr. Almeirindo Meyer Gonçalves até 1918, quando foi nomeado o dr. Alcides da Costa Vidigal, cujos relatórios são o atestado eloquente da correção que presidia aos trabalhos dêste estabelecimento de ensino.

Foi provida, por Decreto de 20 de abril de 1914, a cadeira de português, com a remoção do professor Otoniel Mota, do Ginásio de Ribeirão Preto. Autor de diversas obras didáticas de reconhecido valor, o professor Otoniel fêz-se merecedor da estima de seus colegas e de seus alunos. Deixou o exercício do cargo em 1.o de julho de 1925, por haver permutado a cadeira com o professor Benedito Sampaio, que exercia igual cargo no Ginásio de Ribeirão Preto.

A turma de bacharelandos de 1914, entre os quais se achavam as primeiras alunas que haviam frequentado todo o curso ginasia, foi a seguinte: Margarida Pereira, Maria Noêmie Décourt, Alice de Castro Pupo Nogueira, Joana Rangel de Alvarenga, Carolina de Sousa, Celina de Godoi Duarte, Maria Hennigs, Clóvis Monteiro Peixoto, Arnaldo Paulo de Godoi, Juvenal Hudson Ferreira, Tabajara Pedroso e Horácio Aranha. O ato de entrega dos diplomas realizou-se no dia 6 de janeiro de 1915, havendo cada um dos bacharelandos prestado o compromisso regulamentar.

Com a exoneração do professor Mendes Viana, da cadeira de história natural, procedeu-se ao concurso da mesma, em que se apresentaram diversos candidatos. Foi classificado em 1.o lugar o candidato Paulo Luís Décourt, que fizera o curso neste Ginásio e se diplomara em farmácia; por Decreto de 27 de julho de 1915 foi nomeado catedrático de história natural e noções de antropologia.

Extremamente estudioso, o professor Décourt elevou o nome da cátedra que conquistara, reunindo ao mais sólido preparo grande dedicação ao ensino. Por Decreto de 19 de maio de 1934 foi removido para exercer a mesma cadeira no Ginásio da Capital do Estado.

No ano letivo de 1915, matricularam-se ao todo 200 alunos, sendo 104 no 1.o ano (em 2 classes), 63 no 2.o ano (2 classes),

35 no 3.o ano, 23 no 4.o ano, 17 no 5.o e 16 no 6.o ano. Concluiram o curso 14 alunos.

O dr. Antônio Rodrigues Alves Pereira, que desde 19 de maio de 1911 vinha exercendo com grande tino administrativo o cargo de diretor, havendo conseguido melhorar a disciplina ginasial, foi removido em 4 de maio de 1917 para igual cargo no Ginásio de São Paulo, sendo então nomeado para a direção do estabelecimento o dr. Amadeu Mendes, que ocupava cargo idêntico no Ginásio de Ribeirão Preto. Felizmente o Ginásio de Campinas teve na pessôa do dr. Amadeu um diretor zeloso, que soube conquistar a estima do corpo docente e administrativo desta casa de ensino. Deixou o exercício do cargo em 22 de julho de 1927, quando foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, sendo-lhe então prestada justa homenagem pela Congregação, que fêz colocar seu retrato no salão nobre.

O dr. Amadeu Mendes esteve afastado por diversas vêzes, em virtude de ter sido nomeado para exercer em comissão outros cargos, sendo sempre substituido pelo secretário Major Joaquim Ulisses Sarmento.

Em 16 de agôsto de 1920 foi contratado Rui Martins Ferreira para exercer o cargo de professor de desenho, em que foi efetivado por Decreto de 24 de dezembro de 1925. Por Decreto de 3 de novembro de 1933 passou para igual cargo no Ginásio da Capital do Estado.

Nesse ano, 1920, matricularam-se apenas 167 alunos nos diversos anos, sendo 64 no 1.o ano (2 classes), 28 no 2.o, 21 no 3.o, 25 no 4.o, 22 no 5.o e 7 no último ano. Bacharelaram-se 6 alunos.

Em 1921 exercia as funções de Inspetor Federal junto ao Ginásio, o ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, Alberto Faria. Já no ano seguinte achava-se investido nesse cargo o dr. Hugo Duarte de Arruda, que se manteve até 1928, agindo sempre com espírito de justiça.

Após as provas de concurso a que se submetera, foi nomeado lente da cadeira de inglês, por Decreto de 22 de março de 1923, o padre Luís Gonzaga van Woesich, da Congregação do S. Coração. Natural da Bélgica, onde se ordenara, o padre Luís expressava-se bem em português e era um excelente professor. Dotado de apurada educação, fêz-se logo estimado por todos os colegas, alguns de credo diferente, vindo a falecer em 20 de maio de 1929, após ligeira moléstia. A Congregação do Ginásio prestou-lhe as devidas homenagens, colocando seu retrato no salão nobre.

Em consequência de pertinaz moléstia, foi aposentado por Decreto de 12 de fevereiro de 1925, o dr. João Keating, lente da cadeira de francês. Profundo conhecedor da matéria que vinha

lecionando desde o ano de 1900, era também o dr. Keating um perfeito cavalheiro, impecável até na maneira de se trajar. Faleceu em Paris, onde costumava passar o período de férias, havendo a Congregação do Ginásio homenageado sua memória.

Por Decreto de 18 de junho de 1925 foi transferido do Ginásio de Ribeirão Preto, mediante permuta com o professor Otoniel Mota, lente da cadeira de português, o professor Benedito Sampaio, iniciando o exercício a 2 de julho. Muito modesto e culto, o professor Sampaio impôs-se logo à estima de seus colegas e à admiração de seus alunos. Escreveu vários livros, destacando-se a Gramática Portuguêsa, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras. Por Decreto do Govêrno, de 2 de setembro de 1938, obteve autorização para permutar o cargo com o professor Francisco Ribeiro Sampaio, que exercia cargo idêntico na Escola Normal de Pirassununga e até agora vem ocupando com brilhantismo a cadeira que seu digno Pai tanto enalteceu.

Nesse ano de 1925, matricularam-se 271 alunos no curso ginasial, sendo 89 no 1.o ano (2 classes), 77 no 2.o (classe única), 31 no 3.o, 27 no 4.o, 32 no 5.o e 15 no 6.o ano; concluiram o curso de bacharelato 15 alunos.

O corpo de contínuos ou inspetores de alunos, cuja missão precípua é auxiliar a diretoria e os professôres na manutenção da boa disciplina dentro do estabelecimento, foi por êsse tempo acrescido dos seguintes cidadãos: Miguel Cantareiro, nomeado por ato do Govêrno de 13 de setembro de 1921, sendo posteriormente, em 23 de dezembro de 1941, promovido a escriturário, em cujo cargo continua a prestar seus serviços; José Ferreira Braga, designado para exercer interinamente o cargo, por ato de 28 de novembro de 1925, encontra-se até ao presente no seu pôsto de 1.o inspetor de alunos, em que é valioso auxiliar do Diretor; João Alves Correia, nomeado por ato do Govêrno de 19 de abril de 1927, passando em 23 de dezembro de 1941 para o cargo de escriturário, que vem exercendo eficientemente: Bento Pereira, cuja nomeação é de 27 de maio de 1929, esforçado no cumprimento de suas atribuições, aposentando-se em 17 de abril de 1943.

Em virtude da exoneração do dr. Luís Bueno Horta Barbosa, da cadeira de mecânica e astronomia, em 9 de julho de 1925, o professor André Perez y Marin, que o vinha substituindo com tôda proficiência desde 15 de agôsto de 1910, requereu ao Govêrno do Estado sua transferência para lente dessa cadeira, no que não foi atendido. O professor Perez, apesar de contar então 68 anos de idade, submeteu-se às provas do concurso e foi nomeado por Decreto de 2 de dezembro de 1926, continuando a reger

interinamente a cadeira de aritmética e álgebra. Pouco tempo depois, em 16 de outubro de 1928, falecia inesperadamente o estimado professor Perez, cujo nome perdurará no Ginásio de Campinas, em cujo salão nobre foi colocado seu retrato, como modelar no cumprimento do dever. De uma assiduidade jamais igualada, passou 16 anos consecutivos sem dar siquer uma falta! Seus funerais constituiram uma verdadeira apoteose tributada principalmente pelos alunos. À beira do túmulo, falaram o distinto bacharelando Celso Soares Couto, em nome dos alunos, e o prof. Bento Ferraz em nome do corpo docente. Era o professor Perez y Marin natural da província de Logronho (Espanha); escreveu diversas obras didáticas de matemática, que lograram muita aceitação nos principais estabelecimentos de ensino do país.

Tendo sido criada no curso ginasial a cadeira de instrução moral e cívica, foi nomeado para a mesma, após aprovação em concurso, o dr. Aristides Secundino de Sousa Lemos, por Decreto de 9 de dezembro de 1926. O dr. Aristides de Lemos, que também advogava em Campinas, deu brilhante desempenho ao cargo, sendo quatro anos mais tarde pôsto em disponibilidade, em virtude da supressão da referida cadeira do currículo ginasial.

Ao dr. Amadeu Mendes, nomeado Diretor Geral do Ensino, sucedeu na direção do Ginásio o professor Antônio Firmino de Proença, cuja nomeação data de 10 de novembro de 1927. O professor Proença esteve no exercício do cargo por alguns meses apenas, porquanto dêle se afastou a 10 de maio do ano seguinte, por ter sido nomeado Inspetor Geral do Ensino. Foi então nomeado para exercer interinamente o cargo de diretor, o lente da 12.a cadeira — física e química, o professor Anibal Freitas, que entrou em exercício a 11 de maio.

Para a cadeira de francês, que se achava vaga com a aposentadoria do dr. João Keating, foi nomeado o dr. Armando de Sousa Dinis em 12 de abril de 1928, após as provas de concurso a que se submetera. Dotado de excelente cultura, o dr. Dinis deixou a regência da cadeira em 29 de julho de 1934, quando foi nomeado lente interino de química no Ginásio da Capital do Estado.

Por Decreto de 20 de dezembro de 1928 obteve sua remoção para a cadeira de mecânica e astronomia o dr. Vanderico Gonçalves Pereira, lente da mesma cadeira no Ginásio de Ribeirão Preto. Conservou-se grande parte do tempo afastado, em gôzo de licença, sendo substituido pelo lente da 10.a cadeira, prof. Carlos F. de Paula. Por Decreto de 3 de julho de 1930 foi-lhe concedida a exoneração que havia solicitado.

Em 30 de dezembro de 1928, perdeu o corpo docente do Ginásio um de seus mais destacados elementos, o dr. Abílio Álvaro Miller, lente da cadeira de psicologia e lógica. O dr. Miller, pelo fulgor de sua palavra e de sua cultura, deixou um rastro luminoso nesta casa de ensino, para cujo renome muito contribuiu desde os primeiros tempos. A Congregação rendeu-lhe merecido preito de homenagem, inaugurando seu retrato no salão nobre.

Por Decreto de 2 de maio de 1929 foi nomeado catedrático de aritmética e álgebra o dr. Ernesto Luís de Oliveira Júnior, engenheiro civil, filho do antigo lente de geometria e trigonometria. O dr. Ernesto de Oliveira Júnior, demonstrara sua competência nas provas do concurso para preenchimento da cadeira, sendo dígno sucessor do saudoso professor Perez y Marin. Por ato do Govêrno de 13 de junho de 1935, foi pôsto em comissão junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Rio de Janeiro.

O lente da cadeira de geografia e cosmografia, dr. Gustavo Enge, que tomara posse a 12 de novembro de 1896, ainda antes da inauguração oficial do Ginásio, foi aposentado por Decreto de 8 de maio de 1930. O dr. Enge, natural da Suécia, era grande conhecedor de geografia e história, e não obstante suas peculiaridades, gozava de muita estima de seus colegas, que lhe tributaram a justa homenagem da colocação do retrato no salão da Congregação.

Para a cadeira de filosofia foi nomeado, após brilhantes provas de concurso, o padre dr. José Castro Neri, por Decreto de 24 de julho de 1930. Grande brilho deu à cadeira o padre Castro Neri durante os três anos de sua regência; foi removido a pedido em 19 de dezembro de 1933 para o Ginásio da Capital do Estado.

Achando-se vaga a cadeira de inglês, com o falecimento do sempre lembrado padre Luís Gonzaga, foi aberto o concurso para provimento da mesma, apresentando-se apenas o dr. Carlos de Araujo Pimentel, que foi aprovado. A sua nomeação data de 25 de setembro de 1930, e continua ainda a dignificar a cátedra que conquistou merecidamente.

No ano de 1930 achavam-se desdobrados os dois primeiros anos, com 93 alunos matriculados no 1.o ano e 102 no 2.o; no 3.o ano matricularam-se 74 alunos; no 4.o ano (em 2 séries), 91 alunos; no 5.o e 6.o ano 56 e 43 alunos, respectivamente, sendo que no 6.o ano foram todos aprovados. O total de alunos matriculados atingiu ao elevado número de 459.

Por Decreto n.o 19.426 de 24 de novembro de 1930, os alunos aprovados no 5.o ano teriam concluido o curso ginasial. Fi-

ceu então eliminado o 6.o ano e extinto o diploma de bacharel em ciências e letras. Entretanto, os alunos que cursavam o 5.o ano tiveram mantidos seus direitos ao bacharelato, podendo concluir o curso ginasial em 1931. Em sessão da Congregação realizada a 12 de janeiro de 1932, colaram grau os seguintes bacharelandos que completaram o 6.o ano: José Gomes, Francisco Moretzohn de Arruda Camargo, Renato Schroeder, Roberto Perrier e Paulo Amaral. Foi a última turma de bachareis em ciências e letras pelo Ginásio do Estado em Campinas.

VI — DIREÇÃO DO PROFESSOR ANIBAL FREITAS. FREQUENTES ALTERAÇÕES NO CORPO DOCENTE. REFORMAS E AMPLIAÇÕES NO EDIFÍCIO DO GINÁSIO, ATUALMENTE COLÉGIO ESTADUAL.

Por ato do Govêrno, datado de 5 de maio de 1928, foi nomeado para exercer o cargo de diretor interino, o professor Anibal Freitas, lente da cadeira de física e química, entrando em exercício a 11 dêsse mês.

Não obstante achar-se em caráter interino na direção do Ginásio, o professor Anibal Freitas teve atuação decidida no sentido de corrigir diversas falhas existentes neste estabelecimento de ensino, principalmente a deficiência de salas de aulas.

Graças a seus desvelos, nesse ano de 1928 foram construidos o anfiteatro de física e duas arejadas salas de aulas, bem assim melhorados o gabinete de física e o laboratório de química com a aquisição de novos aparelhos.

Além dessa diligência no sentido de melhorar as condições materiais e pedagógicas do estabelecimento, o prof. Anibal Freitas não tinha meças de sacrifício para conservar o bom nome do tradicional "Culto à Ciência", pautando todos seus atos pelo espírito de justiça, assegurando a ordem e a disciplina, fazendo assim jus à estima de professôres, funcionários administrativos e alunos. Não obstante contar tempo de sobra para a aposentadoria, ainda continua, para felicidade do atual Colégio Estadual, à testa de sua direção.

A Câmara Municipal, no intuito de incentivar o estudo das matérias fundamentais do curso ginasial — português, aritmética e história do Brasil, instituiu em 1929 prêmios em dinheiro aos alunos que mais se distinguissem nessas disciplinas. Em 11 de janeiro de 1930 receberam prêmios os alunos: Luís Vénere Décourt — prêmio Culto à Ciência (português); Mário Vieira da Cunha — prêmio Bernardino de Campos (História do Brasil); Luís Vénere Décourt e Gervásio Mourão Alvares Moralea — prêmio Cesário Mota (aritmética). A aluna Cira Aparecida Vieira obteve o prêmio Perez y Marin, medalha de ouro, oferecida pelo lente da 10.a cadeira ao aluno mais aplicado na matéria de que fôra catedrático o saudoso professor do Ginásio.

No fim do ano letivo de 1930, a 4 de dezembro, foram premiados os seguintes alunos: Vítor Dias da Silveira — prêmios Culto à Ciência e Bernardino de Campos; Carlos Pimenta de Campos e Vítor Dias da Silveira — prêmio Cesário Mota; Paulo Dias da Silveira — prêmio Perez y Marin.

No curto período de 25 de janeiro de 1931 a 6 de fevereiro seguinte, voltou ao exercício de diretor efetivo o dr. Amadeu Mendes, aguardando a aposentadoria, após o que reassumiu, a 14 de fevereiro, a direção interina o professor Anibal Freitas, em cujo cargo foi efetivado por Decreto de 21 de agôsto de 1931.

Pelo Decreto n. 5.117 de 20 de julho de 1931, que deu regulamento aos ginásios oficiais do Estado, ficou o ensino ginasial constituido por dois cursos seriados: — o fundamental e o complementar. Para o curso fundamental foram aproveitados os lentes que já pertenciam ao corpo docente, sendo então feitas diversas nomeações para os novos cargos.

Para exercer interinamente a cadeira de ciências físicas e naturais, foi nomeado o professor Jorge Nogueira Ferraz, em 24 de julho de 1931. Dotado de boas qualidades didáticas, o professor Jorge Nogueira, que era diplomado por êste Ginásio, não deslustrou a cadeira e foi aposentado, por motivo de moléstia, por Decreto de 23 de janeiro de 1942, no cargo de professor da Escola Masculina Noturna de Campinas.

Em 31 de julho dêsse ano, foi contratada pelo Govêrno do Estado, para exercer o cargo de professôra de música, d. Alice Monteiro Brisola, professora dedicada e competente, que ainda continua no exercício do cargo.

Para a cadeira de geografia e cosmografia, que se achava vaga com a aposentadoria do dr. Gustavo Enge. foi transferido por Decreto de 16 de agôsto de 1933, o dr. Mário de Assis Moura, lente da mesma cadeira no Ginásio de Ribeirão Preto. Tendo ocupado com proficiência a nova cátedra durante quase seis anos, foi aposentado em data de 16 de maio de 1939.

O professor João Dutra, que se achava encarregado das aulas de desenho no Ginásio oficial de Tatuí, foi removido para o Ginásio de Campinas, em 3 de novembro de 1933, na vaga aberta com a remoção do professor Rui Martins Ferreira. Hábil artista e dedicado professor, poucos anos se demorou o professor Dutra neste Ginásio, sendo comissionado para exercer o cargo de professor de desenho na Escola Normal de Piracicaba, em cujo cargo foi efetivado por Decreto de 10 de outubro de 1943.

Em data de 16 de dezembro de 1933 foi nomeado para o cargo de lente em comissão da cadeira de história da civilização, o professor Alcindo Muniz de Sousa. Por despacho de 1.o de outubro de 1938 foi nomeado para exercer em comissão o cargo de Inspetor do ensino normal e secundário, deixando a 5 dêsse mês esta casa de ensino, onde granjeou muita simpatia.

Para o cargo de preparadora da cadeira de física foi nomeada, por Decreto de 28 de fevereiro de 1934, a bacharela por êste Ginásio, Ester Perez Velasco, filha do saudoso professor André Perez y Marin.

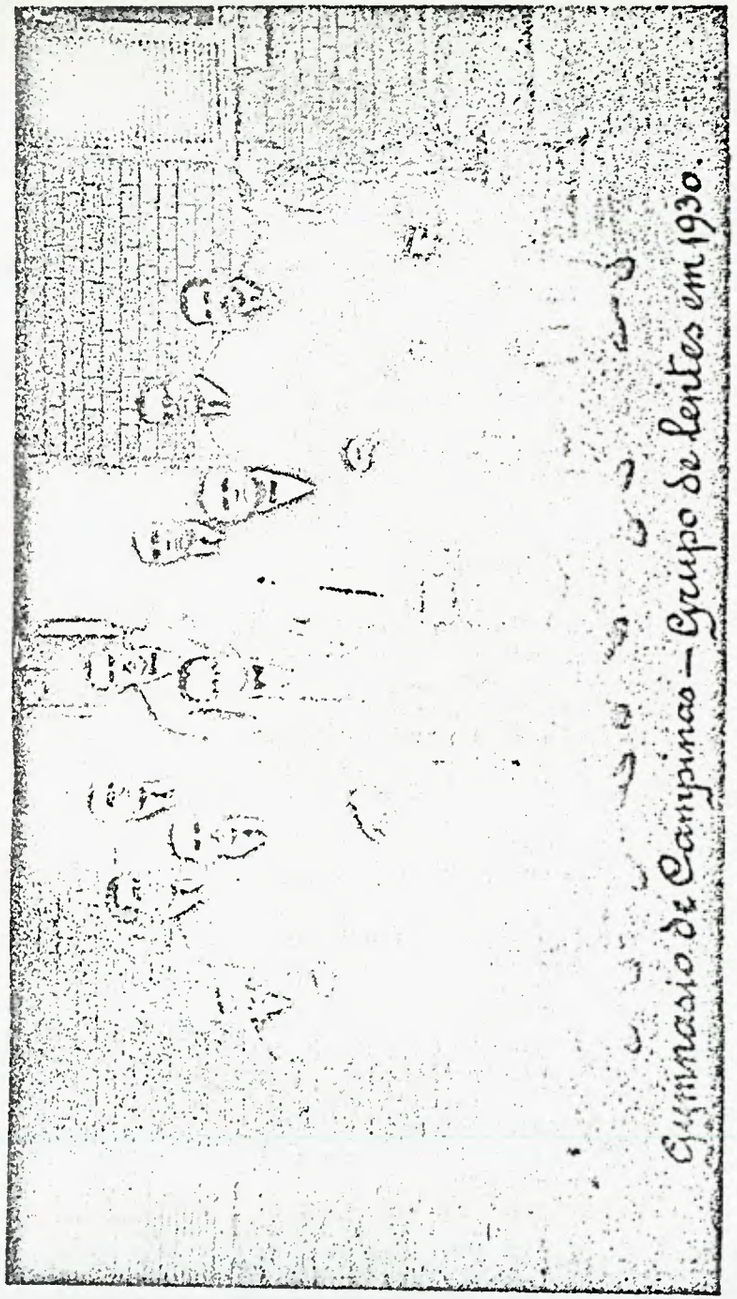
Achando-se vaga a cadeira de história natural, com a remoção do emérito professor Paulo Luís Décourt, para o Ginásio da Capital, foi designado em 20 de junho de 1934, para prover interinamente a cadeira, o farmacêutico Antônio Nogueira Braga, que já pertencia ao corpo docente de outros colégios de Campinas. O professor Nogueira Braga ministrou com proficiência as aulas da cadeira que lhe fôra confiada, no decurso de um decênio, sendo dispensado por Decreto de 17 de outubro de 1944.

Em 20 de julho dêsse ano, foi nomeado o professor Jorge do Rêgo Freitas para exercer, em caráter interino, o cargo de lente de química, exonerando-se, a pedido, por despacho de 20 de abril do ano seguinte.

Havendo o catedrático de francês, dr. Armando de Sousa Diniz, se transferido em comissão para o Ginásio de S. Paulo, foi nomeado em 26 de julho de 1934 o professor Miguel Homem Pinto de Carvalho para substituí-lo na regência da cadeira. Habilitado em concurso para a cadeira de latim, foi o professor Miguel de Carvalho, em data de 2 de julho de 1936, designado para reger esta disciplina no curso complementar, extinto por Decreto Federal de 19 de janeiro de 1938. Deu grande lustre ao ensino na regência dessas duas cadeiras, e seu falecimento ocorrido a 29 de agôsto de 1934, produziu profunda consternação.

Para a vaga do cargo de porteiro, em consequência da aposentadoria de Brasílio Machado da Luz, foi nomeado por ato do Govêrno de 4 de outubro de 1934, o cidadão Crispiniano Cruz, que já se achava em exercício desde o dia 17 do mês anterior, e vem desempenhando o cargo com tôda diligência.

Com a aposentadoria do major Joaquim Ulisses Sarmento, que desde 19 de janeiro de 1907 vinha exercendo o cargo de secretário, foi nomeado o antigo e prestante amanuense Benedito de Oliveira para preencher em caráter interino a vaga. Pouco tempo depois, fez o Govêrno do Estado ato de inteira justiça, efetivando-o no cargo de secretário, por Decreto de 6 de dezembro de 1934. Nomeado para o cargo de contínuo a 25 de novembro de 1896, em época anterior à inauguração dêste Ginásio, foi



1.a fila, a partir da esquerda: Major Sarmento (secretário), prof. C. de Paula, prof. A. Freitas (diretor), prof. C. Vanzolini e E. Bulcão (preparador). 2a fila: prof. A. Diniz, prof. J. Hennigs, prof. P. Décourt, prof Rui Ferreira e prof. E. Kuhlmann

promovido por Decreto de 16 de dezembro de 1912 para o pôsto de amanuense, encontrando-se a grande fôlha de serviço de Benedito de Oliveira em cada livro do numeroso arquivo do Colégio Estadual de Campinas.

Para o novo cargo de bibliotecário, criado pelo Govêrno em cada Ginásio estadual, foi designada a professôra Lourdes Maria Schreiner Anderson, que entrou em exercício a 5 de fevereiro de 1935. Exonerada, a pedido, em 6 de setembro de 1938, sucedeu-lhe d. Otávia Maia de Freitas Guimarães, nomeada em caráter interino por ato do Govêrno de 17 de junho de 1938, sendo efetivada em 10 de janeiro de 1942, e ainda continua a exercer com reconhecido zêlo e solicitude o cargo de bibliotecária.

Por ato do Govêrno de 14 de fevereiro de 1935, foi nomeado para a cadeira de latim, como lente interino, o professor Benevenuto Figueiredo Tôrres, que permaneceu durante quatro anos na regência proveitosa da cadeira, sendo dispensado por Decreto de 27 de junho de 1939.

Para reger interinamente a cadeira de química, que então se encontrava vaga, foi designado o professor da Escola Normal de Campinas, João Fiorelo Reginato, por ato governamental de 2 de maio de 1935. Professor de grande mérito, esteve em exercício até 28 de dezembro de 1937, quando fôra atingido pela lei das acumulações.

A cadeira de matemática era regida por dois catedráticos, dr. Ernesto Luís de Oliveira Júnior e dr. Carlos Francisco de Paula, titulares que foram respectivamente das cadeiras de aritmética e álgebra e de geometria e trigonometria. Com o afastamento do dr. Ernesto Luís de Oliveira Júnior, foi nomeado para substituí-lo o professor Benjamin de Oliveira e Sousa, em 7 de agôsto de 1935. Por despacho de 2 de janeiro de 1945, foi o professor Benjamin contratado para dar as aulas extraordinárias de matemática, a partir de 1.o de novembro de 1944, merecido prêmio pela sua dedicação e esfôrço no cumprimento do dever.

O farmacêutico Eugênio Bulcão, que desde o início do ano letivo de 1898 vinha exercendo escrupulosamente o cargo de preparador de física, química e história natural, obteve aposentadoria em 24 de setembro de 1935, sendo então nomeado o professor Olavo Cintra de Andrade a 1.o de outubro dêsse ano para o lugar de preparador interino de química. Por ato de 27 de agôsto de 1941 foi o professor Olavo Cintra designado para substituir o professor Jorge Nogueira Ferraz durante o seu afastamento por licença, o que é bem a prova de sua competência. Por despacho de 2 de janeiro de 1945, foi dispensado da regência da cadeira de ciências físicas e naturais. Em 20 de ja-

neiro de 1936 foi nomeado para o cargo de preparador de história natural o professor Cirilo da Silva Ramos, antigo aluno do Ginásio, continuando com dedicação no exercício do cargo.

Matricularam-se 429 alunos no ano letivo de 1935, sendo 100 alunos em cada um dos primeiros anos; 85 tanto no 3.o como no 4.o ano, e 59 no 5.o ano, todos constituidos por duas classes.

Exercia o cargo de Inspetor Federal, desde o ano de 1931, o dr. Ernesto Mendonça de Carvalho Borges, espírito reto e escrupuloso. Em 1937 assumiu êsse cargo o dr. Jair Leite da Silveira que cumpriu suas atribuições com inexcedível zêlo e permaneceu no cargo até o ano de 1943, quando apresentou seu pedido de exoneração.

Por ato do Govêrno de 3 de abril de 1936, foi nomeado o lente da Escola Normal de S. Carlos, dr. Duílio Ramos, para exercer em comissão o cargo de lente da cadeira de geografia e cosmografia, durante o impedimento do dr. Mário de Assis Moura, por motivo de licença. Por Decreto de 31 de outubro de 1939, foi removido por concurso, de conformidade com o Decreto n. 7.684 de 20 de março de 1936, para o cargo de lente efetivo da referida cadeira.

Para o Curso Complementar, criado pelo Decreto n. 5.117 de 20 de julho de 1931, foram nomeados por ato de 2 de julho de 1936 os seguintes professôres: dr. José Proença Pinto de Moura, para reger a cadeira de biologia geral; cônego dr. Emílio José Salim, para a cadeira de psicologia e lógica; professor Nelson Omegna, para a cadeira de literatura, e dr. Carlos Lencastre para a cadeira de economia e estatística. No dia 8 dêsse mês, foram nomeados mais os seguintes professôres: dr. Anfilófio de Melo, para a regência da cadeira de higiene; Amélio Guariento, para a cadeira de filosofia e sociologia; João Dias da Silveira, para a cadeira de geografia.

O Curso Complementar ficou constituido por excelentes professôres, mas em consequência do número diminuto de alunos, foi extinto por Decreto Estadual n. 8.923 de 19 de janeiro de 1938.

O professor de ginástica da Escola Normal de Casa Branca, Alberto Krum permutou, por Decreto de 26 de agosto de 1936, o seu cargo com o professor Jorge Carlos Guilherme Hennigs, que desde 1904 vinha ministrando as aulas de ginástica no Ginásio de Campinas. O professor Alberto Krum tomou posse a 2 de setembro do referido ano, e ainda continua no exercício do cargo, em que se tem revelado um grande animador de esporte na mocidade.

Por ato do Govêrno de 16 de outubro de 1937, foi designado

o professor Inácio de Carvalho Landell para substituir o professor de desenho João Dutra, que se achava em comissão na Escola Normal de Piracicaba. Por Decreto de 10 de maio de 1944 foi efetivado por concurso, nos têrmos do art. 34 do Decreto lei 12.932 de 9 de setembro de 1942.

Os professôres Anibal Freitas, diretor do Ginásio, e João Fiorelo Reginato, lente da Escola Normal oficial, que regiam respectivamente as cadeiras de física e de química, deixaram êsses cargos no dia 28 de dezembro de 1937, em virtude do Decreto Federal n. 24 de 29 de novembro de 1937, que não permite acumulações. Para a cadeira de química foi nomeado em caráter interino, por ato do Govêrno de 18 de abril de 1938, o professor Manuel Basílio Moreira de Barros, que tomou posse a 26 dêsse mês. O professor Basílio de Barros continuou a reger a cadeira com o brilhantismo de seus predecessores e foi efetivado por concurso, nos têrmos do art. 34 do Decreto-lei n. 12.932, recebendo merecido prêmio de sua inteligência e dedicação.

Para reger interinamente a cadeira de física foi designado, por ato do Govêrno de 25 de junho dêsse ano, o professor Hermínio de Oliveira e Sousa, que fizera o curso neste ginásio. Por despacho de 12 de julho de 1944 foi dispensado da regência interina da referida cadeira, na qual se houve com muito zêlo e critério.

Por Decreto de 2 de setembro de 1938 foi concedida autorização ao professor Benedito Sampaio, catedrático de português, para permutar a cadeira com seu digno filho professor Francisco Ribeiro Sampaio, lente da mesma cadeira na Escola Normal de Pirassununga, conquistada por concurso prestado na Escola Normal de São Paulo, em 1.o de agôsto de 1934. A 10 de setembro de 1938 entrou em exercício no Ginásio o professor Francisco Sampaio, que tem sabido manter o ensino da importante cadeira com o mesmo brilhantismo e proficiência de seu ilustre progenitor.

Durante o impedimento do catedrático de história da civilização, professor Alcindo Muniz de Sousa, pôsto em comissão no exercício do cargo de inspetor do ensino normal e secundário, foi nomeada, por ato do Govêrno de 4 de outubro de 1938, a professôra Maria Ferrante para exercer em comissão o cargo da referida cadeira. Por Decreto de 13 de fevereiro de 1940 foi removida, a pedido, para reger a cadeira de idêntica disciplina no Ginásio Estadual de Itapira.

Os antigos lentes catedráticos drs. Camilo Vanzolini e Henrique Augusto Vogel, cujas cadeiras já haviam sido suprimidas do curso ginasial, foram aposentados em data de 11 de outubro de 1938. Eram membros da "velha guarda", pois ingressaram

ambos no corpo docente do Ginásio à 14 de agôsto de 1901, após brilhantes provas de concurso das respectivas cadeiras — italiano e grego, em que conquistaram a melhor classificação. Pela cultura e devotamento ao ensino, muito concorreram para elevar o bom nome do Ginásio de Campinas, que em certa época era considerado um dos mais notáveis dentre os estabelecimentos de ensino secundário do Brasil.

Com a aposentadoria do dr. Vogel, que vinha dando as aulas extraordinárias de português, foi designado por ofício da Superintendência do Ensino Secundário, datado de 14 de outubro de 1938, o professor Adalberto Prado Silva para ficar com o encargo dessas aulas, entrando em exercício a 17 do mês. Por Decreto de 29 de agôsto de 1944 do Interventor Federal, foi contratado o professor Adalberto para as referidas aulas extraordinárias, a contar de 15 de março dêsse mesmo ano, no que continua dando mostras de grande zêlo e competência.

Assumiu a 12 de abril de 1939 o cargo de professôra interina de educação física, a professora Nair Rodrigues, nomeada por ato do Govêrno em 4 dêsse mês. Muito esforçada, não obstante ser ainda jóvem, foi declarada à disposição do Departamento de Educação Física a contar de 1.o de setembro de 1942, quando foi substituida pela professora Jurema Leme Rodrigues, nomeada como extranumerária até 31 de dezembro dêsse ano. No ano seguinte foi substituida pela professora Iracema França, por ato da Secretaria da Educação de 26 de abril. Finalmente, por Decreto de 20 de março de 1945 a professôra Nair tornou-se efetiva por concurso, nos têrmos do Decreto-lei 12.932, tomando posse a 4 do mês de abril. Havendo solicitado licença, foi designada a professora Prescila Silveira para substituí-la, a partir de 18 de setembro de 1945.

A cadeira de latim, que havia sido posta em concurso, foi após algum lapso de tempo provida com a nomeação do professor Francisco Galvão de Castro, classificado em 1.o lugar. O Decreto de nomeação data de 27 de junho de 1939, realizando-se a posse no cargo a 13 de julho. Espírito lúcido e culto, o professor Galvão logo se impôs à consideração dos colegas e alunos.

A 7 de junho de 1940 tomou posse, como lente substituto da cadeira de história da civilização, o dr. Murilo de Campos Castro, durante o afastamento do professor Alcindo Muniz de Sousa. Por Decreto de 6 de fevereiro de 1942 foi nomeado o dr. Murilo para reger interinamente a referida cadeira, da qual foi exonerado a pedido, por Decreto de 13 de abril de 1944, havendo dado cabal desempenho como membro do corpo docente do estabelecimento, do qual fôra aluno.

No ano de 1940 achavam-se desdobradas tôdas as séries, registrando o livro de matrículas 100 alunos na 1.a série; 96 na 2.a; 100 na 3.a; 84 na 4.a e 63 na 5.a série, no total de 443 alunos.

A lei orgânica do ensino secundário, de 9 de abril de 1942, Decreto-lei n. 4.244 do Govêrno Federal, estabeleceu as bases de organização do ensino secundário, sua estrutura e diversas outras disposições. O ensino secundário seria ministrado em dois ciclos, o primeiro de 4 anos, formando o curso ginasial, e o segundo de 3 anos, compreendendo dois cursos paralelos: — o classico e o científico.

Os estabelecimentos de ensino secundário ficaram constituidos de dois tipos: o ginásio, destinado a ministrar apenas o curso do 1.o ciclo, e o colégio, em que além do curso ginasial, seriam ministrados os dois cursos próprios do 2.o ciclo.

Pelo Decreto-lei n. 4.245, da mesma data de 9 de abril, foram considerados como colégios os estabelecimentos de ensino secundário que mantinham naquela data, sob inspeção federal, o curso fundamental e o curso complementar de acôrdo com o decreto n. 21.241 de 4 de abril de 1932. O Ginásio de Campinas enquadrava-se nesta situação, passando assim a denominar-se Colégio Estadual de Campinas.

Para ministrar as aulas extraordinárias de francês foi contratada a professôra Maria Júlia de Barros Toledo, a partir de 14 de abril de 1943. Por despacho de 29 de fevereiro do ano seguinte, foi nomeada para exercer interinamente o cargo de professôra da cadeira, a contar de 21 de setembro de 1943. Aluna distinta que foi do Ginásio, exerceu proficientemente o cargo de professôra; foi exonerada a 15 de fevereiro de 1945. A regência da cadeira ficou a cargo da professora Iracema Rosa dos Santos, removida da Escola Normal de Casa Branca, havendo entrado em exercício a 15 de março.

As aulas de latim, excedentes do limite permitido ao respectivo catedrático, ficaram a cargo da professora Lucí de Melo Braga, que também fôra aluna aplicada do Ginásio. Entrou em exercício a 18 de maio de 1942, havendo dado bom desempenho à missão que recebera, e foi dispensada em 6 de agôsto do ano seguinte. Assumiu então a regência dessas aulas o professor Hernani Grimaldi, contratado por Decreto de 7 de outubro, exercendo dedicadamente o cargo até 3 de abril de 1945.

Foram contratadas, em junho de 1942, as professôras Jací Alves Coelho e Ester de Salvo para se encarregarem das aulas respectivamente de economia doméstica e de trabalhos manuais, da secção feminina.

Com a instalação do 2.o ciclo — curso colegial, foram feitas

diversas nomeações para as novas cadeiras. Para reger a cadeira de espanhol foi designado, em data de 17 de maio de 1943, o professor Ernesto Tem de Barros, sem prejuizo de seus vencimentos de professor de francês na Escola Normal de Tatuí. Competente e circunspecto, o professor Barros se manteve em exercício até 24 de outubro do ano seguinte, quando foi removido para a Escola Caetano de Campos, passando as aulas a ser ministradas pela professora Deolinda Vila Nova Soeira, cujo contrato data porém de 23 de janeiro de 1945.

Para reger a cadeira de filosofia, foi contratado o dr. Enéas Ribas de Almeida, que entrou em exercício a 19 de abril de 1943, e ainda continua com reconhecida proficiência a ministrar essas aulas. Nessa mesma data, 19 de abril, ficou à disposição do Colégio Estadual de Campinas, a professora Mercedes Leite Ribeiro, com o encargo da cadeira de grego. Posteriormente foi contratada, por Decreto de 29 de agôsto de 1944, para a regência da cadeira a que vem emprestando o fulgor de sua inteligência.

A instrução pre-militar, cujas bases foram estabelecidas por Decreto-lei n. 4.642 de 2 de setembro de 1942, tornou-se obrigatória para os alunos do sexo masculino, de idade compreendida entre 12 e 16 anos, matriculados no curso ginasial. Todos os estabelecimentos de ensino, com mais de 50 alunos na idade referida, ficaram obrigados a manter um centro de instrução pre-militar, com instruções designadas pelo comandante da respectiva Região Militar. Para instrutor no Colégio Estadual de Campinas foi nomeado, a 25 de maio de 1943, o 2.o sargento Jair Pires de Camargo.

Pela Divisão do Ensino Secundário foram designados para as funções de Inspetores Federais, junto ao Colégio Estadual, os drs. Antônio Davi Vicente e António Raia, respectivamente em 1.o de outubro de 1942 e 7 de julho de 1943, os quais continuam com zêlo e alto critério a exercer seus cargos. Desde 20 de abril dêste ano ficou à disposição do Colégio, por ato do Govêrno, d. Noêmia de Melo Oliveira, que vem prestando bons serviços à secretaria do estabelecimento.

Com a instalação de diversas classes novas, tornou-se deficiente o número de salas de aula, chegando até a ser aproveitada uma parte do salão nobre para êsse fim. A construção nesse ano de 1943, de um pavilhão ligado ao corpo principal do edifício, contendo 4 amplas salas, regularizou a situação. Foi também reformada a instalação elétrica, ampliadas as instalações de higiene, etc. melhoramentos êstes devidos à diligência do esforçado diretor, professor Anibal Freitas, junto ao Govêrno do Estado.

Em 11 de julho de 1944 foi nomeado por concurso para a cadeira de física, nos têrmos do art. 34 do Decreto-lei n. 12.932

o professôr Moacir Santos de Campos, entrando em exercício a 13 do mês. O professôr Moacir continua a conservar o bom nome de que goza a cadeira de física dêste Colégio, onde fizera com brilhantismo seu curso secundário.

Na mesma data 11 de julho, foi nomeada por concurso, nos têrmos do referido Decreto, para exercer o cargo de professôra de história geral e do Brasil, a professora Maria Aparecida Pantoja, que entrou em exercício a 27 do mês.

Foram contratados para as aulas extraordinárias os seguintes professôres: dr. Alfredo Ribeiro Nogueira, para geografia, no período de 8 de maio a 30 de junho de 1944; professôra Maria Afonso Ferreira, para história geral a partir de 1.o de junho dêsse ano; professôra Dora Grandinetti para geografia, a partir de 18 de julho; e professora Célia Morais Siqueira, para inglês, a contar de 6 de junho, tomando posse a 3 de outubro.

De conformidade com o Decreto-lei n. 12.273 de 28 de outubro de 1941, obteve sua aposentadoria em data de 18 de abril de 1944, o professôr Carlos Francisco de Paula, catedrático de matemática, mediante concurso da cadeira de geometria e trigonometria, realizado entre os dias 3 e 11 de novembro de 1910. Por êsse motivo, foi-lhe prestada no dia 10 de maio de 1944 uma carinhosa homenagem de parte da diretoria, corpo docente e alunos do estabelecimento de ~~ensino~~, além do pessoal administrativo. Às 15 horas, realizou-se no salão nobre uma sessão solene aberta pelo diretor professôr Anibal Freitas, que disse solidarizer-se com satisfação à homenagem; falou, a seguir, em nome do corpo docente o professôr Francisco Ribeiro Sampaio, e, em nome dos alunos, o jóvem João Francisco Penido Burnier, sendo então descerrado o retrato do homenageado. O professor Carlos de Paula agradeceu comovidamente a demonstração de tanta estima, dizendo que a recebia como o mais alto prêmio de sua permanência por sete lustros nesta modelar casa de ensino e educação Em comemoração ao acontecimento, foi plantado no jardim fronteiriço ao prédio, um pequeno ingazeiro enviado pela Comissão de Reflorestamento.

Poucos dias depois, por Decreto de 16 de maio, era também aposentada a inspetora de alunas d. Almeirinda de Toledo Lima, que fôra nomeada para o cargo de contínua em 2 de julho de 1915, mantendo-se diligente no exercício de suas atribuições.

O diretor professôr Anibal Freitas, espírito esclarecido e sempre vigilante pelo bom nome do estabelecimento, não media esforços no sentido de melhorar as condições das salas de aula, corrigindo tôdas as falhas prejudiciais ao ensino. Durante o ano de 1944 foi executada uma reforma geral no prédio do Colégio, substituidas, as venezianas das salas de aulas por vitrais, com

apreciável vantagem para a iluminação. Foram também construídos banheiros, galpões, instalações sanitárias separadas, e uma pequena dependência destinada ao bar. No terreno que dá para a rua Hércules Florence iniciaram-se as obras do pavilhão de educação física, e projetava-se a construção do grande muro de fecho do terreno que dá para os fundos.

A 22 de maio dêsse ano, assumiu a regência da cadeira de matemática, do 1.o ciclo, a professoranda Maria Cecília Betim Bicalho, distinta aluna da Faculdade de Filosofia de Campinas, sendo dispensada em 28 de outubro do mesmo ano. Foi então pôsto à disposição dêste Colégio, por ato do Interventor Federal, de 28 de dezembro, o professôr Lívio Tomás Pereira, do Ginásio Estadual de Araras, que vem ministrando com proficiência o ensino da referida cadeira.

Nos têrmos do art. 34 do Decreto-lei n. 12.932, foi nomeada em 17 de outubro para a cadeira de biologia, a professôra Diva Dinis Correia, entrando em exercício a 14 de novembro. Regeu com reconhecida competência a cadeira conquistada em brilhante concurso, até as férias de junho de 1945, quando foi comissionada na capital do Estado. Veio substituí-la, durante o afastamento, o professôr Antônio Nogueira Braga, que antes já demonstrara seu valor na regência da mesma cadeira.

Em 2 de janeiro de 1945 foi nomeado por concurso para a cadeira de ciências físicas e naturais, o professôr João Batista Piovesan, sendo empossado a 11 do mês em precário estado de saúde. Infelizmente veio a falecer poucos dias depois, em 24 do mês, privando o Colégio da boa colaboração que se esperava de seu formoso talento. Foi então nomeado para essa disciplina, em data de 17 de abril de 1945, o professôr dr. José de Toledo Noronha, removida por Decreto de 9 de setembro do Ginásio Estadual de Santos para o Colégio de Campinas, onde continua com maestria a reger a cadeira.

Para exercer as funções de instrutor pre-militar como extranumerário, foi admitido em 18 de abril de 1945 o 1.o sargento Abílio Ribeiro da Costa. Para encarregar-se do ensino de trabalhos manuais, ficou à disposição dêste Colégio o professôr Carlos Alberto Erbolato, a partir de 12 de julho dêsse ano.

Por ocasião dos jogos do 10.o Campeonato Aberto do Interior, realizados em princípio de outubro dêsse ano, procedeu-se

ANIBAL DE FREITAS, antigo lente catedrático e atual diretor

à inauguração oficial do grande Ginásio Municipal, destinado à secção de esportes, construido em terreno do Colégio Estadual, conforme referência anteriormente feita.

*
* *

Fazendo um rápido retrospecto de tudo quanto fica relatado, se infere, sem falsa lisonja, que o corpo docente do antigo Colégio Culto à Ciência, do Ginásio e atualmente do Colégio Estadual de Campinas, foi sempre constituido, em sua grande maioria, por professôres de notáveis qualidades morais e intelectuais. Muitos dêles reuniam predicados invulgares, consagrando ao ensino da matéria que lhes pertencia a máxima dedicação e todo o fulgor de sua inteligência.

Costuma-se definir o verdadeiro professor aquêle que, perfeitamente inteirado de sua missão, considerada "a mais nobre e dignificante que a pátria pode confiar a um filho", procura exercê-la sempre com a maior integridade moral, transmitindo ensinamentos com amor aos tenros espíritos que lhe são confiados. Dando-lhes o exemplo desta integridade, o professor se eleva em sua missão, tornando-se um educador na formação moral de seus alunos. Ao professor do ensino secundário incumbe, no justo conceito de George Dumas, a formação das elites, razão porque se diz que uma nação vale o que vale o seu ensino secundário.

As cátedras do tradicional "Culto à Ciência", Ginásio e Colégio Estadual, nunca se deslustraram, sendo certo que todos que nelas tomaram assento estavam perfeitamente compenetrados da grande missão que exerciam, missão de renúncia e de sacrifícios, alheia aos empenhos para aprovações ou apadrinhamentos.

Quase todos êles dedicaram inteiramente suas energias ao trabalho do magistério, alheios às atividades que não lhe eram afins. Publicaram obras didáticas das matérias que lecionavam, não com a preocupação de lucro, conhecido que é o mínimo quinhão que toca aos autores de livros neste país, mas para melhor orientação de seus alunos. São autores de obras didáticas que granjearam grande aceitação nos estabelecimentos de ensino, não só do Estado de São Paulo mas de outros Estados da União, os professores: Otoniel Mota, Benedito Sampaio, Francisco Ribeiro Sampaio e Adalberto Prado Silva, da cadeira de português; João Keating, francês; Camilo Vanzolini, italiano; João Von Atzingen, alemão; José Stott, inglês; Coelho Neto, literatura; Antônio Cesarino Jr. e Alcino Muniz de Sousa, história da civilização; Basílio de Magalhães, história do Brasil; Paulo Luís Décourt, histó-

ria natural; Anibal Freitas, física e química; André Perez y Marin e Carlos F. de Paula, matemática; padre José Castro Neri, filosofia.

Um certo número dêles deixaram a cátedra para ocupar elevados cargos no magistério e na administração pública, enquanto outros conquistaram novas cátedras nas academias superiores. Aquêles que findaram seus dias, trabalhando indefessamente no honroso pôsto desta casa, receberam as mais expressivas homenagens e têm os nomes gravados nos corações de milhares de antigos alunos e vivem na saudade de seus colegas.

No modelar templo de ensino e educação que é o atual Colégio Estadual de Campinas deveriam, pois, ter formado sua mentalidade e se adestrado para as pugnas da existência um número incontável de figuras, que se destacaram na vida pública, como cidadãos prestantes à sociedade, colaboradores da grandeza da pátria, em tudo dignificando as tradições dêste instituto de ensino.

Na impossibilidade de citar os nomes de todos que firmaram merecida nomeada nas profissões liberais, como médicos, advogados e engenheiros, seguem apenas os que ascenderam às cátedras de cursos superiores: dr. José Otávio Monteiro de Camargo (Escola Politécnica de S. Paulo); drs. Ludgero da Cunha Mota, Luís Vénere Décourt, Mauro Pereira Barreto e Inácio Alvares Correia (Faculdade de Medicina de S. Paulo); dr. Jerônimo Geraldo de Campos Freire (Faculdade de Medicina de Curitiba); drs. Basileu Garcia e Antônio Ferreira Cesarino Jr. (Faculdade de Direito de S. Paulo); dr. Francisco Oscar Penteado Stevenson (Faculdade de Direito da Universidade do Brasil).

Os ex-alunos que, mediante as provas de concurso, conquistaram cátedras nesta casa, donde lhes desceram ensinamentos dos antigos mestres, são: prof. Paulo Luís Décourt, dr. Antônio Ferreira Cesarino Jr., prof. Francisco Ribeiro Sampaio e prof. Moacir Santos de Campos.

No vasto salão nobre acha-se instalada a biblioteca com mais de 6.000 volumes, e lá pendem de suas paredes os retratos dos professôres e diretores homenageados: Manuel Agostinho Lourenço, Padre Luís Gonzaga van Woesich, Benedito Sampaio, dr. Antônio Rodrigues Alves Pereira, dr. João César Bueno Bierrenbach, dr. Amadeu Mendes, dr. Jorge Miranda, João Keating, Gustavo Enge, dr. Abílio Álvaro Miller, dr. Ernesto Kuhlmann, André Perez y Marin, Carlos Francisco de Paula e Duque de Caxias, êste como patrono do soldado brasileiro.

Na secretaria vêem-se os retratos do Visconde de Indaiatuba (Joaquim Bonifácio do Amaral), dr. Jorge Guilherme Henrique Krug, dr. Mário Bulcão, Marechal Floriano Peixoto, Marechal

Deodoro da Fonseca, dr. Prudente José de Morais Barros, dr. Antônio Dino da Costa Bueno, dr. Manuel Ferraz de Campos Sales e dr. Bernardino de Campos. E' sensível a falta do retrato de Antônio Pompeu de Camargo, o idealizador da fundação do antigo Colégio Culto à Ciência.

O dia 4 de dezembro marca uma data memorável para êste estabelecimento de ensino, — a sua inauguração oficial a 4 de dezembro de 1896. Por êsse motivo, é feriado nesta casa e deveria ser comemorado anualmente pelos alunos, como se fazia nos primeiros anos. No corpo de alunos do Colégio Estadual de Campinas encontram-se sempre elementos entusiásticos e inteligentes para a organização de certâmens artísticos e literários. Dêsse modo, a alma vibrante de idealismo das primeiras turmas de alunos do ex-Ginásio encontraria esplêndida ressonância na mocidade que lhe vem sucedendo nos bancos colegiais, em demanda do mesmo objetivo de sua formação moral e intelectual. A 4 de dezembro de 1946 vai decorrer o 1.o cinquentenário da inauguração oficial do Ginásio do Estado em Campinas. Assinala meio século de trabalho fecundo, cujo resultado magnífico é difícil aquilatar. Aqui não cabe destacar valores dentre aquêles que trabalharam ou se instruiram sob o teto dêste vetusto templo erguido pelos velhos campineiros do 3.o quartel do século passado; êsse julgamento caberá melhor aos milhares de cidadãos ilustres, filhos espirituais desta casa que é um padrão de glória de Campinas.

EFEMÉRIDES PRINCIPAIS

6 de fevereiro de 1869	— Publicação do manifesto sôbre a fundação de um estabelecimento de ensino em Campinas.
19 de maio de 1869	— Reunião no Paço Municipal para discussão e aprovação do manifesto e eleição da diretoria provisória.
11 de julho de 1869	— Aprovação dos Estatutos da Sociedade Culto à Ciência e da compra do terreno para construção do edifício.
13 de abril de 1873	— Lançamento da pedra fundamental do edifício.
12 de janeiro de 1874	— INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA.
21 de junho de 1884	— Reforma dos Estatutos da Associação Culto à Ciência.
28 de outubro de 1886	— Visita do monarca D. Pedro II.
24 de dezembro de 1892	— Dissolução da Associação Culto à Ciência.
8 de março de 1895	— Transferência do patrimônio do antigo Culto à Ciência ao Govêrno do Estado.
15 de março de 1895	— Decreto-lei n. 284 da criação do Ginásio de Campinas.
12 de novembro de 1896	— Posse dos primeiros lentes catedráticos do Ginásio de Campinas.
4 de dezembro de 1896	— INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO DE CAMPINAS.
1 de julho de 1897	— Início das aulas.
16 de fevereiro de 1901	— Equiparação do Ginásio de Campinas ao Ginásio Nacional.
1 de março de 1901	— Formatura da 1.a turma de bacharéis em ciências e letras.
15 de abril de 1909	— Matrícula das primeiras alunas no curso ginasial.
9 de abril de 1942	— Decreto-lei n. 4.245 do Govêrno Federal pelo qual o Ginásio de Campinas passou a denominar-se Colégio Estadual de Campinas.

PRINCIPAIS FONTES DE INFORMAÇÕES

Para a confecção dêste pequeno trabalho, recorreu o autor à preciosa coleção de antigas fôlhas campineiras, existente no Centro de Ciências, Letras e Artes, notadamente no que se refere ao antigo Colégio Culto à Ciência; ao arquivo do Colégio Estadual; almanaques de Campinas; artigos diversos da imprensa; Campinas — recordações, por Leopoldo Amaral; informações obtidas do atual diretor prof. Anibal Freitas, do secretário Benedito de Oliveira, — que é uma história viva do estabelecimento durante os últimos 50 anos, e ainda do conhecimento próprio do autor.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 83

Do	Número	Ano	Rubrica
P. Condephaat	22804	83	

A Assessoria Técnica,

Anexado parecer técnico de fls. 84 em diante

SSWolff
Arq. SILVIA FERREIRA SANTOS WOLFF
15/1/87

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

86

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

87/88

Folha de informação rubricada sob n.º .....

do Condephaat n.º 22804/83 (a) .....

Interessado:

Assunto:

O Colégio "Culto à Ciência" de Campinas

Espaço do Saber - 1869 - 1985

1. Introdução

1.1. A Cidade e o "Culto à Ciência"

O Colégio Culto à Ciência de Campinas nasce como idéia em 1869, fruto da Sociedade Culto à Ciência, cujos membros eram fazendeiros, comerciantes, militares e "intelectuais" da época, que se auto-proclamavam positivistas, maçons e Republicanos. Muitos desses homens tornaram-se figuras importantes nos primeiros Governos Republicanos: Campos Salles, Francisco Glycério, Américo Brasiliense, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos e outros (1).

A cidade de Campinas se configurava nos fins da década de 1860 e inicios da década de 1870, no século XIX,

---

(1) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal - O Ideário Republicano e a Educação. O Colégio "Culto à Ciência" de Campinas (1869-1892). São Paulo, tese de mestrado, USP, mimeo, 1981.

como centro irradiador da plantação de café para o Oeste Paulista. A partir de 1872 a provincia de São Paulo já se coloca como principal produtora de café, sendo esta lavoura prodigiosa em Campinas.

A marcha do café traz inúmeras modificações econômicas na região. A expansão da economia cafeeira se revela no crescimento da cidade que se modifica fisicamente, tomando novo aspecto com a construção de prédios e novo traçado das ruas. Aumenta o número de casas comerciais e aparecem as primeiras industrias de pequeno porte, voltadas principalmente para o beneficiamento do café.

" Dos engenhos e das fazendas para a cidade trouxeram os poderosos uma vida social que se mantinha nos sobrados rurais; e a cidade exigiu água, bondes, calçamento, melhor comércio, medicina e hospitais, Santa Casa para os pobres, e as residências luxuosas que, de simples casas de fins de semana e festas religiosas, passaram a ser os lares amplos, cômodos, ricos, para a permanência da família, em permuta com as fazendas, que passaram a ser o refúgio para descanso e férias".(2)

---

(2) PUPO, Celso M. de Mello- Campinas, Seu Berço e Juventude, Academia Campinense de Letras nº 20, Campinas, 1969, p. 156, citado por Carmem Sylvia Vidigal Moraes.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º .....

do Condephaat n.º 22804/83 (a) .....

Interessado:

Assunto:

No setor das construções há uma "revolução" no ano de 1867 em função do início de fabricação de tijolos por Antonio Carlos de Sampaio Peixoto (patente industrial inglesa de "Clayton e Companhia"). A primeira construção de tijolos foi a casa de Francisco de Paula Bueno que tinha as suas paredes externas de tijolos e as internas de pau a pique.

Segundo Celso M.de Mello Pupo (citado por Carmem Sylvia Vidigal Moraes, op.cit.,p.4) as construções que se seguiram "Seriam execuções mais sólidas, com paredes externas de taipa e as internas de tijolos, eliminando-se o uso de pau a pique. Com os tijolos vieram as "platibandas e calhas de cobre", cujo uso se generalizou, sendo colocadas "nas casas de beirais" com a supressão "das águas caídas nos passeios diretamente da altura dos telhados".

Em razão do crescimento comercial devido à atividade cafeeira e ao surgimento das estradas de ferro, há uma aceleração da expansão da área urbana:

" De acordo com a Gazeta de Campinas, em 1869, havia na cidade 1.400 prédios, total que em 1872 atingirá 1668 casas, representando um aumento de 268 casas num período de dois anos, equivalente à construção de 10 novos prédios por mês".(3)

Em 1870 a população da cidade chegava a 10. 000 pessoas e a do município 30.000. Luiz Silvério em arti

(3) MORAES, Carmem Sylvia Vidigal- op.cit.,pag.8

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 87 BL

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

o publicado na Gazeta (1?/11/187) comenta e analisa dados do Almanaque de Campinas de 1870:

"... há no município 7 irmandades religiosas, das quais só a do Santíssimo conta hoje com mais de 260 irmãos..., outras 6 irmandades, que contam um pessoal superior a 1000 individuos... Há nesta cidade 8 Sociedades de danca, 2 dramáticas, 1 carnavalesca, 2 de caridade, 4 de instrução e leitura, todas com grande pessoal, residindo a maioria dos sócios dentro da cidade... O comércio compõem-se de 70 lojas de fazendas e ferragens, 160 molhados e tavernas, 10 comissões, depósitos etc... Temos no município 330 lavradores de café, algodão e açucar a maior parte frequenta a cidade e muitos tem nela seus filhos... Nas escolas públicas e particulares da cidade estão matriculados 570 alunos..."(4)

O crescimento do comércio na cidade de Campinas se acentua na década de 1870. O comércio atacadista e o grande comércio voltado para o exterior constituem o setor urbano de maior desenvolvimento relativo. Os fazendeiros locais começam a diversificar a aplicação de seu capital, impulsionando o desenvolvimento do alto comércio e adquirindo hábitos urbanos cada vez mais desenvolvidos.

O nivel cultural da sociedade campineira na época era bastante elevado tanto em relação à provindia

(4) MORAES, Carmem Sylvia Vidigal - op.cit. pag.9

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 88 bl

do Condephaat n.º 22894/83 (a)

Interessado:

Assunto:

como em relação à situação educacional e cultural do Império. Em 1871, Manuel Ferraz de Campos Salles, em artigo publicado no Almanaque de Campinas, comenta o progresso campineiro no campo educacional.

" (...) Deixemos falar as cifras, que nelas está o fim que temos em vista.

Na cidade funcionam efetivamente 16 escolas de ensino primário e destas, 5 são públicas e 11 particulares, 4 para o sexo feminino e 12 para o masculino.

Estão matriculados e frequentam estas escolas, com mais ou menos regularidade, 570 alunos de ambos os sexos...

Conforme acontece nos municipios essencialmente agrícolas, como é este, uma parte numerosa e importantíssima da população reside fora da cidade, aplicada aos misteres dos diversos ramos da agricultura. Desta circunstância resulta que aí, nas fazendas ou bairros, conta-se um crescido número de escolas particulares, não computadas nos algarismos acima indicados e que distribuem o ensino de diversas matérias a um número superior a 200 alunos. Não há aqui dados oficiais, mas colhemos este resultado das indagações minuciosas a que recorremos.

(...)

Com um ligeiro confronto mostraremos que, se uma tal estatística é de si lisonjeira, torna-se ex-

traordinária e imensa comparada com o resultado que apresenta a estatística geral do Império".(5)

Depois de confrontar favoravelmente o estado da instrução em Campinas com o estado geral da instrução no Império, Campos Salles enaltece a criação de duas sociedades no período, a **Culto à Ciência** e a **Promotora da Instrução.**

A situação da imprensa em Campinas também era de destaque. Por volta de 1883, Campinas publicava regularmente duas folhas: A Gazeta de Campinas e o Diário de Campinas. A imprensa era responsável, na época, pela propaganda dos colégios existentes em Campinas. Os fundadores do Colégio "Culto a Ciência" apreciaram devidamente tal prática.

A despeito do contexto cultural favorável da sociedade campineira nas últimas décadas do século XIX, um colégio como o **"Culto à Ciência"** fazia falta. No início de 1869, um grupo de homens, pertencentes à uma fracção da classe dominante do país, decide constituir a Sociedade **"Culto à Ciência"** com o intuito de edificar ou reconstruir um prédio com acomodações especiais para uma escola regularmente montada, com características específicas, isto è, destinada às diferentes classes sociais, sem visar lucro algum.

---

(5) Campos Salles, Manuel Ferraz- Almanaque de Campinas para 1871, in Moraes, Carmem Sylvia Vidigal-op.cit., pp.11-13.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 90 Sh

de Condephaat n.º 228/04/83(a)

Interessado:

Assunto:

A Gazeta de Campinas, de 25/11/1969, publicava considerações de Francisco Quirino dos Santos acerca da criação do "Culto à Ciêcia", onde os ideais positivistas transplantados para a educação são quase explicitos:

"... a uma empresa que não reserva para si nenhuma vantagem de imediato interesse, a não ser o que vem diretamente pelos bons frutos de sua tarefa. Lucro pecuniário nenhum... devendo o excedente ser carreado à custa do seu fundo de reserva, como mais um meio garantidor para a estabilidade do colégio e de seus indispensáveis melhoramentos.

Esta medida apresenta a face característica do "Culto à Ciência" e vem a ser aquela em que se dá o seu empenho exclusivo a instrução pública.

Nos seus Estatutos ainda se nos depara um artigo que não podemos deixar de tornar saliente, pelo justo encômio que de todo o ponto merece. É o em que se consigna ordem à diretoria para manter à custa da sociedade uma aula de ensino primário gratuito, quando a sua criação for autorizada pelo estado florescente das finanças. (...)

É preciso que as classes menos abastadas participem do benefício imenso, que não pode ser privilégio exlusivo daqueles que se acham no cume das posições e da fortuna.

Este é o segredo da grandeza dos Estados Unidos.. (...)

É preciso fundar uma escola que abra margem, como têm em vista os Estatutos do "Culto à Ciência" não só ao ensino elementar, como ainda ao secundário, nas proporções em que assenta o plano de estudo superior, reconhecidamente necessário na atualidade".(6)

Os textos apontam como causa determinante da fundação do "Culto à Ciência" a ausência, não de escolas de modo geral, mas de um tipo de escolas, inexistente na cidade e mesmo no país, segundo suas características de instituição particular, cuja sociedadade mantenedora não tinha fins lucrativos.

A falta que fazia a existência de uma escola como o "Culto à Ciência" era atestada também no manifesto da Sociedade fundadora:

" De acordo com o manifesto da Sociedade Culto à Ciência, em 1869, era "sensível" na cidade a falta de um estabelecimento destinado "ao ensino primário e secundário,regularmente montado, de modo a poder realizar com o aperfeiçoamento possível a educação moral e intelectual dos alunos".

(6) SANTOS,Francisco Quirino-A Gazeta de Campinas, 25/11/1869,citado por Moraes,Carmem Sylvia Vidigal,op.cit.,pp.20-21.

"Os lucros advindos do plantio e comercialização do café permitiram aos habitantes de Campinas, se não a todos, pelo menos aos mais ilustres, que se associassem para cobrir o vazio existentes"(7).

O "Culto à Ciência" não viria apenas, no entanto, para preencher como uma escola a mais, a lacuna de um estabelecimento de ensino. Os fundadores, pertencentes às camadas dominantes da sociedade, tinham interesses políticos imediatos e idéias definidas acerca da educação e da situação escolar do país, condizentes com a sua posição social e visão do mundo.

A Sociedade "Culto à Ciência" contou com membros e sócios como Campos Salles, Jorge Miranda, Candido Camargo, Joaquim Bonifácio do Amaral (mais tarde Visconde de Indaiatuba), Comendador Joaquim Egídio de Souza Aranha(depois Marquês de Três Rios), Joaquim Quirino dos Santos, Jorge Guilherme Henrique Krug e Antonio Pompeu de Camargo. Fracção da burguesia identificada com a produção e comercialização do café no Oeste Paulista, nas últimas décadas do século XIX, empreendem um conjunto de realizações econômicas e políticas, no qual o Colégio "Culto à Ciência" se enquadra e adquire significado. Torna-se necessário, assim, esclarecer o caráter da Sociedade "Culto à Ciência" e os seus objetivos principais.

1.2. O Caráter da Sociedade "Culto à Ciência" e Seus Objetivos.

---

(7) MORAES, Carmem Sylvia Vidigal - op.cit. pp.41-42.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 93 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

A Sociedade "Culto à Ciência" teve como móvel principal a criação de uma escola que promovesse o ensino elementar e secundário em bases regulares. Fundada em 1869, esta Sociedade teve seus estatutos alterados em 1873:

" Nestas reformas - dirá Campos Salles, em artigo publicado na Gazeta de Campinas de 23/1/1876 - que ainda hoje constituem a lei orgânica da associação, foram conservados os principios capitais;

" Que o fim principal e único da sociedade era facilitar a instrução primária e secundária fundando e mantendo na cidade de Campinas um colégio para educação de alunos do sexo masculino(art.1º)";

" No entanto, desta vez, determinava-se "que os sócios não tinham direito pecuniário, sob qualquer denominação ficando os bens sociais e seus rendimentos única e exclusivamente destinados ao fim da instrução (art.2º)";

" Que no colégio fundado pela sociedadeseriam admitidos gratuitamente alunos pobres(art.34)";

" Que no caso de dissolução da sociedade ficaria o seu patrimônio pertencendo à municipalidade de Campinas que seria obrigada a aplicar os seus rendimentos à instrução (art.61)" (8)

A Sociedade "Culto à Ciência" passava a ser, de fato, então, uma sociedade benemérita. Sem quaisquer idéias de lucro pecuniário reuniram-se 126 sócios

(8) MORAES, Carmem Sylvia Vidigal-op.cit.pp. 29-30 ;
Paula, Carlos F.de-Culto à Ciência (Colégio-Ginásio e Colégio Estadual) Monografia Histórica, Campinas, 1946.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 94 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

subscrevendo uma soma de 73.197$26 Réis.

Quando o colégio foi inaugurado, a 12 de Janeiro de 1874, em ato solene, Campos Salles deixaria marcadas, em seu discurso as aspirações políticas e sociais que haviam mobilizado o grupo nesta realização:

" O cidadão já não se limita a esperar do Estado aquilo que pode fazer por si e que constitui uma indeclinável necessidade sua. Os meios não faltam. Quando a vontade individual não basta, convoca-se o esforço comum e forma-se a associação para levantar a escola. Se isto não é tudo, pelo menos prenuncia a próxima solução do mais importante problema social, porque significa o despertar da concisciência pública.

E já é muito na verdade quando sentimos que temos sede de instrução. É o sintoma precursor da saúde moral dos povos. Sim, a sociedade caminha, obedece às leis do progresso e já agora vê o verdadeiro ponto de partida para os mais altos destinos no desenvolvimento da razão, na cultura do espírito, esse centro luminoso onde reside por excelência a distinção suprema que caracteriza o ser humano - a coroa da criação.

(...)

Não se espere, pois, indolente pela ação oficial. Que o povo se associe para educar o povo" (9)

Este discurso de Campos Salles é elucidativo dos motivos da criação do **Culto à Ciência** quando revela a aspiração do grupo fundador em firmar o poder da iniciativa particular frente ao poder do Estado, entendido como decorrência inevitável do "despertar da consciência pública".

Tais convicções, reforçar ao extremo o poder da iniciativa privada com o fim de reduzir o campo de atuação do Estados Monárquico, foram inúmeras vezes reafirmadas não apenas por Campos Salles como também pelos outros republicanos e positivistas mais antigos. Segundo Carmem Sylvia Vidigal Moraes, na sua obra já citada, O Ideário Republicano e a Educação- O Colégio "Culto à Ciência" de Campinas (1869 a 1892)(página 37)"O objetivo expresso no fortalecimento da ação dos particulares não se esgota na concretização de aspirações de um tipo de educação que Campos Salles chama de "educação para o povo"mas traduz outros interesses, nos quais a educação parece ocupar lugar de inegável importância...". Como Campos Sal es afirmaria, seria na escola que se formariam cidadões úteis à pátria,fato que estaria já na consciência pública.A atua-

(9) CAMPOS SALLES,- Gazeta de Campinas-15/01/1874,citado por Moraes,Carmem Sylvia Vidigal-op.cit.pp.34-36

ção da Sociedade **Culto à Ciência** era enaltecida , quando dentro de um período de indiferentismo, em que os capitais afluiam somente para as empresas lucrativas, teria organizado a escola, desprezando as vantagens pecuniárias e sendo toda dedicada exclusivamente ao interesse público.

A realização da Sociedade **"Culto à Ciência"** era elogiada, inclusive, pelo Ministério do Império que, no ano de 1874, fez reproduzir no Diário Oficial os seus estatutos, enviando-os aos presidentes das provincias com uma circular, na qual apresentava a iniciativa da população campineira como paradigma e modelo. Isto levaria Campos Salles a reafirmar que não era sem motivo que:

"... consideramos a Sociedade **Culto à Ciência** como um dos passos mais salientes que se há dado no país em prol da educação.

(...)

... já se reconhece com justiça que aqui na província de São Paulo, a iniciativa particular, suprindo a ação governamental, opera grandes resultados na ordem moral também, utilizando os mais profícuos esforços no generoso intuito de espalhar a instrução e levar a luz a todas as almas..."(10)

---

(10) CAMPOS SALLES, Gazeta de Campinas - 23/01/1876, citado por MORAES, Carmem Sylvia Vidigal - op. cit., pp. 37-38.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 97 Bh

do Condephaat n.º 228/01/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Segundo a autora Carmem Sylvia Vidigal Moraes seriam, no entanto, as palavras de outro republicano, João Alberto Salles, publicada na Gazeta de Campinas de 12/01/1924 (nos dez anos de existência do **Culto à Ciência**), que melhor deixariam transparecer os interesses econômicos e políticos que permeavam a ação do grupo:

"(...) aquele que se refere particularmente ao espantoso e extraordinário incremento, que nestes últimos tempos, sobretudo, tem tomado a iniciativa individual no desenvolvimento das diversas esferas da atividade humana. A indústria, o comércio, a arte e a ciência alargam quotidianamente os seus domínios, com o esforço único da associação dos particulares.

(...) sem que, entretanto, tenha sido devidamente apreciado em sua característica dominante de força social, que de dia a dia mais se acentua e que caminha segura, para imprimir aos organismos políticos uma transformação radical.

(...)

Essa força social, que atualmente se denomina iniciativa individual e que tantos comentários tem exercido de todos, pelos admiráveis prodígios que tem ultimamente operado, manifestando-se sempre com uma fecundidade

189

verdadeiramente espantosa de benéficos efeitos, está perfeitamente neste caso. De nula que era em sua origem, quando apenas significava o esforço isolado do indivíduo tem-se hoje, transformado, pelo desenvolvimento espontâneo do espírito de associação, em um poderoso elemento de progresso, que tende necessariamente a fins políticos de suma importância.

Na mesma proporção em que se aumenta a influência da associação, estreita-se a esfera de ação do Estado e acentua-se melhor a linha indicativa de sua legítima competencia... E se ainda hoje , o Estado exerce um grande número de funções, podemos dizer, em vista da rapidez admirável com que caminha a iniciativa individual, que dentro em pouco ele se limitará ao seu verdadeiro fim, que consiste na aplicação única do direito"(11)

João Alberto Salles colocava o fortalecimento da iniciativa particular como parte dos objetivos politicos e o Culto à Ciência seria uma realização nesse sentido. Acentuando que o Culto à Ciência -

(11) JOÃO ALBERTO SALLES- Gazeta de Campinas- 12/01/1884, citado por Moraes, C.S. Vidigal- op.cit, pp.39-40

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 99 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

era uma realização isolada, fazia votos para que, em breve, outras associações do mesmo tipo se formassem e esperava que o ensino, monopólio do Estado, passasse de uma vez para as mãos dos particulares, no seu entender, os verdadeiros interessados.

O crescimento e reforço da iniciativa privada constituiam objetivo político explícito do grupo fundador da Sociedade Culto à Ciência. Como afirmava João Alberto Salles era importante o reconhecimento do grupo, como força social emergente, pelo Estado monárquico.

O diretor do Ginásio do Estado de São Paulo, em 1896, afirmava que se todas as instituições educadoras, de caráter particular, tinham direito aos respeitos e aplausos públicos, mais credora disso era a do Culto à Ciência, único estabelecimento em seu gênero existente no país, que visava o interesse social com inteira exclusão de quaisquer lucros pecuniários.

Alguns anos antes, em 1884, por ocasião do aniversário de dez anos do colégio João Vieira de Almeida, professor de latim do Culto à Ciência, já ressaltava a sua influência benéfica em Campinas:

"Para se reconhecer como influiu na difusão dos conhecimentos em todas as camadas sociais, basta atender que depois do Culto à Ciência vieram o

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 100 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Asilo dos Órfãos, a Correia de Mello, a Luiz de Camões e as escolas populares, fundadas por alguns fazendeiros, em benefícios das classes desfavorecidas da fortuna".(12)

Esse autor caracterizava, no mesmo artigo, as funções sociais realizadas pelo Colégio "Culto à Ciência": Clientela privilegiada, destinada a galgar os mais altos graus da hierarquia escolar, inclusive na Europa. João Vieira de Almeida diferenciava as funções sociais desempenhadas por esta instituição das exercidas pelas outras, também criadas por um grupo de fazendeiros (quase os mesmos da Sociedade Culto à Ciência), mas destinadas às classes pobres. No entanto, uma característica seria comum a ambos os tipos de instituição: o preparo do cidadão republicano.

O professor apontava ainda a influência do "Culto à Ciência" na fundação dessas escolas de caráter diferente, destinadas à classe trabalhadora:

> " Será porque o Fazendeiro, por uma força de intuição, viu no derramento da instrução a regeneração do trabalho nacional, e lançou assim as bases do edifício para receber as classes industriais, que hão de marchar de par com as agrícolas?

(12) ALMEIDA, João Vieira- A Gazeta de Campinas, 1884, citado por MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- op.cit., p.43.

Não sei.

O que é certo é que praticou bem e fez jus à gratidão da prosperidade.

Não hesito em afirmar que o Culto à Ciência influiu ainda para este benéfico resultado" (13)

Na realidade, os homens que pertenciam à Sociedade "Culto à Ciência" estavam também envolvidos em realizações na área denominada de " instrução popular". Além de um curso de comércio noturno, o Ginásio Comercial, se fundam em Campinas, nos anos oitenta, mais três escolas destinadas à instrução das classes pobres. Todas as três escolas foram obra de homens que pertenciam à Sociedade "Culto à Ciência". Esses homens da elite Campineira se preocupavam com o ensino elementar, tentando reforçar a participação da iniciativa privada nesse sentido. A Gazeta de Campinas, de 28/03/1880, discorria sobre os novos empreendimentos:

" Desta vez é a causa da instrução popular que parece preocupar todos os espíritos e ter de receber neste generoso município invejável desenvolvimento.

Vamos presenciar em um mesmo ano a inauguração de três escolas: uma já citada pelo Sr.

(13) ALMEIDA, João Vieira - op.cit., p.44

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 102 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Joaquim Ferreira de Camargo Andrade, nos baixos de sua casa de morada, outra que há de funcionar no elegante edifício que fez atualmente levantar o venerando cidadão Sr. Joaquim Ferreira Penteado e a terceira que deve ser mantida por uma associação popular a que será entregue o "Monumento a Corrêa de Mello", edifício construido com o duplo fim de perpetuar a memória do ilustre botânico brasileiro e servir a causa da educação da mocidade. Três escolas para o ensino gratuíto das crianças destituidas de recursos!

(...)

Os nomes dos dois distintos campineiros a que nos temos referido, devem ficar perpetuados na memória popular; são exemplos que talvez consigam produzir uma revolução no nosso meio social e livrar as classes do mestre-escola, público, único que o governo nos pode proporcionar, um desastrado atrofiador de juvenis inteligências, cujo cintilar nem poderia perceber..."

Esses mesmos homens, membros da Sociedade "Culto à Ciência", eram maçons e como tal foram responsáveis pelo estabelecimento das "aulas noturnas", uma realização da Maçonaria de Campinas, também fundadora da "Sociedade Propagadora de Instrução". A loja Maçonica Independência à qual pertenciam, ha-

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 103 BL

do Conde-phaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

via sido fundada em 1867 e funcionava sob os auspícios do Grande Oriente do Brasil. Esta loja manteve e criou a partir de 1870 uma aula gratuita de ensino primário e uma biblioteca- Sociedade Propagadora da Instrução - cujo presidente era Francisco Quirino dos Santos.

O funcionamento das aulas noturnas foi, pode-se supor, intermitente. Em 1875 a aula noturna tinha 42 alunos cujas idades variavam de 5 a 56 anos. A aula não visava apenas homens livres pobres, mas também escravos. Apesar de seu caráter intermitente, a iniciativa era altamente elogiada pela imprensa campineira da época. Em 1880 A Gazeta noticiava a criação de mais um curso, aberto pela Loja Maçonica Independência, cujo método seria "quase todo prático, à semelhança do que é adotado pelos modernos educadores dos E.U.A. e Alemanha".

Enquanto as Escolas " Ferreira Penteado", "Ferreira de Camargo" e a "Corrêa de Mello" visavam o ensino gratuíto das crianças pobres, as aulas noturnas da Maçonaria destinavam-se, principalmente, a uma clientela adulta constituida de trabalhadores livres, "pobres operários", e trabalhadores escravos.

Os membros da Sociedade "Culto à Ciência" empenharam-se na preparação do cidadão republicano através da tarefa educacional destinada não apenas à elite mas também às classes populares. Reconhecen-

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 104 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

do a hierarquia social existente, especificaram, todavia, tipos de instrução distintos para as diferentes classes sociais. Enquanto o ensino primário era considerado necessário a todos, o curso secundário, em seus moldes clássicos, era reservado apenas à certa classe da sociedade. Tratava-se, de acordo com vários autores, de conciliar os ideais democráticos da propaganda republicana e as demandas de uma sociedade fortemente hierarquizada. Para se obter legitimação do futuro Estado Republicano era fundamental a formação do cidadão e a sua educação, vindo daí, a ênfase na obrigatoriedade do ensino primário e na sua gratuidade. O ensino secundário visava formar a nova elite dirigente para o Estado Republicano e por isso os republicanos enfatizavam a liberdade de ensino nesse setor de instrução. Através da sua participação no ensino secundário tentaram impedir a sua monopolização pelo Estado Monárquico, disputando com o governo imperial o controle desse ramo de ensino, fundamental, no entender dos primeiros republicanos, para a constituição dos novos quadros do poder.

O grupo republicano fundador da Sociedade "Culto à Ciência" postulou uma posição liberal que se exprimia na defesa da liberdade da iniciativa particular e, consequentemente, na diminuição do poder do Estado. Segundo a autora Carmen Sylvia Vidigal Moraes essas idéias apareceram primeiro na bandeira da

descentralização, na autonomia das províncias e, por fim, no federalismo. A posição liberal não ficou apenas no plano das intenções, tendo norteado e dirigido o comportamento do grupo republicano de Campinas.

Eram esses republicanos campineiros que encabeçavam os movimentos na lavoura, no comércio, na indústria, no ensino e no lazer.

> "Se alguma reunião havia, fosse qual fosse o objetivo, da subvenção, pelo governo, da mão obra imigrante destinada à lavoura de café carente de braços, à construção de estradas de ferro; de iluminação das ruas da cidade à edificação da nova matriz; da organização de sociedades beneméritas para instrução secundária como o Culto à Ciência às aulas noturnas para o povo; da realização de um simples baile ao acontecimento social de maior vulto como, por exemplo, a vinda de Sarah Bernardt; lá estavam eles reivindicando a realização do empreendimento.
> Sua ação envolveu, como uma teia de fios longos e seguros, toda a vida social, cunos prolongamentos levaram à implantação da República". (14)

(14) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- op. cit., p. 235.

Estabelecida a importância político-social da Sociedade "Culto à Ciência" e delineada a esfera de sua ação nas décadas de setenta e oitenta do século XIX, restaria nesta introdução, ainda, dimensionar a posição e a projeção que a sua escola assumiu no contexto campineira e paulista.

1. 3. A Dimensão da Escola e sua Projeção

As escolas secundárias, nas décadas finais do Império, estavam notadamente nas mãos dos particulares que, conforme já foi mencionado, lutaram pelo seu controle por motivos políticos, isto é, para formar uma elite dirigente dentro de um novo ideário, o ideário republicano.

Em 1868 era extinto o ensino secundário oficial no Brasil. A Lei nº 54, de abril de 1868, determinava que este nível de ensino passasse a ser encargo da iniciativa particular. Embora a lei instituisse também a liberdade de ensino primário, foi, sobretudo, na criação de escolas de estudos secundários, que se manifestou expressivamente o desenvolvimento da iniciativa privada no campo educacional.

VAlmir Chagas afirma a respeito da questão:

"Livre era, portanto, o adjetivo mágico da época; e livre era a iniciativa privada, que no Império pôde prosperar sem limitações e quase eliminar o ensino

público, sob a proteção do próprio Estado que o mantinha. Para avaliar o alcance dessa preponderância, basta considerar- à vista da única estatística feita na época sob algum rigor, no ministério Paulino de Souza- que em todo o País, dos 10.911 estudantes do ensino secundário, estavam inscritos apenas 2.769 (25,4%) em escolas oficiais e nada menos de 8.142 (74,6%) em estabelecimentos particulares. (15)

O mesmo autor, analisando o município da Corte, reafirma a disparidade de proporção entre o ensino secundário particular e o oficial:2.828 alunos (73,9%) do total de 3.158 provinham da rede privada e somente eram públicos dois dentre os 58 colégios e aulas existentes.

Quanto a São Paulo, o Presidente da província registrava, no ano de 1886 (à Assembléia Legislativa) que existiam nessa Província "27 colégios particulares de instrução primária e secundária em várias cidades e vilas e 32 aulas de primeiras letras". Esses dados fornecidos por Moacyr Primitivo corroboram a idéia de que, principalmente nas décadas finais do Império, a iniciativa particular era significativa mormente no ensino secundário.

---

(15) CHAGAS, Valnir- Educação Brasileira:O ensino de 1º e 2º Graus-Antes,Agora e Depois?,2ºed,São Paulo,Editora Saraiva,1980,p.19

(16) CHAGAS, Valnir- op. cit., p.19

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 108 BL

do Condephaat. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Em todo caso, como afirma C.S.Vidigal Moraes (p.58), era difícil conhecer o número de escolas particulares existentes em São Paulo nos finais do século passado, inclusive porque devido à ampla liberdade de que gozavam, desconheci-as, em grande parte, o próprio governo imperial.

O ensino particular nas décadas de 50 e 60 do século XIX apresentava-se com as mesmas falhas do ensino público, isto é, irregular, não seriado, sem duração fixa, limitado nos seus objetivos e restrito nos conteúdos.

Maria de Lourdes Mariotto (O Ensino Secundário do Império Brasileiro)destaca no campo dos estudos secundários a pobreza dos currículos (em geral restritos às disciplinas exigidas como preparatórios) e o sistema de estudos parcelados. Seriam raros, segundo a autora, os estudos secundários organizados em cursos seriados, obedecendo à uma duração previamente fixada. Na verdade, de acordo com vários estudiosos da educação; o nível secundário, no Brasil, permaneceu , durante todo o período do Império e primeiras décadas da República, como mero instrumento de preparação para o ingresso nas academias e faculdades. Valnir Chagas, em obra já citada anteriormente, atribui os resultados desastrosos desse nível de ensino não devido à origem particular dos estabelecimentos e sim à ausência de qualquer controle governamental sobre eles.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 109 SR

do Condephaat n.º 228/04/83 (a)

Interessado:

Assunto:

O "Culto à Ciência" não escapou ao esquema geral do período na precariedade já apontada, mas se destacou como estabelecimento sério, dotado de bons professores e recursos, entre os demais colégios particulares existentes em Campinas e na província. Mais tarde, com o advento da república, esboçaram-se tentativas de reformulação no âmbito interno do "Culto à Ciência", tendo alguns autores detectado aí os primeiros germes da conhecida "escola nova".

O "Culto à Ciência" ocupava lugar importante entre os estabelecimentos primários e secundários existentes em Campinas, igualando-se aos que se encontravam encabeçados por homens pertencentes à Sociedade "Culto à Ciência"ou a eles ligados por laços de interesses políticos comuns ou imediatos.

Na década de 60 do século XIX há registro da existência em Campinas de quatro estabelecimentos particulares de ensino sob regime de internato sendo um destinado ao sexo masculino, dois para o feminino e outro para a educação de ambos os sexos, além de inúmeras outras escolas, aparentemente de menor expressão. Essas quatro escolas mais significativas eram : Colégio "Cesarino" ou "Perseverança", para sexo feminino,(1860-1876), o Colégio Florense,também feminino, de origem alemã,(1863), o Colégio de João Baptista Pupo de Morais, internato masculino, situado a duas léguas da cidade na fazenda do Laranjal,(1862-1874), a Escola Alemã, criada a partir do grande sur

to imigratório de alemães para a cidade, entre 1850 e 1860.

Em depoimentos da época, por volta de 1867, consta haver, em Campinas, além dessas instituições particulares, cinco escolas públicas, as "escolas régias" como eram denominadas. O Almanaque de Campinas de 1871, no entanto, afirma que as cinco escolas públicas contrastavam com as particulares, funcionando precariamente em locais inadequados, como sacristias de igreja, por exemplo, e enfrentando, os professores, más condições de trabalho.(17)

Em 1870 surge outra escola elementar para meninos, em Campinas, criada pela iniciativa particular, a de Malaquias Ghirlanda, famoso tanto pela capacidade quanto pela severidade. Em 1874 entra em funcionamento em prédio próprio uma outra escola particular, para o ensino primário e secundário, para ambos os sexos, fundada por norte-americanos sulistas que chegam à cidade em função da Guerra de Secessão nos EEUU. Denominava-se Colégio Internacional e alcançou grande prestígio por seu método de ensino. Tinha para o curso secundário um plano inovador não se limitando a preparar os alunos para os exames preparatórios às academias do Império.

(17) MORAES, C.S.Vidigal- op.cit. pp.59-65

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 111 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

O Colégio "Internacional" tinha currículo vasto e nele estudaram figuras de proa da sociedade paulista. A Gazeta de Campinas não lhe poupava elogios.(18)

O "Internacional", desenvolvendo estudos secundários mais completos e organizados, teria feito face ao "Culto à Ciência" que entra em funcionamento em 1874, mas teve curta duração, fechando suas portas em 1879.

O Colégio "Culto à Ciência" surge em meio a uma dezena de escolas particulares e algumas públicas. Fruto do esforço de particulares que aparecem constantemente elogiando a iniciativa privada no campo educacional, não fugiu à regra de uma década cujos esforços parecem se voltar para a "promoção de um ensino regular, seriado e simultâneo de estudos primários e secundários destinados a uma clientela seleta, isto é, aos jovens provenientes de famílias capazes de arcar com os custos das anuidades exigidas...(19)

A preocupação básica parecia ser realmente a de formar a nova geração proveniente das fracções da classe dominante, para que dela surgissem representantes "capazes e competentes".

Embora a função primordial do "Culto à Ciência" fosse a de curso preparatório aos estudos superiores, expectativa maior de sua clientela, pode-se observar, atra

(18) MORAES, C.S. VIDIGAL- op.cit.pp.78-84

(19) MORAES, C.S. VIDIGAL- op.cit, p. 88

vés dos currículos, a pretensão de uma preparação mais completa e um tanto "eclética" visando fornecer aos alunos uma iniciação à cultura "geral" ou "universal".

" Procurava-se evitar a fragmentação dos estudos seriados, reformá-los para que continuassem a ser o que eram: o nível de ensino responsável pela educação dos segmentos dominantes da sociedade e, como tal, o marco divisório das classes sociais, aquele que agiria no sentido de transmitir conhecimentos que uma vez apropriados apenas pelas "elites", as discriminassem culturalmente do restante da sociedade, garantindo assim sua reprodução cultural, ideológica e, portanto, sua continuidade". (20)

Desde sua fundação, o "Culto à Ciência" se vincula profundamente à história social de Campinas. No início destinado aos filhos da classe dominante se transforma, com sua oficialização, no colégio da classe média por excelência. Como instituição particular, de 1869 a 1892, e depois, desde 1896 até 1931, como um dos três únicos ginásios estaduais existentes no estado de São Paulo, o "Culto à Ciência" se configu

(20) MORAES, C.S. Vidigal-op.cit, p.90

ra como um dos colégios secundários mais antigos e tradicionais deste estado. Sua história revela a trajetória da escola de nível médio no Brasil, e, particularmente em São Paulo, desde as décadas finais do Império e as décadas da transição republicana até os dias atuais.

Antes de se apresentar a história da escola, de sua construção e edificação, de suas transformações, é necessário traçar um rápido quadro do desenvolvimento do ensino secundário no país e em São Paulo, para que a própria caminhada do "Culto à Ciência" à sua atual situação, em suas diferentes etapas, ganhe uma dimensão e um sentido mais nítidos. Tendo características específicas e muito suas, essa escola, não obstante, traduziu e traduz as idéias e aspirações de diferentes períodos históricos e delineia seus distintos projetos educacionais.

2. O Ensino Secundário no Brasil e em São Paulo

2.1. A Educação Secundária no Império

O "movimento" dos liceus marca a primeira manifestação de uma escola secundária brasileira. Sua importância no início era mais formal que real: surgindo de impulsos locais, não resultavam de um planejamento racional e sua existência era intermitente, sujeita a toda a sorte de dificuldades. O número dos liceus provinciais tendeu, todavia, a crescer, principalmen

te após a fundação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1837. Este colégio, a partir daí, serviu como modelo, observado na medida das possibilidades locais, uma vez que o Poder Central não propiciava os recursos necessários às diferentes províncias para uma execução adequada.

O "Pedro II" foi a única instituição de cultura geral criada desde a Independência até a República. Considerado excelente estabelecimento de ensino secundário, os alunos ali faziam um curso de sete anos e, ao seu término, recebiam o "grau e as cartas de bacharel em letras", tendo direito à matrícula em qualquer das Faculdades do Império sem qualquer exame. Em 1840 já se cogitava, no relatório do Ministério do Império à Assembléia Geral, da conveniência de se instituir, nas capitais das principais provincias do Império, colégios de instrução secundária. Em 1847 e em 1854 ocorreram importantes reformas na instrução primária e secundária. (21)

Em 1854 já havia liceus em 16 províncias e até 1872 todas as vinte do Império possuiam esses estabelecimentos, dos quais apenas dois se denominavam "ateneus". De acordo com Valnir Chagas, com os liceus e com o Colégio Pedro II "passou-se a identificar a

(21) Pequena Cronologia da Educação Brasileira- Distrito Federal Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Planejamento Educacional, Brasilia, 1985-pp.18-20.

tradição propriamente brasileira de ensino secundário".(22)

Na década de sessenta do século XIX o curso secundário parece se estruturar de maneira mais regular nos liceus e no Colégio Pedro II. No entanto, embora a instrução secundária, de acordo com Maria de Lourdes Mariotto Haidar(O Ensino Secundário no Império Brasileiro, p.67), fosse portadora de um ensino "geral e desinteressado", não orientando para qualquer especialização futura, seu objetivo prioritário era o de "formar e robustecer o espírito juvenil mediante o convívio com as humanidades, preparando-o, desse modo, para as lides acadêmicas". A especialização visada pela clientela particular era a entrada nas academias, principalmente academia de direito, como os liceus provinciais não gozavam dos mesmos direitos do Colégio Pedro II (ingresso automático em qualquer academia do Império, após a conclusão do curso) houve desestímulo crescente à sua existência e continuidade. A clientela dos liceus, oriunda de famílias abastadas, passa a abandoná-los progressivamente preferindo o Colégio Pedro II ou os internatos particulares próximos da Capital ou das Faculdades onde realizariam os exames preparatórios.

---

(22) CHAGAS, Valnir- op. cit. p. 15.

" O não reconhecimento dos graus conferidos pelos liceus provinciais influiu decisivamente nos rumos do ensino secundário provincial. Os estudos seriados e regulares, assim como os títulos conferidos pelos liceus das províncias, uma vez considerados desnecessários à aprovação nos exames parcelados para os cursos superiores, desaparecem gradativamente, cedendo lugar a um plano de ensino limitado às matérias preparatórias e ao antigo sistema de estudos parcelados." (23)

São Paulo desoficializa o ensino secundário, como outras províncias, no fim da década de 60 do século XIX. O ensino público de nível secundário, aliás, havia sido insignificante na Província de São Paulo, não possuindo nenhuma escola regularmente montada e oferecendo , apenas, um ensino fragmentado em aulas avulsas de humanidades, as "famosas" aulas de preparatórios aos cursos superiores do Império. Até 1867 existiam em São Paulo, quanto ao ensino público de nível secundário, quatro "aulas" de latim e francês em Mogi das Cruzes, Santos, Sorocaba e Itu, com um total de 98 alunos matriculados com uma frequência de apenas 22. Na capital, além das aulas do curso anexo à Faculdade de Direito, existiam três aulas para o

(23) MORAES, Carmem Sylvia Vidigal - op. cit., p. 92 .

ensino de latim, de teologia dogmática e de teologia moral, com 41 alunos matriculados e 23 frequentes.

A desproporção entre o ensino público e o ensino particular de nível secundário já era expressiva antes mesmo da desoficialização. Em 1867 para o ensino secundário particular havia, em São Paulo, cinco internatos, sendo três na capital. Além destes estabelecimentos, a Província contava com 21 aulas: 6 de latim, 9 de francês, 2 de inglês, 2 de aritmética e geometria, 1 de retórica e 1 de história. O total de matrículas era de 245 alunos, dos quais 242 frequentes (24). Esta situação diferia bastante da encontrada no ensino primário onde a iniciativa oficial era preponderante sobre a iniciativa particular, apresentando a seu favor 171 escolas a mais, as quais abrigavam, em 1867, na Província de São Paulo, quatro vezes o total de alunos frequentes nas escolas particulares (4.074 alunos). A despeito da situação vantajosa do ensino público primário sobre o ensino particular de mesmo nível, sua qualidade era muito criticada, sendo suas condições de funcionamento bastante precárias.

Embora o ensino particular de nível secundário, como já foi comentado anteriormente, apresentasse as mesmas falhas do ensino público, não se hesita em afirmar que em São Paulo, até 1882, o ensino privado, livremente exercido, passa a ter um grande crescimento.

---

(24) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- op. cit. 40-58

Depois de 1872, e, até 1884, havia apenas na província, em termos de ensino secundário oficial, as aulas avulsas de latim e francês de Itu, lecionadas por Joaquim Mariano da Costa. Ainda se afirma:

> " De 1860 a 1890, ocorreu o apogeu do ensino secundário particular, os institutos modelares como: o Ginásio Baiano, do Barão de Macaúbas; o Colégio de São João, de João Estanislau da Silva Lisboa e o de Carneiro Ribeiro na Bahia, o Ateneu Sergipano; no Rio de Janeiro, os Colégios Stall, Meneses Vieira, Abilio, o Externato Aquino e o Colégio Progresso, em que Rui Barbosa se inspirou e colheu dados para seu plano de reforma em 1882; em Santa Catarina, o Colégio dos Jesuítas, em Desterro, que adquiriu grande fama, na sua curta existência; e, em São Paulo, o Colégio São Luis em Itu e o de Campinas, estabelecido em 1874 pela Sociedade Culto à Ciência, e que se tornou uma das melhores casas de educação".(25)

Segundo Maria de Lourdes Mariotto, já citada, o apogeu do ensino secundário particular ocorreu também pois as autoridades do governo, face ao abandono progressivo dos liceus pela sua clientela, julgavam que a minguada frequência aos liceus não compensava a soma relativamente elevada que os pobres cofres pro-

---

(25) Pequena Cronologia da Educação Brasileira - op.cit.pp.21-22

vinciais dispendiam com a instrução de uma elite financeiramente capaz de frequentar os colégios particulares das províncias ou da corte. A concepção de que o ensino secundário destinava-se à eleite permaneceu durante muito tempo em vigor no pensamento educacional oficial, como atestam os números exíguos de estabelecimentos públicos deste tipo existentes até a década de 1930 em São Paulo e no resto do país.

Nas décadas finais do Império destacaram-se as reformas de Leôncio de Carvalho, em 1879, que concedia maior liberdade à iniciativa particular no domínio da educação, a de Almeida Oliveira, em 1882, que advogava maior contribuição do Estado nas despesas das províncias com a instrução, a criação de várias escolas normais nas diferentes províncias ao longo das décadas de setenta e oitenta e a fundação de estabelecimentos de nível superior e de cunho profissionalizante como o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (1882).

Em 1889, na última sessão do Parlamento, antes da proclamação da república, o Imperador Dom Pedro II pedia à Assembléia Geral Legislativa a divisão dos ministérios para constituição de um destinado à Instruçao Pública, a criação de escolas técnicas adaptadas as condições de cada localidade, a instituição de duas universidades (Norte e Sul do País) além da fundação de Faculdade de Ciências e Letras . Nos últimos momentos do Império, Rui Barbosa propunha ao gover-

no a substituição dos exames parcelados pelo exame único de madureza.

Todas as décadas de meados e final do período imperial parecem ter se esvaido em tentativas de ordem. Segundo Valnir Chagas, já citado o Império exibiu como "ativo" o Colégio Pedro II e a idéia estruturalmente correta dos liceus e como "passivo" uma extensa lista de reivindicações que abrangiam desde os prédios escolares, a educação popular obrigatória, a instrução para adultos analfabetos e as escolas profissionais , até a laicidade do ensino e a coeducação dos sexos; desde o jardim da infância e o primário superior até a formação profissional ao nível secundário; desde a seriação dos estudos,a frequência dos alunos, a extinção de cursos anexos ou aulas avulsas e a inspeção da rede privada até a madureza ou a exigência do bacharelado para os preparatórios(p.24). Enfim, o que se pedia era o delineamento de um sistema nacional de instrução.

A escola secundária, em resumo, de caráter oficial ou particular, tinha uma orientação **predominantemente literária:** oferecia uma instrução preparatória para o nível mais alto, sem endereço para a vida. Era a expressão de uma escola montada exclusivamente com o objetivo de qualificação social. A escola "média" (assim denominada por Liberato Barroso já em 1867)assumia como único sentido "o trânsito nervoso para um

nivel mais alto".(26)

No primeiro período republicano, o ensino secundário tal como se achava organizado, não sofreu grandes alterações. O grupo republicano continuava a considerar o secundário como um ensino eminentemente voltado à preparação dos grupos sociais dominantes, como etapa preparatória aos cursos superiores.

2.2. A Escola Secundária na Transição Republicana - As Primeiras Décadas.

O conhecido educador Jorge Nagle destaca a permanência do sentido do ensino "médio" nas décadas iniciais da república, destacando a ausência de modificações significativas na sua estruturação. Afirma que a falta de grandes transformações na estrutura sócio-econômica do país acarretou um certo imobilismo na reorganização da instrução pública, mormente no nível secundário:

> " ... a permanência do mesmo sistema de valores, de uma estrutura que não sofreu muita transformação com a passagem de um para outro regime pode explicar porque foi mantida, no regime republicano, a mesma distribuição de competência, bem como o que importa no momento, por que

(26) CHAGAS, Valnir- op.cit., p.21

foram mantidas as mesmas funções do ensino secundário e superior- nisso se pode identificar, sem dúvida, o inequívoco instrumento de poder da velha ordem."(27)

Vários autores apontam o fato de que os republicanos aumentaram o ensino primário no estado de São Paulo, aparelhando o ensino elementar público. Nas duas décadas iniciais do século XX se inicia realmente a construção de prédios escolares por parte dos poderes públicos a um nível significativo; a formação de professores para o nível de ensino primário passa a ser cuidada com mais interesse; a extensão deste nível de ensino à camadas mais amplas da população paulista começa a ocorrer efetivamente. No entanto, o ensino secundário continua a ser concebido de maneira restrita, justificando-se assim as poucas iniciativas dos poderes constituidos. A iniciativa particular continua a prevalescer nesse setor de instrução por longo período.

Bastante significativo é o fato de que até o ano de 1931 existissem apenas três estabelecimentos oficiais de ensino secundário em todo o estado de São Paulo. Eram os ginásios da Capital, Campinas (o "Culto à Ciência" havia se tornado estabelecimento público em

(27) NAGLE, jorge- Educação e Sociedade na Primeira República- S.P., E.P.U., 1974, p.284

1896) e Ribeirão Preto. Dois outros, os de Taubaté e Tatuí estavam criados, mas não tinham sido ainda instalados. Já funcionavam, na época, mantidos pela administração estadual, cursos de curriculum misto(fundamental e normal) para formação de professores.

Durante o primeiro período republicano ocorreram reformas e sub-reformas no ensino secundário cujo móvel principal foi tentar conferir a esse nível de instrução um caráter regular, compreensivo e formativo, abolindo-se os exames parcelados que expressavam sua formulação preparatória, imediatista e restrita. Essas reformas não foram, via de regra, bem sucedidas, mas estabeleceram e esboçaram princípios educacionais que tomaram corpo ao longo das décadas de trinta e quarenta.

O primeiro decreto republicano que procurou estruturar os estudos secundários, nº981, de 8 de novembro de 1890, baseou-se nas propostas de Benjamin Constant, Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Esse decreto aboliu os exames parcelados de preparatórios, introduzindo o "exame de madureza" como instrumento de verificação da cultura intelectual dos alunos e de sua habilitação para os cursos superiores. Estabelecia também a obrigatoriedade da conclusão do curso o que levava ao bacharelado em ciências e letras. A equiparação do Colégio Pedro II, agora Ginásio Nacional, era concedida aos estabelecimentos organizados pelos estados; a lei exigia dos alu-

nos dos institutos particulares a prestação do exame de madureza em instituto oficial para fins de ingresso nas escolas superiores.(28)

Pode-se observar através desse decreto " que a República se instaura reservando à União a missão de estruturar em âmbito nacional o ensino secundário, a partir da efetiva conversão do Ginásio Nacional em modelo de organização para todos os estabelecimentos do país." (29) No entanto a equiparação se fazia com sérias restrições federalistas ao poder central, bastando que qualquer estado da República organizasse estabelecimentos de ensino secundário integral, segundo o plano do Ginásio Nacional, para obtenção dos mesmos direitos, sem previsão de qualquer tipo de intervenção federal. Dessa forma, sem prever qualquer forma de fiscalização dos estabelecimentos estaduais, a reforma outorga aos Estados o mesmo direito da União. O regime de equiparação era restrito aos

---

(28) Decreto nº981, de 8 de novembro de 1890, Arts.25-45 e nº 1075 de 22 de novembro de 1890, Arts.1º-7º e 33-45, in Decretos do Governo Provisório da República dos Estados do Brasil, II Fascículo, de 1 a 30 de novembro de 1890.

(29) PERES, Tirsa Regazzini- Educação Republicana: Tentativas de Reconstrução do Ensino Secundário Brasileiro 189 -1920, Araraquara, Tese de Doutoramento apresentada ao Depto de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1973, p.4

estabelecimentos estaduais oficiais; quanto aos particulares, a lei Benjamin Constant estabelecia a exigência do exame de madureza em instituição oficial para ingresso nos cursos superiores.

A liberdade de ensino na lei de 1890 negava qualquer interferência oficial, regulamentadora e fiscalizadora nos estabelecimentos criados e mantidos pela iniciativa particular. Determinava-se apenas uma inspeção cujo objetivo era verificar que o ensino ministrado nesses estabelecimentos não fosse contrário "à moral e à saúde dos alunos." O exame de madureza era o instrumento com que se esperava obter propriamente a melhoria do ensino secundário, não só do Ginásio Nacional, mas de todos os estabelecimentos públicos e particulares em território nacional (Tirsa Regazzini Peres, A Educação Republicana, pp. 2-5). A reforma Benjamin Constant manteve a supremacia do Estado em matéria de instrução pública, mas com o máximo caráter de liberalismo.

A reforma Benjamin Constant não se concretizou realmente. Somente em 1899 haveria notícias da realização dos exames de madureza. Além disso, ao longo da década de noventa do século passado (1891 a 1900), houve grande número de decretos, regulamentos, portarias, instruções e avisos introduzindo modificações substanciais no plano de estudos e no regime de equiparação adotados por Benjamin Constant.

Destacam-se entre as reformas subsequentes, a de 1901 ,

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 126 BL

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

chamada de "Epitácio Pessoa", (decreto nº3890-01/01/1901), complementada pelo regulamento do Ginásio Nacional, baixado pelo decreto nº3914, de 26 de janeiro de 1901. O governo federal, através desses decretos, consolidava o regime de equiparação, aplicando-o indiscriminadamente aos estabelecimentos estaduais, municipais e particulares. Conforme o artigo 362 do código constituiam requisitos gerais, para a equiparação, as condições patrimoniais, exigências de freqüência e a observância "do regime e dos programas de ensino adotados no estabelecimento federal". A equiparação se transformava em instrumento de uniformização do ensino secundário no país; se regulamentava as funções da fiscalização federal e as responsabilidades que os governos estaduais podiam e deviam exercer sobre os institutos de ensino situados em seus territórios.

Enquanto que a reforma de Benjamin Constant enfatizava o exame de madureza em conexão com a equiparação para imprimir ao secundário organicidade e caráter educativo, a reforma Epitácio Pessoa de 1901 conferia ênfase particular à equiparação generalizada. Era através da equiparação que se pensava a uniformização do ensino secundário brasileiro, assumindo o Ginásio Nacional a função modeladora.

A reforma de 1890 restringia a interferência federal no ensino, plena de fundamentos liberais. A reforma de 1901 alargava a esfera da União quanto à instrução, tendo esta amplas funções normativas e fiscalizadoras, que seri

am exercidas rigorosa e diretamente sobre os estabelecimentos equiparados, tanto públicos como privados, do país. Para os positivistas e federalistas radicais a reforma Epitácio Pessoa significava uma usurpação do poder estadual, um empecilho à liberdade de ensino e de profissão. A padronização, a uniformidade do ensino secundário brasileiro eram consideradas ilegítimas.

Da mesma forma que a reforma de 1890, a de 1901 não conseguiu implantar o regime de estudos seriados (sistema de promoções sucessivas) no secundário.

Em 1908 (decreto nº6022 de 12 de dezembro de 1908) os parcelados foram extintos, sendo restabelecida a importância do regime de madureza.

Pelo decreto nº8659, de 5 de abril de 1911, era aprovada a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, revogando as medidas oficializadoras do Código Epitácio Pessoa. Proposta pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Correa, a terceira reforma republicana respondia às exigências do radicalismo federativo e da liberdade profissional irrestrita. A liberdade de ensino consagrada por essa lei substituía a autoridade do governo central, expressa anteriormente pelo regime das equiparações.(30)

---

(30) PIRES, Tirsa Regazzini- op.cit.- pp. 7-12

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 128 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

A reforma Rivadávia Corrêa garantia assim para os estabelecimentos secundários estaduais, municipais e particulares, liberdade de funcionamento e isenção de qualquer interferência normativa ou fiscalizadora por parte da União. O Ginásio Nacional, a partir daí denominado Colégio Pedro II, passava a funcionar com autonomia didática e administrativa recebendo apenas recursos financeiros do governo federal. Essa reforma de 1911 instituía o Conselho Superior de Ensino, órgão autônomo, deliberativo e consultivo com o objetivo de "substituir a função fiscal do Estado", estando o Colégio Pedro II sujeito ao mesmo. A mais importante medida nesta reforma foi a implantação de exame necessário para admissão aos cursos superiores, eliminando-se o ingresso automático de alunos após a conclusão do Ginásio Nacional ou dos estabelecimentos equiparados. O ensino secundário, "desoprimido da condição subalterna de mero preparatório para o assalto às academias", ficava consequentemente livre para cumprir a sua própria finalidade, restaurando-se como curso seriado, regularmente frequentado. Desaparecia a necessidade de um curso secundário modelo, papel até então desempenhado pelo Ginásio Nacional, que cedia lugar a um ensino diversificado e flexível.- (31).

---

(31) PIRES, Thirsa Regazzini- op.cit.pp. 12-13

Em 1914 o Poder Executivo reviu a Lei Orgânica para não cancelar de todo "a ação fiscal do Estado",Maximiliano, ministro da Justiça e Negócios Interiores, autor da próxima reforma que sucede à revisão da Lei Orgânica, procurará um equilibrio entre o poder público e o poder privado no ensino secundário.

A quarta reforma republicana, de Maximiliano, consubstanciada no Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915, representa o meio-termo quanto à interferência do Estado nos assuntos de instrução:

> " Nem a oficialização absoluta que embaraça o desenvolvimento do ensino, tirando às corporações docentes a responsabilidade de seus atos e o estímulo pelo progresso, nem a desoficialização completa que faz esquecer ao Estado os seus deveres, desisnteressando-se de seu futuro".(32)

A reforma Maximiliano voltava, em parte, à de Benjamin Constant:reintroduzir o Colégio Pedro II em sua função de estabelecimento modelo; dava um caráter restrito à equiparação, não podendo nenhum estabelecimento particular (com ou sem intento lucrativo) ser equiparado ao Colégio Pedro II, cuja equivalência era apenas concedida aos institutos mantidos pelos governos estaduais. Como os

---

(32) PERES, Tirsa Regazzini - op. cit., p.15

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 130 Bh

do Dondeplant n. 22/04/83 (a)

Interessado:

Assunto:

liceus particulares ficava expressamente proibida a concessão de tais prerrogativas, a reforma, pelo Art. 84, §1º restaurava, das tradições do Império, os exames de preparatórios, pelos quais os estudantes não matriculados em escola oficial podiam obter certificados reconhecidos pela União. De acordo com o artigo 78, no entanto, os certificados de exames ginasiais, obtidos por meio de estudos secundários oficiais ou particulares, não davam acesso imediato aos cursos superiores, o que havia ocorrido antes da reforma de 1911, reafirmando nesse sentido, a medida de Rivadávia Correa.

A reforma de 1915 remodelava o Conselho Superior de Ensino, criado pela Lei Orgânica, passando este a assumir o controle federal da instrução secundária de todo o país. Em todo caso sua ação não se destinava "a uniformizar, mas a diversificar a instrução e a garantir a autonomia e a flexibilidade das instituições docentes". Segundo Tirsa Regazzini Peres (p.16): "As responsabilidades atribuídas à Congregação do Colégio Pedro II e aos governos estaduais, bem como a instituição dos exames de preparatórios para os alunos dos estabelecimentos particulares confirmam o caráter liberal da reforma Maximiliano".

Em 1916 os inspetores federais do Conselho Superior exigiam que os ginásios oficiais estaduais adotassem o regimento interno do Colégio Pedro II. A resposta de Maximiliano não permite dúvidas quanto aos propósitos libe-

rais de sua reforma:"Absolutamente não se deve voltar ao sistema, condenado, de lerem no mesmo dia, a mesma página do mesmo livro, em todas as escolas do país. Exige-se,apenas, seriedade, ensino eficiente e aprovações merecidas, e não uma uniformidade incompatível com a liberdade e o progresso.(...) Releve o Conselho que eu lembre em apoiar este apelo, para que exija dos institutos fiscalizados o menos possível, deixando-lhes autonomia interna, contanto que haja ensino eficiente e honestidade nos processos. (...) É no sentido de uma orientaçao mais liberal e menos centralizadora, num regime visceralmente federativo que dirijo o meu apelo à essa corporação..."(33)

Se relativa era a autonomia do Colégio Pedro II e dos ginásios equiparados, estabelecimentos oficiais supervisionados diretamente pelo Conselho Superior de Ensino , era completa, todavia, a liberdade que a lei Maximiliano concedia aos institutos particulares de ensino secundário. Do ponto de vista pedagógico, a reforma Maximiliano **restabelecia**, pois, uma duplicidade de regime de ensino secundário: de um lado os alunos do Colégio Pedro II e dos ginásios equiparados realizavam curso seriado e, de outro, os alunos dos estabelecimentos particulares prestavam exames parcelados de preparatórios.Enquanto nos

(33) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit., p.17

institutos oficiais o curso ginasial era de frequência obrigatória e seriado, nos institutos particulares a frequência era mais livre e o curso não obedecia à seriação de materias. Ao longo do final da década de dez, mormente de 1915 a 1920, pequenas alterações introduzidas não chegam a modificar essas disparidades.

A Lei Maximiliano teve vigência de 1915 a 1924,mas não chegou a corresponder às expectativas da época. Por ela se retrocedeu lentamente ao regime anterior ao da Lei Orgânica sem se conseguir deter "a onda de ignorantes que todos os anos ocorriam às bancas examinadoras em busca do certificado libertador".(34) O momento exigia novas bases de instrução nacional do ensino secundário, demandando uma nova política, menos burocrática, menos formal e mais atuante, ampla e ambiciosa. Ao longo da década de vinte delinearam-se várias tentativas de reconstrução do ensino secundário brasileiro.

Durante os três primeiros decênios da República, a expansão do ensino secundário no Brasil, conforme já foi apontado, não se impôs como um empreendimento público necessário e urgente. O preceito constitucional de 1891 atribuia à União e aos estados o dever de criarem escolas secundárias (art.35, nº3), mas a administração pú-

(34) PERES, Tirsa Regazzini- op. cit., p.19

blica agiu sempre com excessiva parcimônia, admitindo ser a educação secundária um "luxo aristocrático" com que não deveria preocupar-se a não ser por "função policial de vigilância e de repressão". Preocupados com as estatísticas que acusavam um elevado índice de analfabetismo, os republicanos pareciam considerar supérflua a ampliação das oportunidades de estudos secundários. Com argumentos que davam prioridade ao primário e ao técnico-profissional e que importavam em uma concepção da educação mais como um problema de direito e de leis do que de política de dotações orçamentárias, a administração pública das primeiras décadas republicanas empenhava-se não em construir mais colégios e ginásios, mas em tratar questões essencialmente normativas e burocráticas.

De 1890 a 1920, o Poder Público se interessou apenas por estabelecimentos-padrão que servissem de modelo para as demais escolas secundárias do país, não se preocupando com a expansão de escolas secundárias. Por seu lado, empenhados na campanha de difusão de escolas primárias e no combate ao analfabetismo, os estados, e assim mesmo nem todos, acompanhando a política educacional da União, mantém, em regra, apenas um ginásio-modelo nas suas capitais. Em consequencia, porém, da própria oscilação das reformas, o número de estabelecimentos estaduais, oficialmente reconhecidos, não permaneceu constante. Em 1911 época da revogação do Código Epitácio Pessoa eram 22 os institutos secundários

estaduais equiparados ao federal. Com a Lei Maximiliano, o total ficou reduzido a 13, no ano de 1917, elevando-se novamente a 21 em 1918, sendo três unidades do estado de São Paulo e duas de Minas Gerais.(35)

No final dos três primeiros decênios da República, as estatísticas (devem ser admitidas com certa reserva porque precárias) apontavam que as unidades oficiais de ensino secundário, com 603 professores, atendiam somente a um quarto dos 52.077 alunos inscritos. Eram as 588 escolas particulares, com 3.840 professores, que respondiam pela instrução dos outros três quartos de estudantes. De acordo com o Censo Geral de 1920, havia no Brasil, nessa época, cerca de 6 milhões de jovens, de ambos os sexos e de 12 a 20 anos, teoricamente em idade de receberem instrução secundária regular. No entanto, nem mesmo um por cento conseguia recebe-la. Em cada grupo de mil brasileiros somente um cursava o secundário. A situação do Brasil era de atraso em relação a outros países e mesmo em relação a países latino-americanos, como, por exemplo a Argentina e o Chile.(36)

---

(35) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit.pp.29-30

(36) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit.,p.31

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 135Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

O caráter altamente seletivo do ensino secundário brasileiro não se definia somente pela escassez de estabelecimentos, em geral localizados nas capitais e em grandes centros. Em decorrência da própria política adotada pelo Estado quanto à expansão de Ginásios e Colégios, apareciam outros fatores aliados ao fator quantitativo, que determinavam o caráter seletivo e sobretudo preparatório do secundário. Os padrões econômico-sociais, pedagógicos e político-administrativos que informavam o ensino secundário brasileiro influiam também para que apenas uma pequena fracção de adolescentes a ele tivesse oportunidade de acesso. De 1890 a 1920, o Estado não assumiu a responsabilidade da difusão do ensino secundário uma vez que não o reconhecia como um serviço essencialmente público; por outro lado, apesar das medidas liberais, nem mesmo na vigência da reforma Maximiliano, o Estado favoreceu ou estimulou a iniciativa particular no sentido do alargamento da rede de colégios e liceus oficialmente reconhecidos. (37)

Enquanto em outros países (EEUU, por exemplo) o ensino secundário já se definiam, ao longo da década de dez, como uma sequência natural do ensino primário e sua clientela não mais compunha "uma elite intelectu

(37) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit, pp.32-34

al ou social", constituindo "amostra representativa de toda a população", no Brasil, essencialmente seletivo, dirigia-se o secundário à uma minoria privilegiada, não necessariamente procedente do curso primário. O secundário, ao longo das primeiras décadas republicanas, era essencialmente uma "instituição preparatória para as escolas superiores e para as mais altas posições sociais".(38)

As reformas e sub-reformas realizadas de 1890 a 1920 foram duramente criticadas no final da década de dez e década de vinte pois mantiveram, quanto ao ensino secundário, o objetivo único de ser ponte para as academias e escolas superiores. Diria o Deputado Sandoval de Azevedo fazendo uma análise comparativa deste nível de ensino no Brasil e em outros países:

> " Copiando a França, não alcançamos, na organização brasileira, o objetivo buscado: o de formar a elite nacional. Como lá, temos pago caríssimo a aspiração de preparar uma elite intelectual , sacrificando ao objetivo educacional mais de 90% dos adolescentes que ficam ao desamparo de qualquer educação secundária. Mas, sem o ambiente que tradições, costumes e destino histórico tem

---

(38) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit.,pp-35-40

preparado à França, menos do que lá temos alcançado. E o que dizer do distanciamento em que andamos do sistema alemão, que aspira a fomentar uma nova cultura geral? Do Inglês que se esforça em combinar as mais nobres tradições para a formação do caráter, com uma educação que se adapte às necessidades e capacidades do indivíduo? Do norte-americano, que, por meio de suas escolas secundárias, pretende desenvolver novo conceito de cultura, adaptado às necessidades de uma sociedade moderna? No Brasil, o secundário tem esta finalidade única: o ingresso às academias. Vivemos, portanto, dentro de uma única preocupação; a do exame. Nada nos interessa além dele. Por ele vivem professor e alunos."(39)

Fernando de Azevedo, Carneiro Leão, Erasmo Braga, foram também alguns, entre muitos, que criticaram a estrutura e a finalidade do ensino secundário no Brasil, no decorrer da década de vinte, período importante em termos de reflexão e propostas educacionais. Apontando o malogro das reformas e sub-reformas empreendidas até então, Fernando de Azevedo di-

---

(39) SANDOVAL DE AZEVEDO-"Organização do ensino primário federal, secundário e normal", Projeto de 1928, in Documentos Parlamentares, pp.673-674; citado por Tirsa Regazzini Peres, op.cit., p.125.

ria que as leis de ensino eram organizadas segundo um espírito que se f ndava em "estat tos, inspirados antes em superstições filosóficas e interesses transitórios do que em noções objetivas e nos largos ideais de cultura e de educação". Segundo o pensador, da parte dos dirigentes não havia surgido uma "política de educação", n rteada por princípios.

Sucessivas, numerosas, descontínuas e luxuosas, desvirtuadas na sua execução, as leis do ensino secundário, teriam, segundo os críticos dos anos vinte, colaborado para o quadro desolador desse nível de instrução. Kandel, da Universidade de Columbia, cujo depoimento sobre a educação secundária do Brasil e outros países latino-americanos é transcrito por Tirsa Regazzini Peres (pp.132-133), afirmaria:

> " A maior parte do plano de estudos é dedicado às línguas. A este trabalho ficam subordinadas as outras matérias. São ensinadas, as ciências e as matemáticas, a história e a geografia, é verdade; mas são ensinadas não do ponto de vista de seu uso e significado para a vida diária, nem de seu valor para robustecer a experiência, senão como uma transmissão de conhecimentos feitos e informações.(...) Infelizmente sua apresentação vai sempre dirigida por dois objetivos.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 139 Bh

do Condephaat n.º 228/04/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Primeiro: a preparação para o exame e a habilidade para reproduzí-lo; e segundo: (especialmente nos últimos anos de curso) o cumprimento dos requisitos que as faculdades exigem do aluno.(...) Fundamentalmente, o conceito de cultura no qual se baseiam estes sistemas é estático e estéril . Separa demasiadamente o saber como uma acumulação de fato, do conhecimento como instrumento do progresso individual. Culminando no exame, dá importância à memorização mais do que à aplicação de conhecimentos, e coloca a habilidade para repetir mecanicamente o aprendido acima da habilidade para compreender o conhecimento...

Inspirado particularmente no sistema francês, sistema que tem por único objetivo a seleção de uma elite intelectual, o ensino secundário, no Brasil, naõ apenas sacrifica a este objetivo a maioria dos adolescentes, como desenvolve nos alunos que o frequentam o desprezo e a falta de gosto pelas atividades manuais."

Alguns estados, mais desenvolvidos do ponto de vista econômico e cultural teriam marchado, segundo algumas fontes, no decorrer dos primeiros decênios republicanos, para superar a concepção tradicionalista do mundo e dos costumes sociais correspondentes, advindos da dicotomia entre cultura e trabalho. São Paulo teria tido papel iniciador e pioneiro nesse sentido.

Faltara, contudo, em todo país, nos trinta primeiros anos da República, do ponto de vista dos educadores dos anos vinte, um"profundo reexame qualitativo e quantitativo" do ensino secundário.

Na década de vinte se esboçou com maior firmeza uma política de reconstrução do ensino secundário,de sua transformação de simples vestíbulo para o superior em ensino para adolescentes. O país despertava para o sério problema educacional representado pelos 75% de adolescentes e adultos analfabetos. "Admitida,então, como um dos grandes problemas nacionais ou o único e grave problema da nacionalidade, a educação fica sendo parte dos programas dos movimentos político-sociais, das organizações partidárias e das plataformas políticas do momento pré-revolucionário que é a década de vinte."(40)

Durante os anos vinte surgiram iniciativas de caráter qualitativo e quantitativo quanto ao ensino secundário. Pensou-se, por um lado, na reforma de sua finalidade e estrutura,e, por outro lado, na revisão das possibilidades de acesso ao curso ginasial.

O problema da seriação foi levantado, visando equipa

---

(40) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit., p.142

ração entre estabelecimentos secundários públicos e particulares, uma vez que só as escolas oficiais tinham esse regime, que beneficiava a organização do trabalho docente , a metodização dos estudos, a estabilidade do aluno na escola. Buscava-se, com a generalização do regime de seriação, superar a insuficiência e superficialidade da instrução. A adoção da seriação fazia parte de um conjunto de medidas que procurava promover a disseminação de escolas e a distribuição de auxílios aos menos favorecidos, a formação do professor e a mudança de sua mentalidade. (41)

No decorrer dos anos vinte surgiam dúvidas, no entanto, quanto às questões de currículo, programas, métodos e critérios de avaliação, em função de divergências entre realistas e idealistas a respeito do grau de independência que o ensino sencundário deveria manter em relação ao superior. A polêmica entre realistas e idealistas estará presente durante todo o período, perpassando os Congressos de Educação realizados em 1922 e 1929 no Rio de Janeiro. Sem aprofundar as divergências existentes entre idealistas e realistas, que fugiria ao escopo desta resenha, é necessário,no entanto, apresentar sua natureza. Para os idealistas, o ensino secundário deveria ter um caráter geral e

(41) PERES, Tirsa regazzini - op. cit., p. 144.

desinteressado, sem preocupações ulteriores de natureza profissional e utilitária. Para os realistas, entusiastas das posições norte-americanas, o secundário deveria fornecer conhecimentos de utilidade prática imediata (indicação Figueira de Mello-1928). Enquanto os idealistas defendiam em consonância com suas idéias, a proposta de um plano comum e integral de estudos, rejeitando a especialização e as disciplinas técnicas, os realistas ou utilitaristas admitiam as especializações e o ensino de disciplinas e assuntos que pudessem ter aplicação na vida e futura profissão dos alunos. A III Conferência Nacional de Educação realizada em 1929, no Rio, tomou uma atitude conciliatória propondo que, ao lado de cursos únicos de seis anos (estudos clássicos, latim e grego, ciências fundamentais e estudos modernos), fossem criadas escolas do tipo "Realschule" com um curso fundamental comum e ramos especializados.

Houve, na década de vinte, preocupações relativas ao aparelhamento didático em geral, ao lado das tentativas de renovação e atualização do ensino secundário brasileiro. A nova escola sencundária não deveria admitir que laboratórios , museus e bibliotecas continuassem sendo peças decorativas dos ginásios. Tais peças deveriam ser melhoradas e ampliadas, constituindo poderoso instrumento de educação e cultura.(42)

---

(42) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit.,p.149.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 143 Bh

da Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Nos anos vinte, a reconstrução qualitativa do ensino secundário no Brasil implicou fundamentalmente na formação do professor, de sua preparação geral e técnica por meio de estudos superiores. Foi proposta a criação imediata de Escola Normal Superior para a formação do professor secundário. Proposta também foi a criação de Faculdades de Educação, Faculdades Superiores de Pedagogia, Faculdades de Filosofia e Letras ou Faculdades de Ciências e Letras. Ainda quanto ao aspecto qualitativo de reformulação do ensino de nível secundário, se buscou, nos anos vinte, encontrar novos padrões de cultura geral, substituindo o conceito antigo de cultura geral por nova concepção que considerasse os conteúdos do ensino como instrumentos para a formação do individuo e sua preparação para a vida.

Com referência ao aspecto quantitativo da reconstrução do secundário, no mesmo período, verificou-se uma verdadeira campanha pela democratização deste nível de ensino. Afirma a esse respeito Tirsa Regazzini Peres:

" O interesse pela ampliação de oportunidades de acesso ao curso ginasial, principalmente para os pobres, não se orineta, porém, num único sentido (...) manifestam-se duas grandes tendências: uma admite o ensino secundário para todos os adolescentes; a outra o concebe somente para os adolescentes capazes.(...) É essencial observar, entretanto, que a democratização do ensino secundário brasileiro, quer pela universalização, quer

pela seleção da inteligência, pressupõe a reformulação da finalidade e estrutura deste ensino (...) essa democratização se identifica (...)com o esforço de superar o conceito preparatório dos estudos secundários e o sentido de ascenção social envolvido neste conceito".(43)

O papel educacional do Estado quanto ao secundário foi reexaminado na mesma época.Reconhecia-se que este nível de ensino passava a ser um empreendimento público, competindo ao Estado garantir possibilidade de acesso ao curso ginasial. A administração pública em âmbito municipal, estadual e federal deveria,a partir daí, cuidar da expansão de escolas.Exigia-se que a administração central promovesse e estimulasse o ensino secundário através de acordos com os governos estaduais e municipais e subsídios a escolas fundadas por particulares,reservando o Governo Federal maior dotação orçamentária para esse ensino.Necessitando, no mínimo, de 450 escolas secundárias, de acordo com Peres Regazzini,o país não podia pretender uma federalização integral e não podia prescindir,talvez nunca, da colaboração dos estados, municipios

---

(43) PERES, Tirsa Regazzini - op. cit., p.149.

e associações particulares. Em vez de simples colaboração, alguns, entre eles Afrânio Peixoto, admitiam que os estabelecimentos de ensino secundário do país deveriam ser custeados pelos diferentes estados da União. Os estado de São Paulo como se poderá notar, multiplica seus ginásios oficiais a partir das décadas de trinta e quarenta.

> " O alargamento das oportunidadades de educação secundária-difusão de ginásios, colégios e liceus e instituição de auxilios aos desprovidos de recursos financeiros - é percebida em sua íntima dependência com a melhoria do próprio ensino, com a sua renovação, atualização e mesmo nacionalização".(44)

Houve tendência para que a União se responsabilizasse pela elaboração de um modelo oficial de programas, uma vez que o ginasial a ser propagado pelo país deveria ser obrigatoriamente seriado. A organização do controle social da instrução ficava como competência federal. Para maior eficiência do ensino a União e os diferentes estados deveriam dotar os estabelecimentos oficiais de: 1) laboratórios e museus; 2) salas apropriadas ao ensino de História, Geografia e Desenho; 3) gabinetes para inspecção médica; 4) salas de ginástica e piscinas; 5)bibliotecas.

---

(44) PERES, Tirsa Regazzini - op.cit.p.152.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 146 Bh

do Condephaat n.º 22/04/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Na revisão do papel educacional do Estado, as normas de inspeção estabelecidas para o ensino secundário foram reformuladas. Houve, também, na década de vinte, interesse pela criação e remodelação dos órgãos e serviços da administração pública visando aperfeiçoar e difundir o ensino secundário.

As discussões do período sobre a intervenção do Estado no setor do ensino secundário tiveram seu ponto alto com as tentativas de reforma constitucional que se verificaram em 1925; a revisão do Art.35, nºs 3 e 4, da constituição de 1891, visava reforçar o controle federal do ensino secundário.

Procurava-se vencer também, nos anos vinte, as barreiras que separavam o sistema popular de educação e o sistema de formação de elite. Pretendia-se a refundição do sistema escolar brasileiro. Nesse sentido, a III Conferência Nacional de Educação, em 1929, chegou a cogitar da possibilidade de acesso de um curso a outro sem exames de admissão ou vestibulares.(45)

Faltaria ainda destacar três iniciativas do Governo Federal quanto ao secundário, na década de vinte, ao nível das leis, reformas, decretos, etc...

---

(45) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit.,pp 159-161

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 147 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Uma dessas iniciativas foi a reforma João Luiz Alves. A nova lei de 1925 não correspondia às aspirações educacionais manifestadas ao longo da década. A reforma de 1925 propunha, é verdade, que o ensino secundário assumisse caráter geral, sem preocupações utilitárias e profissionais; estabelecia um plano integral e único de estudos literários e científicos, comum a todos os ginasianos, refutando a divisão do curso ginasial em ciclos e especializações. Decidindo-se por essa linha idealista, a lei João Luiz Alves não adotou, contudo, os novos padrões pedagógicos apregoados nos anos vinte. Esta lei não favoreceu, também, a difusão do ensino secundário, afastando-se de qualquer compromisso de organização e ampliação de facilidades de acesso ao curso ginasial como, por exemplo, a disseminação de escolas e a extensão da gratuidade. Oficializando o ensino secundário, a lei de 1925 não alterou estruturalmente as responsabilidades educacionais do Estado e manteve o dualismo do sistema escolar brasileiro, isto é, um sistema escolar de formação de elite e um sistema popular de educação.

Outra iniciativa federal de relevo nos anos vinte decorreu do Art.1º do decreto nº18.564, de 15 de janeiro de 1929, que introduziu no plano de estudos da reforma João Luiz Alves- plano único e integral- cursos complementares de Matemática, de Ciên

cias Físicas e Naturais e de Geografia Social e Econômica. O decreto de 1929 marcou efetivamente o primeiro impulso para o reconhecimento de um ensino secundário que atendesse às inclinações individuais e às necessidades de uma preparação especializada para os estudos superiores e as carreiras liberais.

Mais importante que o decreto nº18.564 foi o Parecer nº20 que o Conselho Nacional do Ensino havia aprovado anteriormente em 1928. Este Parecer, endossando a indicação Figueira de Mello, propunha uma melhor concatenação entre os diferentes graus de ensino- primário, secundário e superior-garantindo uma sequência natural entre os mesmos. Aconselhava a divisão do secundário em ciclos e seções e a restauração do bacharelado em ciências e letras. Fixava a idade de doze anos como mínimo admissível para a matrícula no primeiro ano ginasial. Para a difusão das escolas secundárias,estabelecia normas para a concessão de equiparação.(46)

A década de vinte, vale ressaltar, foi mais importante como momento de reflexão que de realizações, o que não diminui o seu significado:

---

(46) PERES, Tirsa Regazzini- op. cit

"Com seus projetos e pareceres, com suas sugestões e indicações, a reconstrução do ensino secundário brasileiro é mais uma aspiração, uma tendência, um movimento, especialmente voltado para o estabelecimento de um sistema nacional de educação. Nessas condições abre caminho à reforma Francisco Campos, de 1931, ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, e ao delineamento liberal-democrático das proposições educacionais da Constituição de 1934". (47)

2.3. As Principais Reformas Após 1930 (1930-1960)

Após o movimento de reconstrução do ensino secundário verificado nos anos vinte, a década de trinta se iniciou com importante reforma, a de Francisco Campos, em 1931, que beneficiou, particularmente, esse nível de ensino. Em 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde. O primeiro Ministro, Francisco Campos, "organizou o estatuto das Universidades brasileiras, transformou o ensino secundário de "caráter eminentemente educativo/ e aumentou sua duração para sete anos".(48)

---

(47) PERES, Tirsa Regazzini- op.cit.164

(48) Pequena Cronologia da Educação Brasileira, op.cit., p.35

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 150 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

A reforma Francisco Campos de 1931, que reorganizou quase completamente o curso secundário, modificou o currículo, com a inclusão de novas matérias, criando o curso complementar, intermediário entre o ginasial e o superior, alterando o sistema de exames e reformando o Conselho Nacional de Ensino, que passou a denominar-se Conselho Nacional de Educação.

Aumentando a duração do ensino secundário para sete anos, essa reforma o dividiu em dois ciclos: os primeiros cinco anos constituiam o "curso fundamental" e os dois últimos o "curso complementar". Segundo Valnir Chagas: "O primeiro constituia o ciclo comum idêntico para todos, com o qual se pretendia enfrentar a longa tradição preparatória. O segundo, retomando e ampliando a idéia esboçada no plano de 1925, objetivava a "adaptação dos candidatos aos cursos superiores" e se dividia em três seções: uma para a área que chamaremos de humanidades. Na época circunscrita aos estudos jurídicos; outra para a que denominaremos biológica, abrangendo então Medicina, Farmácia e Odontologia; e a terceira para a área técnica, representada por Engenharia e Arquitetura. Outras seções eram possíveis".(49)

---

(49) CHAGAS, Valnir- op.cit. p. 47

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 151 Bh

do Condeplract n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Ainda quanto ao currículo a reforma de 1931 distribuia mais equitativamente as disciplinas humanísticas e científicas, Valnir Chagas, contudo, afirma que levando ordem e método aonde antes reinava o caos, o plano de 1931 de tal modo vinculou os "cursos pré" (denominação de época) a determinadas carreiras de nível universitário que acabou, de fato, por estruturar o ensino secundário com cinco anos e acrescer o superior de dois.

Às medidas estabelecidas pela nova reforma correspondia todo um sistema de controle do Governo Federal para assegurar-lhes a execução. Só eram válidas legalmente os certificados expedidos por estabelecimentos "equiparados", oficiais ou particulares; somente podiam obter e manter a equiparação os que observavam as disposições da legislação geral e as instruções baixadas pelos órgãos do Ministério da Educação e Saúde. O "serviço de inspeção" instituido e regulamentado para verificar essa observância sofria mesmo de certo artificialismo. Caminhou-se para uma uniformidade crescente do ensino secundário brasileiro que ia dos currículos aos programas à metodologia a empregar no seu desenvolvimento, da admissão dos alunos ao regime escolar, da organização interna dos estabelecimentos ao seu corpo

docente e assim por diante... (50)

A reforma de 1931 entrou, de fato, em vigor, em 1932; sua execução ainda que incompleta, acidentada e efêmera, marcou a construção da escola propriamente brasileira, segundo alguns autores. Essa legislação de 1931 foi omissa em relação ao ensino primário (houve alheamento do Governo Federal em relação ao ensino primário nos estados e mesmo no Distrito Federal), uma vez que deu toda ênfase ao secundário e ao superior. O ensino secundário só então passou a existir, em rigor, como um sistema racionalmente concebido.

A década de trinta foi uma das mais fecundas no plano educacional. Ai da no ano de 1931 houve iniciativas importantes: Lourenço Filho, em São Paulo, instituiu o uso dos testes, organizou a Biblioteca Pedagógica Central e estabeleceu a reforma dos ensinos normal e profissional; estabelecimento de decretos organisando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes; em dezembro realizou-se a IV Conferência Nacional de Educação, na qual se pediu a Fernando de Azevedo para redigir um manifesto onde fossem postulados os pontos fundamentais de uma nova política da educação.(51)

---

(50) CHAGAS , Valnir - op. cit., p.49

(51) Pequena Cronologia da Educação Brasileira, op.cit.p. 35

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 153 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Em 1932, Anísio Teixeira empreendeu vigorosa transformação do sistema escolar do Rio de Janeiro como Francisco Campos havia realizado em Minas Gerais entre os anos de 1927-1928. Nesse ano de 1932 surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, do qual foram signatários educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Afrânio Peixoto, Almeida Jr. e outros. Fernando de Azevedo, neste manifesto, estabelecia os princípios de uma nova política da educação, sendo discutidos como mais importantes os princípios da co-educação, laicidade, obrigatoriedade e gratuidade. O manifesto determinou diretrizes nítidas para a solução do problema educacional brasileiro, segundo Azevedo Amaral.

Em 1933, em São Paulo, Fernando de Azevedo, Diretor Geral de Instruções, instituiu o Colégio de Educação do Estado, deu nova orientação à educação rural e reformou todo o aparelhamento escolar (Código de Educação de 1933).

Na constituição de 34, artigo 152, o governo criava o Conselho Nacional e os Conselhos Estaduais de Educação e determinava a aplicação de nunca menos de 10% da parte dos município e nunca menos de 20% da parte dos estado na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos, da renda resultante dos impostos (Art.156). A Constituição de 16 de julho de 1934 fazia o país entrar em uma política

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 154 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

nacional de educação, de acordo com os postulados e as aspirações da Conferência Nacional de Educação de 1931.(52)

A década de trinta foi decisiva para a implantação efetiva e expansão do ensino secundário em São Paulo. Conforme já se mencionou, apenas três estabelecimentos oficiais de ensino médio funcionavam no Estado de São Paulo até 1931: eram os ginásios da Capital, Campinas e Ribeirão Preto, estando dois outros, os de Taubaté e Tatuí, criados, mas ainda não instalados. Já funcionavam, na época, mantidos pela administração estadual, cursos de curriculum misto (fundamental e normal) para formação de professores. Em 1933, como exigência da legislação federal, os dez cursos fundamentais foram transformados em ginasiais, aumentando, assim, para treze, o número de estabelecimentos existentes. Decorrido um ano (1934), mais treze casas eram criadas pelo Estado, instalando-se, então, os Ginásios de Tatuí, Taubaté, Tietê, Sorocaba, São José do Rio Pardo, São José do Rio Preto, Santos, Jaboticabal, Itú, Itapeva, Catanduva, Araraquara e Araçatuba. Em 1935 era instalado o Ginásio de Amparo. Nas decadas seguintes, de quarenta e cincoenta, houve um crescimento muito grande da rede pública secundária em São Paulo, como se poderá notar, posteriormente, nesta resenha.(53)

(53) COSTA, Rubem-"A Marcha Horizontal do Ensino. Em 23 anos São Paulo conheceu Expressivo Aumento no número de Cursos Oficiais" In Diário do Povo, 12-08-1956.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 155 BL

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

O Estado Novo, 1937, eliminou várias das conquistas incluidas na constituição anterior. A Constituição do Estado Novo levou ao máximo, no plano educacional, a centralização que já se delineava; do seu texto se excluiu a regra básica da "educação como direito de todos" e dela fez-se um "dever e direito natural dos pais", apenas cabendo ao Estado a vaga atribuição de não ficar "estranho a esse dever" e, quando fosse o caso, "suprir as deficiências e lacunas da educação particular". Pelo silêncio, extinguiram-se os "sistemas educativos" e os Conselhos de Educação dos Estados e do Distrito Federal, sem mais vincular recursos públicos para o ensino. Ao mesmo tempo, excluiram-se da gratuidade da escola primária os alunos que pudessem contribuir para a "caixa escolar". Apenas na década de quarenta houve nova definição de princípios, ainda que bastante ajustada aos postulados da Carta de 1937.(54)

Em 1942 foram decretadas "leis orgânicas" para os diferentes níveis e ramos de ensino. A edição dessas leis começou no ministéri de Gustavo Capanema em 1942 e se completou em 1946 quando era outro o quadro político do Brasil. Não se elaborou um instrumento básico para disciplinar a educação em con-

(54) CHAGAS, Valnir - op. cit. pagina 52

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 156 Bh

do Condephaat, n.º 22801/83 (a)

Interessado:

Assunto:

junto, preferindo encarar os vários graus de ensino em "leis orgânicas" separadas. Todas, porém, foram esboçadas na mesma administração e sob igual inspiração, decorrendo daí a unidade de que se revestiam.

A Lei Orgânica 4.244, de 9 de abril de 1942, relativa ao ensino secundário, conhecida como Lei Capanema, respondeu às aspirações da corrente que pleiteava o retorno aos estudos clássicos e formadores da personalidade. O curso secundário passava a abranger dois ciclos: o ginásio, cuja duração era de quatro anos e o colégio ou colegial, de duração de três anos, subdividido, por sua vez, em dois cursos, o clássico e o científico. Segundo o Artigo 3º do Capítulo II dessa Lei, o curso ginasial destinava-se a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário cujas finalidades eram, de acordo com o Capitulo I, Artigo 1º; formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes; acentuar e elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística; dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial. Segundo o Art. 4º do Capítulo II, o curso clássico e o curso científico tinham por objetivo consolidar a educação administrativa no curso ginasial e desenvolvela e aprofundá-la . No curso clássico, concorreria para a formação intelectual, além de um maior

conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; no curso científico, essa formação seria marcada por um estudo maior das ciências exatas.(55)

Pela Lei orgânica do Ensino do Ensino Secundário de 1942, a co-educação era abolida. O Título VII tratava do ensino secundário feminino e o Artigo 25 propunha: "1. é recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva freqüência feminina; 2. estabelecimentos freqüentados por homens e mulheres , a educação da mulher será ministrada em classes exclusivamente femininas; 3. incluir-se-á na 3ª e 4ª série e em todas as séries do curso clássico e científico , a disciplina de economia doméstica; 4. a orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar".(56) Esta orientação bastante conservadora e retrógrada foi logo suprimida sob pressão de certas correntes educacionais do país. A construção e o aparelhamento escolar,pela Lei Orgânica de 1942, deveriam estar adaptados às normas pedagógicas oficiais. O Art. 84 do Capítulo VII (Da Construção e do Aparelhamento Escolar) estabelecia: "Os estabelecimentos de ensino secundário para que

(55) Decreto Lei nº 4.244,de 9 de abril de 1942-Lei Orgânica do Ensino Secundário in Legislação Federal,1942,vol.VI,pp.179/193.

(56) Decreto Lei nº 4.244, op.cit.p. 193.

possam validamente funcionar, deverão satisfazer, quanto à construção do edifício ou dos edifícios que utilizarem e quanto ao seu aparelhamento escolar, as normas pedagógicas estabelecidas pelo Ministério da Educação". (57)

Com algumas modificações, a Lei Orgânica de 1942 teve larga existência, tendo validade até 1961, quando o ensino brasileiro foi totalmente reformado.

A Constituição de 1946 determinou a obrigatoriedade do ensino primário e deu competência à União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Em 1948 o Ministro Clemente Mariani enviou ao Congresso um projeto de lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi modificado em 1957 quando o Ministro Clóvis Salgado enviou ao Congresso o substituto nº 2.222. Nenhum desses acontecimentos alterou substancial e estruturalmente o ensino secundário brasileiro, que a Lei Orgânica de 1942 havia estabelecido.

A expansão dos estabelecimentos oficiais destinados ao ensino secundário foi muito grande, especialmente em São Paulo, nas décadas de quarenta e cincoenta. Seguindo a tendência de crescimento do número de esco-

(57) Decreto Lei nº 4.244, op.cit., p. 192

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 159 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

las secundárias oficiais detectada na década de trinta, os poderes públicos estaduais se preocuparam em construir ginásios e colégios por todo o estado de São Paulo.

De 1935, data da instalação do ginásio de Amparo, até 1951, a criação de novas escolas secundárias - especialmente no após guerra - foi acentuada pois no extremo da comparação (1951), já havia 181 escolas oficiais, o que correspondia a um aumento, em vinte anos, de 59,33%. Em 1954, São Paulo mantinha em funcionamento 696 unidades secundárias dos dois ciclos, dos quais 307 estaduais, 9 municipais (só ginásios) e 3 federais, competindo as restantes 373 à iniciativa particular .

Os estabelecimentos oficiais de ensino médio encontravam-se assim distribuídos em São Paulo no fim de 1954:

CAPITAL

Colégios	17
Ginásios	13
Esc. Normais	7
Inst. Educação	3
TOTAL	40

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 160 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

INTERIOR

Colégios 63

Ginásios 23

Esc. Normais 77

Ins. Educação 19

TOTAL 182

Segundo Ruben Costa, de 1931 a 1954, o aumento teria sido de 7,400% (58)

Houve durante a década de cincoenta uma campanha visando a disseminação das escolas secundárias. Tratava-se da CADES, Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, que influiu bastante para a multiplicação dos ginásios e colégios oficiais que se processou nas décadas de cincoenta e sessenta, e, sob diferente denominação,"estabelecimentos de 2º grau", na década de setenta.

A partir dos anos cincoenta a progressão "geométrica" dos estabelecimentos oficiais de nível secundário vai colocar como debate importante, vigente em certa medida até hoje, o da quantidade x qualidade do ensino público.(59)

---

(58) COSTA, Ruben- A Marcha Horizonta do Ensino...,op.cit.

(59) CHAGAS, Valnir- op.cit.,pp. 68-72

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 161 Bh

do Condepahat n. 22/04/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Enquanto alguns tendiam a ver na multiplicação de cursos e aumento de alunos a indicação de democratização da sociedade, outros viram no aumento de escolas o principio da massificação que levava a um decréscimo substancial da qualidade do ensino secundário oficial. De qualquer forma, acabou prevalescendo a tese de que era melhor expandir a rede media oficial, ainda que à custa de sua qualidade. Segundo esta posição:

" É possível que a ramificação rápida não tenha encontrado o Estado em condições de prover as unidades criadas com os recursos humanos necessários. É evidente que a grande maioria das escolas foram e continuam mal aparelhadas, não se dando ao ensino aquilo que a sua boa execução exige. É razoável admitir que a eficiência do mestre, como corolário conseqüente, não pode ser a mesma que em condições mais favoráveis. Ouvimos mesmo, algures, a anedota de que o Governo age, no caso, com leiteiro que, aumentando a freguesia, não compra mais vacas... põe água no leite.(...) que em vez de, propriamente, por água no leite, o Governo nos tem dado, mesmo, vacas, magras coitadas, mas vacas, cujo leite, a exemplo do organismo vivo, fraco e quase desperdiçado, nos momentos iniciais poderá, contudo, melhorar pela

própria produção nos dias futuros".(60)

Apesar das críticas que muitos faziam ao excessivo comprometimento do orçamento estadual na construção de escolas e ampliação da rede, os poderes públicos estaduais multiplicaram seus estabelecimentos secundários nas décadas de sessenta e setenta, o que inegavelmente democratizou este nível de ensino. Os problemas atuais do ensino público talvez decorram menos da ampliação enorme de escolas do que da política educacional adotada após 1964.

2.4. A Situação do Ensino Médio nas Últimas Décadas

A década de sessenta apresenta logo nos seus inícios, 1961, a importante lei nº 4.024, que fixava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tendo modificado o ensino no Brasil em todos os seus níveis. A lei de 1961 reformulou o sistema educacional do país, mas fugiria aos propósitos desse trabalho, esmiuçar todas as alterações por ela provocadas. Quanto ao secundário, a lei, ao menos formalmente, reuniu este grau de ensino e os ramos de formação profissional sob a designação comum de ensino médio, com a nomen-

(60) SOUZA, Ruben - A Marcha Horizontal do Ensino, op. cit.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 163 BL

do Condephaat n. 22 864/83 (a)

Interessado:

Assunto:

câmara de ginásio e colégio em todos os ciclos.

A última série do colégio voltou a ser definida, aparentemente por qualquer razão, como "propedêutica", podendo passar desenvolver-se em "colégios universitários" criados junto às instituições de ensino superior. Nas condições previstas, admitia-se que o 2º ciclo fosse instalado em mais de três anos. Os exames de maturação foram ampliados até o nível do colégio, quando no sistema, na regime anterior, só primeiro ciclo.

Na época não prevalecem, as disposições que ainda vigoram, a Lei nº 4.024 de 1961 regulou a esfera de atuação do sistema federal e dos sistemas estaduais de ensino. "Para cada sistema prevê, na esfera executiva, os órgãos de administração e controle e, como instância normativa e deliberativa, o respectivo Conselho de Educação: o Federal, cujas atribuições foram definidas logo pretendas e, em maior parte, os Estaduais e o do Distrito Federal. A estes últimos, observadas as diretrizes e bases fixadas, passou a competência para disciplinar, criar, manter, autorizar, reconhecer e fiscalizar a rede de escolas primárias e médias não vinculadas ao sistema federal".(XX)

(XX) CHAGAS, Valnir- op.cit., pp. 50-51

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 164 Bh

do Condeplaut n 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Para o ensino médio, a Lei 4.024 permitia acentuada liberdade de currículo. Havia uma "parte nacional" representada por "até nove disciplinas obrigatórias" indicadas pelo Conselho Federal de Educação, que substituiria o Conselho Nacional de Educação e que tem vigência até hoje; havia uma parte "regional" fixada pelos Conselhos Estaduais de Educação e uma parte "escolar" determinada pelos estabelecimentos que escolhiam disciplinas de listas elaboradas pelos Conselhos Estaduais. Os currículos havia, pois, deixado de ser prescritos na lei, a não ser quanto à importância que deveria ter o ensino de Português e à exigência de Educação Física, Educação Moral e Cívica, Iniciação Artística e Ensino Religioso (oferta compulsória das escolas oficiais e facultativo para os alunos). O grau médio compreendia, a partir de então, os cursos secundários, técnicos-industrial, agrícola, comercial- e de preparo de professores para a escola primária.

Na década de sessenta, além da criação de inúmeras universidades e planos para reforma universitária, houve, em 1964, o estabelecimento do salário-educação, e, em 1967, um novo ponto de partida na Educação em função da Emenda Constitucional então promulgada. Conceitos como os de "continuidade" e "terminalidade" passaram a circunscrever, principalmente, o ensino de nível médio, sentidos da profunda reforma de 1971 no que se refere ao secundário. Na esteira

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 165 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

da reforma universitária, modificações foram introduzidas nos anos sessenta e setenta no nível primário e no nível secundário de ensino. A tendência "vocacional" do secundário foi incentivada nesse mesmo período.

Em 11 de agosto de 1971 foi promulgada a Lei 5692, que fixou as diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo grau, novas denominações do antigo primário e médio. Esta Lei 5692 vigorou até 1982, quando foi amenizada. Como é responsabilidade por todos os "males" do secundário nos anos setenta, valeria a pena reve-la um pouco. Dispunha aquela Lei que a educação do primeiro e segundo graus tinham como objetivo propiciar ao estudante a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidade como elemento de auto realização, preparação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. O ensino de primeiro grau destinara-se à formação da criança e do pré-adolescente, tendo a duração de oito anos letivos e sendo exigida para o seu ingresso a idade mínima de sete anos. O ensino de segundo grau destiva-se à formação integral do adolescente, exigindo-se para ingresso a conclusão do ciclo anterior. Pela Lei 5692/71, deveria ter um caráter profissionalizante, formando mão-de-obra qualificada, técnicos de nível médio; incluia, portanto, todos os ramos do sistema anterior: secundário (clássico e científico)

168

e técnico (comercial, industrial, agrícola e normal). (62)

A Lei 5692 foi bastante criticada quanto à formulação do 2º grau, pois o propunha profissionalizante sem oferecer condições mínimas para a execução de tal propósito. Múltiplas a partir das décadas de sessenta e setenta, as escolas públicas de 2º grau eram invariavelmente mal aparelhadas para ministrar sério ensino técnico e não contavam com corpo docente especializado; em função do cunho profissionalizante, o ensino tradicional (clássico e científico) foi descuidado e adaptado de maneira superficial e ineficiente. Depois de uma experiência de dez anos, criticamente avaliada, a tentativa de um 2º grau profissionalizante foi modificada em 1982.

A 18 de outubro de 1982, a Lei nº 7.044 alterou a parte profissionalizante da Lei 5692/71. Por essa nova lei o dispositivo de profissionalização foi modificado, tornando-se optativo o cunho profissionalizante tanto para as escolas como para o aluno. Embora os currículos devam abrigar aspectos de preparação para o trabalho, o atual 2º grau das escolas públicas estaduais retomou a formulação mais tradicional dos an

(62) Pequena Cronologia da Educação Brasileira, op.cit.,p.45.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 167BL

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

tigos cursos colegiais. Os problemas colocados atualmente para o ensino secundário oficial são semelhantes aos que se apresentam para os outros níveis ou graus: falta de verbas, má remuneração de professores e profissionais da educação, ensino deficiente, carência de aparelhamento escolar adequado, etc.

150.000 - VIII-984 Impr. Serv. Gráf. SICCT

3. A História de uma Escola- O Caminho do "Culto à Ciência"

3:1. A Primeira Fase- a Escola no Império

O "Culto à Ciência", conforme explicitado no item 1, nasceu como proposta em 1869 e foi inaugurado em 1874, nas últimas décadas, portanto, do Império no Brasil, mas se contrapôs desde o início, enquanto idéia e execução, ao poder então constituido. Obra da iniciativa privada, republicana e positivista, em Campinas, se propunha enquanto instituição a veiculação do ideário educacional republicano. Para o discurso liberal republicano o Estado então constituído não coincidia com a nação, espaço de reconhecimento dos cidadãos. Segundo os republicanos, no regime monárquico, o Estado "era tudo" e a nação "quase nada". Para construir a nação, segundo eles, era preciso formar o cidadão, transformá-lo em homem produtivo e consciente de seus deveres. Tal procedimento deveria ser garantido pela educação escolar.

Como já foi assinalado, os republicanos, no campo educacional, defenderam a livre iniciativa dos particulares em qualquer ramo do ensino, embora admitissem a intervenção do Estado na instrução elementar para garantir sua gratuidade, além da liberdade e laicização do ensino. O projeto liberal republicano, no momento de sua propagação, ao buscar legitimar-se, assinalou, na esfera educacional, a importância do

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 169 BL

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

concurso da iniciativa privada. O ideário republicano valorizava a educação como "bem supremo".

Os primeiros republicanos criticaram duramente o sistema de escolas públicas do Império, reputando as mesmas de "verdadeiras oficinas da velha rotina" e atribuindo sua precariedade ao fato de serem oficiais pois que tudo quanto era oficial no país, no período, para esses homens, era "mau, péssimo". Através dos colégios particulares fundados por republicanos, buscava-se estabelecer um contraponto ao ensino público. O "Culto à Ciência" seria uma alternativa pedagógica além de instrumento político, de acordo com seus fundadores republicanos e positivistas, para o ensino primário e secundário.

Nos primeiros anos, 1874-1889, o controle administrativo e didático da Sociedade "Culto à Ciência" sobre o colégio foi rígido, para garantir um ensino leigo, positivo e científico que deveria ser ministrado de acordo com os Estatutos. A diretoria da Sociedade detinha o poder decisório e o diretor do Colégio não passava de um mero executor de ordens. Os professores, por sua vez, não participavam sequer da elaboração do programa de ensino da sua própria matéria, encargo pessoal do diretor.

A autoridade e a obediência eram os elementos constitutivos da instituição; a obediência e o respeito à autoridade foram os principios fundamentais nos

quais se apoiou a concepção pedagógica expressa no primeiro regimento interno do "Culto à Ciência". Os estudantes eram submetidos à penalidades que variavam da privação do recreio nos atos indisciplinares mais leves, como por exemplo, a quebra do silêncio, até o uso da palmatória nos casos mais graves." (63)O aluno recebia, em geral, tratamento bastante autoritário, observando uma rotina igual a de outros internatos da época. Em 1881, com nova direção, o Colégio parece ter entrado em práticas mais brandas.

O curso primário compreendia: leitura, gramática portuguesa, caligrafia, exercícios ortográficos,doutrina cristã, aritmética elementar, sistema métrico, noções gerais de geografia e história pátria. O curso secundário previa as seguintes matérias: francês, inglês, alemão, latim, aritmética, álgebra, geometria, geografia e cosmografia, cronologia e história, filosofia e retórica além de ginástica.

Pode-se perceber, pela relação de matérias que compunha o curso secundário o caráter predominantemente humanístico e literário do programa de ensino que vigorava no "Culto à Ciência". O corpo docente era composto por homens como Júlio Ribeiro, João Alberto Salles, Henrique de Barcellos e João Kopke, o que

(63) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. Op. cit.p. 268

faz supor uma certa renovação nos métodos de ensino, dada a convicção positivista heterodoxa dos mesmos. A seleção do cropo docente era feita de forma rigorosa, obedecendo a critérios políticos e ideológicos para garantir o caráter positivo e científico da educação da clientela do colégio.(64)

A clientela escolar provinha das camadas dominantes da sociedade campineira e das regiões próximas, destinando-se majoritariamente à Academia de Direito de São Paulo, devido à valorização social que os bacharéis gozavam então. Entre os alunos que frequentavam a instituição destacou-se, ao lado de jovens pertencentes à "famílias gradas", Santos Dumont, que estudou no "Culto à Ciência" entre 1883-1886.

Em 1883 os estatutos do "Culto à Ciência" foram reformulados, passando o Colégio a receber quatro tipos de alunos: internos, pensionistas, meio-pensionistas e externos. As anuidades pagas pelos alunos eram insuficientes para sustentar a instituição que às vezes mantinha poucos alunos (em 1882, por exemplo, a escola chegou a funcionar com 10 alunos e em 1885 ha

---

(64) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- op.cit., pp. 273-289

via apenas 25 alunos internos) e nunca deixou de receber alunos gratuitos, mesmo em seus períodos de crise. Propaganda era feita pela imprensa campineira para arregimentar alunos. Inúmeras atividades eram realizadas para conseguir fundos para a escola:"festas de educação física", corridas, peças de teatro , clube Literário que organizava festividades, concertos musicais, leilão de prendas, bailes, etc...

O colégio sobreviveu até 1886 por meio de inúmeras doações efetuadas pela sociedade campineira. Cumpriria registrar ainda a visita do Imperador Pedro II ao "Culto à Ciência" neste ano de 1886.(65) Desta data até a proclamação da república, a escola prosseguiu em curso normal, recebendo alguma subvenção oficial.

3.2. A Fase Republicana: 1889-1985

Com a república se inicia nova fase para o colégio "Culto à Ciência". Os principais responsáveis pelo funcionamento do colégio passavam a concentrar suas atividades no impasse político, uma vez que após a proclamação da república a burguesia agrária paulista entrará em um período crítico de luta pelo poder.

Em dezembro de 1888 havia tomado posse como novo di-

(65) PAULA, Carlos F. de - Culto à Ciência, op. cit.,p.27

retor do Colégio, Hipólito Pujol, que reformulou as propostas educacionais e os métodos de ensino da instituição, fazendo áspera crítica à pedagogia adotada na fase anterior. Em 1889 um surto de febre amarela na cidade de Campinas ocasionou o fechamento do "Culto à Ciência", que reabriu apenas em junho de 1890 com 109 alunos. Em 1891 os alunos matriculados já eram 116, sendo 22 gratuitos e 7 internos. Em 1890 houve modificação do regimento interno e formulação de novo plano "de educação moral, física e intelectual"; embora destinado ao "Culto à Ciência", algumas de suas observações fazem supor que havia a pretensão de que servisse como modelo para as futuras reformas republicanas no âmbito da instrução estadual e federal. Havia como objetivo fazer do colégio campineiro uma escola modelo para o Estado republicano.(66)

Os princípios que passavam a nortear o plano de educação moral, física e intelectual do estabelecimento eram calcados em autores como Comenius, Leibnitz, Pestallozi, Froebel, Montaigne e outros. A grande meta da educação seria a de "formar a vontade", devendo ser o colégio mais a aprendizagem da vida do que da ciência. O educador deveria adotar os métodos ativos

---

(66) MORAES, Carmen Sylvia V.- op.cit., pp. 307-309

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º Bh 179

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

(método intuitivo para os olhos, preso ao método racional dirigido ao espírito), considerando o homem uma força ativa. A liberdade dos alunos, ao invés da passividade, passava a ser proclamada. A tutela sobre o educando deveria ser familiar, sem constrangimentos. O método de ensino desta fase do "Culto à Ciência" baseava-se em princípios que mais tarde, segundo alguns, iriam medrar no movimento da escola nova em meados do século XX: método intuitivo, partindo do simples para o composto, do concreto para o abstrato, do particular para o geral, do definido para o indefinido, do empírico para o racional. De acordo com Hipólito Pujol os novos métodos da " educação moderna" deveriam corresponder às instituições liberais, havendo cessado a autoridade pedagógica como havia cessado a "autoridade papal, filosófica, régia" (67)

Os estudos foram organizados, substituindo o sistema fragmentário dos preparatórios. O curso primário compreendia dois graus, com a duração de dois anos (crianças de 8 a 10 anos), o curso intermediário ou secun

(67) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- op. c t., pp.311-317

dário especial, com a duração de quatro anos de ensino, destinava-se a fornecer conhecimentos de cunho profissionalizante aos que se destinavam ao comércio, agricultura e indústria ou carreiras liberais (alunos de 10 a 14 anos) e o curso secundário clássico , última etapa, com quatro anos de duração, destinava-se aos que se dirigiam às carreiras liberais ou curso superior (alunos de 14 aos 18 anos). A introdução de um nível intermediário de caráter profissionalizante, comum a todos, exprimia no plano pedagógico uma tendência democratizadora. No entanto, o secundário clássico, de cujo programa se eliminava as disciplinas técnicas e se privilegiava o ensino das ciências "puras" e das "humanidades",reafirmava a concepção aristocrática e seletiva do conteúdo e da difusão da cultura. Hipólito Pujol reafirmava explicitamente o caráter elitista do secundário clássico: "O ensino primário é necessário a todos. O ensino intermediário ou secundário especial é necessário ao maior número. O curso secundário clássico não convém senão a certa classe da sociedade." (68)

O plano de ensino ou programa inovador durou apenas dois anos, tempo insuficiente para sua total implan-

---

(68) MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- op. cit, p. 331

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 176 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

tação, uma vez que a escola fecha suas portas em 1892 devido à dificuldades economico-financeiras. Em 1896 o Culto à Ciência voltou a funcionar como Ginásio Estadual; segundo Carmen S.V. Moraes a classe dirigente, fundadora do colégio, hegemônica no plano político e, portanto, identificada como o aparelho estatal, não teve problemas em passá-lo às mãos diretas do Estado.

Tornando-se estabelecimento público, o Ginásio de Campinas, o "Culto à Ciência", teve sua longa história pautada e marcada pelo desenvolvimento do ensino secundário no Brasil e em São Paulo. Um dos três únicos ginásios públicos existentes no estado até 1931, manteve, até esse período, traços bastante elitistas, estando submetido às reformas e alterações ocorridas no ensino secundário oficial ao longo do período republicano. O segundo Ginásio Estadual de São Paulo apresentou desde logo, no entanto, algumas reformulações, que já anunciavam certa abertura e democratização: em 1909 o estabelecimento tornava-se misto, tendo as primeiras mulheres se formado em 1910 e, em 1914, as alunas que haviam frequentado todo o curso; a foto dos formandos de 1913, apenas três, revela-se significativa nesse sentido, pois nela se pode ver uma mulher, um negro e um estudante branco, aparentemente de classe média (xerox da foto em anexo). Aliás o "Culto à Ciência", em suas primeiras décadas um colégio eminentemente de elite passa, no decorrer do sé-

culo XX, a se constituir no estabelecimento da classe média campineira por excelência.

Desde 1901 equiparado ao Ginásio Nacional, o "Culto à Ciência", na década de dez, instalou sua biblioteca no salão nobre (este havia sido aumentado em 1910). Em 1914 a biblioteca já possuia 2.503 volumes e atualmente, conta com mais de 10.000 volumes, destacando-se entre estes obras raras e de muito valor como o famoso "Ambrosii Calipendi", dicionário de várias linguas, edição de 1616, em Basilea (ou Ambrosii Calepini" como querem alguns).

Em 1930, por força do decreto nº19.426, foi extinto o diploma de bacharel em ciências e letras, eliminando-se o 6º ano ginasial. O decreto nº5.117 de 20/07/ 31 regulamentou os ginásios oficiais do estado, dividindo o ensino ginasial em dois cursos seriados, o fundamental e o complementar. Com a lei orgânica do ensino secundário, de 9 de abril de 1942, decreto- lei nº 4.244, o "Culto à Ciência" transformava-se em Colégio Estadual de Campinas, passando a oferecer apenas os cursos clássico e científico, pois era estabelecimento de ensino secundário que mantinha naquela data, sob inspeção federal, o curso fundamental e o curso complementar de acordo com o decreto nº21.241 de 04 de abril de 1932.(69)

---

(69) PAULA, Carlos F. de. - Culto à Ciência, op.cit., pp.64-69

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 178 BL

do Condeplhart n.º 228/04/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Por longo período o famoso Ginásio de Campinas lutou por sua autonomia didática e administrativa, principalmente após o governo do estado de São Paulo ter concedido ao Colégio "Presidente Roosevelt", da capital, tal regime, na década de cincoenta. Um articulista do Diário do Povo pedia autonomia para o ginásio campineiro, indignando-se com o veto de Janio Quadros quanto ao pedido de Campinas:"E, por isso, o "Culto à Ciência" continua como é desde 1930, sujeito às leis estaduais, como qualquer ginásio recém-criado e perdido em localidade longinqua" (Diário do Povo- 03/10/1956). Apenas em 1963, pela Lei Estadual de 5 de fevereiro, o "Culto à Ciência" obteve independência didática e administrativa, quando contava com cerca de 2.500 alunos, funcionando em vários períodos. Durante quase dez anos o colégio campineiro manteve sua autonomia pedagógica e de direção, não estando diretamente subordinado à Secretaria da Educação. Entre 1971 e 1972, data de Nova Lei de Diretrizes e Bases Educacionais, o "Culto à Ciência" voltava a se subordinar novamente à Secretaria da Educação.

Por ocasião do centenário do colégio campineiro, 1973, (nO dia 13 de abril de 1873 , houve o lançamento da pedra fundamental do edifício) este funcionava em quatro períodos com mais de 2.500 alunos, possuindo salas especializadas para o ensino de artes industriais, canto orfeônico, biologia, ciências quimicas, fí

150.000 - VIII-984 Impr. Serv. Gráf. SICCT

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 179 BL

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

sica, geografia, francês, educação para o lar e técnicas comerciais. Sua biblioteca já contava com cerca de dez mil volumes e o seu ginásio de esportes "Anibal de Freitas" (um dos mais famosos diretores do antigo estabelecimento) era bastante frequentado. Nas comemorações do centenário do "Culto à Ciência" foi inaugurada a piscina e se deu início à construção do auditório. As festividades que marcaram os cem anos de existência da instituição (série de xerox de fotos em anexo) podem dimensionar o imenso valor afetivo atribuido ao "Culto à Ciência" por parte da população campineira e a importância a ele conferida por outras escolas, instituições afins, orgãos diversos (entre estes: Câmara Municipal de Campinas, Assembléia Legislativa de São Paulo, UNICAMP, PUC-Campinas, Prefeitura Municipal de Campinas, de Paulínia, Centro de Ciências, Letras e Artes, Conselho Estadual de Educação, etc...)(70). Além das manifestações de vários deputados estaduais e vereadores de São Paulo, no centenário, o histórico estabelecimento recebeu, inclusive, a visita do governador do estado, Laudo Natel, que prestigiava, com sua presença, o aniversário da mais antiga escola secundária do interior de

---

(70) Arquivo do "Culto à Ciência"- Campinas- Volume contendo Ofícios recebidos por ocasião do centenário-CENTENÁRIO-OFÍCIOS RECEBIDOS.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 180 BL

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

São Paulo.

Apesar de continuar importante e bastante frequentado nos dias de hoje, o "Culto à Ciência" necessita da atenção dos poderes públicos para que continue a funcionar adequadamente e para que seu edifício seja reparado e preservado.

Através dos jornais campineiros pode-se conhecer vários pequenos acontecimentos cotidianos do tradicional colégio ao longo das suas décadas de existência. Apenas como curiosidade pode-se mencionar: o caráter das comemorações cívicas realizadas (Diário do Povo- 9-10-1937), o episódio das reprovações em massa que ocorreram no estabelecimento (Diário do Povo, 29/10/1939, 30/12/1939, 04/01/1940), o episódio das irregularidades nos exames de admissão ao colégio (Correio Popular- 23/01/1945), as comemorações do cinquentenário (O Culto à Ciência- edição comemorativa- 04/ 12/1946), as comemorações do 52º aniversário (Diário do Povo- 04/12/1948), as manifestações dos alunos defendendo os professores do "Culto à Ciência", acusados de excessivo rigor, perante o governo do estado (Diário do Povo, 01/08/1956), as homenagens ao ex- aluno Santos Dumont (Diário do Povo, 26/09/1956) as notícias das várias "maratonas" intelectuais vencidas pelos alunos do "Culto à Ciência" (Diário do Povo- 29/09/1956, Correio Popular - 14/10/1956, etc...), a batalha pela autonomia do colégio (Diário do Povo, 03/10/1956), a inauguração de retrato e placa de bron-

ze em homenagem a Santos Dumont (Diário do Povo, 26/10/1956, Correio Popular, 26/10/1956), a vitória de estudantes em concursos de história do Brasil (Diário do Povo,15/11/1956), as comemorações do 60º aniversário de fundação (Diário do Povo, 15/11/1956),as notícias sobre a obtenção de urânio nuclearmente puro para reatores, processo desenvolvido pelo Instituto de Energia Nuclear da USP sob a direção do Professor Marcelo Damy de Souza Santos, ex-aluno do Culto à Ciência, etc...

O colégio "Culto à Ciência" funciona ainda hoje no mesmo edifício construído há mais de cem anos, no bairro do Botafogo, na rua denominada, atualmente , Culto à Ciência, em homenagem à escola que nasceu sob a filosofia positivista e que postulava a laicização e a liberdade de ensino.

4. O Edifício- Implantação e Reformas

Para a construção de prédio próprio destinado a atender aos objetivos de um colégio como o Culto à Ciência, foi efetuada a compra, em 1869-1870, de "importante e formosa chácara" do cidadão tenente Antonio Rodrigues de Almeida. Segundo Francisco Quirino dos Santos, o terreno era amplo e saudável, estando como que às portas da cidade, não distando muito da mesma. Era parte integrante de um dos mais aprazíveis subúrbios de Campinas,situando-se à rua Alegre, hoje

Culto à Ciência , com uma área superior a dois hectares.

Francisco Quirino dos Santos, como outros contemporâneos seus, dava imenso valor à educação física e nesse sentido valorizava o sítio no qual deveria ser erigida a escola. Diria ainda a respeito da chácara:

"Assenta em ma fraca subida que vai gradualmente se estendendo para a do sítio em que está colocada a povoação, reclinando os contornos em bastos relvados que se entremeiam de boas árvores, entre as quais , nas adjacências da casa existente, muitas de frutos estimados.

Tem ainda a principal qualidade para torná-la recomendável: água abundante não só para os exercícios de recreio e educação corporea, mas ainda para os arranjos indispensáveis de uma casa da natureza de que se trata".(71)

Todos os autores que se referiram à edificação do colégio "Culto à Ciência" mencionaram a feliz escolha do terreno, que não poderia ser mais adequado, em virtude de sua extensão e do rico manancial de água pura, apesar de afastado do centro urbano.(72)

---

(71) SANTOS, Francisco Quirino- A Gazeta de Campinas (editorial)

(72) PAULA, Carlos F. O Culto à Ciência, op.cit. pp.7.8

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 183 sh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Sucessivos adiamentos ocorreram quanto à construção do edifício do colégio devido a vários problemas: escassez de recursos, preço da mão-de-obra e materiais de construção, em alta devido à estrada de ferro paulista etc... Em 1873, sendo eleita nova diretoria, foi finalmente aberta a concorrência para a construção do edifício destinado ao col-égio e aceita a proposta do empreiteiro construtor Guilherme Krug. Este obrigava-se a entregar a obra em oito meses por 45 mil contos de réis. No dia 13 do mês de abril de 1873 o empreiteiro das obras, Guilherme Krug, entregou a pedra fundamental do edifício ao presidente da Sociedade "Culto à Ciência" e "este acompanhado de todos os diretores, desceu ao alicerce e aí a colocou na parte sobre que deve ficar assentada a porta principal, na frente do mesmo edifício".(73)

O empreiteiro deu logo início à construção, a qual prosseguiu com regularidade, fazendo a entrega da casa de todO acabada no prazo contratual, no dia 15 de dezembro do mesmo ano de 1873.

"Nos termos do contrato, deveria o edifício contar de um pavimento térreo e outro superior, medindo 23,50 metros de frente por 17 metros de fundo, construído de

(73) PAULA, Carlos F. O Culto à Ciência, op. cit. p.11

tijolos aparentes, pelo sistema flamengo, devendo oferecer aspecto elegante." (74)

O sobrado se revestia da sobriedade, severidade e imponência características dos edifícios destinados às funções educativas e disciplinares. Como as concepções educacionais do período privilegiavam, sobretudo, os aspectos disciplinares, os edifícios pareciam traduzir em suas linhas esses conceitos rígidos.

Na primeira fase do "Culto à Ciência", principalmente, o respeito e a obediência à autoridade eram regras fundamentais da organização da escola, baseadas nos princípios sobre a criança retirados de Aristóteles, Platão e Santo Agostinho. Nesta fase, "a relação da criança com a autoridade pedagógica, com o professor, é uma relação de oposição, de combate, ao mesmo tempo que a disciplina se constitui numa espécie de luta cultural contra todas as formas de corrupção que a criança traz em si mesma". Havia desconfiança com relação ao sensível e corporal em função disto, parecendo o corpo constituir o obstáculo número um a toda boa educação... "A disciplina, portanto, não se caracterizaria apenas na organização do trabalho e na obediência ao mestre; também o controle do corpo,

---

(74) PAULA, Carlos F. O Culto à Ciência- op. cit. p. 10

o silêncio dos movimentos, o domínio dos sentidos " (75) Parecia haver como pressuposto pedagógico que os homens assemelham-se pela razão, diferindo pela paixão e pelo erro. Ao professor caberia transmitir à criança a Razão e a Moral universais.

"O papel do internato corresponde aos fins propostos por esse tipo de educação. O edifício escolar, sua organização e funcionamento, criando um universo pedagógico isolado do mundo exterior, onde o aluno está sob vigilância constante e severa, atestam a desconfiança que a criança inspira e o objetivo de erradicar a espontaneidade infantil." (76)

Pronto o edifício, em ato solene, no dia 12 de janeiro de 1874, inaugurou-se o Colégio Culto à Ciência. A construção do prédio e demais apetrechos inerentes havia ultrapassado a quantia prevista inicialmente, atingindo o total de setenta mil contos de réis. Como os sócios haviam contribuido com apenas trinta e oito mil contos de réis, o Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral supriu com dinheiro do seu bolso e sem juros o restante da importância necessária.

Em 1882, no período de férias, foram feitos serviços gerais de pintura no prédio, reforma de mobiliário e

(75) MORAES, C. .V.- op. cit.,p. 319

(76) MORAES, C.S.V.- op. cit, p.319

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 186 BL

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

serviço de drenagem da chácara.

O edifício não recebeu outros benefícios nem sofreu alterações até 1895, quando foi encampado pelo poder público estadual, transformando-se no Ginásio de Campinas em 1896. O diretor então nomeado visitou em 16 de agosto de 1895 o edifício do antigo "Culto à Ciência", percorrendo todas as suas dependências, para se inteirar das obras de adaptação do prédio e serviços de limpeza geral. As dependências que funcionavam para permitir internato foram modificadas.

Por volta de 1910 a diretoria do colégio conseguiu do governo do estado que fossem executadas diversas obras de reforma do prédio: construção de uma sala para os professores, aumento do salão nobre onde foi instalada a biblioteca, instalações sanitárias, etc., tendo os trabalhos sido projetados e dirigidos pelo professor da 10ª cadeira.

Obras de certo vulto foram novamente realizadas na década de vinte do século XX. Em 1928, o professor Anibal Freitas, diretor interino do "Culto à Ciência", buscou corrigir diversas falhas existentes neste estabelecimento de ensino, principalmente a deficiência de salas de aula. Nesse ano de 1928 foram construídos o anfiteatro de física e duas "arejadas" salas de aula, sendo melhorados também o gabinete de física e o laboratório de química com a aquisição de novos aparelhos.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 187 Bh

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Na década de quarenta foram realizadas as últimas reformas significativas no edifício. Entre 1943-1944, o professor Anibal de Freitas se empenhou junto ao governo do Estado para obtenção de verbas que visavam principalmente atender à construção de novas salas de aula, destinadas a permitir a instalação de diversas classes novas. A construção, nesse ano de 1943, de um pavilhão ligado ao corpo principal do edifício, contendo quatro amplas salas, regularizou a situação. Foi na ocasião reformada a instalação elétrica, ampliadas as instalações de higiene e realizados diversos melhoramentos.(77) Em 1944 houve reforma geral, sendo substituídas as venezianas das salas de aula por vitrais, com apreciável vantagem para a iluminação. Foram também construídos banheiros, galpões, instalações sanitárias separadas e uma pequena dependência destinada ao bar. "No terreno que se dá para a rua Hércules Florence iniciaram-se as obras do pavilhão de educação física, e projetara-se a construção do grande muro de fecho do terreno que se dá para os fundos"(78)

No fim da década de cincoenta e inícios da década de

(77) PAULA, Carlos F.- op. cit., p.21, p.37, p.62, p.70.

(78) PAULA, Carlos F.- op. cit., pp. 73-74

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 188 BL

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

sessenta, a imprensa campineira reclamou do abandono a que havia sido relegado o estabelecimento de ensino, que não recebera mais nenhuma benfeitoria. Sua famosa biblioteca, no período com mais de nove mil volumes e muitas obras raras, de significativo valor histórico-cultural, não havia recebido um tratamento condizente com os recursos mais modernos, necessitando melhores instalações. Contra o descaso público, a sociedade campineira reagia, em defesa de uma de suas mais caras tradições culturais.

Ao longo das décadas de cincoenta e sessenta foram construídos uma praça e um ginásio de esportes ao lado dos edifícios escolares. No centenário do "Culto à Ciência", em 1973/1974, foi inaugurada a piscina do estabelecimento, instalação pouco frequente nas escolas públicas estaduais de 1º e 2º graus. No entanto, hoje, pouco mais de dez anos depois da construção da piscina olímpica, apenas o ginásio de esportes apresenta condições de uso, estando a puscina estragada e inutilizada pela falta de recursos para a sua manutenção constante e utilização adequada.

Necessitando de reparos e de reforma, o edifício passa agora a ser objeto de atenção por parte da CONESP (Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo) e do CONDEPHAAT. As obras mais urgentes serão realizadas pela CONESP, desde as formas das instalações elétricas, hidráulicas, higiênicas até a descupinização de forros e pisos de madeira e pintura to-

tal do edifício. As verbas serão insuficientes, porém, para atender todos os itens que permitiriam o funcionamento perfeito e eficiente do centenário estabelecimento, que, há décadas, atende numerosa clientela nos períodos da manhã, tarde e noite e que constitui um dos exemplares mais valiosos do patrimônio cultural e educacional paulista.

Em anexo, após as conclusões, seguem xerox de fotos do "Culto à Ciência" bem como de alguns dos aspectos internos do edifício, ocorrências comemorativas, efemérides, acontecimentos mais recentes, etc...

4. CONCLUSÃO

O tradicional colégio "Culto à Ciência", segundo instituto oficial de ensino secundário fundado no estado de São Paulo e um dos três únicos ginásios estaduais aqui existentes até 1931, constitui importante bem histórico-cultural não só para a cidade de Campinas. Tendo nascido como idéia de republicanos e positivistas em 1869 foi inaugurado em 1873, entrando em funcionamento em 1874. O "Culto à Ciência" funciona, portanto, há cento e doze anos e, fato significativo, no mesmo antigo edifício construído especialmente para abrigar esta escola desde o seu início. A antiga edificação mantem a mesma atividade educacional e uso inalterado há mais de um século, mantendo o dinamismo como bem cultural de grande importância social

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 190 B

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

e constituindo, desta forma, patrimônio paulista.

De inegável valor histórico, por sintetizar, a partir de 1896, em sua história, os principais momentos de transformação do ensino secundário público no país e em São Paulo, o "Culto à Ciência" pode ser equiparado ao "Caetano de Campos" em termos de significado para o estado de São Paulo, ainda que arquitetônicamente seu edifício não apresente características de destaque. Obra do engenheiro Guilherme Krug, o edifício registra em suas linhas, no entanto, algumas tendências construtivas aplicadas às escolas do período, tendo assim valor documental.

Pela resenha histórica, espera-se ter comprovado o expressivo significado do mais antigo estabelecimento público secundário do interior do estado de São Paulo, devendo o seu edifício ser preservado e reconhecido como bem cultural de todos os paulistas.

Faltaria destacar apenas os nomes de alguns entre os muitos professores competentes que exerceram no "Culto à Ciência" atividades didáticas e/ou administrativas: Júlio Ribeiro, João Kopke, Alberto Salles, Coelho Neto, Cesar Bierrenbach, Anibal de Freitas, Camilo Vanzolini, Eduardo G. Badaró, Erasmo Braga, Otoniel Motta, Paulo Décourt...

Embora se mencione como alunos ilustres Santos Dumont e mais recentemente , Marcelo Damy de Souza Santos, o

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 191 Bl

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

secular estabelecimento campineiro formou inúmeras gerações e continua a ser um dos colégios preferidos da classe média de Campinas.

MA Guzzo Decca

MARIA AUXILIADORA GUZZO DECCA
Historiadora

Auxiliou na pesquisa o estagiário de história
Heber de Castro Motta

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 192 BL

do Condephaat n.º 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

BIBLIOGRAFIA

CHAGAS, Valnir- Educação Brasileira: O Ensino de 1º e 2º Graus- Antes, Agora e Depois?, 2ª edição, São Paulo, Editora Saraiva, 1980.

COSTA, Rubem-"A Marcha Horizontal do Ensino. Em 23 anos São Paulo conheceu expressivo aumento no número de Cursos Oficiais"- Diário do Povo- 12/08/1956.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal- O Ideário Republicano e a Educação. O Colégio "Culto à Ciência" de Campinas (1869-1892), São Paulo, tese de mestrado, USP, mimeo., 1981.

NAGLE, Jorge- Educação e Sociedade na Primeira Republica, São Paulo, E.P.U., 1974.

PAULA, Carlos F.de- Culto à Ciência (Colégio-Ginásio e Colégio Estadual)- Monografia histórica, Campinas, 1946.

Pequena Cronologia da Educação Brasileira- Distrito Federal, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Planejamento Educacional, Brasília, 1985.

PERES, Tirsa Regazzini- Educação Republicana: Tentativas de Reconstrução do Ensino Secundário Brasileiro 1890-1920, Araraquara, Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1973.

150.000 - VIII-984 Impr. Serv. Gráf. SICCT

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 193 Bh

do Condephaat n. 22804/83 (a)

Interessado:

Assunto:

PUPO, Celso M. de Mello- Campinas, Seu Berço e Juventude, Academia Campinense de Letras nº20, Campinas, 1969.

ROMANELLI, Otaiza- História da Educação no Brasil (1930-1973) Petrópolis, Vozes, 1978.

FONTES PRIMÁRIAS

a. Documentação Escrita e Iconográfica do Arquivo da EESG "Culto à Ciência"- Campinas.

Decreto-Lei nº 981 de 8 de novembro de 1890 in Decretos do Governo Provisório da República dos Estados do Brasil, II fascículo, de 1 a 30 de novembro de 1890.

Decreto-Lei nº4.244 de 9 de abril de 1942- Lei Orgânica do Ensino Secundário in Legislação Federal, 1942, vol. VI

b. Jornais de Campinas

A Gazeta de Campinas

Correio Popular

Diário do Povo

O Culto à Ciência (jornal)

fotocópia
194
Bh

COLLEGIO CULTO Á SCIENCIA

ESTABELECIDO

DESDE O MEZ DE JANEIRO DE 1874

EM

CAMPINAS

PELA INSTRUCÇÃO A VIRTUDE, E PELA VIRTUDE
A LIBERDADE.

(HELVETIA.)

Este Collegio, aberto no dia 12 de Janeiro, estabelecido em uma linda chacara nos suburbios desta cidade, foi edificado em grandes proporções pela Sociedade Culto á Sciencia, cuja Directoria fórma o conselho geral protector e inspector do estabelecimento.

Tem por fim o Collegio Culto á Sciencia velar pela educação physica, moral e intellectual dos seus alumnos, habilitando-os em todas as materias exigidas para as matriculas das academias do Brasil e para a carreira commercial e industrial.

Os estudos deste Collegio dividem-se em dois cursos, a saber: — Curso primario e curso secundario.

A. — O primeiro comprehende a leitura, grammatica portugueza, calligraphia, exercicios orthographicos, doutrina christã, arithmetica elementar, systhema metrico, noções geraes de geographia e historia patria.

B. — O secundario comprehende: portuguez, francez, inglez, allemão, latim, arithmetica,

497

195
Bh

algebra, geometria, geographia e cosmographia, historia e chronologia, philosophia, e rhetorica.

Além destas materias ensinam-se ainda:—Os elementos da physica, meteorologia, historia natural.

Com authorisação dos pais, podem os alumnos estudar a musica instrumental e o desenho, pagando-se porém estas materias á parte.

CONDIÇÕES DA ADMISSÃO

Este Collegio admitte pensionistas, meio-pensionistas e externos, e os preços respectivos são:

Pensionistas, por semestre	250$000
Meio-pensionistas, por semestre	180$000
Externos, por semestre.	60$000

Os pagamentos devem ser feitos em semestres, sempre pagos adiantados.

Haverá abatimento á favor do pai que trouxer para o Collegio mais do que um filho, na proporção seguinte:

Para dois, cinco por cento; para tres, 10 por cento; para quatro, 15 por cento.

Uma vez começado o semestre é considerado vencido e deve ser pago integralmente ainda que o alumno seja retirado por qualquer motivo, excepto doença grave.

Os alumnos de fóra devem ter correspondentes nesta cidade que se encarreguem do prompto pagamento das suas pensões e mais despezas.

Pelos materiaes de estudo, taes como: tinta, papel, pennas, lapis, ardosias, etc., paga-se por semestre mais 10$000.

Todos os pais que confiarem seus filhos ao Collegio, não sendo accionistas da Sociedade

196
Bh

Culto á Sciencia, mais uma joia de 50$000 por cada menino em beneficio do fundo de reserva.

Pela lavagem da roupa dos meninos no estabelecimento pagar-se-ha 8$000 por mez.

Os alumnos só poderão sahir na occasiao das férias grandes no fim do anno lectivo, nas da Semana Santa, e além disso *no primeiro Domingo de cada mez*, e devem estar de volta até ás 5 horas da tarde.

ENXOVAL DOS ALUMNOS

Uma cama de 3 palmos sobre 8, 1 colchão, 1 travesseiro, 4 lençóes, 3 fronhas, 1 cobertor de lã, 2 colchas de chita, 1 ourinol, 1 bacia para lavar o rosto, 1 copo, 6 toalhas, paletot-sobre preto, 1 calça preta, 1 collete preto, 1 chapéo, 1 par de botinas, 2 gravatas para missa e outras sahidas solemnes, 1 bonet ou chapéo ordinario para o recreio, 1 par de sapatos, 1 par de chinellas, 1 calça e 1 collete de brim branco, 4 paletots e 4 calças de brim pardo; 12 pares de meias, 12 lenços, escovas de fato, de dentes, unhas e sapatos, pentes grosso e fino.

Campinas, 12 de Janeiro de 1874.

O DIRECTOR,

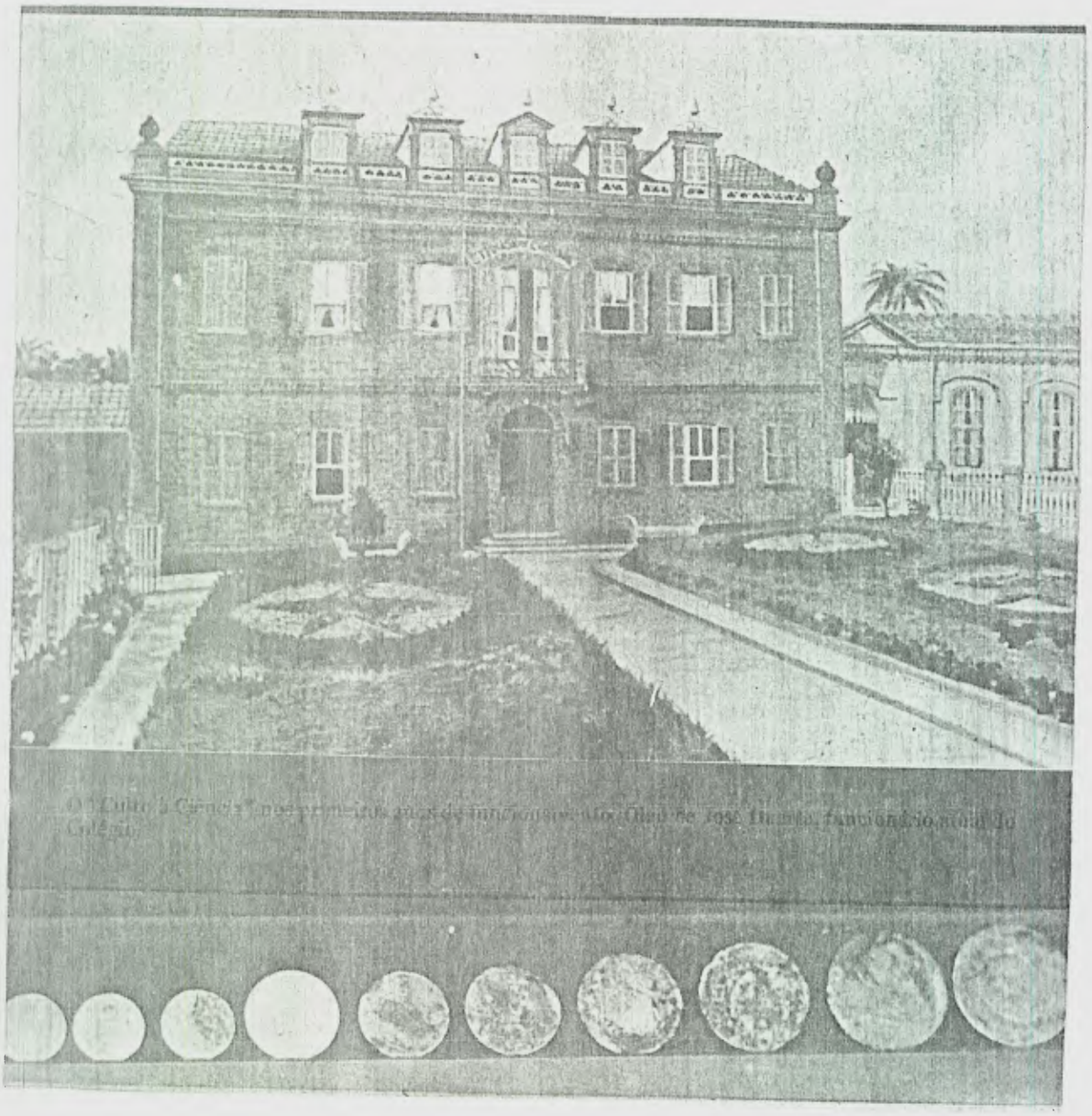
~~FERDINAND BOESCHENSTEIN.~~

Typ. da Gazeta de Campinas.

199

CORREIO POPULAR-10-4-73

197
Bh



O "Centro de Ciências" nas primeiras horas de funcionamento. Ao lado, José Duarte, fundador do museu de Goiânia.

CORREIO POPULAR- 13-4-72

Rec. Cont.
F1

198
Bh

Foto de 1897. Já era então um prédio imponente, casa do saber.

Esta foto serviu de modelo para o quadro pintado por José Pereira Duarte, que está na diretoria da Escola

199

199

202

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

100
Bh

O "Culto à Ciência", em data não especificada
(provavelmente entre 1920 e 1944)

CORREIO POPULAR-13-4-73

201
Bh

O prédio construído 100 anos atrás

Culto á Sciencia, mais uma joia de 50$000 por cada menino em beneficio do fundo de reserva.

Pela lavagem da roupa dos meninos no estabelecimento pagar-se-ha 8$000 por mez.

Os alumnos só poderão sahir na occasião das férias grandes no fim do anno lectivo, nas da Semana Santa, e além disso *no primeiro Domingo de cada mez*, e devem estar de volta até ás 5 horas da tarde.

ENXOVAE DOS ALUMNOS

Uma cama de 3 palmos sobre 8, 1 colchão, 1 travesseiro, 1 lençóes, 3 fronhas, 1 cobertor de lã, 2 colchas de chita, 1 ourinol, 1 bacia para lavar o rosto, 1 copo, 6 toalhas, paletot sobre preto, 1 calça preta, 1 colleto preto, 1 chapéo, 1 par de botinas, 2 gravatas para missa e outras sahidas solemnes, 1 bonet ou chapéo ordinario para o recreio, 1 par de sapatos, 1 par de chinellas, 1 calça e 1 collete de brim branco, 4 paletots e 4 calças de brim pardo, 12 pares de meias, 12 lenços, escovas de fato, de dentes, unhas e sapatos, pentes grosso e fino.

Campinas, 12 de Janeiro de 1874.

O DIRECTOR,

ZACARIAS NOGUEIRA BRAGA

Typ. da Gazeta de Campinas.

Documento de 12 de janeiro de 1874

GLÓRIA DE CAMPINAS

Ei-lo, sereno, o casarão adusto
de tijolos vermelhos! imponente
nos seus cem anos de trabalho justo
e, do próprio trabalho, consciente.

Ei-lo, moderno, com seu ar vetusto,
vivendo as realidades do presente,
reverenciando o seu passado augusto,
esculpindo o porvir da nossa gente!

Meu querido Ginásio Culto à Ciência,
teto feliz da minha adolescência,
guarda das minhas emoções meninas...

Segue o teu norte, de cabeça a prumo,
tu que és o tabernáculo, o resumo
das tradições e glórias de Campinas!

Nauto Nogueira Braga
13.04.73

ODE AO CULTO À CIÊNCIA

Também eu que mourejo à sombra do teu teto,
onde incentivo achei, de que me ajudo e valho,
venho te consagrar, nas rimas de um soneto,
o meu canto de amor, de minha alma um retalho.

Do povo campineiro, instruido e seleto,
condor nasceste já, da instrução agasalho!
Se maior não te fez meu saber incompleto,
jamais te deslustrou meu modesto trabalho.

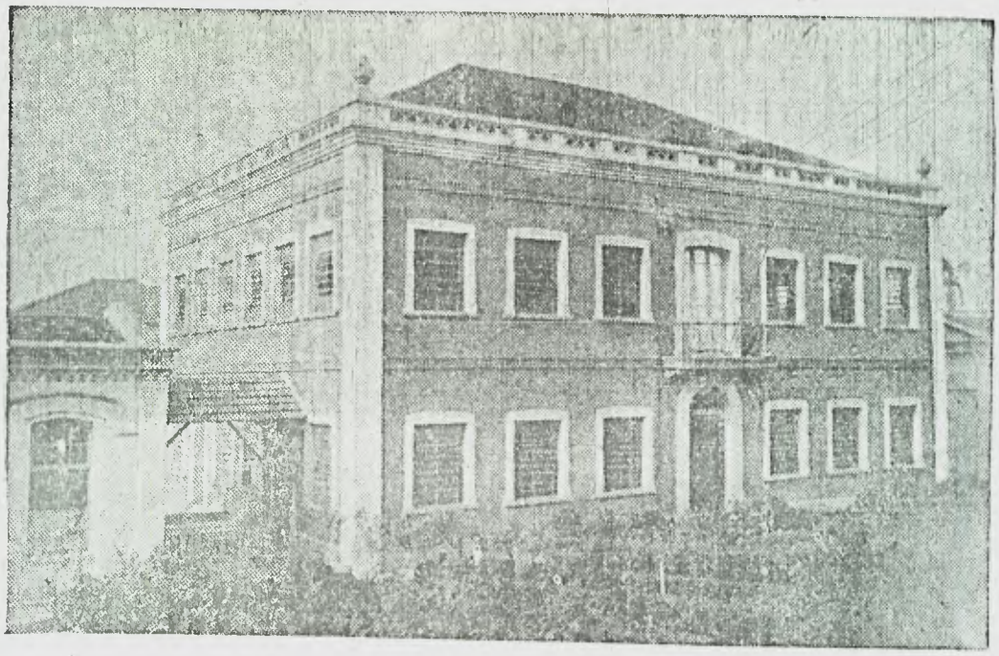
Salve antigo solar das letras e das ciências!
Prossegue teu destino: alveja inteligências
Para a gloria imortal da terra bandeirante.

Demonstra às gerações vindouras de teus filhos,
que não suporta a sombra o que nasceu de brilhos,
nem viverá pigmeu quem já nasceu gigante!

Prof. Antonio Nogueira Braga

204

DIÁRIO DO POVO-14-4-73



202
BL

O prédio do Colégio Estadual "Culto à Ciência", em sua imponencia imperial

Há exatamente 99 anos era lançada a pedra fundamental do edifício do Colégio Estadual "Culto à Ciência". E hoje, depois de todo esse tempo, iniciam-se as comemorações de seu I Centenário, que de hoje, até 13 de abril de 1973, marcarão o seu transcorrer.

Com festividades simples, as comemorações do 99.o aniversário e do Centenário foram iniciadas ontem, com Culto Evangélico, no Ginasio de Esportes "Alberto Krun", às 20 horas.

Para hoje, a programação, da mais alta simplicidade, está assim constituida:

8 hs. — no saguão do Paço Municipal, o Prefeito Orestes Quércia acenderá a tocha que será levada até o "Culto à Ciência", por dois alunos de cada estabelecimento de ensino da cidade, em maratona;

— no Culto à Ciência, salva de 21 tiros;

— recepção de representantes de escolas da cidade portando a tocha;

— hasteamento das bandeiras Nacional, Paulista e do Colégio;

— passagem do fogo da tocha à pira;

— palavras do diretor do Colégio, Dr. Telêmaco Paioli Melges, sobre a data;

— missa em ação de graças.

PARA O ANO TODO

Para todo o ano que precede a passagem de centenário, a diretoria do Culto à Ciência estabeleceu diversas comissões, integradas por professores, alunos e pais de alunos. Muitas festividades e encontros esportivos e culturais estão previstos, não estando ainda, as datas fixadas. Assim, teremos as seguintes comemorações: levantamento de um obelisco comemorativo; realização de cursos de especialização (reciclagem) para professores de diversas disciplinas, em âmbito estadual, para o quê, será solicitada autorização à Secretaria da Educação; exposições da história do Colégio, de troféus conquistados, feiras de ciências, maratonas e concursos estudantis; publicação de uma revista comemorativa e monografia histórica, estando os trabalhos a cargo do jornalista Barbosa Pupo e do historiador Comendador Celso Maria de Melo Pupo; confecção de flâmulas, chaveiros e medalhões; concurso do Hino do Centenário; desfiles escolares, com a participação de todos os estabelecimentos de nivel secundário; concurso de fanfarras; concentração de ex-alunos, por grupos de turmas e uma série de competições esportivas.

AUDITÓRIO

Depois de mais de 20 anos de luta para conseguir o seu auditório, o "Culto à Ciencia" poderá inaugurá-lo nas comemorações de seu I Centenário, segundo promessas do Dr. João Pedro de Carvalho Neto, Diretor do Fundo Estadual de Construções Escolares. O projeto já está na Secretaria da Educação, devendo sua aprovação ocorrer nos próximos dias, para que sua pedra fundamental seja lançada dentro de 30 dias, no máximo. Falando sobre o auditório, o Dr. Telêmaco Paioli Melges declarou:

— Ele não é luxo. E' uma necessidade para a realização de um plano integrado de educação, dentro das modernas técnicas pedagógicas.

Esse auditório está orçado em Cr$ 400.000,00, sendo que a Associação de Pais e Mestres entrará com Cr$ 100.000,00, resultado de campanhas que vem realizando há alguns anos.

HISTÓRIA

A fundação do Colégio Estadual "Culto à Ciencia" foi idealizada em 1869, quando foi constituida uma comissão para estudar sua organização, a qual era constituida por Campos Sales, que mais tarde seria Presidente da República; Jorge Miranda e Candido Ferreira de Camargo, tendo a primeira diretoria sido composta pelos campineiros Visconde de Indaiatuba, Marquês de Três Rios, Dr. Quirino dos Santos, Dr. Jorge Krug e Antonio Pompeo de Camargo. Em 13 de abril de 1873 foi lançada a sua pedra fundamental.

INAUGURADO EM 1874

Sua inauguração ocorreu em 1874, quando era, no genero, o único do país. Em 1886 recebeu a visita do Imperador D. Pedro II. Entre outros, foram seus alunos, o grande herói da aviação, Santos Dumont e Júlio de Mesquita.

Pela Lei 284, de 1895, foi transformado em Ginásio do Estado, com inauguração, nessa segunda fase, em 4 de dezembro de 1896, sendo, na ocasião, um dos dois únicos ginásios do Estado de São Paulo.

Em 1942, com a nova legislação, passou a ser o Colégio Estadual de Campinas e hoje é o Colégio Estadual "Culto à Ciencia".

Pela Lei 7.817, de 5 de fevereiro de 1963, o Governo do Estado outorgou-lhe autonomia didática e administrativa, possuindo neste ano, 2.200 alunos, em quatro períodos, das 7 às 23 horas.

No Estado de São Paulo foi o primeiro pluricurricular oficial a se instalar. Tem salas especiais para o ensino de Artes Industriais, Canto Orfeonico, Biologia, Ciencias, Química, Física, Geografia, Francês, Educação para o Lar e Técnicas Comerciais; sua biblioteca tem 10.000 volumes; tem um ginásio de esportes, recentemente reformado, com capacidade de abrigar 3.000 pessoas; grandes homens públicos, políticos e cientistas, passaram pelas suas cátedras ou pelos seus bancos escolares!

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9 2553 — 13.100 — CAMPINAS

203

FOTO 1920

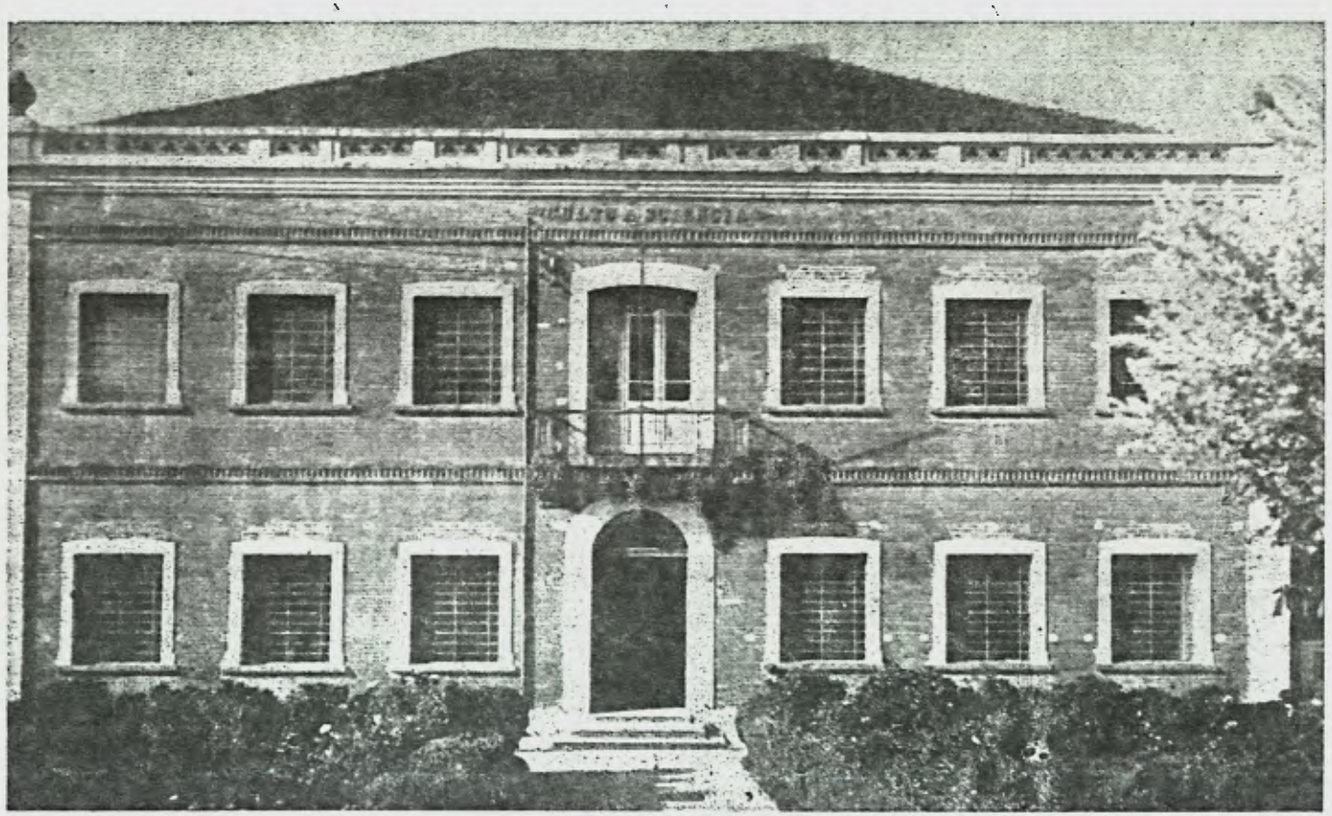
O "Culto à Ciência" em 1920

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

205
Bh

Festa da Bandeira, em 19/11/1912

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS



FRENTE PRINCIPAL DO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINAS, depois da reforma em 1944

O Colégio "Culto à Ciência", depois da reforma de 1944, aspecto que conserva até 1973, ano do Centenário.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

206
BR

DIPLOMANDOS DE 1913

1 2 3

Última turma do 6º ano Ginasial - Dez. 1913

1. Plácido Braga
2. Luiz Galhardo
3. Elza Belliger

O 4º aluno era Laércio Braga, que não compareceu ao Gynnásio neste dia (irmão do Prof. Erasmo Braga)

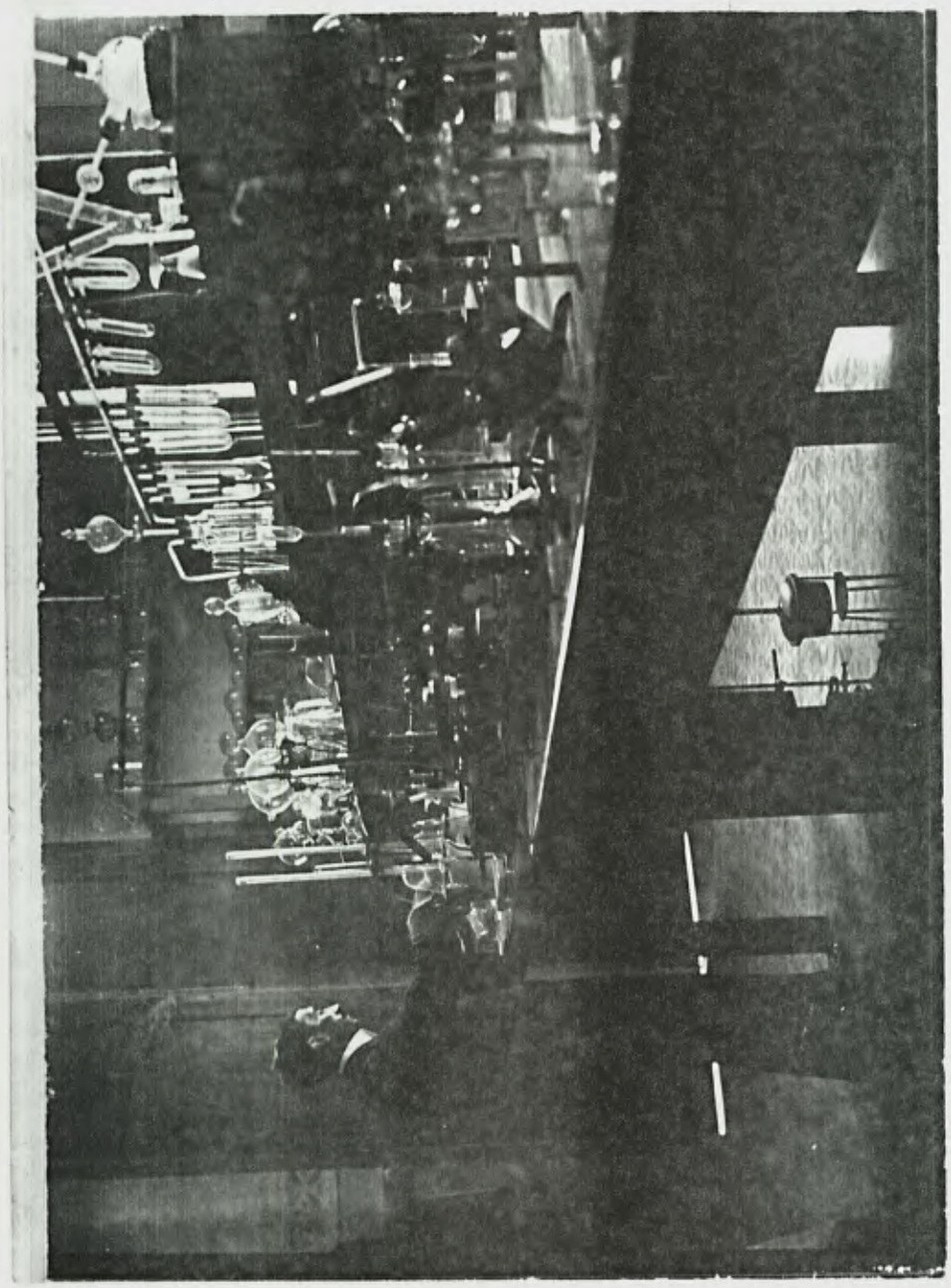
Informação de Dª Elza Belliger) Março de 1967.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

207



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 FONE 9-2553 13.100 — CAMPINAS

208
Bh

O "Culto à Ciência" em 1920

e Qui

O "casarão vermelho-escuro" da "cidade azul"

O Colégio Estadual "Culto à Ciência" está encerrando as comemorações do centenário oficial de sua fundação, ou melhor dizendo, está comemorando uma data simbólica, pois a sua origem de fato data do dia 14 de março de 1895, quando foi promulgada a Lei n.o 284, do Governo do Estado, criando "um ginásio para o ensino secundádio, cientifico e literário, na cidade de Campinas". Instalado solenemente pelo então Secretário do Interior, Dino da Costa Bueno, a 4 de dezembro de 1896, no edificio que em outros tempos pertencera a uma sociedade integrada por elementos da maçonaria campineira, com o nome de Ginásio do Estado, o "Culto à Ciência" relembra hoje, pela denominação, o seu homônimo de ensino particular, que tão alto projetou o nome de Campinas no campo da instrução. O colégio surgido há cem anos em Campinas, que teve em mira a secularização do ensino, deixou de existir em 1892, tendo seu patrimonio passado para a Camara Municipal, que por sua vez cedeu o prédio para o Governo do Estado a fim de que nele se instalasse o Ginásio do Estado.

Se o primeiro "Culto à Ciência" contou com notáveis professores, o Ginásio do Estado de Campinas instalado em 1896, também os teve. Pode-se mesmo dizer que o estabelecimento oficial trouxe para nossa cidade verdadeiras notabilidades da Ciencia e da Literatura. Eu não fui aluno do "Culto à Ciência", mas desfrutei dos beneficios da sua presença em Campinas. Fazendo nele meus exames pelo regimem de parcelados, fui levado compulsoriamente a exibir perante seus doutos mestres, ao escoar lento da areia na ampulheta, os meus conhecimentos adquiridos aqui fora, felizmente reconhecidos pelos examinadores, que jamais me pediram bis. Além disso, fui aluno de alguns dos mestres, que pontificavam no Ginásio do Estado, como Paulo Decourt, com quem estudei História Natural e Quimica, e Anibal de Freitas, com quem aprendi o que sei de Fisica, no Instituto "Cesário Mota". Um livreto de Tabajara Pedroso, hoje emérito professor, que hauriu no Ginasio do Estado seus conhecimentos básicos, põe-me diante dos olhos, a imagem que se lhe fixou na memória, do grande estabelecimento no tempo em que foi seu aluno. "Eu me lembro daquele casarão vermelho-escuro — escreveu em seu livreto "Prelúdio de uma Profissão" —, de janelinhas no sotão. Revejo o pitoresco bambual, o campo das peladas, o jardim e o pomar, por traz do qual passava, apitando muito, a locomotiva da Funilense, cuja estação ficava no Mercado". O velho casarão vermelho-escuro lá está ainda, recebendo as gerações que se sucedem na procura do saber.

Muito evocativo, o trabalho de Tabajara Pedroso, que agora reside em Minas, na Capital, relembra os antigos professores do estabelecimento, entre os quais figura um, homônimo de outro do "Culto à Ciência", dos maçons, e propagandista de Republica: Américo (Brasiliense Antunes) de Moura. Curioso é que, observo agora, a sigla "ABAM" é comum a ambos, pois o republicano se chamava Américo Brasiliense de Almeida Melo. Vale a pena transcrever as palavras de Tabajara Pedroso, cujo amor por nossa terra é tão grande, que deu à sua filha nascida em Campinas, o nome de Nupotira, que em tupi-guarani significa "Flor das campinas"; "... Colégio que valia por uma faculdade de cultura geral. Curso de humanidades. Ensinavam-se ali sete linguas e toda a ciência elementar vigente. Curso de seis anos conferindo o diploma de Bacharel em Ciências e Letras. Professores famosos, austeros, competentes. Positivistas alguns. Estrangeiros outros. O melhor corpo docente do Brasil. O curriculo adotado obedecia a um principio de Augusto Comte "generalidade decrescente e complexidade crescente".

Não era minha intenção citar nomes de professores nesta cronica evocativa em homenagem à data simbólica do "Culto à Ciência". Citei os dois Américos pela coincidencia das iniciais. Cito agora o de Luís Bueno Horta Barbosa, professor de Mecânica e Astronomia no Ginásio do Estado de Campinas até 1910, que era um dos positivistas da turma de lentes. Era um grande convicto, não só quanto à filosofia comtiana, como quanto à Religião da Humanidade, tendo-se mesmo filiado à Igreja Posisitivista, na qual ministrou cursos e conferencias, principalmente depois do afastamento, por motivo de saude, do Dr. Joaquim Bagueira Leal. Tal era sua devoção, que todas as suas filhas receberam o nome de Clotilde: Clotilde Rosália, Clotilde Virginia, Clotilde Izabel e Clotilde Luiza. Notabilizou-se no Serviço de Proteção ao Indio. O centenário do nascimento desse homem notável, transcorrido a 3 de maio de 1972 passou despercebido em Campinas, mas eu tenho em preparo algo sôbre êle como sôbre outros professores nascidos no mesmo ano, para ser publicado, embora tardiamente.

Campinas, "a cidade azul" que vive no espírito de Tabajara Pedroso, vai comemorar em julho de 1974, o segundo centenário de sua fundação. Ao festejar o evento, já teremos, com certeza, o livro prometido por Tabajará Pedroso, já no prelo, intitulado "A Missão do Professor", do qual o livreto "Prelúdio de uma Profissão" é a introdução. Publicando agora em homenagem ao centenário do Colégio Estadual "Culto à Ciência", esse magnifico trabalho, Tabajara Pedroso faz-me antever uma dessas obras que hão de constituir-se em marco de vida cultural campineira. O "Prelúdio de uma Profissão" é um verdadeiro hino a Campinas. Professor de Geografia, não foge Tabajara Pedroso da realidade para exaltar sua "cidade azul". Nada de "meufanismo" vasio, sem lastro. Nada disso. Eis como êle nô-la mostra, na sua versão atual, comparando-a com a cidade de vinte e cinco mil habitantes, do passado, "de aristocratas do café, de cidade que se orgulhava de Carlos Gomes, a cidade que cresceu muito, mas continua cidade azul de minha infancia": Cumpre-me revê-la, revistá-la, revolvê-la. Espero, é claro, deparar uma cidade diferente. E muito maior: Vinte vezes maior. Não ignoro o seu espetaculoso desenvolvimento. Irei encontrá-la repleta de arranha-céus. Com ruas asfaltadas, bem varridas, bem iluminadas. Movimentada de ônibus, automóveis e o vaivem da gente que outra coisa não faz senão trabalhar e estudar. Com bairros novos a ampliá-la para além do Liceu. A lhe tomarem os velhos cafezais dos morros próximos. A encherem de palacetes os quarteirões vazios do Cambui. A assomarem ao Chapadão. A contornarem o Cemitério do Fundão, acionados por grandes fábricas e vilas operárias. Cidade escalonada entre as doze maiores do Brasil, aproximando-se agora de meio milhão de habitantes. Rica, remodelada, revigorada. E sem a presença de favelas".

Não obstante os "ares de metrópole e foros de capital regional" que Campinas assumiu, ela, para o Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, "continua a cidade azul de minha infância". A sua "saudosa cidade azul, qual rosa-dos-ventos, polariza forças e irradia negócios em todos os sentidos", além de ser "o segundo centro universitário do Estado" que se agiganta "como vanguardeira da cultura". Relembrando os grandes vultos e os grandes feitos de Campinas, não esqueceu o Professor Tabajara Pedroso de seus primeiros mestres no grupo coberto de ardósia e situado na Morais Sales: o Grupo Escolar Francisco Glicério, ou o Primeiro Grupo, como era designado outrora. Muito sugestiva, pois, a homenagem de Tabajara Pedroso ao Colégio "Culto à Ciência", que hoje comemora o primeiro centenário do lançamento da pedra fundamental de seu edifício.

CORREIO POPULAR - 13-4-73

212

O CENTENÁRIO DO CULTO À CIÊNCIA

Como parte das festividades de comemoração do centenário do Colégio Estadual Culto à Ciência, uma comissão de ex-alunos foi organizada com a intenção de realizar, no próximo dia 15 de outubro, um grande encontro, no próprio estabelecimento, do qual participem cerca de mil ex-estudantes daquela escola.

A comissão, coordenada pela profa. Amália Zocchio Ridolfo, com a colaboração do prof. José Carlos Semedo da Costa, preparou um programa para ser desenvolvido na data combinada. Consta de recepção pelo diretor do "Culto à Ciência", prof. Telêmaco Melges Paioli, às 9 horas. A seguir, culto ecumênico e um churrasco que se prolongará pelo dia todo.

Prevê-se também, a inauguração de placas alusivas ao centenário, oferecidas pelos ex-alunos.

Ao mesmo tempo, a turma que completa o cinquentenário de formatura, fará uma homenagem especial ao Colégio mais antigo da cidade.

MIL ALUNOS

Dona Amália diz que já está em contato com ex-alunos das mais variadas turmas, embora haja, por vezes, dificuldade de localização dessas pessoas:

— Até agora, o mais antigo formado pelo Culto à Ciência que já aderiu às solenidades foi o dr. Paulo Decourt, da turma de 1.905. O cientista Marcelo Damy de Sousa Santos também se entusiasmou com a iniciativa e nos dará a satisfação de sua presença.

Ela diz que considera ex-aluno desde o mais antigo formado até aquele que deixou a escola no ano passado:

— Talvez os jovens ainda não sintam o que representa este reencontro. No entanto, nós, mais antigos, esperamos ansiosamente porque isto representa rever velhos colegas de bancos escolares que hoje estão longe.

Sabe que também os jovens estarão presentes. Acredita que eles já saibam dar valor a manifestações desse tipo.

— Sabemos que virão pessoas que atualmente estão morando em outros Estados, embuídos da vontade de rever amigos, e bater um longo papo.

Para os que se interessarem e ainda não tiveram oportunidade de entrar em contato com o Colégio Estadual Culto à Ciência, o prof. Semedo diz:

— Para participar, basta depositar trinta cruzeiros, se for uma pessoa e cinquenta, se for um casal, em qualquer agência do Banco Português do Brasil, na conta da Comissão de ex-alunos para a festa do centenário do "Culto à Ciência".

E a turma que completa cinquenta anos de formatura pode entrar em contato com o sr. Joaquim Gabriel Penteado, que coordena esta parte.

DIÁRIO DO POVO-14-10-72

FOLHA DE SÃO PAULO - 23-8-72

O que haverá sob a pedra fundamental desta escola?

Verdade sobre escola depois de um seculo

Sucursal de Campinas

Decorridos 100 anos de existencia do Colegio Culto à Ciencia de Campinas, os diretores estão com a intenção de levantar a respectiva pedra fundamental para verificar o que há no vaso ali enterrado, tirar fotocopias de todos os documentos para o museu e depois deposita-los novamente junto com outros atuais, referentes ao 1.o Centenario do estabelecimento.

Segundo se conta, no dia 13 de abril de 1873 — data do marco inicial da construção do predio — foi depositado um vaso de cristal na soleira da porta principal do predio pelo presidente Joaquim Bonifacio do Amaral. Diz a Historia que no vaso fôra colocada uma lista nominal de todos os acionistas, além de: resumo historico da fundação da sociedade cultural; exemplar dos estatutos; dois jornais da Capital (Correio Paulistano e Estado de São Paulo); a Gazeta de Campinas; Almanaque de Campinas e de Rio Claro para o ano de 1873; a pena utilizada pelo Tabelião Pontes no ato da lavratura da escritura; duas moedas de prata de 500 e 200 reis; duas de niquel, de 100 e 200 reis; tres de cobre, de 40, 20 e 10 reis; duas de bronze, de 20 e 10 reis e uma de ouro, de 5 mil reis.

Para que o levantamento da pedra fundamental se torne possivel, há necessidade de uma autorização especial da Secretaria da Educação. Pedido nesse sentido deverá ser encaminhado nos proximos dias à secretaria Esther de Figueiredo Ferraz, atraves da Associação de Pais e Mestres daquele colegio campineiro.

CORREIO POPULAR -18-11-72

212

"Culto à Ciência" e Santos Dumont surgiram coincidentemente há um século

Texto de Cataldo Bove
(Da Associação de Astronomia e Astronáutica)

Notavel a coincidencia do lançamento da pedra fundamental do Ginásio Estadual "Culto à Ciencia", quando no mesmo ano — 1893 — nascia a 20 de julho, o brasileiro Alberto Santos Dumont.

Estudou naquele estabelecimento, conforme foto publicada de alunos neste mesmo matutino, quando tinha apenas 11 anos de idade.

Ali tornou-se contemporaneo de homens ilustres — estadistas, politicos, administradores, jornalistas, escritores e inventores.

Portanto é justo que nas festas comemorativas ao 1.o centenário de fundação do estabelecimento "Culto à Ciência", seja lembrado o nome de um de seus mais destacados ex-alunos — Alberto Santos Dumont.

Esta é uma sugestão que fazemos, de um homem que em vida dedicou-se à conquista do ar. Desde menino o seu interesse era despertado pela ascenção dos pequenos balões de papel que os garotos soltavam nas noites de São João, durante as festas, em meio de folguedos populares.

Em França tornou-se o idolo das multidões. Seu nome soava por todo mundo.

Maravilhou o mundo com seus inventos, procedendo ao primeiro voo com um aparelho mais pesado do que o ar, com seu Bis-14.

Embora os irmãos Whright chamassem a si a primazia, Santos Dumont provou publicamente, em plena Paris, o seu invento, tornando-se pois o primeiro homem a voar com as forças de seu próprio aparelho.

Enquanto que nos Estados Unidos — os irmãos Whright "voavam em silêncio e o avião era lançado em catapulta.

JUSTIÇA AO PIONEIRO

De ha muito vimos lutando para que os brasileiros propaguem o nome de Santos Dumont, pois o que se tem verificado é que existem ainda publicações em lingua portuguesa — obras traduzidas dos EE.UU., citando os Irmãos Wright como os primeiros homens do ar.

Um absurdo que deve ser corrigido para a grandeza das tradições inventivas dos brasileiros.

Quanto aos "misteriosos" voos os dois norte-americanos, é incrivel que os tenham realizado, numa época em que os habitantes de Dayton nada viam e os jornais em busca de noticias também não se reportavam.

Esses dois norte-americanos apareceram na França, depois do voo oficial de Dumont, perante Paris inteira.

Embora desacreditados os seus defensores continuavam a insistir sobre a paternidade dos dois irmãos.

Portanto, com os voas de Bagatelle, Santos Dumont lançou as sementes de uma orientação aeronáutica. O historiador Ivo Borges assim diz: "A gloria e a prioridade cabem a Santos Dumont, são da solução integral do problema. O 14-Bis biplano, dotado de rodas e equipado com motor, decolou, deslocou-se através do ar e pousou sem quebra. Foi, o primeiro homem que resolveu, integralmente, o problema de mais pesado que o ar".

RECONHECIMENTO DOS EE.UU.

Em 1944, o Clube Norte-Americano de Aviação, integrando todos os campos a entidade do país, reconheceu publicamente, em Washington, a primazia de Santos Dumont.

Mas infelizmente os enganos persistem. Ignorancia ou má fé?

Um jornal importantissimo da Capital ao falar do primeiro voo à Lua, teve a coragem de publicar um artigo duma revista norte-americana, acentuando que os Irmãos Wright abriram os caminhos para outros mundos. Não fez uma simples menção ou observação, siquer. Fizemos uma espécie de protesto, que infelizmente não teve a menor acolhida...

Dessa forma, torna-se necessário que o próprio govetno brasileiro, obrigue as editoras, jornais, revistas, etc., para que no caso de transcrições de artigos, impressões de livros, etc., faça-se a importante referência da prioridade incontestavel da ascenção de Santos Dumont, em 1906.

CESAR BIERRENBACH

Também neste ano comemoramos o 1.o centenário de nascimento de João Cesar Bueno Bierrenbach. Foi aluno do "Culto à Ciência". Em 1906, na "Revista Contemporanea", órgão dos ginasianos de Campinas, escrevia os seguintes versos dedicados à impressão das primeiras ascenções de Santos Dumont em Paris. "Nave sem mastros, nave sem vela/ Que contra os ventos vos elevaes/ Nuvens são ondas, ó caravelas/ Dos Oceanos que navegais!" "Delfins risonhos, anjos alados,/ Seguem cantando no mar celeste/ Os giros altos realizados/ Pelos mareante que os céus investe./ Leve, ligeira, limpida cinde/ A nave branca no azul sem fim./ Povos da terra, pavidos vindo/ Ver este brinco de cherubim./ Aguias fugindo, veem assombradas/ Pelas montanhas a repousar/ Olhando acima, como pasmadas/ De ver um astro tão baixo andar.../ Espavoridos os albatrozes/ Descem em bando dos grandes ares/ E os despeitados gritos atrozes/ São sepultá-los nos fundos mares. ./ No espaço calmo reina a surpreza/ Qual se o Horizonte, todo a tremer/ Visse a barquinha do Nada presa/. que ousa afronta-lo sem o temer/. E rindo o jovem — além correndo — Como um infante doido a folgar/ Nesse Infinito vai se entretendo/ Que ninguem antes ousou tocar!" E este planeta zomba sorrindo/ Do sol ardendo todo em rubor.../ Reptando os Mundos vai lá fugindo/ O patrio emblema de alto valor./ Genios da America vede contentes/ Novo Colombo no infinito azul,/ Impondo aos ares dos continentes/ O simbolo augusto da Crub do Sul!"

UMA PROVA DE PRIORIDADE

Há uns 10 anos ao procedermos uma pesquisa em jornais antigos de Campinas, descobrimos uma carta que Santos Dumont enviou a um seu primo relatando as suas experiências com o "15" original. Ali contava todos os fatos e isso quase 6 meses antes do seu voo oficial em outubro de 1906. Paris toda acompanhava as suas arrojadas investidas ao ar, não tendo conhecimento de outros fatos. Essa carta foi documentada pela Fundação Alberto Santos Dumont, graças a uma publicação que fizemos em um dos jornais da cidade, quando era redator-chefe o veterano jornalista e nosso companheiro e advogado dr. Mario Erbolato.

DIÁRIO DO POVO 28-3-73

213
Bh

Hino, Monografia e objetos na festa dos cem anos do Colégio

Hoje é o último dia para a entrega da letra e música do hino ou marcha ,alusivos ao centenário do Colégio Estadual "Culto à Ciência", cuja fundação se deu a 13 de abril de 1.873.

A apresentação das músicas deverá ser feita em fita mini cassete e as letras, datilografadas em cinco vias. Até agora, o Colégio recebeu oito trabalhos de compositores de Campinas.

JULGAMENTO

Amanhã, às 20 horas, no Clube Fonte São Paulo, as composições serão julgadas, devendo ser conferidos ao primeiro colocado, mil cruzeiros. e aos demais, medalhas de honra. A direção do "Culto à Ciência" conta com a presença dos elementos ligados à música, na cidade, para maior prestígio da solenidade. São os seguintes os jurados: Raul do Vale, catedrático na Faculdade de Música da PUCC, professor Oswaldo Antonio Urban, regente e compositor, maestro Eliseu Narciso, regente de corais, professor Mário de Túlio, pianista, Léa Zigiatti Monteiro, professora de música no Conservatório Musical "Carlos Gomes".

CEM ANOS DE CULTURA

No calendário de comemorações ao centenário do Colégio, consta também a realização de concurso de trabalhos sobre o tema: "Culto à Ciência, cem anos a serviço da cultura", dedicado aos estudantes: de 5.as e 6.as séries de 1.o grau, com Cr$ 300,00 de prêmio, de 7.as e 8.as séries de 1.o grau, com Cr$ 500,00, aos estudantes de 2.o grau, aos universitários, ex-alunos e interessados em geral, com Cr$ 1.000,00 de prêmio ao melhor trabalho.

A entrega deverá ser feita para os concorrentes em nível de 1.o e 2.o graus, até o dia 5 de abril, às 17 horas, na biblioteca do Colégio e para os demais, até o dia 30 de junho, atendendo ao seguinte requisito: em duas vias, datilografadas em espaço "2", aceitando-se inclusive, monografia.

Os prêmios serão distribuidos no dia 13, em local e hora a serem noticiados.

OBJETOS CENTENÁRIOS

Conforme informações prestadas pela vice-diretora do Colégio "Culto à Ciência", professora Celina Duarte Martinho, os objetos centenários encontrados sexta-feira no vaso de vidro enterrado abaixo da pedra fundamental, estão sendo secos ao ar livre para em seguida, serem expostos na vitrine da Loja Ezequiel da rua 13 de Maio. Depois da visitação pública, os jornais, moedas e lista dos acionistas da ex-Sociedade "Culto à Ciência", serão relançados no dia do centenário de fundação da escola, juntamente com elementos recolhidos nos cem anos de atividade do Colégio. No dia 15 de abril, entre outras solenidades, deverão ser lançadas as pedras fundamentais do obelisco e do teatro escolar e a piscina será inaugurada, com competições esportivas.

SÓCIOS MAÇONS

Entre os documentos encontrados no vaso de vidro, está a revelação de que os fundadores da Sociedade pertenciam todos à maçonaria, constando à frente de seus nomes, os graus a que pertenciam. Sábado o dr. Telêmaco Paioli Melges, diretor da escola, leu vários manuscritos centenários, na presença de professores e funcionários da casa.

216

DIÁRIO DO POVO -24- 3-73

Jornais, folhetos, moedas. São as preciosidades do Culto à Ciência

214

Um vaso de vidro contendo líquido esverdeado no qual se encontram alguns jornais, folhetos e moedas, lacrado com gesso, foi encontrado ontem por volta das 10 horas, debaixo da pedra fundamental do Colégio "Culto à Ciência", localizada a uns dois metros de profundidade, defronte da porta principal da escola.

O referido recipiente, mencionado no auto de lançamento da primeira pedra, em 1873, causou surpresa ao ser desenterrado pois se esperava que o material encontrado estivesse a seco.

Muitas suposições foram feitas no momento da descoberta, mas a substância só foi analisada às 18,30 horas, quando o dr. Telêmaco convidou o dr. Desidério Haytai e seus assessores para abrir o frasco e examinar o conteúdo.

O LÍQUIDO É ÁGUA MESMO

Com o auxílio de espátulas e estiletes especiais, o professor Desidério levantou a tampa coberta por gesso e retirou do vaso de vidro, que todos pensavem ser de cristal, uma dista nominal dos 113 sócios da Sociedade "Culto à Ciência", um resumo histórico da fundação da Sociedade, um exemplar de estatutos, dois jornais da capital, "Correio Paulistano" e "Diário de São Paulo", publicados no dia 10 do corrente, "Gazeta de Campinas", de igual data, um almanaque de Campinas e Rio Claro de 1873 também, uma moeda de prata de 500 réis, uma de 200 réis, duas de níquel, sendo uma de 100 réis e outra de 200, três de cobre, sendo uma de 40, outra de 20 e outra de 10 réis, duas de bronze, uma de 20 e outra de 10 réis e uma de ouro de 5$000.

Depois de analisar o líquido esverdeado, concluiu ser água mesmo, explicada pelo seguinte fenômeno: "a vedação do recipiente não era perfeita com o lacre de gesso e o ar aquecido no vidro escapava, esfriando-se na cavidade onde estava encerrado, penetrando novamente no frasco com umidade, que se precipitou durante um século. Houve acúmulo de quase dois litros de água, que tomou a cor esverdeada devido à tinta com que foram escritas alguns documentos. Também a pena com que o tabelião Pontes lavrou a escritura do contrato da empreitada para a construção do edifício, possivelmente contivesse restos de tinta verde que se misturou à água dando-lhe esta tonalidade. Esta pena não foi encontrada, apenas seus vestígios, em um pedaço de papel onde foi embrulhada. As moedas estavam todas negras, mas rapidamente, com auxílio de pó de giz, voltaram a aparentar seu aspecto natural. Os jornais, quase intactos, apenas a Gazeta de Campinas se mostra mais amarelecida.

O mais interessante é que os documentos manuscritos estão legíveis, com poucos borrões, apenas.

O professor de Química do Colégio, dr. José de Almeida, explica que o líquido encontrado tem a seguinte composição pH5.2, com pouca acidez.

EXPOSIÇÃO

Todos o material encontrado será secado ao ar livre e depois exposto ao público na vitrine da loja Ezequiel, à Rua 13 de Maio, durante dez dias. Depois será recolocado no mesmo vidro, que segundo o dr. Desidério deverá ser lacrado com pixe ou parafina e colocado em outro recepiente de acrílico para impedir que haja formação de água. Juntamente com esta embalagem deverá ser enterrada uma urna contendo objetos recolhidos durante os cem anos de vida da escola, a qual receberá tratamento técnico especial, dentro dos processos modernos de embalagem, disse dr. Telêmaco.

Esta solenidade deverá ocorrer no dia 13 de abril quando serão lançadas as pedras fundamentais do teatro escolar e do obelisco, em homenagem ao centenário do Colégio «Culto à Ciência". Nesta ocasião, será inaugurada a piscina com a realização de várias competições esportivas.

O obelisco é projeto do professor de Desenho do Colégio, engenheiro Mário Pugilo e sua construção é oferta da Construtora e Pavimentadora Lix da Cunha.

AUTORIDADES

Às solenidades de levantamento da pedra fundamental, compareceram entre outras, ao seguintes autoridades: Lauro Péricles Gonçalves, prefeito municipal, Jofre José da Silva Melo, chefe do cerimonial da Prefeitura, Alexandre dos Santos Ribeiro, Secretário de Educação, Cultura, Esportes e Turismo da municipalidade, Sérgio Montes Castanho, secretário da Administração, Luiz Gonzaga Diniz, delegado da DESN, Alencar Pereira de Almeida, delegado da 2.a DEB, Celso Maria de Mello Pupo, diretor do Museu Arquidiocesano, Haroldo Bretas Prado, chefe da Divisão Regional do Trabalho, Ezequiel Magalhães, presidente da Comissão de Civismo do Lions Centro, Moacir Pazinato, vice-presidente da APM do «Culto à Ciência», vereador Amauri Fratini, Telêmaco Paioli Melges e esposa, Celina Duarte Martinho, vice-diretora da escola.

O VASO DE VIDRO

Desde o portão de entrada da escola até a porta principal, alunos abriam ala para a passagem das autoridades que eram aplaudidas. Ao chegarem em frente ao local das escavações, onde se encontravam os pavilhões nacional e paulista e uma pequena mesa coberta pela bandeira do Colégio, cantou-se o Hino Nacional. A seguir, as autoridades se dirigiram para o saguão de entrada, à espera da retirada pelos pedreiros do vaso de vidro que foi entregue ao prefeito. Quando ergueu o recipiente contendo os objetos centenários, imersos em líquido esverdeado, foi aplaudido pelos presentes e a seguir, saudou a escola enaltecendo o significado do nome "Culto à Ciência". Disse também da importância deste estabelecimento de ensino secular como parte das tradições históricas de Campinas e do orgulho que alunos e professores devem sentir por trabalharem em um local por onde passaram celebridades brasileiras.

O vaso de vidro foi colocado sobre a mesa coberta pela bandeira do Colégio, causando curiosidade por parte dos alunos que disputavam os melhores lugares para presenciarem os acontecimentos. Dos dois pedreiros eram solicitados pedaços de pedra para serem guardados como relíquia.

PROVA DE COELHO NETO

A prova do Concurso de Ingresso ao Magistério do Colégio "Culto à Ciência", realizada por Coelho Neto, com os erros assinalados, guardada no museu da escola, será também encerrada na urna que no dia 13 de abril data do centenário de fundação do Colégio, vai ser colocada debaixo da pedra fundamental do teatro escolar.

ELES ESTUDARAM NO COLÉGIO

Dentre as autoridades presentes, entrevistamos dois ex-alunos do "Culto à Ciência": Sérgio Montes Castanho e Moacir Pazinato.

Sérgio Castanho estudou no Colégio de 1951 a 1954. Alguns de seus professores da época: Hilton Frederici, de Geografia, Almeida, de Química Orgânica, Basílio, de Química Inorgânica, Livio Tomás Pereira, de Matemática.

Moacir Pazinato, estudou no "Culto à Ciência" quando era seu diretor o professor Anibal de Freitas. Outros seus professores: Braga, de História Natural, Galvão, de Latim, Alice, de Música, Miguelito, de Francês, Dr. Carlos Pimentel, de Inglês, Alberto Krum, de Ginástica, Duilio Ramos, de Geografia, Muniz, de História da Civilização.

Vagas para secretário

Serão abertas as inscrições para o provimento de 900 vagas de Secretário, lotados em estabelecimentos de ensino, cujos vencimentos são de Cr$ 2.200,00.

Exige-se que o candidato seja: professor normalista, com 3 ou 4 anos de magistério; professor efetivo no magistério; escriturário e portadores de certificados do 2.o Ciclo.

Os interessados poderão obter informações, enviando envelope selado devidamente subscrito a S. C. Caixa Postal, 9.747 — São Paulo.

DIáRIO DO POVO =31-3-73

215

Cacilda Nunes Silvestre e Maria Aparecida Mota Aguiar, as autoras do hino vencedor no concurso do "Culto à Ciência"

Colégio Culto à Ciência já tem seu hino oficial

"Culto à Ciência, Centenário!", marcha-hino, composição de Maria Aparecida Mota de Aguiar e de Cacilda Nunes Silvestre, foi a vencedora do concurso de hinos instituído pelo Colégio Estadual "Culto à Ciência" como parte das comemorações dos cem anos de fundação da escola.

Na noite de quinta-feira, reunidos o corpo de jurados, autores, professores e alunos no Clube Fonte São Paulo foram ouvidas e julgadas as oito músicas inscritas, das quais três se classificaram.

A primeira colocada foi premiada com mil cruzeiros e as demais receberam menções honrosas. O segundo lugar coube à "Marcha do Centenário", de Otávio Brochado Filho e o terceiro colocado foi Mário de Souza Sobrinho, com "Hino ao Colégio "Culto à Ciência".

VITORIOSA

"Culto à Ciência Centenário", será apresentada oficialmente no dia 13 de abril, quando o Colégio completa cem anos de vida. As autoras conhecendo a fundo a história desta escola, trasmitem através deste hino mensagem de confiança aos seus estudantes, convidando-os à saudarem o centenário.

A composição que a partir de ontem começou a se tornar conhecida do povo, pois foi tocada nas emissoras de rádio locais, tem a seguinte letra:

"Estudantes do "Culto à Ciência", eia avante! Saudemos de pé! O Colégio que é centenário templo vivo de Amor e da Fé! A herança que nós recebemos: de um império de Luz e Saber, com amor, com coragem e com Fé, nós juramos, juramos mantê-la de pé! Empunhando a tua Bandeira, buscaremos na vida a Glória! E iremos até as estrelas prá manter o teu nome na História! A herança que nós recebemos: de um império de Luz e Saber, com amor, com coragem e com Fé! Nós juramos juramos, mantê-la de pé!".

AS AUTORAS

Maria Aparecida Mota Aguiar, não é a primeira vez que vence um concurso de hino. É a autora do Hino da Ponte Preta e do Clube Fonte São Paulo. Lecionou no "Culto à Ciência" durante 20 anos, à cadeira de Canto Orfeônico e desta vez, resolveu compor em parceria com Cacilda Nunes Silvestre, sua colega de profissão e amiga íntima que mora inclusive na mesma rua bem próximo a sua casa. As afinidades das autoras são muitas e isto, elas afirmam, foi um fator importante no sucesso da composição premiada.

Cacilda Nunes Silvestre, é professora de violão e compõe há algum tempo, músicas folclóricas, afro-brasileiras, muitas das quais fazem parte do repertório do violinista Milton Nunes.

Algumas de suas composições: "Cativeiro", "Samba Triste", "Poema de uma hora".

Para Cacilda, ter vencido este concurso significa algo muito sério, e ela acrescenta:

— Se nossa marcha-hino colocou-se em primeiro lugar, é claro que temos o nosso mérito e nos orgulhamos disto, mas a maior glória para nós, consiste em ter sido ela julgada por um juri de alto gabarito, integrado p/ autoridades musicais de renome em Campinas e até no exterior, como é o caso do reverendo Narciso Eliseu, regente de coral, que tem curso nos EUA.

Também destacamos a figura do maestro Oswaldo Antonio Urbar, regente do Coral da PUCC, do qual participo, do compositor Orlando Fagnani, da jornalista Cecilia Godoy de Camargo, da aluna Regina Pestana da Faculdade de Música da PUCC que tem se destacado entre as demais.

CORREIO POPULAR- 4-4-73

216
sh

Culto à Ciência, o primeiro centenário

Palestras, desfiles, exposições, teatros e inaugurações marcam as festividades oficiais do 1.o Centenário de fundação do Colégio "Culto à Ciência", que iniciam hoje às 20 horas no auditório do Centro de Ciências, Letras e Artes, com a palestra do Ricardo Baroudi, sobre "Aspectos Biológicos de Reprodução na Espécie Humana".

As comemorações se estenderão por duas semanas culminando no próximo dia 15 com o almoço de confraternização no Ginásio de Esportes, reunindo ex-alunos e professores.

Para este encontro, as adesões podem ser dadas através do Banco Português do Brasil ou na Portaria da Escola.

PROGRAMA

A partir de hoje até o dia 15, será desenvolvido um programa oficial, incluindo diversas palestras, como a de hoje a ser proferida pelo dr. Ricardo Baroudi. Amanhã o dr. João Lucio de Azevedo, falará sobre a Genética no futuro do homem e na sexta-feira o assunto será: Perspectiva da física no estado polido. Mais duas palestras serão proferidas na próxima semana com dr. João C. Senedo da Costa, sobre "Pesquisas Históricas do Colégio Culto a Ciência e com Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro, sobre a inflência do Colégio Culto à Ciência na vida cultural de Campinas, no início do século. Estas duas últimas palestras serão proferidas no Salão Vermelho da Prefeitura Municipal de Campinas, às 20 horas.

No dia 11. será celebrado um Culto Evangélico no Ginásio de Esportes do Colégio.

TEATRO

"Nesta Noite Falamos de Brasil" é o nome da peça teatral a ser apresentada no Teatro do Instituto Educacional Ave Maria, às 20 horas pelo grupo I.E.E. Álvaro Guião de São Carlos, dentro das comemorações do Centenário.

DESFILE

Às 8,30 horas do dia 13 os alunos do Culto à Ciência vão desfilar na Av. Anchieta, prestando homenagem às autoridades de Campinas. Às 10,30 horas, será celebrada a missa em ação de graças, por Dom Antonio Maria Alves de Siqueira — Arcebispo Metropolitano de Campinas. A seguir, inauguração do obelisco no pátio do colégio, lançamento da pedra fundamental do auditório, inauguração da piscina e exposição de antiguidades do colégio e inclusive documentos da Pedra Fundamental.

Encerrando as festividades, às 11 horas do dia será feito o lançamento da pedra fundamental do Edifício, com os documentos e objetos retirados. A seguir, almoço de confraternização.

No dia 15 deste, a Agência local de Correios e Telégrafos, utilizará para as cartas, um carimbo comemorativo do Centenário do Colégio Culto à Ciência.

A maçonaria, o jornal e o colégio

As "Gazetas" e a cultura campineira

Bi-semanário composto à mão, com tipos móveis, e impresso em máquina plana, em pelo menos duas operações, a de frente e verso, sem as vantagens da impressão simultânea de todo o jornal, como se faz hoje nas modernas rotativas, a "Gazeta de Campinas", de Quirino o Santos, como sua homônima dêste século, eram de feitura demorada e muito trabalhosa. Não obstante tais fatos aliados à exiguidade do espaço, aquele órgão dedicou em abril de 1873 e em janeiro de 1874, ao lançamento da pedra fundamental e à inauguração do prédio do Colégio "Culto à Ciência", respectivamente, consideravel área para a cobertura daquelas solenidades. Tendo publicado a 5 de abril de 1873, uma pequena noticia na qual se chamava a atenção dos acionistas da associação fundadora do estabelecimento para o anúncio em que o secretário da diretoria, J. J. Vieira de Carvalho convidava os subscritores a entrarem, até o dia 13, com suas prestações, pois as obras já haviam sido iniciadas, a "Gazeta de 10 anunciava o lançamento da pedra fundamental para daí a 3 dias.

No dia 13 em atenção dos dias de festas que viriam, a "Gazeta" não circularia, conforme se anunciou a 10, mas na quinta-feira, dia 17, um bom espaço foi dedicado à solenidade do domingo. Alguns dias após, 27 de abril, o jornal de Quirino dos Santos publicava em sua primeira página o "**Resume histórico da fundação da sociedade — Culto à Ciencia — e outros esclarecimentos**" e o "**Auto de lançamento da primeira pedra do colégio da sociedade — Culto à Ciência**", cujos originais foram há dias retirados de onde estavam enterrados, para serem repostos no mesmo local a 15 do corrente, ao se encerrarem as comemorações da centenário do evento.

Idealizado por Antonio Pompeu de Camargo, o colégio concretizou-se principalmente devido à atuação do então comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, depois Visconde de Indaiatuba. A êsse homem que into das obras, Quirino dos Santos exaltou no artigo de fundo da edição de 27 de novembro de 1873, sob o titulo "O Colegio Culto à Ciencia" historiando os acontecimentos. Sem esquecer dos demais, Quirino dos Santos escreveu textualmente: "Mas sobretudo um homem estampou o seu vulto em torno dessa construção, porque ele foi a fôrça, a vida, a alma de todo o grandioso pensamento". Esse homem era Joaquim Bonifácio do Amaral, cujo serviço prestado ao nosso Municipio "é daqueles que constituem um brazão imperecivel e que as palavras não podem medir". Sôbre a decisão de Joaquim Bonifácio do Amaral de por de pé "o imponente monumento", como classificou Quirino dos Santos ao "Culto à Ciencia", temos estas expressivas palavras do patrono da Imprensa campineira: "Quando o abatimento pairava já nos animos, desfazendo todos os fulgidos auspicios em que se entremostrava o vacilante intento, esta só vontade robusta e resoluta abriu caminho entre os gelos da indiferença, resgatando da morte aquele empenho avigorado ao calor de uma crença convencida e firme". Ainda o mesmo Quirino dos Santos a 12 de janeiro de 1874, ao ser inaugurado o prédio, logo após o notável discurso de Campos Sales, declamou a poesia "Ignis Soror!", dedicada ao grande campineiro e publicada na edição da "Gazeta", de 15 de janeiro de 1874. É esta quadra uma das onze que constituem a poesia de Quirino dos Santos: "Havia o caos, e é dia! A multidão dormente,/ O povo ha de subir, subir pela instrução!/ Na escada do futuro há dois degraus somente:/ No peito — a liberdade, e na fronte — a razão".

Quem se situar dentro do contexto coevo ao surgimento do "Culto à Ciencia" e enfocar a situação em face dos costumes da época, ha de estranhar que não sendo o "Culto à Ciencia" um estabelecimento fundado por protestantes, o padre catolico não estivesse presente ao lançamento da pedra fundamental, segundo se deduz do noticiário de então. A Igreja Católica entretanto [illegible] presente na inaugu-

Os fundadores do "Culto à Ciencia" queriam um colégio desvinculado da religião, fôsse qual fôsse. Neste simples registro em que procuro apenas apresentar as vinculações da "Gazeta de Campinas", com o empreendimento, não cabem extensas considerações sôbre um trabalho que reputo muito esclarecedor. Trata-se da tese apresentada ao 1.o Congresso de História de São Paulo, promovido pelo Departamento de História, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em julho de 1972, e intitulada "Uma filosofia justifica a "Sociedade Culto à Ciencia", de autoria de Agostinho da Costa Oliveira e José Carlos Semedo da Costa. Nesse trabalho, os autores estudam o "clima ideológico sob o qual nasceu a "sociedade Culto à Ciência", enfocando não só a influencia do Positivismo no ensino secundário, como principalmente, a ação dos maçons que pregavam "a autonomia da razão contra a autoridade religiosa, a independencia do homem contra o despotismo da Igreja e do Estado, da escola livre contra o ensino do clero, proclamando o homem livre e a necessidade de abolir todo ensino oficial da Igreja".

O trabalho dos dois jovens, baseado em pacientes pesquisas nos arquivos da Loja Maçonica de Campinas, levou-me a deter a atenção no numero de 1.o de fevereiro de 1874, da "Gazeta", em que, além da extensa noticia sôbre a inauguração do Templo maçonico, em Campinas, a 30 de janeiro daquele ano, se publicava o "HYMNO DA AUG* LOJ* INDEPENDENCIA", titulo êste aqui transcrito em sua forma original, de acordo com as normas maçonicas, então em uso. Quem eram os autores do Hino? Da letra, era F Quirino dos Santos e da música, o Maestro J. P. Santa Anna Gomes. Como se vê, há vinculos positivados entre A "Gazeta", a moçonaria e o Culto à Ciência". Quando se pensou em concretizar a idéia do colégio, a comissão encarregada de elaborar os estatutos era composta de Jorge de Miranda, Manuel Ferraz de Campos Sales e Candido Ferreira da Silva Camargo, os dois primeiros elementos atuantes do jornal e da mais alta graduação [illegible]ônica. Ainda de acordo José Carlos Semedo, a primeira diretoria da sociedade "Culto à Ciencia" era constituida pelos maçons Joaquim Bonifácio do Amaral, presidente, e Joaquim Egidio de Souza Aranha, Joaquim Quirino dos Santos e Jorge G. Henrique Krug. Ao ser lançada a pedra fundamental do prédio a 13 de abril de 1873, a diretoria era igualmente composta de maçons: Joaquim Bonifácio Amaral, presidente, Antonio Pompeu de Camargo, Guilherme Henrique Krug, Joaquim José Vieira de Carvalho e Américo Brasiliense de Almeida Melo, o primeiro e o último com fortes vinculos na "Gazeta de Campinas", de Quirino dos Santos.

Não foi o colégio "uma escola a mais que surgiu em Campinas", — acentuam os autoreres da tese — mas sim um colegio que "foi formado para a concretização de um ideal de um grupo de individuos que não admitiam a influencia religiosa no ensino e que imbuidos por Augusto Comte, viam no ensino particular a solução para o problema educacional". Gestado e surgido na mesma época de gestação da "Gazeta de Campinas" e da Loja Independencia, que reunia os maçons de Campinas, o colégio homónimo do atual, oficial, morreu como o jornal de Quirino dos Santos, em consequencia da epidemia que assolou Campinas a partir de fevereiro de 1889, ocasionada pelo mosquito rajado, doméstico, "Aedes Egypti", vector da febre amarela, anteriormente conhecido como "Stegomia fasciata"

CORREIO POPULAR - 5-4-73

CORREIO POPULAR-10-4-73

218

ASSIM SURGIU O COLÉGIO "CULTO À CIÊNCIA"

1873 - CULTO À SCIENCIA

1873 - CULTO À CIÊNCIA

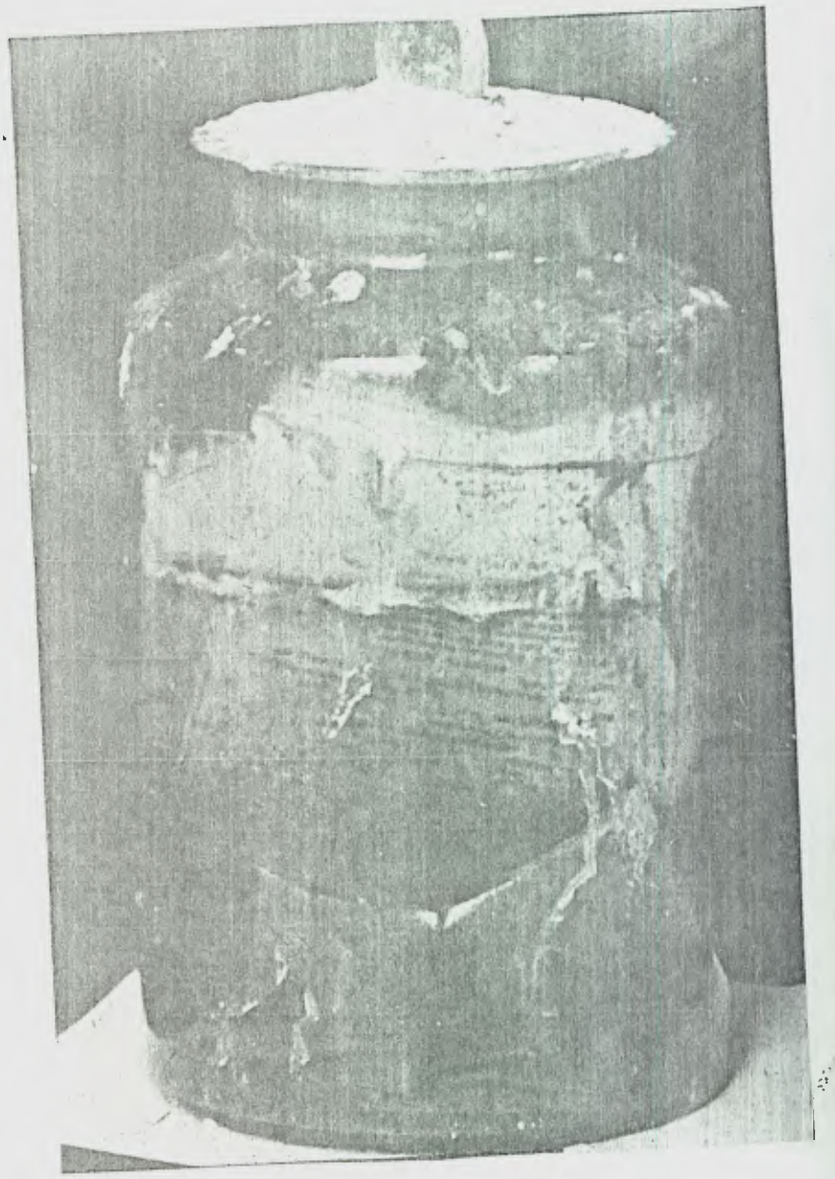
O Colégio Estadual "Culto à Ciência" nasceu há cem anos da "Associação Culto à Ciência" que Antonio Pompeo de Camargo idealizou para criar um estabelecimento de ensino particular. A iniciativa, tomada em 1.869, concretizou-se em 1.873 com o lançamento da pedra fundamental do edifício sede, à Rua Alegre,

CORREIO POPULAR-10-4-73

219/BL

O frasco de vidro, enterrado a 13 de abril de 1.873, quando se lançou a pedra fundamental do edifício.

em terreno da chácara adquirida ao tenente Antonio Rodrigues de Almeida.
É quando se enterra, com a primeira pedra, o frasco de vidro que foi novamente trazido à luz no último dia 23 de março, sexta-feira, como parte das comemorações do centenário.
Aí foram encontrados: lista nominal dos sócios da "Associação Culto à Ciência"; auto de lançamento da pedra fundamental; exemplar dos Estatutos; um jornal daqui e dois da capital: Gazeta de Campinas, Correio Paulistano e Diário de São Paulo, datados de 10 de março de 1.873; almanaque de Campinas e Rio Claro daquele ano, dez moedas de diferentes valores e metais e dois selos.



220/32

FILOSOFIA ORIENTOU A FUNDAÇÃO

Os professores José Carlos Semedo da Costa e Agostinho da Costa de Oliveira apontam o clima ideológico dominante em fins do século passado como o responsável pela formação da "Associação Culto à Ciência". Na época era a filosofia positivista que orientava o pensamento brasileiro, influenciando poderosamente a mentalidade de uma elite intelectual. Essa influência positivista defendia a liberdade de ensino, interpretada pelos mais radicais como abstenção total do Estado em matéria de Educação: em outros termos, a defesa do ensino particular, sem o monopólio estatal. Mais ainda: o ensino público oferecido pelo Estado devia ser leigo ou neutro em assuntos religiosos.

Os maçons adotavam essas opiniões filosóficas, políticas e sociais, que lhe permitiam, no seu entender, por em prática a sublime divisa: "liberdade, igualdade e fraternidade".

Na tese apresentada no 1º. Congresso de História Regional de São Paulo e 3º. Encontro Nacional de Professores de História, ocorrido em 1.972 na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, os profs. Semedo da Costa e Agostinho de Oliveira mostram essa atitude racionalista como motivadora do carater particular da "Associação Culto à Ciência", cuja idealização Antonio Pompeo de Camargo tornou pública através de manifesto de 6 de fevereiro de 1.869. A proposta sugeria "que se fizesse em nossa cidade um estabelecimento de ensino primário e secundário, regularmente montado e que realizasse com sucesso o aperfeiçoamento moral e intelectual dos seus alunos".

SÓCIOS ERAM MAÇONS

A Antonio Pompeo de Camargo (grau 33 da Maçonaria) reunem-se outros nomes e, imbuidos todos dos mesmos ideais empolgantes, a 19 de maio do mesmo ano realizam a primeira assembléia da nova sociedade, para eleger a diretoria inicial e constituir a comissão encarregada da redação dos Estatutos.

Deliberou-se a formação da sociedade por cotas, no valor de 25$000 cada, assinalado um mínimo de 5 cotas para cada acionista.

Redigem os Estatutos os senhores Jorge de Miranda (grau 33), Manoel Ferraz de Campos Salles (grau 33) e Cândido Ferreira da Silva Camargo (grau 03).

A escolha do presidente da "Associação Culto à Ciência" recai sobre Joaquim Bonifacio do Amaral, visconde de Indaiatuba (grau 09), e são seus companheiros de diretoria os senhores Joaquim Egydio de Souza Aranha (grau 12), Joaquim Quirino dos Santos (grau 09) e Jorge Henrique Krug (grau 03).

Presentes a esta reunião inicial, estão ainda estes componentes da nova sociedade: Joaquim Floriano Novaes de Camargo (grau 12), Elizeo Teixeira Nogueira (grau 12), Antonio Dias Novaes (grau 03), Luiz Antonio de Pontes Barbosa (grau 31), Antonio Carlos Pacheco e Silva e outros nomes mais que assinam a ata memorável de fundação e constam, também, da relação dos sócios, agora exposta aos interessados e reproduzida aqui parcialmente em fotografia. São todos maçons.

Aliás, a pesquisa levada a efeito pelos profs. José Carlos Semedo da Costa e Agostinho da Costa de Oliveira que compulsaram entre outros os seguintes documentos: Livros de Atas da Loja Maçônica Independência do 1º. ao 7º. (1.868 a 1.884); Livro de Registro de Matrícula da Loja Maçônica Independência (1.868 a 1.903) e Livro de Comprovação e Purificação da Loja Maçônica Independência nº. 1 (1.869 a 1.885), mostrou que os componentes da primeira diretoria do "Culto" integravam a Comissão de Justiça da Loja. Nesses livros os pesquisadores obtiveram, também, as graduações referidas.

221/Sh

A SEDE DA ESCOLA

A idéia inicial da compra de um sobrado para sediar a escola não se concretiza, decidindo a diretoria, reunida a 11 de julho de 1.869, adquirir o terreno localizado a rua Alegre, hoje Culto à Ciência, de propriedade do tenente Antonio Rodrigues de Almeida, para a edificação do prédio.

Todavia, só a 13 de abril de 1.873 é que se lança a pedra fundamental, elegendo-se na ocasião uma nova diretoria para a sociedade: Joaquim Bonifacio do Amaral (grau 09), Antonio Pompeo de Camargo (grau 33), Guilherme Henrique Krug (grau 03), Joaquim José Vieira de Carvalho (grau 03) e Américo Brasiliense de A. Melo (grau 33).

Joaquim José Vieira de Carvalho, um dos fundadores da Loja Maçônica Independência de nossa cidade, redige o auto de lançamento da pedra fundamental.

Após diversas reuniões, essa diretoria contrata Guilherme Krug, construtor, para o erguimento do prédio. O visconde de Indaiatuba, num gesto altruístico, desembolsa Rs32:000$000 para completar o valor total da obra, orçada em Rs70:000$000 (setenta contos de réis), garantindo a entrega do edifício pronto em curto prazo.

Assim, a 12 de janeiro de 1.874 o colégio inicia suas atividades. De acordo com os Estatutos, a escola não visa lucros financeiros para a Associação, ressaltando-se que qualquer importância obtida deve reverter em benefício do próprio estabelecimento de ensino e nunca para qualquer de seus membros.

Para dirigir a Escola, escolhem-se F. Boeschestein (grau 09) e Daniel H. Uhlman (grau 03), pessoas que, como os demais, comungam das mesmas idéias filosóficas.

No discurso de inauguração, dia histórico para a cidade, o dr. Manuel Ferraz de Campos Salles havia apresentado suas idéias positivistas neste pequeno trecho: "o cidadão já não se limita a esperar do Estado aquilo que pode fazer por si e que constitui uma indeclinável necessidade sua. Quando a vontade individual não basta, convoca-se o esforço comum e forma-se uma associação para levantar a Escola. Não se espera, pois, indolente pela ação oficial. Que o povo se associe para educar o povo".

texto e fotos:

José Francisco Duarte de Oliveira

DATAS PRINCIPAIS

06-02-1869 — Publicação do manifesto sobre a fundação de um estabelecimento de ensino em Campinas.
19-05-1869 — Reunião no Paço Municipal para discussão e aprovação do manifesto e eleição da diretoria provisoria.
1-07-1869 — Aprovação dos Estatutos da Sociedade Culto à Ciência e compra de terreno para construção do edificio.
13-04-1873 — Lançamento da pedra fundamental do edificio.
12-01-1874 — Inauguração do Colegio "Culto à Ciência".
21-06-1884 — Reforma dos Estatutos da Associação Culto à Ciência.
28-10-1886 — Visita do monarca D Pedro II.
24-12-1892 — Dissolução da Associação Culto à Ciência.
08-03-1895 — Transferencia do patrimonio do antigo Culto à Ciência ao Governo do Estado.
15-03-1895 — Decreto-lei 284 da criação do Ginásio de Campinas.
12-11-1896 — Posse dos primeiros lentes catedráticos do Ginásio de Campinas.
04-12-1896 — Inauguração do Ginasio de Campinas.
01-07-1897 — Início das aulas.
16-02-1901 — Equiparação do Ginásio de Campinas ao Gisásio Nacional.
01-03-1901 — Formatura da 1.a turma de bacharéis.
15-04-1909 — Matrícula das primeiras alunas no curso ginasial.
09-04-1942 — Decreto-lei 4245 do Governo Federal, pelo qual o Ginásio de Campinas passou a denominar-se Colégio Estadual.
05-02-1963 — Concessão da autonomia, pelo Decreto-lei 7817.

No dia 13, toda correspondência dos Correio e Telegrafos levarão carimbo comemorativo ao centenário do Colégio Estadual "Culto à Ciência". Guarde essa lembrança!

OS DIRETORES

Em sua primeira fase, como estabelecimento de ensino particular, foram seus Diretores:

1 Ferdinando Boeschentein (1874-1874)
2 Francisco Xavier Moretzsohn (1874-1878)
3 Melquíades da Boa Morte Trigueiro (1878-1881)
4 Alfredo Augusto Campos da Paz (1881-1882)
5 Isidoro do Pinho (1882-1883)
6 Joaquim de Toledo (1882-1883)
7 José Nápoles Teles de Menezes (1883-1884)
8 Amador Bueno Machado Florence (1884-1885)
9 J.P. de Ulhoa (
10 Louis Drouet (2-12-1855-21-12-1885)
11 Jorge de Miranda (1885-1888)
12 Hipólito Gustavo Pujol (1888-1892)

Na segunda fase, oficial:

1 Mario Bulcão — efetivo (1-8-1895-8-2-1898)
2 Henrique de Barcelos — efetivo (8-2-1898-14-6-1900)
3 Eduardo Gê Badaró — interino (14-6-1900-7-1-1901)
4 Jorge de Miranda — efetivo (7-1-1901-1-10-1902)
5 Francisco de Paula Magalhães Gomes — interino (1-10-1902-19-2-1903)
6 Adolfo Botelho de Abreu Sampaio — efetivo (19-3-1903-25-11-1905)
7 Eduardo Gê Badaró — interino (25-11-1905-2-1-1906)
8 Arnaldo de Oliveira Barreto — efetivo (2-1-1906-3-2-1911)
9 Francisco Furtado Mendes Viana — interino (1906-1911)
10 Major Joaquim Ulisses Sarmento — substituto
11 Antonio Rodrigues Alves Pereira — efetivo (19-5-1911-4-5-1917)
12 Amadeu Mendes — efetivo (4-5-1917-22-7-1927)
13 Major Joaquim Ulisses Sarmento — substituto
14 Antonio Firmino de Proença — efetivo (10-11-1927-10-5-1928)
15 Anibal Freitas — efetivo (11-5-1928-15-6-1955)
16 Telêmaco Paioli Melges — interino (16-6-1955-30-10-1956)
17 Euclides Pinto da Rocha — efetivo (31-10-1956-15-5-1962)
18 Telêmaco Paioli Melges — eleito pela Congregação em 16-5-1962 e em exercicio na data da comemoração do Centenário do Colégio.

O vidro da pedra fundamental

CORREIO POPULAR-12-4-73

223
Bh

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO

Um grande almoço está programado para encerrar as comemorações do centenário do "Colégio Culto à Ciência", no próximo domingo, no Ginásio de Esportes daquele estabelecimento de ensino. Além do almoço, também no domingo acontecerá o relançamento da pedra fundamental, quando serão anexados, aos documentos de 100 anos atrás todos aqueles que marcaram fatos decisivos no decorrer de todo esse tempo. Na foto exposição comemorativa numa das vitrines da

Casa Ezequiel

Culto à Ciência, na festa do centenário

224/Bh

É a mais antiga escola secundária do Interior de São Paulo. Há quase 100 anos, mantém a tradição de um elevado padrão de ensino — no começo do século seus diplomas davam direito ao ingresso imediato nas faculdades — ao lado de uma rigorosa disciplina. Ali estudaram Santos Dumont, Julio Mesquita, Cesar Bierrembach, Campos Freire, Paulo Decourt, entre outros nomes importantes na história de São Paulo e do Brasil. Hoje, o Colégio Estadual Culto à Ciência, de Campinas, inicia as comemorações do seu centenário, que culminarão a 13 de abril de 1973.

Até 1957 os alunos eram obrigados a comparecer de terno e gravata. Os ex-alunos contam que o professor Benedito Sampaio exigia que "todos soubessem os Lusíadas de cor" e que "levantar a mão para pedir alguma explicação era um gesto ousado". Mas a qualidade do ensino sempre foi incontestável, afirma o atual diretor: até o ano passado, o numero de alunos do Colégio aprovados nos vestibulares sempre foi superior a 70 por cento.

No momento, a escola tem 2.500 alunos, com um corpo docente de 93 professores. Com um ensino moderno, estimula-se a participação dos estudantes em atividades extra-curriculares. Existe, por exemplo, o Banco Estudantil, com depósitos de mais de sete mil cruzeiros. Os estudantes emitem cheques para pagar contas da cantina, comprar discos, presentes, ao mesmo tempo em que se estimula a poupança.

Há vários cursos paralelos e no setor de Educação Física o Colégio é bicampeão estadual de ginástica de solo. Os próprios alunos formaram a fanfarra, uma das melhores. Segundo a orientadora educacional Celina Duarte Marinho, o rigor da disciplina não foi enfraquecido: "As ocupações extraclasse funcionam como válvulas de escape para o extravasamento natural que caracteriza a juventude de hoje".

A biblioteca — aberta ao publico — possui mais de 11 mil volumes, consultados por 900 alunos, em média mensal. Há algumas raridades, como a obra editada em 1616, na Basiléia, **Ambrosii Calipendi Dictionarium Undecimum Linguarum** — um dicionário latim-grego.

A escola da Sociedade Culto à Ciência — que depois passou a Ginásio do Estado e, finalmente, a Colégio Estadual — foi fundada a 13 de abril de 1873 — essa é a data oficial, que marca o início da construção do prédio. Para a abertura das solenidades, hoje, a direção da escola espera contar com o maior número possível de ex-alunos, para o churrasco. Na ocasião, será anunciado o programa dos festejos.

O atual diretor, Telêmaco Paioli Melges, já solicitou à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos a emissão de selo comemorativo. Também pediu autorização do governo estadual para levantar a pedra fundamental, que foi lançada sob a soleira da porta principal, colocada numa urna de vidro. Um especialista será contratado para microfilmar toda a documentação da escola, juntar a ela os trabalhos do centenário e tudo ficará guardado com a pedra fundamental. A urna de vidro voltará então para seu lugar, próximo ao obelisco a ser levantado para marcar os 100 anos.

MAÇONARIA

Até recentemente, havia apenas uma única obra contando a história do Colégio — a monografia de Carlos Francisco de Paulo, editada em 1946. Relata que o agricultor Antônio Pompeu de Camargo, apoiado por fazendeiros de café, industriais, comerciantes e alguns acadêmicos, foi o iniciador do movimento para a criação da Sociedade Culto à Ciência. O agricultor teve a seu lado Manuel Ferraz de Campos Sales, que posteriormente chegaria à Presidência da República.

Conta a monografia que o objetivo era a criação de um estabelecimento de ensino primário e secundário para "a educação moral e intelectual". Além disso, a escola secundária impediria a evasão dos jovens da região, que partiam para a Capital em busca do "diploma do científico". Explica ainda que cada membro da Sociedade contribuiu com uma quota inicial de 500 mil réis para acompra do terreno e construção do prédio, que foi iniciada a 13 de abril de 1873.

Há alguns meses, durante o Congresso de Historia realizado em Campinas, esse relato foi enriquecido com a divulgação dos documentos encontrados pelo estudante José Carlos Senredo. Na Loja Maçônica Independência, ele descobriu a ata inaugural e os estatutos da Sociedade Culto à Ciência, assinados a 19 de maio de 1869 por Antonio Pompeu de Camargo, Jorge Miranda, Candido Ferreira Camargo e Manuel Ferraz de Campos Sales. Todos eram grau 33 na maçonaria e elegeram Joaquim Bonifacio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, primeiro presidente da Sociedade.

ENSINO LEIGO

Segundo essa história, o Colégio Culto à Ciência nasceu sob a inspiração da filosofia positivista, em meio a crescente campanha de laicização, que visava a separação entre Igreja e Estado e, em consequência, a libertação do ensino da autoridade religiosa.

O proprio nome — Culto à Ciência — indica as intenções dos maçons: proclamar a autonomia da razão, a liberdade de pensamento, de consciência. Esse movimento pela secularização do ensino — até então excessivamente centralizado e dirigido pelas entidades religiosas, rigidamente vinculadas à Coroa — incluia-se assim na luta republicana.

Após o lançamento da pedra fundamental, foi eleita nova diretoria, ainda presidida pelo visconde de Indaiatuba e composta por Americo Brasiliense, Antonio Pompeu de Camargo, Joaquim José Vieira de Carvalho e o arquiteto Guilherme Henrique Krug — este encarregado da construção do prédio. A 12 de janeiro de 1874, Campos Sales dava a aula inaugural do Culto à Ciência.

CRISE

Julio Mesquita integrou a primeira turma de alunos e foi o unico que concluiu o curso. Os demais transferiram-se para escolas da Capital ou voltaram para suas cidades, antes do diploma. Em 1879, havia 42 alunos, entre os quais Santos Dumont, cuja passagem é registrada brevemente nos anais da escola: "Um dos que obtiveram notas ótimas nos exames de Latim, Inglês e Português e que, mais tarde, tanto glorificou o Brasil". Nessa época, o prestigio do Culto à Ciência já atraía jovens de todo o Interior de São Paulo e de Minas Gerais.

Entretanto, a escola foi fechada em 1889, pouco antes do reinicio das aulas, devido à epidemia de febre amarela que atingiu Campinas. Dois anos depois, o colégio foi reaberto, mas passando por dura crise financeira, que não pôde ser superada. A Sociedade Culto à Ciência foi dissolvida e o patrimonio entregue à municipalidade.

Mas a Prefeitura de Campinas também não dispunha de recursos para sustentar o estabelecimento, e assim propôs que o governo estadual ficasse com o predio e ali instalasse um ginasio. A 21 de junho de 1894, o então governador Bernardino de Campos autorizou os entendimentos, bem sucedidos: em março de 1896 iniciavam-se as aulas do ginasio estadual.

Desde então, o estabelecimento cresceu normalmente. Em fevereiro de 1901 o Culto à Ciencia foi equiparado ao Ginasio Nacional, de forma que seus diplomas passaram a significar acesso direto ás escolas superiores. No ano seguinte, o escritor Coelho Neto assumiu a cadeira de Literatura e, quatro anos depois, transferiu-se para o Colegio Pedro II, do Rio, "sem prestar exames — conta a monografia de Francisco de Paula — pois a condição de professor do Culto á Ciencia qualifica o pretendente". Como seus professores, o colegio teve ainda Ernesto Khulman e o general Francisco Glicerio.

Em 1909, matricularam-se as primeiras moças e o ginasio passa a ter 200 alunos. Em abril de 1932, por decreto federal, torna-se o Colegio Estadual Culto á Ciencia, sob a direção do professor Anibal Freitas. Este é considerado um dos principais responsaveis pelo prestigio do excelente padrão de ensino e rigida disciplina.

CORREIO POPULAR-13-4-73

225/BL

Culto à Ciência Cem anos

ıtamente há 100 anos perante numerosa as-ıcia, em grande solenida-oi lançada a pedra fun-ntal do edificio que al-meses depois viria a ar uma casa de educa-com triplice aspecto — ctual, moral e físico, ıda pela Sociedade Culto encia, formada por fa-

eiros, industriais, comer-es e graduados por aca-ıs, que em 6 de fevereiro 1869, tornava publico o inte manifesto escrito: evencidos do quanto é ıvel nesta cidade a falta n estabelecimento que se ne ao ensino primario e ndario, regularmente mon-, de modo a poder reali-com o aperfeiçoamento ıvel a educação moral e ıal dos alunos; con-ıdos de que esta falta, cultando a educação dos os deste municipio, em-aça de modo extraordina-o seu progresso moral, e m neutraliza os grandes nentos de prosperidade já possui; convencidos, ımente, de que já é tem-de providenciar decisiva-nte sobre uma tão palpitan-quando urgente necessida-têm os abaixo assinados a o fim de fazer edificar reconstruir um predio com ıcomodações especiais para eferido estabelecimento de ino, se associado nas con-ões abaixo descritas".

Depois de uma série de ntecimentos e reuniões, lusive com a interrupção trabalhos em virtude da se agricola porque passa-o país — e naturalmente nas — em janeiro de foi convocada uma reu-o dos socios da Sociedade, o Comendador Joaquim Bo-ıicio do Amaral, que reali-se no dia 12, no edificio Camara Municipal. Em ıuida, realizaram-se diver-reuniões, até que foi aber-a concorrencia para a cons-ção do edificio destinado colegio, sendo aceita a do ıpreiteiro construtor Gui-rme Krug. Em 11 de mar-do mesmo ano, foi lavrada escritura do contrato de ıpreitada, no 2.o Tabelião, rigando-se o empreiteiro a tregar o edificio concluido prazo de 8 meses, a con-dessa data, pela quantia 45 mil cruzeiros.

Nos termos desse contrato, edificio devia ter um pa-mento terreo e outro supe-or, medindo 23,50 metros de nte por 17 metros de fun-, construido de tijolos apa-ntes, pelo sistema flamengo. pagamento seria efetuado n 6 prestações, sendo a pri-ıeira paga no ato da assina-ıra do contrato.

E foi assim que a 13 de ril foi lançada a pedra fun-amental do edificio — de-ois de 4 anos de ter sido nçada a ideia pelo agricul-or Antonio Pompeu de Ca-

Na pedra fundamental, localizada à porta principal do edificio, foram colocados jornais da época, moedas, almanaques e documentos, tudo num vaso de vidro, recentemente levantado, dentro das comemorações oficiais de passagem do Centenario de fundação. O local escolhido, era na época afastado do centro urbano, mas oferecia todas as condições para sediar uma escola. Era uma chacara de propriedade do tenente Antonio Rodrigues de Almeida, na rua Alegre, hoje Culto à Ciencia.

A INAUGURAÇÃO

No dia 29 de dezembro de 1873 reuniu-se a diretoria da Sociedade para marcar a data de inauguração e nomear aquele que viria a ser o primeiro diretor do estabelecimento.

Para a inauguração, ficou marcado o dia 12 de janeiro de 1874 e seu diretor, o prof. Ferdinando Boeschentein.

E assim o povo campineiro dava um exemplo da mais alta significação patriotica: a organização, em seu proprio meio, de uma sociedade que, sem visar lucros, cuidasse da formação intelectual e moral da mocidade, o grande ideal dos povos em todos os tempos.

O ato inaugural foi dos mais concorridos, a ele comparecendo o que de mais representativo existia na sociedade campineira da época. A diretoria da Sociedade era presidida pelo comendador Joaquim Bonifacio do Amaral (depois Visconde de Indaiatuba) e constituida por Manuel Ferraz de Campos Sales, Antonio Pompeu de Camargo, Jorge Krug e Candido Ferreira da Silva Camargo.

Em fins de março de 1874, o dr. Francisco Xavier Moretzsohn passou a ser o diretor da escola, e João Bentley o seu vice. O corpo docente do colegio ficou assim constituido — Francisco Moretzsohn (diretor) — Portuguès e Alemão; João Bentley — Aritmética, álgebra, francês, inglês e geografia; Amador Bueno Machado Florence — Latin, francês e desenho; Henrique de Barcelos — Gramática portuguêsa; Antonio Martins Teixeira — Primeiras letras, doutrina cristã e sistema métrico: Leon Blazeck — Piano e ginástica; Azarias Dias de Melo — Música.

As aulas eram dadas no 1.o pavimento funcionando no superior os dormitorios e a administração.

GINASIO DE CAMPINAS

Em 21 de junho de 1894, através da resolução 273 decretada pelo presidente do Estado, Bernardino de Campos, o Governo do Estado ficou autorizado a entrar em acordo com a Camara Municipal de Campinas a fim de passar à propriedade do Estado e prédio em que funcionou o antigo Colegio "Culto à Ciencia", dissolvido pela falta de recursos financeiros, o que foi provocado pelo surto de febre amarela que tomou conta da cidade. A 14 de março de 1895, pela lei 244, foi criado um ginasio para o ensino secundario, científico, literário, na cidade de Campinas.

A inauguração do Ginasio de Campinas, após grandes lutas e esforços, deu-se a 4 de dezembro de 1896.

O Ginasio de Campinas foi o segundo instituto oficial do ensino secundario fundado no Estado. O primeiro foi o Ginasio de São Paulo, cuja fundação deu-se a 16 de setembro de 1894.

Depois dos exames de habilitação, foram matriculados 23 alunos para o 1.o ano do curso ginasial e 18 no 2.o ano, sendo os matriculados sob o número 1, Jorge Nogueira Ferraz e Edmundo Pimentel, respectivamente.

As aulas tiveram início no dia 1.o de julho de 1897. O seu primeiro corpo docente, oficial, estava assim constituido: Henrique de Barcelos, Mário Bulcão, Eduardo Gê Badaró, Olimpio da Silva Leão, Gustavo Enge, Manuel Vieira Baptista, Abilio Alvaro Miller, José Vilagelin Junior e Cornelio Gasperini Vianello.

PRIMEIRA TURMA

A solenidade de formatura da 1.a turma de bachareis em ciencias e letras deu-se a 1.o de março de 1901, sendo a sessão presidida pelo secretário do Interior, dr. Bento Bueno. Receberam seus diplomas, os bacharelandos Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, aprovado com distinção, grau 12; Jaime de Morais Sales, grau 10; Carlos Olíton Braga e Gustavo Armbrust, aprovado plenamente, com grau 8. Alberto Pinto de Morais, Firminio Tamandaré de Toledo Jr. e Oscar de Morais foram aprovados com grau 6. Foi paraninfo o professor Eduardo Gê Badarò

PREMIOS

Em 1929 a Camara Municipal criou premios em dinheiro para incentivar o estudo das disciplinas fundamentais do curso ginasial. A 11 de janeiro de 1930, receberam seus premios: Luís Venere Decourt (português); Mario Vieira da Cunha (História do Brasil); Luís Venere Decourt e Gervasio Mourão Alvares Morales (Aritmetica).

A aluna Cira Aparecida Vieira obteve o premio Perez y Marin, medalha de ouro, oferecida pelo lente da 10.o cadeira ao aluno mais aplicado na matéria de que fora catedrático o saudoso professor do Ginásio.

COLEGIO ESTADUAL

A lei organica do ensino secundario, de 9 de abril de 1942, Decreto-lei 4.244, do Governo Federal, estabeleceu as bases de organização do ensino secundario, sua estrutura e diversas outras disposições. O ensino secundario seria ministrado em dois ciclos. O primeiro, de 4 anos, formando o curso ginasial, e o segundo, de 3 anos, compreendendo dois cursos paralelos — o classico e o cientifico.

Os estabelecimentos de ensino secundario ficaram constituidos de dois tipos: o ginásio, destinado a ministrar apenas o curso de 1.o ciclo, e o colegio, em que alem do curso ginasial, seriam ministrados os dois cursos próprios do 2.o ciclo.

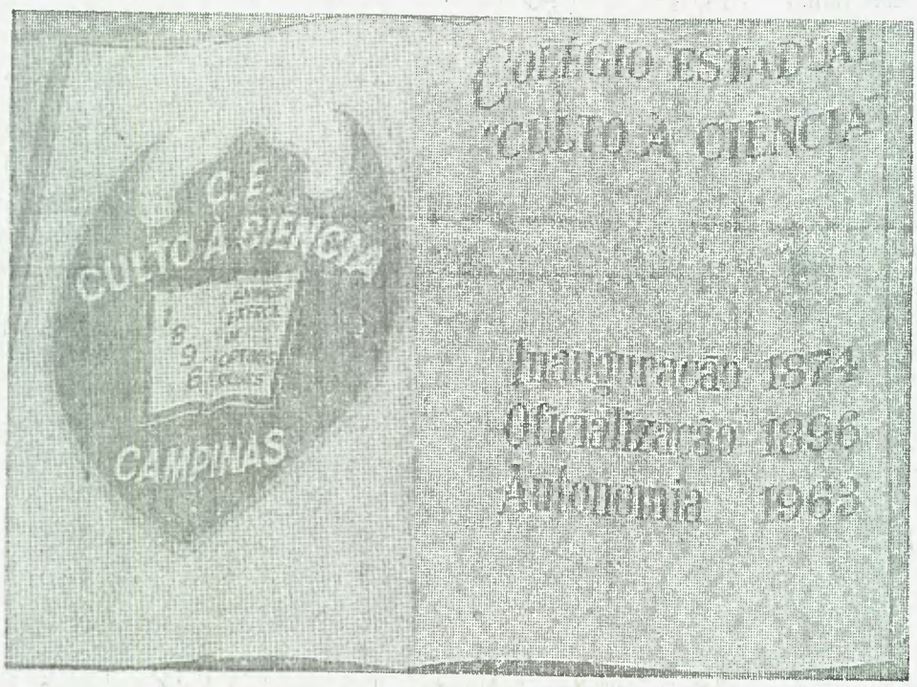
Pelo Decreto-lei 4.245, de 9 de abril de 1942, foram considerados como colegios os estabelecimentos de ensino secundario que mantinham naquela data, sob inspeção federal, o curso fundamental e o curso complementar. O Ginasio de Campinas enquadrava-se nesta situação, passando, assim, a denominar-se Colegio Estadual de Campinas.

AUTONOMIA

Desde 5 de fevereiro de 1963 o Colegio Estadual "Culto à Ciencia" é considerado autonomo, de acordo com a Lei 7817. Essa autonomia é administrativa e determina que o Diretor é escolhido pela Congregação de Professores, de dois em dois anos. Os cargos de professores são providos por concurso interno.

CORREIO POPULAR-13-4-73

226



AS COMEMORAÇÕES DE HOJE DO CENTENÁRIO DO CULTO À CIÊNCIA

Hoje, as comemorações alusivas ao 1.o centenário se desenvolverão da seguinte maneira: 8,30 hs — Desfile escolar na av. Anchieta e homenagem às autoridades defronte à Prefeitura Muniicpal; 10,30 hs — Missa em Ação de Graças, pelo Arcebispo Dom Antonio Maria Alves de Siqueira; inauguração do obelisco comemorativo; lançamento da pedra fundamental do auditório; inauguração da piscina; exposição de antiguidades do colégio, na Biblioteca.

No domingo, dia 15, às 11 horas, acontecerá o relançamento da pedra fundamental do edifício, com os documentos de 100 anos atrás, dos 100 anos de existencia e os atuais. As 12 horas, no Ginásio de Esportes, almoço de confraternização dos ex-alunos, mediante adesões no Banco Português do Brasil, até às 16 horas, e, até às 12 horas, na portaria do Colégio e nos seguintes locais: av. Francisco Glicério, 1326, 2.o andar, conj. 21, com o prof. Amilton Motta; rua José Vilagelin Jr., 84, Cambuí, com a profa. Terezinha Andrés Von Zuben; rua Albano de Almeida Lima, 416, Jardim Guanabara, com a profa. Amália Ridolfo; e na av. Barão de Itapura, 1084, com o prof. Moacir Santos Campos. Depois dos horários estipulados não serão recebidas adesões de ninguém.

FOLHA DE SÃO PAULO- 14-4-73

227
Bl

Há 100 anos, Ciencia vive com Colegio

Enquanto milhares de estudantes passavam pelos bancos escolares do Colegio Culto à Ciencia, de Campinas, nos ultimos 100 anos, um frasco de cristal, contendo documentos historicos, enterrado a dois metros de profundidade, à porta do edificio, também respirava. A conclusão é de um grupo de tecnicos que examinou um liquido esverdeado encontrado junto ao recipiente. Sua tampa de gesso, pressionada pela umidade, permitia a entrada e saida do ar, repetindo um fenomeno quimico durante um seculo. A cor do liquido "misterioso" — agua — é explicada cientificamente, da mesma maneira que a preservação dos papeis valiosos colocados na urna.

A pedra fundamental do Colegio Culto à Ciencia foi lançada a 13 de abril de 1873. Ontem, seus alunos, professores e ex-alunos comemoraram a data com várias solenidades. Hoje, o frasco historico será novamente sepultado, levando, inclusive, mensagens aos que o desenterrarem, no ano 2073.

O Culto à Ciencia é o mais antigo e tradicional estabelecimento de ensino do Interior. Figuras ilustres, como Santos Dumont, frequentaram seus cursos, que atraiam alunos da Capital e de outras cidades do Estado e do País. Coelho Neto foi um dos seus professores mais destacados.

EDUCAÇÃO

É iniciado hoje em São Paulo, o XIV Congresso Interamericano de Psicologia. A abertura está marcada para as 16 horas e será presidida pelo governador Laudo Natel, no Parque Anhembi.

DIÁRIO DO POVO-19-5-73

228
Bh

No Culto à Ciência, a visita-surpresa

O governador chega ao "Culto à Ciência", onde é recebido pelo diretor do estabelecimento, alunos e autoridades.

"É uma honra pisar este colégio" declarou o governador Laudo Natel, ontem, por volta das 15 horas, quando chegou ao Colégio Estadual Culto à Ciência, numa visita-surpresa que só chegou ao conhecimento da direção do estabelecimento duas horas e meia antes.

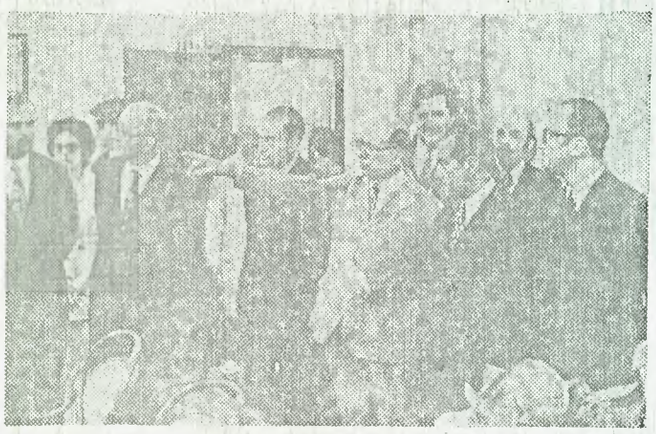
O Governador com sua comitiva almoçou na Churrascaria Quitalão e caminhou à pé deste local até o "Culto à Ciência", onde foi recepcionado com fanfarra, pelo diretor da V Divisão Regional de Educação, dr. Ruben Costa, pelo diretor da escola, dr. Telêmaco Melges Paioli, pelo secretário de Educação do município, prof. José Alexandre dos Santos Ribeiros, vereadores, professores, funcionários e alunos.

Do almoço só participaram o prefeito municipal, dr. Lauro Péricles Gonçalves, o vice-prefeito, Otávio Ceccato, o prefeito de Paulínia, dr. Reinaldo Calil e seu assessor técnico, do governador Duílio Buzaneli.

fundamental da escola. Tomou café e prosseguiu a visita.

Foi levado à sala de Técnicas Comerciais, sala de Artes Industriais, de Datilografia, laboratórios sala de Economia Doméstica em todas elas ouvindo explanações de seu funcionamento por parte dos professores. Em algumas salas, o governador conversou com os alunos. Até brincou com um garoto que, na sala de Artes Industriais, montava uma campainha:

Durante toda sua visita, acompanharam-no o presidente da ARENA local, sr. Orlando Signorelli, o vice-presidente, sr. Lauro de Moraes Filho, os vereadores Amauri Frattini, José Nacif Mokarzel, José Carlos Scolfaro, José Paulo Picollotto Naccaratto e Fernando Paolieri, além do prefeito Lauro Péricles Gonçalves, o vice, Otávio Ceccato o prefeito de Paulínia, dr. Reinaldo Calil, o diretor da V DRE, dr. Ruben Costa, o secretário da Educação, prof. José



O diretor do "Culto à Ciência", prof. Telêmaco Paioli Melges, conduz o governador às diversas dependências do estabelecimento

DIÁRIO DO POVO-19-5-73

229/B

Alunos do colégio apresentaram vários números musicais

ESCOLA EM FUNCIONAMENTO

A visita do governador ao "Culto à Ciência" se prende às comemorações do centenário do estabelecimento que culminaram em 13 de abril, ocasião em que ele não pode estar presente.

Aproveitando sua passagem por esta cidade, ao retornar de Mogi-Guaçu, ele quis pagar a visita prometida ao estabelecimento e, em companhia do diretor e demais autoridades, percorreu várias instalações e observou alunos que executavam trabalhos nas várias salas-ambientes.

A porta principal do Colégio, depois de passar entre alas de bandeiras dos estados brasileiros. Laudo Natel ouviu o Hino Nacional. A seguir, adentrou o estabelecimento, sempre ouvindo as explanações do dr. Telêmaco e, na diretoria, assinou o Livro de Visitas sem acrescentar outras palavras. Viu também documentos de cem anos atrás, encontrados pela diretoria, quando removeram a pedra

— Isto funciona mesmo?

E o garoto foi testar, o que arrancou o comentário do governador "é, o serviço é garantido!".

No pátio interno, o governador e demais autoridades assistiram à uma demonstração das aulas de Violão, dadas por professora especializada. Mais adiante, encontrou os jovens integrantes do conjunto musical do "Culto à Ciência" e caminhou para o ginásio de esportes "Alberto Krum", onde assistiu à demonstrações de ginástica de solo.

Com o diretor do estabelecimento, conversou sobre o auditório que será construído brevemente aprovado que foi pelo FECE — Fundo Estadual para Construções Escolares Laudo viu o projeto do auditório e disse que não haverá problemas com verba para a construção.

Alexandre dos Santos Ribeiro, o delegado de ensino, prof. Alencar Pereira de Almeida, professores e funcionários do colégio.

232

CORREIO POPULAR - 13- 4-72

230/Bl

Culto à Ciência, 99 anos de existência e tradição

Com culto evangélico de ação de graças, a cargo do Conselho de Pastores Evangélicos, no ginásio de esportes "Alberto Krum", foram iniciadas ontem, às 20 horas, as solenidades comemorativas do 99.o aniversário de fundação do Colégio Estadual "Culto à Ciência", primeiro do gênero em todo o país, na época de sua fundação.

Sua fundação foi idealizada em 1869, quando foi constituída comissão para estudar sua organização, formada por Campos Sales, posteriormente eleito presidente da República, Jorge Miranda e Cândido Ferreira de Camargo.

Nos primeiros anos de sua fundação, dois homens famosos foram seus alunos: Júlio de Mesquita e o grande herói da aviação, Santos Dumont.

Além deles, grandes homens públicos políticos e cientistas passaram por suas cátedras ou pelos seus bancos escolares, marcando época na história do Culto à Ciência.

FESTA

Hoje, com salva de 21 tiros a partir das 8,30 horas, o Colégio Estadual Culto à Ciência estará comemorando seu 99.o aniversário, seguindo-se recepção de representantes de escolas da cidade portando tochas, hasteamento de bandeiras, passagem do fogo da tocha à pira, palavras do diretor do colégio, Telêmaco Paioli Melges, e, encerrando, missa de ação de graças.

ESTABELECIMENTO MODELAR

Possuindo, atualmente, 2.290 alunos, funcionando em quatro períodos, das 7 às 23 horas, o Colégio Estadual Culto à Ciência possui autonomia didática e administrativa, obtida através de lei de 5 de fevereiro de 1963 do Governo do Estado de São Paulo.

Possui salas especiais para ensino de Artes Industriais, Canto Orfeônico, Biologia, Ciências Química, Física, Geografia, Francês, Educação para o Lar e Técnicas Comerciais. Sua biblioteca contém 10.000 volumes dos mais variados estilos e formas literárias e o ginásio de esportes, construído dentro das mais modernas técnicas da engenharia nacional, pode abrigar até 3.000 pessoas.

COMEMORAÇÕES

Para comemorar os 99 anos de existência, a diretoria do "Culto à Ciência" programou extenso programa que será iniciado hoje. Um dos principais itens das solenidades consta a solicitação que será feita à Secretaria de Educação e Cultura para a realização de cursos de especialização a professores para diversas disciplinas de âmbito estadual.

Por outro lado, serão realizadas exposições da história do estabelecimento de ensino, feiras de ciências, maratonas e concursos estudantis.

Uma revista comemorativa e monografia histórica serão publicadas pelo colégio, trabalhos estes que serão realizados pelo jornalista Barbosa Pupo e historiador Celso Maria de Melo Pupo, respectivamente.

Outros itens do programa de aniversário: concurso para Hino do Centenário, confecção de flâmulas alusivas, chaveiros e medalhas, concurso de fanfarras, concentrações de ex-alunos por grupos e turmas e desfiles escolares, com a participação de outros estabelecimentos de ensino secundário.

MUDANÇAS

A primeira diretoria do Colégio Culto à Ciência, cuja pedra fundamental foi lançada a 13 de abril de 1873, estava assim constituída: Visconde de Indaiatuba, Marquês de Três Rios, dr. Quirino dos Santos; dr. Jorge Krug e Antônio Pompeo de Camargo.

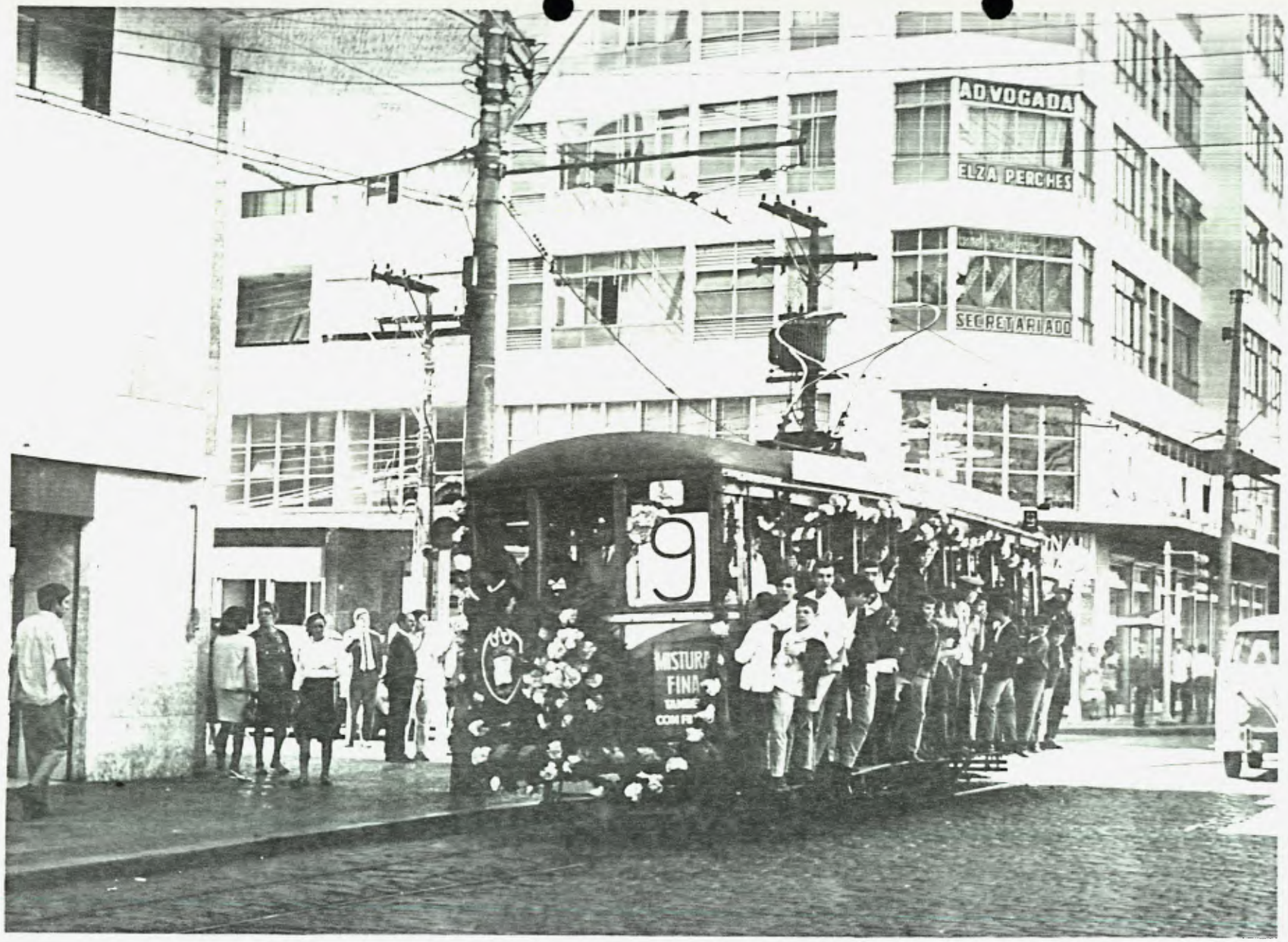
Solenemente inaugurado em 1874, o estabelecimento de ensino, único no gênero no país, recebeu a visita ilustre do Imperador D. Pedro II.

Em 1895, pela lei 284, foi transformado em Ginásio do Estado, tendo sido solenemente inaugurado nesta segunda fase em 4 de dezembro de 1896, sendo, na ocasião, um dos únicos ginásios do Estado de São Paulo.

Finalmente, em 1942, com a nova legislação vigente, passou a ser o Colégio Estadual de Campinas e hoje é o Colégio Estadual "Culto à Ciência".

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

231/Bh



Despedida do Colégio ao Bonde 9 (CONFRONTO), em seu último dia de circulação, [illegible] na Rua General Osório, em 25/5/1968.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

232

235

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9 2553 13.100 CAMPINAS

233

Despedida do Colégio ao Bonde 9 (SOTERO-C), em seu último dia de circulação. A foto foi tirada na Rua General Osório, em 25/5/1968.

GYMNASIO DO ESTADO EM CAMPINAS

ADMISSÃO AO 1.º ANNO

PROGRAMMAS

Typ. do DIARIO OFFICIAL
— 1926 —

234
BM

237

Exames de admissão

Estes exames, no presente anno, serão realizados, em Março, mediante requerimento dos paes dos candidatos ou de seus responsaveis. entregues na secretaria, no tempo designado por editaes que oppportunamente serão publicados.

TAXA 15$000

PROGRAMMAS DE EXAME DE ADMISSÃO

PORTUGUEZ

Leitura e interpretação de um trecho de 20 a 30 linhas de escriptor contemporaneo, de preferencia brasileiro.

Arguição sobre o alphabeto, vogaes e consoantes, grupos voca-

licos e grupos consonantaes, syllaba, vocabulo, notações lexicas e accento tonico. Conhecimento das categorias grammaticaes: analyse lexica. Exercicios sobre as flexões do genero, numero e grau. Conjugação completa dos verbos auxiliares e dos regulares. Exercicios de synonymia.

ARITHMETICA PRATICA

Quantidade. Unidade. Numero.

Algarismos. Numeração: unidades das diversas ordens, leitura e escripta dos numeros inteiros.

As 4 operações sobre inteiros. Provas, real e dos 9.

Divisibilidade por 10, 2, 5, 9, 3 e 11.

Numero primo. Regra para reconhecer se um numero é primo

Numero multiplo. Decomposição de um numero em seus factores primos.

Maximo divisor commum.

Minimo multiplo commum.

Fracção ordinaria. Fracção propria, fracção impropria; numero mixto.

Simplificação de fracções e reducção ao mesmo denominador. Comparação de fracções.

Extracção de inteiros. Conversão de um inteiro em fracção.

As 4 operações sobre fracções ordinarias.

Numero decimaes. As 4 operações sobre decimaes.

Conversão das ordinarias em decimaes e vice-versa. Dizimas periodicas.

Exercicios faceis sobre expressões em que entrem ordinarias e decimaes, para a applicação das regras de conversão.

Noções do systema metrico decimal. Metro, sua definição; metro linear; metro quadrado e metro

236

cubico; multiplos e submultiplos. Litro, sua relação com o metro cubico; seus multiplos e submultiplos. Grammo, sua definição; seus multiplos e submultiplos. Systema monetario brasileiro.

Resolução de problemas faceis sobre as 4 operações e sobre a avaliação do comprimento, da superficie, do volume, da capacidade e do peso.

GEOGRAPHIA

1. — Principaes denominações dadas aos accidentes geographicos.

2. — Paizes, povos. Governos, raças, linguas, religiões. Estados, provincias, cidades, capitaes.

3. — As seis partes do mundo: America. Europa, Asia, Africa, Oceania e Antarctica. Os continentes.

4. — Forma da Terra. Conhecimento do globo geographico.

Movimentos principaes da Terra (os dois fundamentaes, de rotação e translação). Eixo, polos. Equador, parallelos, tropicos, circulos polares. Meridianos. Coordenadas geographicas.

5. — Esphera celeste, astros. Planetas. Constellações, o Cruzeiro do Sul.

6. — Horizonte. Pontos cardeaes e collacteraes. Orientação pelo nascer e pelo pôr do Sól, pelo Cruzeiro do Sul, e pela bussola.

7. — Paizes da America do Sul. suas capitaes.

8. — Paizes da America do Norte, suas capitaes.

9. — Paizes da America Central e da America Insular, suas capitaes; distribuição politica da America Insular.

10. — Principaes paizes da Europa, suas capitaes.

11. — Paizes soberanos da Asia,

237/Bm

241

suas capitaes. Distribuição politica, summarias, das terras da Asia.

12. — Paizes soberanos da Africa, suas capitaes. Distribuição politica, summaria, das terras da Africa.

13. — Distribuição politica das terras da Oceania. Capital da Australia.

14. — Brasil, sua forma de governo, sua extenção e sua população; raça, lingua, religião, do povo brasileiro. Paizes vizinhos do Brasil.

15. — Estados do Brasil, suas Capitaes: Territorio do Acre, séde do governo. Districto Federal, a cidade do Rio de Janeiro, sua população.

16. — Accidentes mais notaveis do relevo brasileiro.

17. — Rios e lagos mais notaveis do Brasil.

18. — Accidentes mais notaveis do littoral brasileiro.

19. — Principaes artigos da riqueza do Brasil; em que ponto do territorio nacional se encontram taes riquezas.

HISTORIA DO BRASIL

1. — Descobrimento da America por Christovam Colombo, 12 de Outubro.

2. — Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, 22 de Abril. A data de 3 de Maio.

3. — Indigenas que habitavam o Brasil na época do descobrimento: principaes ramos e tribus.

4. — Exploração e colonização do Brasil até 1549.

5. — Capitanias hereditarias.

6. — Os tres primeiros governadores geaes.

7. — Invasão do Rio de Janeiro

2.38/BR

242

pelos francezes em 1555. Fundação da cidade.

8. — Os francezes no Maranhão.

9. — Invasões hollandezas.

10. — Entradas e bandeiras.

11. — Duclerc e Duguay-Trouin.

12. — Inconfidencia mineira.

13. — Transmigração da familia real para o Brasil. D. João VI.

14. — Revolução de Pernambuco em 1817.

15. — Independencia. D. Pedro I.

16. — Sete de Abril. Governos regenciaes.

17. — Segundo reinado.

18. — Guerra do Paraguay.

19. — Abolição do captiveiro.

20. — Proclamação da Republica.

21. — Governos republicanos.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

1. — Idéa de gravidade: queda dos corpos, peso, densidade, fio de prumo, nivel.

2. — Estados physicos dos corpos.

3. — Idéa de força, equilibrio. trabalho, força viva. Machinas simples. Inercia.

4. — Balanças.

5. — Vasos communicantes. Fluctuação.

6. — Atmosphera, pressão atmospherica, barometros Bombas. Aerostatos.

7. — Som, sua propagação em ondas. Echo. Escala musical. Instrumentos musicaes. A voz humana. O phonographo e apparelhos congeneres.

8. — Luz, sua propagação. Corpos transparentes, opacos e translucidos. Sombras. Camara escura, Photographia. Espelhos Prismas. Lentes. Instrumentos de optica.

9. — Calor. sua propagação. Temperatura. Mudanças de estado dos corpos. Dilatação dos corpos.

239

Thermometros. Fontes de calor. Machinas de vapor.

10. — Magnetismo : imans, agulhas magneticas, bussola.

11. — Electricidade : producção e caracteristicos. Corpos bons conductores e corpos máos conductores. Machinas electricas. Scentelha. Raio, pararaios. Corrente electrica. Pilhas. Dynamos. Luz electrica. Motores electricos. Telegrapho. Telephones. Ondas electricas. Raios X. Telegraphia e Telephonia sem fio.

12. — Corpos simples e corpos compostos. Mistura e combinação. Atomos e moleculas.

13. — Agua, sua composição. Filtração, distillação.

14. — Ar, elementos de que consta.

15. — Carbono, anhydrido carbonico, acido carbonico, oxydo de carbono.

16. — Metaes, seus caracteres. Minerios. Ferro, aço, a tempera. Cobre. Bronze. Latão. Chumbo. Estanho. Aluminio. Ouro, Prata. Platina. Mercurio.

17. — Oxydos metallicos, acidos, bases e saes.

18. — Idéa summaria dos compostos organicos.

19. — Os vegetaes. Partes de que constam. Nutrição dos vegetaes.

20. — Idéa summaria de classificação dos vegetaes.

21. — Os animaes interiores.

22. — Idéa geral dos arthropodes e dos moluscos.

23. — Vertebrados.

24. — Especie humana. Parte em que se divide o corpo humano.

25. — Esqueleto, systema muscular, systema nervoso.

26. — Orgãos dos sentidos. Os sentidos.

242/B

27. — Apparelhos da vida de nutrição.

28. — Noções geraes de hygiene: a saude e a molestia: asseio, cuidados hygienicos, exercicios.

DESENHO

I. — Definições geraes: o espaço, ponto, linha, superficie e corpo; comprimento, área e volume.

Classificação e traçado das linhas e dos angulos. Parallelas e perpendiculares.

II. — Conhecimento elementar da morphologia geometrica e sua applicação ao traçado a mão livre das figuras planas:

a) triangulos e suas classificações;

b) quadrilateros: distincção entre o trapezio, o parallelogrammo, o rectangulo, o losango e o quadrado.

c) polygonos em geral; sua classificação quanto ao numero de lados e traçado de diagonaes e bissectrizes dos angulos internos;

d) a circumferencia: traçado do raio, do diametro, da corda, da flecha, da tangente e da seccante;

e) ellipse: eixos, fócos, tangentes e seccantes;

f) oval e espiral.

III — Noções elementares sobre as superficies planas.

a) definições geraes sobre a posição dos planos; planos parallelos; planos perpendiculares; planos seccantes;

b) diêdros e triêdros.

IV — Conhecimento elementar da morphologia geometrica applicada aos solidos:

a) polyedros regulares: tetraêdro, octaêdro, icosaêdro. Hexaêdro e icosaêdro;

241

b) polyedros irregulares : prisma e pyramide ;

c) corpos de revolução : cylindro, cone e esphera.

MORPHOLOGIA GEOMETRICA

1. — Linhas : recta, curva, quebrada, mixta. Horizontaes, verticaes, inclinadas. Parallelas, perpendiculares, obliquas, parallelas equidistantes ; linhas convergentes e divergentes.

2. — Angulos : rectilineo, curvilineo, mixtilineo ; agudo, recto-obtuso. Vertice, lados, bissectriz. Angulos adjacentes, oppostos, complementares e supplementares.

3. — Triangulo : acutangulo, rectangulo, obtusangulo ; equilatero, isosceles, escaleno. Vertices, lados, angulos internos, angulos externos ; base, alturas, medianas, bissectrizes, cathetos, hypothenusa.

4. — Quadrilateros : lados, vertices, angulos internos e externos, diagonaes. Parallelogrammos. Rectangulos. Trapezios isosceles, rectangulos e escalenos ; bases, base média, altura. Quadrado. Losango ou rhombo.

5. — Polygonos em geral ; lados, vertices, angulos, internos e externos, diagonaes. Nomes dos principaes polygonos. Polygonos regulares e polygonos irregulares. Apóthema de um polygono. Polygonos convexos e polygonos não convexos. Angulos reentrantes. Polygonos estrellados.

6. — Circumferencia e circulo. Centro. Arco, corda, diametro, raio, flexa, tangente, seccante ; angulo central, angulo inscripto ; sector circular, segmento circular, zona corda.

7. — Polygonos inscriptos e polygonos circumscriptos.

242/pm

246

8. — Elipse, oval, parabola, hyperbole, espiral, helice.

9. — Polyedros : faces, vertices, arestas, diogonaes. Angulos diedros, triedros e polyedros. Tetraedro, cubo, octaedro. Prismas rectos e obliquos. Pyramides rectas e obliquas. Troncos de prisma e de pyramide. Parallelipipedo.

10. — Principaes corpos redondos : esphera, ovoide, ellipsoide, cône e cylindro, troncos de cône e de cylindro.

INSTRUCÇÃO MORAL E CIVICA

1. — Conhecimento pratico dos principaes deveres da vida individual, relativos ao corpo, á sensibilidade, á intelligencia e á vontade ; asseio, hygiene, temperança, instrucção, verdade, sinceridade, discreção, modestia, força de vontade, dominio de si mesmo, pa-

ciencia, firmeza, coragem, trabalho.

2. — Conhecimento pratico elementar do fundamento moral da familia ; o matrimonio, união livremente consentida e indissoluvel do homem e da mulher. Elementos essenciaes da familia : pae, mãe e filhos. Laços de parentesco. Solidariedade entre os membros da familia.

3. — Conhecimento pratico dos principaes deveres da vida domestica, especialmente os dos filhos para com os paes, e os que existem entre irmãos. O amor da familia.

4. — Idéa da sociedade e solidariedade e deveres que dahi decorrem : virtudes pessoaes e virtudes profissionaes. Justiça, equidade, civilidade, bondade. Valor social do exemplo dos homens virtuosos. Objecto da justiça.

243
PL

5. — Idéa da Patria, nação, povo, paiz. Elementos essenciaes da Patria.

6. — Principaes deveres geraes para com a Patria. O patriotismo, o serviço militar, a disciplina, a collaboração no bem publico.

7. — Idéa do governo: o governo no lar, na escola, na sociedade em geral. Necessidade do governo; o erro do anarchismo, suas consequencias. Noção do fundamento da autoridade publica na vontade esclarecida do povo.

8. — Principaes fórmas de governo dos paizes civilizados: monarchia e republica. Superioridade de forma democratica.

9. — Idéa de lei. Obediencia que devemos ás leis. Principaes leis de um paiz: a Constituição, o Codigo Civil, o Codigo Penal.

10. — Organização politica do Brasil. Federação, suas unidades.

Governos do Brasil; federal, estadual, municipal. Idéa muito summaria das attribuições de cada uma dessas ordens de governo. Meio essencial e legitimo de governo: a lei.

11. — Divisão dos poderes do Governo. O Poder Executivo: suas attribuições geraes; quem o exerce; como se effectua a escolha do Chefe da Nação e de seus auxiliares.

12. — O Poder Legislativo; suas attribuições geraes; quem o exerce; como se effectua a escolha de seus membros. Importancia do suffragio popular.

13. — Idéa summaria de como se fazem as leis. Principaes leis com que se governa o Brasil: idéa da Constituição, dos Codigos e das principaes leis avulsas de interesse geral, como as do ensino, do serviço militar, etc.

249/BL

248

14. — Conhecimento summario dos dispositivos principaes da Constituição, principalmente no que toca á definição das condições de cidadania, e á declaração dos direitos do cidadão brasileiro.

15. — Principaes deveres do cidadão : obediencia ás leis, respeito da autoridade, collaboração do governo por meio do voto. amor á Patria acima de todos os interesses de ordem privada.

16. — O Poder Judiciario ; suas attribuições ; por quem é exercido ; como se effectua a escolha de seus membros. Dignidade da magistratura, prerogativa dos magistrados.

17. — Restricções necessarias á liberdade, para o bem commum : a repressão dos crimes ; o estado de sitio.

18. — Garantia contra a arbitrariedade do poder : a responsa-

bilidade de seus agentes ; o *habeas corpus*.

19. — Conhecimento dos dias de festa nacional e das razões de sua escolha.

20. — Idéa summaria da vida internacional : deveres das nações, umas para com as outras. A Liga das Nações, seu objectivo. Os tratados internacionaes. Meios de dirimir os disidios : o accordo mutuo, a mediação, o arbitramento. A guerra externa ; caracteres da guerra justa. Orientação politica do Brasil nas relações internacionaes : nossos tratados de arbitramento, a obra de Rio Branco.

Haverá uma prova escripta de portuguez e calligraphia e outra de arithmetica, sendo esta acompanhada de uma parte graphica de morphologia geometrica e desenho. Ambas estas provas são eliminatorias.

244

A calligraphia será apreciada na prova de portuguez que constará de um dictado de 15 linhas impressas, de escriptor nacional contemporaneo.

A 2.ª prova escripta constará: a) da resolução de tres questões elementares e praticas de arithmetica; b) da representação graphica singela, a mão livre e a lapis, das principaes figuras geometricas.

246/BL

247/B

Ill.mo Sr. Dr. Nogueira da Gama
M. D. Director do Gymnasio de Campinas

Henrique Maximiano Coelho Netto pede a inscripção do seu nome entre os dos que concorrem á prova a que vai ser submettida a 2ª cadeira (Litteratura) do Gymnasio de Campinas e apresenta a V. S. as certidões exigidas por lei compromettendo-se a completar os documentos com os certificados que lhe devem ser remettidos do Rio, os quaes serão a V. S. entregues antes do concurso, até o dia do concurso.

Campinas 31 de Maio de 1901

REPUBLICA BRAZILEIRA ESTADO DE S. PAULO IMPOSTO DE SELLO REIS 300 REIS

Henrique Maximiano Coelho Netto

Lim. Campinas
31 maio 1901
Geraldo

248
BL

auxilio da imprensa, para ajudal-as em sua ardua tarefa, apresentão-se sulcando o tormentoso pélago do jornalismo.

Serão os pequenos fructos de nossas locubrações e nossos trabalhos que faremos apparecer perante o publico.

Serão as phases da vida da nossa sociedade, os acontecimentos mais importantes de sua existencia, as victorias que fôrem alcançando, porisso dêo ao seu jornal o nome de suas—MEMORIAS.

Desde já presentimos o espirito de zoilismo que se ha de levantar como um phantasma para esmagar nossos esforços; no entretanto nos resignaremos; não nos falta animo e coragem para levar ao cabo nossa tarefa.

Aquelles, porém, que comprehenderem a puresa de nossas intenções, conhecerão que são apenas ensaios, darão os devidos descontos ás nossas faltas e tão sómente com a consideração d'estes ficaremos contentes.

Deus nos ajude em nossa missão, e corôe com a victoria os nossos esforços.

S.

DIREITO NATURAL.

POLYGAMIA.

Polygamia é o casamento simultaneo de um homem com muitas mulheres.

Este systema de casamento que foi seguido pelos povos antigos, e que ainda é, infelizmente, admittido por muitas nações modernas, é detestado pelo bom senso d'aquelles que não considerão as cousas só pelo seu exterior. Elle, contrario, por sua naturesa, aos principios de equidade, nos dá uma prova exuberante dos desvarios que a humanidade tem soffrido no seu caminhar. Quando se procura saber quaes fôrão as causas que produzírão esta especie de casamento tão extravagante depara-se com os escriptores, que tem tratado d'esta materia, divididos em diversas opiniões. Uns pretendem vêr a sua causa, na influencia de um clima quente. Esta opinião porém é refutada quando a Historia e mesmo as relações dos viajôres provão, que nos paizes frios do norte, os attentados contra o pudôr são em maior numero que nos paizes cálidos do sul. Outros dizem que a sua causa era o dezejo ardente que tinhão os povos primitivos de augmentar a sua próle. Esta opinião podia ter mais valor se os seus partidarios pudessem provar que á união de muitas mulheres á um só homem faz com que ellas deixem de ser estereis, ainda mesmo que o sejão por sua naturesa, ou que o homem que é naturalmente esteril torna-se fecundo, unindo-se á muitas mulheres.

A verdadeira causa da polygamia era, como bem dizem alguns escriptores, (cuja opinião seguimos) o abuzo que se fazia, por meio da força, dos direitos dos mais fracos. A humanidade, como sabemos, era em seu berço, bem como uma criança que alimenta-se mais da vida dos sentidos que da do espirito; por isso deixando impressionar se pelo caracter cosmologico da naturesa, esquecia-se de contemplar as cousas em sua naturesa intima para admiral-as exteriormente.

Na infancia da humanidade, n'essa época do materialismo em seu maior auge, a mulher, sublime producção do Creador, foi victima do juizo erroneo de alguns philosophos; ella foi, pela illusão dos philosophos d'aquella época, degradada a ponto de tornar-se um objecto de commercio. Desde então, é claro, que a acquisição de muitas mulheres era facil para aquelles que podião commerciar em alta escala. Não era consultada a vontade da mulher, mas sim a de seu pai, por quem pretendia compral-a. Logo que se realizava a compra, a mulher ficava pertencendo á seu marido sugeita á condição de escrava, elle podia dispôr d'ella do mesmo modo porque um Senhor dispõe de uma escrava.

252

MEMORIAS

DA ASSOCIAÇÃO

CULTO Á SCIENCIA.

NUM. 1.° S. PAULO.—TERÇA-FEIRA 10 DE MAIO. 1859.

INTRODUCÇÃO.

Em seo caminhar constante, a humanidade váo deixando gravadas em lettras indeleveis no pedestal dos seculos, os seus esforços apról da civilisação e do progresso.

A lei do aperfeiçoamento humano se ostenta mais brilhante em cada geração, que se succede, e se alguma vez se esconde por entre os nevoeiros de uma épocha, é apenas para recuperar novas forças em suas lides incessantes, e adiante apresentar-se mais lusente.

O homem, trabalhando sempre para attingir essa felicidade, que em seu berço desvendou-lhe o Creador Supremo, se acérca das tradições passadas, tinctas aqui de sangue, sublimes alli de sacrificios, desce ás ruinas dos imperios, aos destroços dos palacios e dos templos, investiga as causas e os effeitos e nas azas do raciocinio se eleva ás regiões da luz.

E a humanidade avança sempre e a civilisação como a corôa de seus triumphos acompanha-a ornando-lhe a fronte.

Filha d'uma geração que lá se váo cheia de tradições gloriosas, deixando o seu nome eterno para toda a posteridade, não podia a mocidade academica contemplar muda e fria os esforços de seus antepassados, o quadro sublime da humanidade em seu progresso. Enthusiasta e ardente pela causa da sciencia, ella trabalha para despir as vestes poerentas da ignorancia e ornar-se com as galas da verdade. Assim, muitas associações scientificas se tem formado n'esta cidade, e não pequenos auxilios já tem prestado á causa das lettras, lançando d'essa maneira um brado de indignação contra o indifferentismo da actualidade, e o imperio do materialismo que reina garboso em nosso paiz.

Entre ellas uma se apresenta que batalhando na mesma arêna, pelejando pela mesma causa, inscrevêo em seu estandarte um nome, que exprime o seu fim e seus desejos—Culto a' Sciencia.—

Filha da convicção intima da necessidade do cultivo das lettras e do desenvolvimento intellectual em seu paiz, ella dêo começo ás suas lides scientificas no dia 11 de Agosto de 1857.

Fundárão-na alguns—jovens em cujo peito ardia o sacro amor da sciencia, e de então não medindo a altura dos obstaculos que se levantárão em seu passar, não contando o numero dos sacrificios, elles não tem poupado esforços para o conseguimento de seu fim.

Hoje, reconhecendo indispensavel o

249/BL

Não damos maior desenvolvimento a esta questão por nos parecer desnecessario.

S. Paulo, 13 de Abril de 1859.

Pedro de Araujo Leite.

CHRONICA DA ACADEMIA DE S. PAULO.

Aos grandes homens, directa ou indirectamente, devem as nações toda sua grandeza e felicidade, por que elles são, por assim dizer, os paes d'essa grande familia.

Não foi, pois, sem razão, que algumas, ainda as menos civilisadas da antiguidade, fizerão apotheose de seus sabios e guerreiros. Napoleão, o maior homem que o mundo tem visto, não derramou tanto sangue senão para acabar de dar á Europa a primasia que hoje tem sobre as demais partes do globo.

E não ficárão, como sabemos, circumscriptos sómente n'aquella parte os grandes beneficios que lhe trouxe esse homem, que a Providencia já tinha destinado para os tempos modernos, por que o mundo antes de Colombo não bastava para conter seu nome. A influencia d'esse meteóro se fez sentir mais longe, e a luz que elle espalhava reflectio além dos mares. O Novo-Mundo, que se hia libertando do captiveiro, decifrou a palavra—civilisação—que elle escrevia com seu gladio tinto de sangue. O Brasil recebeo por tanto a grande parte que por direito lhe competia n'essa grande partilha. Finalmente os Andradas—os apostolos de nossa liberdade—completão com o grito da Independencia, essa grande obra que, sem pensarem, havião outros começado. E á este facto, como consequencia, é que deve o Brasil o seu engrandecimento material, e o contar hoje em seu seio uma tão esperançosa mocidade que ha de leval-o a disputar com as outras nações a palma da civilisação. A sua realisação está annunciada no progresso que ella tem feito em consequencia do grande talento e dedicação com que lhe dotou a natureza.

E' o que está exuberantemente provado, e ninguem ousará contestar, ao menos quanto á nossa Academia, de cujos progressos somos testemunha ocular. Além d'essa natural tendencia, aqui outras causas grandemente concorrem para tão bons resultados. A localidade, a mais propria que podião escolher, se não resume todas em si, ao menos tem entre ellas o principal lugar.

Decorada com muitos e variados dotes, ella offerece, quaes os sitios da antiga Grecia, as mais bellas recordações a imaginação calma do philosopho, e inspira o poeta, que vive sempre embebido nas bellezas da natureza.

Demais, tambem o silencio profundo da cidade, as estreitas relações com as outras classes, a falta de certos divertimentos, o que tudo se explica por—cynismo—em nossa phraseologia, arrastão-n'os á noute, ás vigilias do gabinete.

Alli, preoccupado ainda o philosopho com as bellas tradições d'esta patria de heroes; com as associações do nome Paulista que tão espontaneas lhe vierão; revolve na mente toda philosophia, e percorrendo seus diversos periodos, entra a final no mundo da Metaphysica.

Procurando quem, mais do que elle, seja conhecedor *d'essas regiões*, revolve Kant, Jouffroy, Cousin; estuda seus diversos systhemas, approva uns, refuta outros, e acaba, como philosopho, por estabelecer tambem um para si. Estuda tanto, medita com tal attenção, que sahe mais convencido da verdade do que Galileo quando sustentava o systema de Copernico perante a inquisição Romana. O poeta, tendo por sua vez na mente este céo tão puro como o da Italia, os encantadores sitios que se divisa ao longe, as floridas margens de seus rios, a extensão que abrange tão espaçoso horisonte fica como que fóra de si, e transportado para o céo da poesia, repete com o poeta de Mantua «ab Jove principium, musæ.»

Inspirado ali por Erato e Calliopse, que elle invoca em seu extasis, recorda-se dos mais poeticos objectos com que

253

O que admira é que esta instituição, oriunda de um paiz despotico como o Oriente, fosse admittida na Grecia paiz cuja liberdade é proverbial. Da Grecia a polygamia passou a Roma e estendeu-se até ás nações modernas. O philosopho Chrysippo aconselhava, porém inutilmente, que as crianças fossem educadas por philosophos, por causa de certos prejuizos que ellas adquirem na infancia que as acompanhão até o tumulo; assim é a humanidade que adquirio, em sua infancia, certos prejuizos que parecem querer acompanhal-a sempre apezar dos esforços que a civilisação tem feito para dissipal-os.

A polygamia é absurda pelo seu fundamento e horrivel pelos inconvenientes que d'ella resultão. Ella funda-se no falso juizo que alguns philosophos antigos fazião da mulher, negando-lhe dons e predicados que o Creador lhe concedêra, os quaes hoje são, quasi geralmente, reconhecidos. Pensavão elles que a mulher não é dotada das mesmas faculdades que o homem, e baseados n'isto aniquilavão barbaramente a sua liberdade, tornando assim deploravel a condição do ser que é, como bem diz o Snr. Ahrens, o complemento da humanidade. Mais tarde, os abuzos que tinhão aviltado a condição da mulher a ponto de fazer d'ella um objecto de commercio, fôrão destruidos pelo progresso da civilisação, e a Philosophia conseguio demonstrar com toda a evidencia que a mulher é dotada das mesmas faculdades que o homem. E' verdade que as faculdades na mulher parecem ser mais fracas que no homem; mas assim não é, por que ella, creada para occupar-se em um trabalho todo diverso d'aquelles que occupão a attenção do homem, mostra, no comprimento de seus deveres domesticos, uma actividade igual e, ás vezes, superior á do homem. Demais, se a mulher não chega, como o homem, a apparecer no mundo da sciencia não é por incapacidade, mas sim por que os seus deveres domesticos não lhe deixão tempo para entregar-se á meditações muito profundas. Tanto ellas não são incapazes de occupar um lugar importante na sciencia, que a Historia nos apresenta muitas mulheres dignas de admiração pelo seu saber; taes são, por exemplo, Aretéa filha de Aristippo, que aprendeu tambem a Philosophia, que chegou a explicar, depois da morte de seu pai, as doutrinas philosophicas que este ensinava; M.me de Staël tão celebre e tão conhecida pelos litteratos, M.me Gay e outras muitas que seria longo enumerar.

Refutado, como temos, o juizo erroneo que se formava da mulher, na antiguidade, concluimos que a polygamia é falsa pelo seu fundamento, porque ella se fundava n'esse juizo. Os inconvenientes da polygamia vão apparecer pelas considerações seguintes:

E' essencial a toda a sociedade, para a sua existencia, serem uns dotados de maiores recursos que outros, serem uns muito ricos e outros muito pobres; ora os ricos, (admittida a polygamia) por isso mesmo que dispõe de sobejos recursos, pódem chamar a si muitas mulheres, e prejudicarem d'este modo aos individuos da sociedade que fôrem baldos de recursos; logo a polygamia é inconveniente porque autoriza uns a possuirem muitas mulheres, e obriga outros a viverem solteiros toda a sua vida.

Uma sociedade qualquer (idéa do Snr. Cousin) é tanto mais moralisada quanto mais moralisados são os individuos de que ella se compõe; mas para que a sociedade receba em seu gremio individuos moralisados, é necessario que o fóco domestico moralise seus filhos, ora isto a polygamia não póde fazer, porque ella é essencialmente immoral; logo a polygamia é inconveniente porque traz a immoralidade á sociedade. E, com effeito, quem ouzará dizer que a polygamia não é immoral, quando nós sabemos que as mulheres do polygamo são de tal sorte devoradas pelo ciume que chegão a propinar veneno áquellas mesmas que são suas companheiras de infortunio, e a trespassar-lhes o peito com aguçados punhaes?

Temos apresentado em pequenas proporções as nossas idéas a respeito da polygamia, e acreditamos ter manifestado quanto a detestamos.

se de galas para celebrar com enthusiasmo o mais sagrado dia do Brasil. Os espiritos, porém, que reconhecem que o progresso é a vida, não podiao ficar estacionarios, e como surdos ás reclamações dos tempos.

Era preciso, pois, que estas duas associações outras irmãs tivessem para coadjuval-as no nobre empenho de conquistar a Sciencia. Convencidos d'estas necessidades, e cheios de nobres aspirações, alguns jovens estudiosos, que então cursavão o Collegio do Snr. Dr. Vicente Mamede, fundárão, no dia 11 de Agosto de 1857, uma outra associação, a que, em honra do estabelecimento, dérão o titulo de—Culto á Sciencia.—Foi, na verdade, humilde em sua origem porque o nome de seus fundadores não erão então conhecidos no mundo academico, e seu primeiro grito não foi ouvido nos vastos salões, nem reboôu pelas abobadas da Academia. Mas que importa? Nada tem com o fim a origem das cousas; é muitas vezes esta mesma humildade o mais forte argumento contra certos prejuisos, e sufficiente em si para repellir qualquer sarcasmo. O Amasonas, que impelle com furor as aguas do Atlantico, o rei dos rios na bella expressão do Snr. Magalhães, não é em Laricocha onde tem a sua origem mais que o humilde Tinguragua.

Firmada sôbre bases mui solidas, escudada com a protecção valiosa de algumas pessoas importantes, esta associação não tem até hoje desmentido o titulo que tão briosamente abraçára. E pois (a continuar assim), podemos desassombradamente assegurar, que ha de prestar, para o futuro, relevantes serviços ás lettras, e fazer muita honra ao nosso curso juridico.

Posteriores á esta, apparecêrão mais 2 outras associações litterarias—Ypiranga e Instituto Academico—á frente das quaes está o Snr. Dr. José Tell Ferrão, que tem tomado uma parte muito activa em pról da nossa causa. A creação d'esta ultima teve lugar depois de sérias discussões, em que tomárão parte as principaes illustrações academicas, cujas vozes eloquentes echoárão por muitos dias em um congresso numeroso, illustrado e imparcial. Esta sociedade se divide em tantas sessões, quantos são os annos do curso, e estas, em subsessões correspondentes ao numero de cadeiras. N'ella só se trata das materias dadas nas aulas durante a semana, tem um caracter magistral, é, por assim o dizer, um reflexo da Academia. —As duas primeiras destas associações não tem só triumphado pelo lado da tribuna.

Dous jornaes bastante conhecidos que ellas de ha muito tempo publicão, tem offerecido aos seus lidadôres as mais brilhantes corôas de gloria, e estampado esses nomes illustres, que nos enchem de enthusiasmo, como o de Napoleão, que electrisa o soldado Francez. Convencidos de que a imprensa deve sempre acompanhar a tribuna, os socios do —Culto á Sciencia—se esforçárão tambem para satisfazer a essa imperiosa necessidade que já se fazia sentir. Não foi ha mais tempo satisfeita porque emprezas taes como esta, tanto pelo lado material, como intellectual, nos offerecem difficuldades muitas vezes insuperaveis. Mas, apesar d'isso, conseguimos em fins do anno passado crear as presentes memorias que hoje temos a honra de offerecer ao publico.

Essas difficuldades, porém, com que até aqui temos lutado, ainda nos parecem de muito pouco momento comparadas com as que antevêmos contra a continuação do nosso trabalho. Esperamos com tudo, que havemos do mesmo modo vencêl-as, porque temos como um dever não recuar um só passo—esgotar as forças que de novo cobramos e dizer a final como Cesar «jacta est alea.» Cada uma d'estas creações parece ser entre nós gritos de animação pelos quaes outros guerreiros, ás vezes mais valentes, saltão a par ou á frente de quem os dá.

Posterior á creação de nossas—Memorias—acaba, pois, de nos vir ás mãos o primeiro numero da Revista academica que folgamos de noticiar ao publico, e com especialidade á mocidade estudiosa, que deve recebel-a com amor fraternal. Este jornal, cujas bases promettem que elle hade ser a regeneração de nossa

muitas vezes tem sonhado. Ello divisa logo o branco cysne adejar sobre as prateadas aguas do Meandro; a aguia dos Alpes levantar seu vôo altivo, e o condôr dos Andes sumir-se na immensidade do espaço: vê Tasso brincando nos jardins de Sorrento, o Pindo, o Parnaso, elevarem até aos céos seus altivos cabeços, Hypocrene brotar do Helicon, e o Eurotas deslizar-se veloz para o mar da Laconia.

Sua inspiração eleva-se a tanto que não só vê esses objectos, mas ainda ouve depois o estrondo do Niagara, das cataractas do Nilo, o sussurrar das brizas que soprão nas campinas, a voz melodiosa da philomela, e finalmente até chega a sentir um braço angelico roçar-lhe as faces, um collo de alabastro descançar em seu seio. Entregue finalmente ás muzas, elle não lê, mas devora Dante, Virgilio, Tasso e outros. E com a leitura d'estes poetas que elle procura imitar, não lhe tarda muito a crear sua Leonor, sua Beatriz, tão bella como a Venus do Oceano, e a emprehender em seu louvor uma ode, uma canção, um poema emfim. Mas antes de terminado esse parto de sua imaginação ardente, que já não se lembra mais das bellas curiosidades da natura, elle não é mais o cantor apaixonado —é Orpheo que desce aos Infernos para arrebatar Euridice, é Castilho que diz pela boca do cioso bardo «mulher pura e fiel não ha, nem houve.»

Eis, pois, donde nasce a mania de poetisar de que sômos, não sei porque, tão fortemente acoimados. E' uma impiedade pretender-se tolher o vôo altivo do genio, desviar o homem d'aquillo para que o arrasta sua natural inclinação.

Todo estudo é util, deleita, ilustra, celebrisa o homem quando é, como cumpre, sufficientemente cultivado; porque o homem só é grande n'aquillo para o que nasceu. A celebridade do poeta não é, como alguem pretende, tão vã como a de um Erostrato, que queimou o magnifico templo de Diana. E' porém forçoso dizer que são muito archyperbolicas as accusações que nos fazem, porque a poesia não absorve, como querem, o tempo da maior parte da mocidade; é pelo contrario para esta, uma innocente distracção dos sérios estudos de philosophia, historia e jurisprudencia. Que triste degradação não seria se os filhos d'esta Academia nada mais vissem além dos horisontes da jurisprudencia! E' preciso que o jurisconsulto seja tambem, além de philosopho, escriptor e litterato, (1).

Em Coimbra, onde se tinha em tão alta conta o Direito, era o ornamento da Universidade a pleiade brilhante de litteratos e poetas brasileiros, que tornárão-se credores do respeito e apreciação em que os tinhão os filhos da velha Europa..... Esta analyse, porém, já váe se apartando muito do nosso proposito: como quer que seja, o que nos cumpre provar é que a mocidade aproveita aqui muito melhor o tempo do que se estivesse a Faculdade na capital do Imperio. No meio d'aquella confusão, de tantas e variadas distracções, nem para a cultura das musas haveria lugar, ao passo que aqui a idéa predominante é o estudo. Cada dia novas bandeiras se arvorão, a mocidade enche-se de uma nobre emulação e fica possuida de um novo enthusiasmo. As associações litterarias, longe de se enfraquecerem com a retirada dos socios que completão a sua carreira juridica, tomão cada vez mais força, mais vida, porque elles legão aos novos campeões o exemplo mais vivo de amor e dedicação ás nossas instituições academicas.

Ahi está o—Ensaio Philosophico—a mais antiga das nossas associações litterarias, que já conta dez annos de uma lide gloriosa, que tem podido vencer todos os obstaculos, e conservar sempre suas idéas de moderação. De uma fracção deste corpo, á que novos associados se unírão, formou-se não muito depois o —Atheneu Paulistano—que jámais desmentirá o caracter nobre de seus dignos fundadores, cujos nomes estão escriptos com honra em os nossos annaes academicos.

Sua inauguração solemne teve lugar no dia 7 de Setembro, e até hoje reveste-

(1) Não tomamos esta palavra na extensão que lhe dá Guisot.

251/Bl

vares de Abreu e Silva, deputado á Assembléa Provincial de Minas, e Aureliano Candido Tavares Bastos De tempos a esta parte tem havido, como nunca, uma grande affluencia ao grão de doutor em capêllo. Muitos outros candidatos que o pretendem tambem com justos titulos vão logo apresentarem-se.

As sociedades litterarias quasi todas já celebrárão as suas sessões de abertura para começarem os trabalhos d'este anno.

A do—Culto á Sciencia—que teve lugar no dia 27, foi magna, porém sómente entre os socios, conforme as disposições dos seus estatutos, os quaes já se achão no prélo. Depois do recebimento de grande numero de socios effectivos, que tomárão assento, o Presidente —o Snr. Brito Junior—abrio a sessão com um bem expressivo e eloquente discurso. Teve depois a palavra para fazer o discurso official, como orador competente, o Snr. F. C. de Abreu e Silva. Orárão ainda na qualidade de socios os Snrs. Araujo Leite, João Carlos, Pestana e A. M. dos Reis. Foi marcada e teve lugar no dia 2 do corrente a primeira sessão ordinaria d'este anno. Fôrão marcadas para discussão—uma these de Historia, e outra de Direito Romano, porém por falta de tempo só entrou a primeira. Como proponente d'esta these, orou em primeiro lugar o Snr. Vieira de Carvalho. Com toda calma, e com sua nunca desmentida eloquencia, começou o seu discurso desenvolvendo estas palavras do Snr. Michelet « quando Luiz XIV disse—o estado sou eu « estas palavras não erão filhas do orgulho, mas a simples enunciação de um facto. » Analysado o reinado d'este grande rei, passou o orador a tractar da guerra da successão Hespanhola.

Depois d'elle, coube a palavra ao Snr. Pedro d'Araujo Leite que se oppôz com igual força de eloquencia contra a monarchia hereditaria.

Por falta de tempo os Snrs. Brito Junior, Gervasio Mancebo, fôrão muito laconicos em seus discursos, e outros que estavão inscriptos para a discussão não podérão fallar, porém, como é de suppôr, reservárão-se para a sessão seguinte.

Cheia de esperança, e como sempre animada, acreditamos que esta Associação seguirá sempre esta marcha, não desmentindo o caracter do Ensaio e Atheneu—que lhe dérão o exemplo de patriotismo e da mais firme constancia. E pois fazemos votos para que perdurem os mesmos laços de amisade que tem prendido todas as nossas Associações, de sorte que possão fazer entre si uma como confederação litteraria. Vêr cada vez mais desenvolvido o amor ás lettras, ás nossas instituições, e engrossadas nossas fileiras —eis o que devemos tão sómente desejar; sejão embora mal interpetrados algumas vezes nossos esforços, e diga o vulgo ignorante, inimigo por consequencia do progresso, que a copia de bachareis que sahe de nossas academias, é um atraso para o paiz. Não admira que assim pense o vulgo, pois que o fallecido Alves Branco, varão tão erudito, chegou a apresentar na qualidade de ministro da justiça em 1835, como medida essencial, o fechamento temporario dos nossos cursos juridicos!! Eis uma d'essas occasiões que não podemos deixar de repetir com Horacio:

Quandoque bonus dormitat Homerus.

S. Paulo, 3 d'Abril de 1859.

M. de S. Bueno.

A QUEBRA DO JURAMENTO.

I.

Era uma encantadôra noute de verão. A lua mostrava-se radiante e bella recostada em seu leito azulado do céo, prateando as ondas mansamente impellidas pela brisa.

A natureza silenciosa parecia encantada de sua propria bellesa.

No entanto ouvia-se ao longe o som magico de uma orchestra.

Era um baile.

As ondas vaporosas dos perfumes exalados pelas flôres, o brilho das luzes que reflectia-se nos olhares fulgentes d'esses anjos, ou seraphins do Elyseo a quo chamão mulheres, o rossegar das sedas,

285

imprensa, é um grande serviço que á mocidade prestão os seus dignos fundadores. Está auxiliado, segundo nos consta, por algumas pessoas que gosão de bastante prestigio; pois é uma das condições para a estabilidade de nossas cousas, porque a mocidade, ainda que forte e animada, precisa todavia de ter *os seus Mecenas*. Não foi por outro meio que nos tempos antigos florecêrão as lettras na côrte de Octaviano Augusto, e que Luiz XIV, que immortalisou seu seculo, vio a côrte de Paris tão decerada de sabios. Foi da idéa de sua creação, e é um de seus principaes redactores o Snr. José Vieira Couto de Magalhães, cujo nome só por si faz entre nós a apologia d'esta nova producção.

Ha de haver talvez quem pense, e até que diga, que á vista d'este, o nosso jornal não tem écho, e que não podendo resistir á sua luz deslumbrante, deve necessariamente morrer. Quem porém pensar com mais reflexão e baseado em principios, ha de dar antes como necessidade o contrario d'aquillo, visto como militamos debaixo das mesmas bandeiras, pugnamos pela mesma causa e são communs nossas victorias. Nós não vemos no Snr. Magalhães senão o nauta amestrado que, retirado por algum tempo dos mares do jornalismo, toma de novo o leme de sua náu, para nos mostrar os perigos, e salvar-nos da mordacidade fazendo respeitar nossas bandeiras.

—Váo em breve sahir á publicidade a—Lyra dos vinte annos—nova composição do mesmo Snr. Magalhães, que se propõe em sua obra a levantar do esquecimento os nomes dos nossos antigos lidadôres, apresentando alguns de seus melhores trabalhos com a competente biographia do seu author. Será mais um incentivo á nossa emulação, um grito que despertará seus companheiros que dormem.

—Compartilhando estas idéas, o Snr. Nabuco de Araujo, estudante do quarto anno, dêo tambem á luz um drama—a Rosina—que mandou imprimir na Côrte, e foi ha pouco distribuido entre nós. Ainda não o lêmos, e deixamos por isso de emittir sobre elle nossos fracas idéas. Já bem commum entre nós, é o drama um dos ramos da litteratura que deve agora attrahir mais a nossa attenção, por que não devemos consentir que o nosso theatro seja em sua totalidade invadido pelas peças Européas.

Haja menos fe pelo que é estrangeiro, mais amor ou apreço ao que é nacional, que não ha de *causar espanto* apparecer composição que possa revalisar ao menos com as de Shakspeare, Racine, Corneille etc.—No dia 15 do mez passado, na fórma do costume, abrírão-se as aulas da Faculdade. As de preparatorios têem, algumas d'ellas, n.° muito maior do que o do anno passado. Na de philosophia mudou-se o compendio do Snr. Ponelle para o Barbo; assim como mudou-se o compendio de D. Ecclesiastico, que era Gmeiner, para Villela Tavares.—Felizmente já vão desapparecendo de entre nós certos costumes que herdamos da velha Academia de Coimbra.

Vem pois chegando o tempo de seu desapparecimento, e debalde procurarião resistir porque as trévas da ignorancia não pódem empecer a luz da civilisação que em seu curso váe mostrando os abysmos que ellas cobrião.

Os primeiro-annistas, cujo numero chegou a 124, fôrão portanto mais bem recebidos este anno do que os dos annos anteriores. Praza a Deus que lhes caiba a gloria de acabar por uma vez com esse divertimento, tão máo pelas suas consequencias. E' o maior anno que tem apparecido, porém em regra de proporção achamol-o muito pequeno comparando com outros de épochas mais remotas, porque—não devemos nem ao menos suppôr que retrogradamos. Apesar do juiso emittido pelo correspondente de certo jornal, elle conta, não em pequeno numero, moços assaz habilitados, já pelos seus talentos, como por alguns conhecimentos de que elles dispõem.

Vai tomar conta da primeira cadeira d'este anno, para a qual foi nomeado, o Ex.mo Snr. Dr. João da Silva Carrão, por se ter jubilado S. Exc. o Snr. Conselheiro Manoel Joaquim, Director da Faculdade. Defendêrão theses e sahírão approvados os Snrs. bachareis Hygino Al-

nunciavão que alli havia uma festa.

E em quanto que no templo de envolto com as nuvens do incenso, que ardia nos thuribulos, elevavão-se a Deos os canticos dos sacerdotes; lá fóra sob o verde tecto de folhagens dos caramanchões ouvia-se o estalar dos beijos nas taças de crystal e o arroxado dos vinhos misturar-se com o carmim dos labios.

Em um d'estes caramanchões, em roda de uma mesa assentavão-se seis moços de olhos brilhantes, e soberbas frontes.

Occupava a cabeceira o scismador da noute de luar, o mancebo das vestes negras, que perdêra o coração na noute do baile. Com o rosto apoiado nas duas mãos estava absorto em seus pensamentos, em quanto que os companheiros fazião uma algazarra infernal.

O amor é uma loucura, sonhos da imaginação!—clamavão uns.

E' o divino do coração humano!—bradavão outros.

Sim—exclamou o scismador—é o divino do coração humano!

Eduardo está apaixonado!—gritárão todos.

E o mancebo calou-se.... Em seu coração elle sentia a verdade d'aquellas palavras.

E a orgía continuou em todo seu vigor.

De repente se fez ouvir um surdo ruido vindo de fóra.

Eduardo, como que inspirado, saltou a porta do caramanchão e vio Laura vestida de azul.

Seus olhos brilhantes dominavão a multidão e fazião-na dizer baixinho—como é bella!—E assim murmurando affastavão-se todos em sua passagem.

Eduardo ficou frio como um marmore, e a perturbação que se divisava em seu semblante, fazia vêr claramente a emoção que sentia com aquelle apparecimento.

E como um écho seus labios repetirão—como é bella!

A moça ouvio, e em sua boca de rosa deslizou-se um sorriso, que exprimia o agradecimento.

O mancebo seguio a de longe, seguio-a com a vista, com o coração e com os passos.

Por algum tempo elle pôde acompanhal-a; mas bem breve o tumultuar do povo, o vaivem dos que passavão o separárão d'ella.

Não tinha escapado a Laura nem a expressão das palavras de Eduardo na noute do baile, nem sua perturbação na porta do caramanchão: ella o tinha comprehendido e talvez que em seu peito já não fosse um mysterio—o amor.

Por isso o olhára sempre desde que o víra n'aquelle lugar.

E o mancebo nunca percebeo aquelle olhar timido, que revelava a candura de sua alma.

No entanto Eduardo vagava como um louco por todas as avenidas, por todos os lugares á procura de seu anjo.

Depois de muito vagar—entrou no templo.

No primeiro passo, que elle dêo ao transpôr o limiar da porta, avistou Laura de joelhos: seus olhos fitos no altar, seus labios entreabrindo-se para deixar passar algumas preces dirigidas ao Creador, a candidez e serenidade de seu semblante davão lhe um encanto divino, um encanto arrebatador.

Era um anjo dos céos trajando as vestes humanas, uma fada mysteriosa que desceo á terra.

E o mancebo arfando de cansaço e cheio de amor se foi recostar n'uma das columnas da igreja, e ahi ficou por muito tempo contemplando-a n'um completo extasi.

Laura percebeo sua entrada, e lançou-lhe alguns olhares a furto. Depois, tendo terminado sua oração, ella levantou-se e sahio.

Ao chegar á porta seu velho páo dêo lhe o braço, e como sempre—acompanhou-a por entre a multidão.

Eduardo ficou ainda meditando mergulhado em seu scismar.

As pessoas que estavão no templo, fôrão sahindo e deixárão no solitario. Então um vulto embuçado atravessou pela frente de Eduardo, contemplou com olhar medonho aquella estatua recostada á columna e desappareceo por uma das portas lateraes.

Esta apparição accordou o mancebo de

o murmurio dos sorrisos, a bellesa de um sem numero de virgens que ornavão a salla erão de enfeitiçar e embriagar a mente, de arrebatar o pensamento e leval-o a essas regiões de phantasia, onde pairão os sonhos dos poetas.

As danças se succedião e a mocidade ardente, submersa n'um mar de prazeres e alegrias, entregava-se a seus encantos.

Em uma das ante sallas, porém, alguem, que se tinha affastado por um pouco d'esse bulicio, passeava só.

Era um mancebo de vestes negras, pallido, olhos e cabellos pretos, o do sympathico semblante.

Amava os bailes e os prazeres, dava a vida por um sorriso; mas no entretanto seu coração ainda estava livre.

Até então não tinha havido olhar por mais expressivo que fosse, que tivesse podido penetrar em seu peito.

Era livre—em seus canticos poeticos jámais se presentíra a influencia do—amor.

Suas vestes negras erão um méro capricho de gosto.

Ausentára-se um pouco do bulicio do baile, por que necessitava abrandar a fadiga causada por seu dançar continuado. Mas lá mesmo em seu retiro fôrão penetrar os sons de uma walsa.

E o mancebo estremecêo, não pôde resistir, corrêo ao lugar onde se dançava. Alguns pares já principiavão a walsar. De um lanco de vista, elle percorrêo toda a salla e seu olhar se foi fitar n'uma candida virgem.—Era um anjo de bellesa.

Sobre a superficie humida de seus olhos negros scintillava um brilho mais lusente, que o das estrellas do céo, e castanhos escuros cabellos, erão presos por dous bandós, que cahião-lhe quasi aos hombros. Por seus labios de romã deslisava-se um sorriso de fada; sentia-se-lhe o palpitar do coração n'um collo tão bello, como jámais concebêra a imaginação dos poetas.

Se a visse Corregio lhe invejaria o corpo para imitar-lhe as fórmas.

Seu trajar era simples e gracioso.

Um vestido de barege de seda branco com listras azues atravessadas cobria-lhe aquellas fórmas divinas. Uma camelia escarlate lhe ornava o seio, e o ramo d'essas mesmas flôres, que trazia na mão parecia querer disputar em brancura com sua tez delicada.

O mancebo correo ao lugar onde estava a virgem, e d'ahi a pouco em seus braços parecia uma sylphide vaporosa levada pelo sôpro da viração.

. . . . . .

O baile tinha terminado. Apenas o baço clarão das luzes já quasi a morrerem allumiavão as flôres desprendidas dos bouquets, que estavão cahidas pelo chão; e o mancebo immovel, como uma estatua de pedra, estava ainda assentado por sobre um sofá lançando olhares amortecidos para aquellas sallas que tinhão sido ainda a tão pouco o theatro de tantos episodios, e que parecião recordarem-lhe uma ventura.

Finalmente levantou-se, ebrio em seu scismar, e sahio.

Ao olhar para a lua parecia-lhe que n'ella estava escripto—amor.

No ciciar da brisa por entre as verdes negras folhas das arvores julgava ouvir o nome de—Laura.

Muito tempo elle vagou sem destino pelas ruas; sentia-se alegre e triste ao mesmo tempo, os rizos e as lagrimas brotavão-lhe espontaneamente.

Pela primeira vez em sua vida elle sentia orvalhar-se a alma com essa gota descida dos céos.

Seu coração até então intacto recebeo essa scentelha electrica, que o veio tornar n'um volcão.

Laura era o unico objecto de seus sonhos e seus pensamentos.

Elle estava loucamente apaixonado.

II.

O sol já quasi a deitar-se em seu leito de rubins, lançava seus ultimos raios, doirando os pincaros dos rochedos.

N'um valle ameno coberto de relva, matisada pelas flôres da primavera, via-se uma pequena capella toda pintada de branco.

Os arcos de flôres, as harmonias da musica, e o povo que em ondas revolvia-se n'aquella campina tão bella, an-

jámais ser-lhe pesado o cadinho da adversidade, assim como as catastrophes que cercão a humanidade, alentaria necessariamente cada vez mais seu instincto de conservação, e mal cogitaria na morte; porém se se visse perseguido pelas enfermidades e paixões, se os lances da fortuna sobre elle se descarregassem, tudo então mudaria de face: a tranquillidade se metamorphosearia em desassocego e martyrio e o prazer em melancolia e desespero.

E' em taes circunstancias então, que o homem attenta contra sua propria existencia!

As paginas da Historia nos apresentão copioso numero d'estas aberrações, aberrações que não podemos deixar de justificar.

Com effeito; quem criminará a Catão por não haver podido sobreviver á morte da liberdade sua patria? a Bruto, quando depois de fazer tudo quanto julgava ser o summo bem da Republica, vê suas esperanças mallogradas, sua virtude como menospresada e ludibriada pela sorte? a Annibal por haver terminado seus dias na Côrte de Prusias?

Na verdade parecia uma vil corbardia, se depois da passagem dos Alpes, do conflicto de Tessino, das brilhantes batalhas de Trebia, Trasimeno, Cannas e finalmente, depois dos dezeseis annos em que fôra o terror dos Romanos na Italia,—o invicto Carthaginez olvidasse tantos monumentos perennes de sua gloria, para sepultar-se n'um tumulo d'ignominia o approbrio, fazendo entrega de sua pessôa á seus inimigos; mas a grandeza d'alma de Annibal era incompativel com tal principio; assim preferio elle entregar-se voluntariamente aos braços da morte!

Nós justificando o suicidio, teremos tambem justificado a morte de Annibal, Bruto, Catão, Lucrecia, Sapho etc.

A liberdade é sem duvida a mais bella prerogativa que a Divindade prodigalisou ao homem; ora sendo este um ente livre, certamente não ha razão alguma para ser-lhe arrancada a faculdade de dispôr de sua existencia.

Deos creando o homem, não só dêo-lhe liberdade, mas tambem amor proprio, principio conservador da vida; porém se o amor proprio, o prazer da vida, não tem poder para prendêl-a, tambem a dôr que lhe foi dado soffrer é incapaz de oppôr-se á sua destruição; e se o principio de todas as cauzas não põe embaraço a um effeito que a dôr crê inevitavel, que motivo haverá para d'elle nos privarmos, quando a impressão do mal a isso nos impelle?!

Dirão, que tal procedimento é um roubo que fazemos á sociedade e que portanto é illicito o suicidio; mas nós diremos: assim como temos a plena liberdade de viver na cidade ou de nos refugiarmos nos campos e desertos, ficando d'este modo entes nullos á sociedade, podemos por uma razão analoga cortar o fio da existencia, quando d'ella nos julgamos fartos sem comtudo offendêl-a; pois que se estamos na situação de não podermos prestar soccorro a nós mesmos, menos força teremos para render serviços á sociedade.

Demais, não vemos nós muitas vezes a sociedade dispôr da vida de muitos homens? Se ella póde fazêl-o, porque não o poderemos nós tambem?

Assim, vêmos que a lei natural nos permitte dispôr de nossa propria existencia, quer consideremos o homem no estado de natureza, quer no de sociedade.

S. Paulo, 6 de Abril de 1859.

A. C. Oliveira.

HISTORIA PATRIA.

OS ANDRADAS.

Todo o brasileiro, amante do seu paiz, tem gravados no íntimo de seu coração os nomes dos cidadãos que propugnárão pela grandiosa idéa aventada no centro do Brasil em fins do seculo passado, e realisada nas campinas do Ypiranga no dia 7 de Setembro de 1822.

Entre esses nomes figurão incontestavelmente os dos tres irmãos Andradas,

seu lethargo, e impellio-o a deixar a Capella.

. . . . . .

O sol já tinha de todo se sumido e o manto da noute desdobrando-se por sobre a terra a deixava totalmente envolta em trévas. A multidão começava a fazer sua retirada, e ouvia-se já ao longe o éco do bater das patas dos cavallos.

Eduardo apenas sahido da igreja se tinha ido assentar em uma das bancadas dos arcos, e ahi longe de prestar attenção ao bulicio do povo, á muzica que se retirava fazendo echoar nos ares seus sons melodiosos misturados com os vivas dos que a seguião; longe mesmo de atirar-se no meio dos prazeres, como todos seus companheiros, elle continuou em seu longo meditar.

Que mudança em sua natureza, jámais alguem o vira assim.

Em todos os festins era o mais ardente, e o mais enthusiasta.

Em todas as festas o mais prompto e o mais alegre; e ali era uma sombra levada pelo sôpro da viração, a estatua de um mausuléo que vê insensivel as lagrimas, que junto a si se derramão, o lyrio que despresa os beijos e os sorrisos da brisa.

O ruido de um cabriolet, que passou por junto a elle, o veio tirar do mar de imaginações em que estava mergulhado.

Dentro iáo Laura e seu páe.—Eduardo a vio, e como uma machina impellida pela vontade estranha, seguio esse carro.

Por muito tempo elle corrêo como um louco atraz do cabriolet; mas teve que ceder á fadiga e cahio exhausto de forças no meio da estrada.

Por acaso passavão n'aquelle momento os carros da diligencia; havia um lugar vago e elle foi occupal-o.

Ao chegar a casa, Eduardo atirou-se por sobre um sofá. Então passárão-lhe pela imaginação todos os episodios d'essa festa que lhe tinha sido tão propicia.

Ora via Laura radiante de belleza dominar com seus olhares arrebatadôres essa multidão que a contemplava extasiada. Ora a via de joelhos no templo com aquelle semblante candido e divino que encantava os corações, ou tristemente recostada em seu cabriolet.

E assim sua mente perdia-se n'um mar de phantazias.

E elle quiz dormir e não pôde: seu cerebro ardia como fogo, faltava-lhe o ar para respirar.

Sahio para a rua.

A noute estava escura e silenciosa; nem se quer o piar do môcho fazia-se ouvir n'aquellas horas mortas.

Uma fatalidade levou o mancebo a passar pela casa de Laura.

Perto d'essa casa havia uma alameda, que ia terminar justamente em frente das janellas da camara de Laura, uma das quaes estava aberta deixando penetrar a claridade na rua de envolta com um cantico harmonioso, que exprimia o amor e a saudade.

Apenas chegado á primeira arvore da alameda, Eduardo ouvio esse cantico: em sua alma derramou-se um prazer inexplicavel, sentio o palpitar do coração tão forte, que parecia quebrar-lhe as paredes do peito, e apressado elle corre ao lugar donde partião os sons.

Alguns passos distava apenas da casa, quando o canto parou, e na janella apparecêo uma pessoa de branco.

Era Laura.

O mancebo escondeo-se por entre as folhagens, e comprimio a respiração.

Então elle ouvio pronunciar-se seu nome, acompanhando-o um longo suspiro.

E a janella fechou-se, e a rua ficou completamente na escuridão.

Eduardo sentio a vida querer fugir-lhe; parecco-lhe ter sido arrebatado ao céo.

Oh! elle tambem era amado!

S.

(Continúa.)

PHILOSOPHIA.

SUICIDIO.

Se o homem permanecesse no leito dos prazeres e da tranquillidade, sem

254/B

á Ilha de Paquetá, José Bonifacio, sonhou ainda por algum tempo a volta do Duque de Bragança, porém a morte d'este dissipou as suas esperanças. N'este interim o regente Feijó, vendo a opposição que contra elle se manifestava da parte do corpo legislativo, renunciou o poder nas mãos de seus adversarios. Os Andradas julgárão que era chegada a occasião de findarem-se os males que nos opprimião; José Bonifacio sorrio-se e exhalou o ultimo suspiro. Mas logo depois as intenções do governo patenteárão-se, e Antonio Carlos, que voltára ao theatro de suas antigas glorias, auxiliado por Martim Francisco e outros varões illustres, cobrio de tanto opprobrio a regencia de 19 de Setembro, que em 1840 ella se achava sem prestigio, e a idéa da maioridade era enthusiasticamente sanccionada pelos elbus politicos.

O dia 23 de Julho surgio magestoso; um novo governo tomou a direcção dos negocios, e os Andradas tiverão assento nos conselhos da corôa.

Seis mezes depois, elles se achavão derribados no poder, e o gabinete que lhes succedia adoptava a lei de 3 de dezembro, causa da revolta das provincias de Minas e S. Paulo. O furor partidario não poupou os Andradas, e Martim Francisco, desesperando da época recolheo-se ao lugar do seu nascimento.

O dia 2 de Fevereiro de 1844 foi um véo sobre o passado; Martim Francisco saudou o sol da liberdade, e dias depois baixou ao tumulo.

Restava pois d'essa pleiade brilhante apenas um membro: era Antonio Carlos. Alquebrado pelas molestias, e pelos annos, voltou ao goso de suas antigas honras, e em 1845 penetrou na camara dos anciões.

N'esse mesmo anno, no dia 5 de dezembro, o partido liberal cobria se de luto, e a causa disto era a morte do Mirabeau brasileiro, do ultimo dos Andradas!

S. Paulo, Abril de 1859.

Theophilo Carlos Benedicto Ottoni.

POESIAS.

A VOZ DO PASTOR.

Offerecida ao Snr. Dr. Vicente Manede de Freitas.

I.

Sou do campo lá nasci,
Lá morrer fada me a sina,
Eu mui n'elle ia soffri
Por um anjo que fascina.
Não conheço essa grandeza
D'esses mundos de torpeza! . . .
De grande só tenho a vida
Porque é a virtude esculpida!

Das cidades não conheço
O que me contão por cá:
Si me fallão estremeço,
E protesto não ir lá! . . .
Dizem-me que lá as donzellas
Com sedas e finas fellas
Fingir usão a belleza
Que não lhes dá a natureza!

Ah! maldita seja a vida
D'esses sitios d'esses lares,
Onde a dor ella e fingida,
E corruptos são os ares!
Onde os falsedos pomposos,
Os rumores pressurosos
Dão á casta virgindade
As vestes da falsidade!

Onde nos labios ha riso,
Veneno no coração!
Onde o homem perde o sizo
Do vil oiro no clarão!
Onde entronou-se a virtude
Aos sons de triste alaúde,
Que entoou triste canção
Na tumba da seducção! . . .

II.

Ah! bemdita seja a terra
Que do sol me deu a luz:
Louvor á ella que encerra
A singellesa que luz
Da naturesa nos mantos,
A' ella que tem os cantos
Que sinceridade exprimem
E falsidade reprimem!

Ah! lá tudo é bello, lá tudo é singello,
La tudo me enleia com forte cadeia!
As mattas, as selvas, as flores, as relvas,
As veigas, os prados, os bois, os arados,
As altas montanhas, das feras as sanhas,
Os astros, os ares, os claros luares,

258

varões conspicuos por seu patriotismo, e cuja lealdade jámais foi desmentida.

Filhos da villa de Santos podérão, graças ás posses de seu pão, viajar a velha Europa, onde apóz gloriosas fadigas conquistárão honrosos pergaminhos. Findos os trabalhos academicos, dous d'elles resolvêrão entregar-se ás meditações da sciencia, ao passo que o outro, Antonio Carlos, preferio a tudo a toga de magistrado; e occupava já um eminente logar n'essa carreira, quando appareceo a primeira revolução de Pernambuco. Vencida esta, a cidade do Recife vio deslizar o luctuoso cortejo da reacção sanguinaria; patriotas distinctos, e cujos talentos serião propicios á patria perdêrão a vida; cidadãos eminentes fôrão expiar nas masmorras, uns o desejo de sacudir o jugo lusitano, outros a sua innocencia. No numero d'estes figurava Antonio Carlos, victima de uma injusta accusação vio fecharem-se sobre seus hombros as portas de um carcere, e esperando a morte acalentava a idéa do que um dia sua patria seria livre. A final depois de quatro annos de prisão foi reconhecido innocente, e abandonou o calabouço para ir sentar-se nos bancos do Congresso de Lisboa.

Aproximava-se a nova éra; as Côrtes meditavão lançar o Brasil na posição aviltante, em que por tantos annos jazêra; e Villela Barbosa fizera retumbar as abobadas do Congresso com estas palavras memoraveis—*Passarei a nado o Atlantico com a espada atravessada na boca para ir bater os insurgentes.* A luva tinha sido lançada; o Brasil acceitára o cartel de desafio; a luta ia empenhar-se; os Andradas assentárão de não consentir que a baba estrangeira nodoasse seu berço, e Antonio Carlos desenvolve toda a sua eloquencia, sustentando perante uma forte maioria a cauza de seu paiz, ao passo que seus dous irmãos, á frente do povo, rezistem ás deliberações da mãe patria.

O dia 7 de Setembro de 1822 terminou essa luta vehemente; o filho de D. João VI soltou o brado de *Independencia ou morte*, que repercutio magestoso por todo o Brasil. Proclamada a independencia do paiz, era necessario organizal-o; uma Assembléa Constituinte foi convocada para esse fim, e reunio-se pouco tempo depois. Os partidos não tardárão a apparecer; um era favoravel ao gabinete, entre cujos membros se achavão José Bonifacio e Martim Francisco; o outro era adverso ás idéas dos irmãos e contava em seu seio alguns partidarios do velho regimen. Os Andradas obtiverão a adhesão da maioria da Assembléa, mas bem depressa deixarão de ser escudados pela espada imperial, e abandonárão as commodas cadeiras ministeriaes para irem sentar-se nos toscos bancos da opposição. A imprensa e a tribuna fôrão então os baluartes de suas opiniões; mas a energia de seus pensamentos irritou o Imperador, e quando a Assembléa reclamava seus direitos foi cercada, dissolvida, e alguns de seus membros prezos. Dias depois a fragata *Lucoma* conduzia a familia Andrada para o exilio, onde se conservou por espaço de cinco annos.

O anno de 1828 appareceo risonho para os campeões da independencia; sua innocencia foi reconhecida, sua volta á patria consentida, e as portas do parlamento abertas aos dous ministros da Independencia.

Em 1831 a nossa situação politica achava-se mudada; a marcha do poder provocava uma resistencia enorme; essa contenda finalisou no dia 7 de Abril. Foi então que o fundador do Imperio conheceo a lealdade dos Andradas, e querendo provar-lhes seu reconhecimento, e pedir-lhes o esquecimento do passado, nomeou tutor de seus filhos ao seu antigo conselheiro, á José Bonifacio!

Começou então um novo periodo da nossa historia; a reacção democratica transpôz os limiares dos regios palacios, e principiou a desenvolver suas idéas; os Andradas alistárão-se immediatamente como chefes de um novo partido, que apregoava a restauração do ex-Imperador, e se denominava—Caramurú; julgando que a discordia, que reinava, facilitaria o seu fim pozerão-se em actividade, mas fôrão vencidos, e o venerando tutor deposto e prezo. Recolhido

Quando esse doce martyrio
Tranquilla deixa minha alma,
Na frescura da manhãa,
N'essa hora encantadôra
Com a formosa Pastora
Alegre corro á campina
Colher a bonina
A flôr que se inclina
Do sol ao ardôr;
Vêr o rocio puro
Que se acha seguro
Na haste da flôr;
O azul colibrí
Ora aqui ora aly,
Em linda postura,
Sorvendo doçura;
As auras mansinhas
Beijando as folhinhas
Que n'ellas se embalão
E n'isso nos fallão
Em fraze de amor . . . . . .

S. Paulo, Agosto de 1858.

M. P. S. Arouca.

E CEDO AINDA.

Offerecida ao meu amigo J. de F. Vasconcellos.

—

Quem n'alma te gravou scismar
tão triste?

(G. Dias.)

Porque deixar assim pender tão bella
Da mocidade a flôr ainda em botão?
P'ra que morrer? Se a aurora entre sorrisos
Verás louçan.

Algum mysterio embalas em teu seio
Que t'enlangueee o olhar, e te descóras?
Nem mais scismes assim celeste Archanjo
De tristeza!

Não vês que o teu futuro de poesia
Em azuladas côres se desenha
De tanto amor, e doces esperanças
Perfumado?

Embora a vida em canticos sombrios
Procures prantear entre os cyprestes
D'um pobre cemiterio; embora almejes
Dormir ahi.

E' cedo ainda, oh anjo de meu Deus!
P'ra n'um só dia fenecer-te a vida;
Auroras perfumadas se alevantão
Em teu porvir.

Vem antes no meu peito os sonhos teus
A' noite solitaria dislembrar,
Sentir o muito amor que aos seios d'alma
Tu m'inspiraste.

Então na vida assim que nos virá
D'enlevos, em suspiros de ventura:
Do passado se quer mais leve sombra
Surgir-nos-ha.

O nosso peito após quando sentirmos,
Da fêbre na existencia consumir-se
Será doce n'um só, n'um beijo extremo
Deixar a vida.

J. A. de Barros Junior.

S. Paulo, Abril de 1859.

NO BAILE.

—

Que folha mimosa
Tão linda que eu vi!
Ao vêl-a tão pura
Não sei que senti.

Que mimo do céo
Que doce magia
Que folha cheirosa
Que aroma espargia!

Ao vêl-a tão pura
Amei sua côr
Seu viço innocente
Com mui puro amor.

Meu Deus! nem se quer
A pude beijar
Com tudo no peito
Sagrei-lhe um altar.

J. A. de Barros Junior.

S. Paulo, 10 de Abril de 1859.

1859.—S. Paulo.—Typographia Litteraria.

O son da cascata, as lagôas de prata,
A tarde, a manhãa, e a arvore louçãa,
A voz seductora da linda Pastora,
O canto saudoso no bosque frondoso
Das aves que cantão com quebros que encantão,
Do tempo os rigores, os nossos amores,
Do vento o zunido, da rola o gemido
Mil cantos me inspirão que a mente delirão !

La tudo falla ao sublime ! . . .
Dorme o vate ao som da lyra,
Que em mil notas exprime
Os lindos cantos que inspira
O quadro da naturesa !
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Como é bello murmurando
Na floresta secular
O arroio que girando
Vai no rio se deitar ;
O grosso pinheiro annoso
Tão soberbo e magestoso
Com o vento balançar
Sobre as campinas do ar.

Como é bello vêr a lua
Sobre a flôr de mansorio
Quando pállida fluctúa
Nas lindas noites do estio ;
Sobre a gruta sombrosa,
Onde a rôla desditosa
Com seu doido rular
Vai o pombo consolar.

E como é bella a palmeira
Nos cimos do cafezal
Embalando-se altaneira
Nos braços do vendaval ;
A cascata magestosa
Que sobre a rocha limosa
Com sonoro crepitar
Vem na base descançar.

E quam bello é vêr á tarde
Deixar o gado a pastagem,
E o touro mais cobarde
Atraz vindo como pagem ;
O forte que antes da lucta
Arma-se, muge, disputa,
Arranha o chão na *mangueira*
E ao lombo joga a poeira.

III.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Na hora em que o lindo e doirado arrebol
Das luzes primeiras do limpido Phoebo (1)
A Venus risonha, fiel mensageira,
A's aves canoras brilhando annuncia ;
E deixando o Somno as terrestes mansões
A's celestes vôa ; e vigilantes almas
Das trévas o manto contemplão fugindo
Por entre as montanhas, as serras, e valles,
Que as plagas povôa do occaso tristonho ;
Dos fatigados membros no suave mimo,
Da gentil Pastora a meiga voz eu ouço
Docemente soar nos ouvidos meus ;
Depois breves instantes de leve eu sinto
No esquerdo lado roçar mão delicada ;
Do rude trabalho meu corpo cançado
Parece ao chamado da bella Pastora
Deleite gosar, do trabalho esquecer-se
E mais aninhar-se no rustico leito :
Mas logo, de novo, me chama a Pastora.
Então os meus olhos eu abro contente
Ao som melodioso das aves que entôão,
Nos ramos delgados de arbustos copados
Que formão enfeites da humilde cabana,
Um hymno sublime com quebros celestes.

(Oh ! n'esse momento quem é mais feliz ? ! . . .
Os thronos os sceptros os reis deixarião
Em troca da vida que gosa o Pastor ! . . .)

Por breves momentos n'um extasi fico
Até que a lembrança dos meus affazeres
O leito me obrigão saudoso deixar.
E quando do leito distante me acho
Contente contemplo, no amor embebido,
A face morêna corada e formosa
Da minha innocente gentil camponesa ;
Os negros cabellos em soltas madeixas,
Sem fita sem arte p'los hombros pendendo ;
Os olhos travessos de côr de azeviche
Que em brilhos excedem a luz das estrellas ;
Os labios corados de cor mais mimosa
Que aquella que tem o mais fino carmim ;
Os dentes tão alvos que nem co'a candura
Da neve mais pura se os póde imitar !
E quando, ó estrellas, ó ceos, ó montanhas,
O' serras, ó valles, ó fontes, ó flôres,
O' aves canoras, que a voz campesina
Attentos ouvis, o seu collo contemplo
Arfando com jogo que traz o delirio,
Do collo no oceano nas ilhas de amores,
Em ondas em vagas de ardente paixão
Com ais e suspiros me vou sepultar !
Do todo meu Deos ! . . . . .

IV.

Quando do amor o delirio,
Como a briza, fica em calma,

(1) Não censure o leitor o emprego de duas palavras da mithologia grega, n'esta poesia—Phoebo, e Venus ; pois si attender aos orcatos que pedem os versos d'esse trecho em que elles se achão será justificado o da primeira ; e si attender ao rythmo que usei n'esse mesmo trecho será justificado o da segunda.

passavão, e só alimentava-o a lembrança do passado, apenas conseguira vêr, e tão sómente—vêr—mais algumas vezes sua amante recostada ao balaustre da janella; ou divisal-a atravéz das grades de seu jardim por entre as flôres colhendo alguma, que lhe ía depois ornar o seio.

E quantas vezes não desejou Eduardo ter a sorte de uma flôr!

Em uma manhan d'estas em que a natureza ostenta-se mais garboza, em que o sol disponta no oriente envolto em seu manto de purpura brocado de ouro, derramando a alegria por toda a face da terra, Eduardo sentio sua alma partir-se de dôr e de magoa—uma grande necessidade apresentou-se que o obrigava a partir e deixar por algum tempo sua amada.

E a natureza bella e serena parecia com suas galas escarnecer da contrariedade do mancebo.

A mão da morte que tivesse pesado sobre sua cabeça não lhe teria parecido tão fatal, o coração estremeceo-lhe convulso nas paredes do peito; o desespero desenhava-se-lhe no semblante, seus olhos parecião despedir scentelhas de fogo, o mancebo quasi que enloqueceo.

Era um martyrio que se impunha a sua alma, um inferno de soffrimentos constantes—deixal-a quando ainda não lhe tinha declarado seu amor, quando seu coração batia anciado no peito, quando seu espirito fluctuava na duvida;—deixal-a sem ao menos receber uma palavra dos labios d'ella, uma esperança que adoçasse-lhe a dôr da separação, que lhe tornasse menos cruel tanto tempo de auzencia, e o guiasse na peregrinação como uma estrella que unica brilha em horisonte obscurecido de noute de procella; mas era forçoso resignar-se—e elle resignou-se.

A felicidade porém, não desamparou de todo o mancebo, fêl o conceber um meio de alliviar tanta magoa—que elle correu a realisal-o.

Eduardo dirigio a Laura uma carta; terna e apaixonada essa carta fazia sentir o amor que no peito nutria o moço, os arroubos de sua imaginação, as esperanças que lhe doiravão o futuro da vida principalmente depois da noute do canto, e o soffrimento de que estava possuido por não poder dizer um ultimo adeus na hora extrema em que a necessidade oforçava a partir.

E Laura não desprezou a declaração que lhe fazia seu amante:—revelando-se a candura de sua alma em algumas linhas que tremula traçára, ella protestava-lhe uma affeição sincera, marcando a noute seguinte para dizer-lhe o adeus que pedíra.

Eduardo não coubo em si de contente, a taça do prazer derramou-se toda em sua alma, os sonhos em que se embalára tinhão tocado a realidade; então dissipárão-se as trévas da duvida que circundavão seu espirito e a luz penetrou em todo o vigor;—seus sentimentos tinhão encontrado écho no coração da virgem que elle endeosáva.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

A lua pairava no alto do céo espargindo uma luz pallida e melancolica, e no fundo da alameda, que tinha sido testemunha da primeira aventura de Eduardo, via-se uma janella aberta—a mesma de outr'ora,—junto a ella estava um vulto—era Eduardo;—alguem se recostava pelo lado de dentro—era Laura.

Os dous amantes fazião suas juras, dizião se seus adeozes,—ultimos talvez.

Laura suspirava, e por suas faces rolavão-lhe em fios lagrimas quentes vertidas de um coração amoroso.

Não choreis, exclamava Eduardo apertando sobre seu peito uma das mãos de Laura, sinto em vossas lagrimas um agouro; não choreis, pelo céo vo-lo peço—eu heide voltar.

E a virgem suspirava sempre, nova torrente de lagrimas inundava-lhe o rosto; e pallida, seus negros cabellos soltos cahindo-lhe por sobre o collo de alabastro, dir-se hia a imagem viva do soffrimento; mas assim mesmo n'esse semblante angustiado jámais realçára tanta bellesa.

E o mancebo, esforçando-se sempre para conter as lagrimas de sua amante, dizia-lhe com a voz vibrante e apaixonada—não vos esqueçaes de mim, lem-

preparado para mais me arrebatar e confundir! E quando ainda supplicava aos Céos que me dessem forças para encarar seu rosto, fui convidado (que surpreza!) para conduzil-a ao salão do baile. Surprendido e confuzo, não sei como pude executar tão honrosa quão agradavel missão. Conservei-me pois até o fim d'esse baile como um méro espectador, e o fiz para melhor contemplar aquelle composto de perfeições humanas, que refulgia entre as outras donsellas como a estrella d'alva entre as de mais estrellas do Firmamento.

Magnetisado pela presença d'essa virgem tão pura como uma sacerdotisa de Vesta, eu não perdia o menor de seus movimentos, ainda que conversando, ás vezes, com respeitaveis matronas.

E ainda ha (dizia comigo ao contempla-a) mizeraveis, que ouzem lançar imprecações, blasphemias, injurias, contra um sexo tão amavel!! E' não conhecer a mais bella creação do Eterno, é ignorar inteiramente o quanto o mundo lhe deve, e que a mulher é em tudo igual, senão superior ao homem. Intellectual, ella é Sapho, é Aspasia que ensina Pericles, que faz admirar a Socrates, e a mulher moral é o infinito—Castilho o disse.

Não mais divaguei, nem pensei agora, porque já não era a lembrança—era o mesmo objecto que tinha, se bem que em sonhos, ante meus olhos. Tão satisfeito apartei-me d'alli, que julguei que nada mais me faltava n'este mundo, se não um—sim—que esperava de sua angelica boca. N'essa mesma hora recebo uma carta de seu páe: era a resposta da que lhe havia mandado, pedindo a mão de sua filha . . . Abri tremendo essa carta em que eu esperava encontrar a minha felicidade, em que desconfiava do minha desgraça, uma carta em fim que vinha decidir de minha sorte. E com a dôr que me trespassou o coração ao lêr estas palavras—ainda não está resolvida . . . . . acordei sobresaltado e então vi que illusão era tudo—*reaes só dôres.*

S. Paulo, Abril de 1859.

A QUEBRA DO JURAMENTO.

(Continuação.)

III.

Algum tempo havia decorrido depois da noute da aventura de Eduardo, e as scenas que então tiverão lugar não se tinhão ainda apagado em sua mente.

Jámais pensára o mancebo que o accaso lhe deparasse tão grande ventura, e transbordava-lhe n'alma a alegria, sua imaginação perdia-se em sonhos doirados sempre que lhe era dado meditar n'esse momento tão feliz.

E ainda mais augmentára seu encanto, tornára-lhe mais grata e mais viva a lembrança d'essa noute—uma flôr—que roçára-lhe pela face ao sahir das ramagens em que se tinha occultado pelo apparecimento repentino de Laura, e elle arrancára.

A flôr era rôxa e mui bella.

Eduardo déra lhe o nome de sua amante—Laura—e guardou-a como um talisman sagrado em memoria d'esse acontecimento, que julgava o mais feliz de sua vida; e ainda mesmo depois de murcha, quasi a despenderem-se suas folhas, momentos esquecidos entevava-se o mancebo em contemplal-a.

Então parecia-lhe ouvir o accento queixoso com que fôra pronunciado seu nome, o écho do canto vibrando no silencio da noute.

E sempre as mesmas scenas se reproduzião—e mais do passado, que do presente vivia o moço.

No entretanto a fortuna não lhe tinha ainda feito deparar um momento, uma occasião em que, sentindo o palpitar do seio de virgem, o encanto do olhar divino de sua Laura, podesse revelar-lhe o amor que abrazava em chammas seu peito, os sentimentos de seu coração, as esperanças que lhe tornavão risonha a vida na terra; e ao mesmo tempo ouvir dos labios d'ella, o que elle presentia, o que n'alma lhe ficára gravado desde a noute do canto; mas que muitas vezes julgava um sonho—impossivel de ter realidade.

E o tempo ia correndo, os dias se

De dia em dia com pungir acerbo,
Do prazer expellindo a nivea taça,
Essas glorias do mundo não almejo;
E d'um monte na falda,
Onde a voz da natura
Solitaria e triste em seu todo reine,
Triste a fronte, p'ra o seu vasto horisonte
Com os olhos voltados, n'elle fitos,
Eu dezejo scismando
Ir meus dias passando
Até que me chegando
O momento final do tempo incerto
Que, em segredo, da morte me separa,
Longe ao menos dos homens lá n'esse ermo,
Eu podesse tranquillo vêr na mente
Correr do esquecimento o denso véo
Por sobre os males tantos qu'hei soffrido
No boliço do mundo
Que me prende iracundo
Em seu seio inclemente!
Lá dezejo que a lyra um só accento
Docemente repita, em meus queixumes;
E nas azas do vento que propicio
De mensageiro sirva á Deos envie,
Ao paiz de meus sonhos,
A' meus lares risonhos
Uma prova de amor;
E que ao soltar a nota derradeira
Eu com ella abandone a vida infausta!
Qual em galho inclinado
Para um lago azulado,
Alvo cysne gemendo,
Na flôr d'elle espelhado,
Quando ao sôpro da briza, que as macias
Pennas suas deslizando acarinha,
Com a nota que solta derradeira
N'esse galho tremendo,
Diz ao lago pendendo
O seu ultimo adeus!

Outubro de 1858.—*M. P. S. Arouca.*

AO ZIG-ZAG, DO ZAG-ZIG. (1)

Quem á mulher quer negar
Supremacia em bellesa,
Por certo que a natureza
Ainda deve estudar.

Ao homem foi dado força;
Foi dada á mulher bellesa;
Como ao sol foi dado brilho,
E á lua gentilesa.

Terá o homem mais nobresa
No seu todo sup'rior,
Seja porém como fôr,
A mulher tem mais bellesa.

Se são mais bellos qu'as femeas
O gallo, o pombo e o pavão,
Se é mais lindo qu'a leôa
Mau grado a juba, o leão:

Não se segue que a mulher,
Ente todo primoroso
Seja mais feio que o esposo,
Como o zig-zag quer.

Z.

(1) Quadrinhas feitas á muito tempo, pelas mesmas consoantes de umas publicadas no *Diario da Côrte.*

Erratas do numero 1.º

Columnas	Linhas.	
1.ª	2.ª	—Em lugar de gravadas, leia-se gravados.
3.ª	10.ª	—Em lugar de fazem, leia-se [illegible]
2.ª	27.ª	—Em lugar de levantárão-se, leia-se levantavão-se.
18.ª	12.ª	—Em lugar de allumiavão, leia-se allumiava.
«	15.ª	—Em lugar de pelas flôres da primavera, leia-se com lindissimas flôres.
19.ª	28.ª	—Em lugar de Em seu coração leia-se em seu coração.
15.ª	8.ª	—Em lugar de apresentarem se, leia-se se apresentar.
31.ª		—Na poesia —E' cedo ainda —na 2.ª quadra—verso 2.º em lugar de descoras, leia-se descora?

1859.—S. Paulo.—Typographia Litteraria.

brai-vos sempre do meu amor, este amor que é minha unica esperança na vida, que acalento-o como o unico bem que me resta, o alento de meu coração; não vos esqueçaes de mim e vossa imagem estará sempre gravada em meu peito, os meus cantos serão todos vossos,—só terei um pensamento—o meu anjo;—meus labios só repetirão um nome—Laura; e seguro de vosso amor affrontarei todos os perigos, correrei todos os mares, desafiarei a cólera e o fragor das ondas,—não temerei o furor dos ventos, o bramido das tempestades e serei sempre victorioso!

E só lagrimas e suspiros respondião ás palavras do mancebo.

Oh! Laura, repetia o moço, uma palavra ao menos, vosso silencio é o inferno que me tortura e dezespera;—uma palavra ao menos, que me dê conforto na angustia da separação, que seja a estrella que fulgure no meu horisonte do futuro, ou então partirei sem uma esperança na vida, e minh'alma irá sumir-se nas trévas da desolação!

Ah! Eduardo, disse emfim a moça com a voz intrecortada, eu sinto os tormentos da morte n'esta separação; para que partís? e agora que a vida começava a sorrir-se para mim...

E' forçoso Laura, eu tambem soffri muito, e ainda soffro; mas foi mister resignar-me—murmurou Eduardo com a voz quazi sumida.

Eduardo—lançáe para longe de vossa imaginação semelhante idéa;—vêr-vos, amar-vos e já deixar-vos; oh! não, eu quero ter-vos sempre a meu lado, vêr-vos e ouvir-vos sempre, ficáe, sim, ficáe.

Impossivel, Laura, impossivel, eu bem quizéra nunca deixar-te; mas um destino inexoravel me obriga e cumpre obedecer-lhe.

Pois bem, tornou a moça tomando um ar resoluto superior ás suas forças, eu tambem me resignarei—ide e que a fortuna vos seja propicia; Laura será sempre a mesma, um só dia não deixará vosso nome de resoar em seus labios.....

E ella não pôde proseguir; parecia que aquelle coração de virgem quebrava-se no embate do primeiro soffrimento.

Obrigado, Laura, obrigado; disse Eduardo arrebatado de prazer.

A moça fez um esforço supremo e pôde continuar: quando voltardes se o tempo não tiver apagado em vossa mente a lembrança do passado, correi aonde estiver a amante de outr'ora, e seu coração palpitará da mesma maneira, em seu peito encontrarás o mesmo sanctuario onde é incensado o nosso amor.

E a vossa constancia, disse o mancebo cravando o olhar no semblante de Laura,—será o garante do meu futuro.

A moça levantou para o céo seus negros olhos, e com a voz firme exclamou: Oh! sim, minha constancia—eu vo-la juro.

N'este momento uma ave agoureira da noute, passando veloz como o raio, dêo um pio de morte; e a lua que declinava no horisonte despedio um ultimo raio amortecido, e escondeo-se entre nuvens.

Eduardo levou aos labios a mão de Laura, que tinha sobre seu peito, e no beijo que dêo pareceo desprender se-lhe a alma; e pela ultima vez ainda pôde dizer—adeus, Laura, que a felicidade nos proteja, até um dia.... e adeus.

Eduardo adeus, adeus.... e um suspiro sentido echoou ainda pelos espaços silenciosos.

E o moço partio levando no peito a angustia, na mente uma—esperança. *S.*

(Continúa.) *

* Por falta de espaço deixa de ser publicada a conclusão d'este romance, ficando assim para o numero seguinte. *(Da Redacção.)*

POESIAS.

DESEJO MORRER ASSIM.

. . . . . .

Curão do morto, lavão-lhe as feridas;
Mas a alma estala sem que alguem se dôa,
Nem mesmo o mais amigo!

(Gonçalves Dias.—Traducção.)

No pensar que continuo me acompanha,
Quando a mente me escalda
Uma dôr que me apura

ESTADO DE SÃO PAULO-13-4-73

258/Bl

Culto à Ciência, na festa do centenário

É a mais antiga escola secundária do Interior de São Paulo. Há quase 100 anos, mantém a tradição de um elevado padrão de ensino — no começo do século seus diplomas davam direito ao ingresso imediato nas faculdades — ao lado de uma rigorosa disciplina. Ali estudaram Santos Dumont, Julio Mesquita, Cesar Bierrembach, Campos Freire, Paulo Decourt, entre outros nomes importantes na história de São Paulo e do Brasil. Hoje, o Colégio Estadual Culto à Ciência, de Campinas, inicia as comemorações do seu centenário, que culminarão a 13 de abril de 1973.

Até 1957 os alunos eram obrigados a comparecer de terno e gravata. Os ex-alunos contam que o professor Benedito Sampaio exigia que "todos soubessem os Lusíadas de cor" e que "levantar a mão para pedir alguma explicação era um gesto ousado". Mas a qualidade do ensino sempre foi incontestável, afirma o atual diretor: até o ano passado, o numero de alunos do Colégio aprovados nos vestibulares sempre foi superior a 70 por cento.

No momento, a escola tem 2.500 alunos, com um corpo docente de 93 professores. Com um ensino moderno, estimula-se a participação dos estudantes em atividades extra-curriculares. Existe, por exemplo, o Banco Estudantil, com depósitos de mais de sete mil cruzeiros. Os estudantes emitem cheques para pagar contas da cantina, comprar discos, presentes, ao mesmo tempo em que se estimula a poupança.

Há vários cursos paralelos e no setor de Educação Física o Colégio é bicampeão estadual de ginástica de solo. Os próprios alunos formaram a fanfarra, uma das melhores. Segundo a orientadora educacional Celina Duarte Marinho, o rigor da disciplina não foi enfraquecido: "As ocupações extraclasse funcionam como válvulas de escape para o extravasamento natural que caracteriza a juventude de hoje".

A biblioteca — aberta ao publico — possui mais de 11 mil volumes, consultados por 900 alunos, em média mensal. Há algumas raridades, como a obra editada em 1616, na Basiléia Ambrosii Calepindi Dictionarium Undecimum Linguarum — um dicionário Grego-Latim.

A escola da Sociedade Culto à Ciência — que depois passou a Ginásio do Estado e, finalmente, a Colégio Estadual — foi fundada a 13 de abril de 1873 — essa é a data oficial, que marca o início da construção do prédio. Para a abertura das solenidades, hoje, a direção da escola espera contar com o maior número possível de ex-alunos, para o churrasco. Na ocasião, será anunciado o programa dos festejos.

O atual diretor, Telêmaco Paioli Melges, já solicitou à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos a emissão de selo comemorativo. Também pediu autorização do governo estadual para levantar a pedra fundamental, que foi lançada sob a soleira da porta principal, colocada numa urna de vidro. Um especialista será contratado para microfilmar toda a documentação da escola, juntar a ela os trabalhos do centenário e tudo ficará guardado com a pedra fundamental. A urna de vidro voltará então para seu lugar, próximo ao obelisco a ser levantado para marcar os 100 anos.

MAÇONARIA

Até recentemente, havia apenas uma única obra contando a história do Colégio — a monografia de Carlos Francisco de Paulo, editada em 1946. Relata que o agricultor Antônio Pompeu de Camargo, apoiado por fazendeiros de café, industriais, comerciantes e alguns acadêmicos, foi o iniciador do movimento para a criação da Sociedade Culto à Ciência. O agricultor teve a seu lado Manuel Ferraz de Campos Salles, que chegaria à Presidência da República.

Conta a monografia que o objetivo era a criação de um estabelecimento de ensino primário e secundário para "a educação moral e intelectual". Além disso, a escola secundária impediria a evasão dos jovens da região, que partiam para a Capital em busca do "diploma do científico". Explica ainda que cada membro da Sociedade contribuiu com uma quota inicial de 500 mil réis para acompra do terreno e construção do prédio, que foi iniciada a 13 de abril de 1873.

Há alguns meses, durante o Congresso de Historia realizado em Campinas, esse relato foi enriquecido com a divulgação dos documentos encontrados pelo estudante José Carlos Senredo. Na Loja Maçônica Independência, ele descobriu a ata inaugural e os estatutos da Sociedade Culto à Ciência, assinados a 19 de maio de 1869 por Antonio Pompeu de Camargo, Jorge Miranda, Candido Ferreira Camargo e Manuel Ferraz de Campos Sales. Todos eram grau 33 na maçonaria e elegeram Joaquim Bonifacio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, primeiro presidente da Sociedade.

ENSINO LEIGO

Segundo essa história, o Colégio Culto à Ciência nasceu sob a inspiração da filosofia positivista, em meio a crescente campanha de laicização, que visava a separação entre Igreja e Estado e, em consequência, a libertação do ensino da autoridade religiosa.

O proprio nome — Culto à Ciência — indica as intenções dos maçons: proclamar a autonomia da razão, a liberdade de pensamento, de consciência. Esse movimento pela secularização do ensino — até então excessivamente centralizado e dirigido pelas entidades religiosas, rigidamente vinculadas à Coroa — incluia-se assim na luta republicana.

Após o lançamento da pedra fundamental, foi eleita nova diretoria, ainda presidida pelo visconde de Indaiatuba e composta por Americo Brasiliense, Antonio Pompeu de Camargo, Joaquim José Vieira de Carvalho e o arquiteto Guilherme Henrique Krug — este encarregado da construção do prédio. A 12 de janeiro de 1874, Campos Sales dava a aula inaugural do Culto à Ciência.

Crise

Julio Mesquita integrou a primeira turma de alunos e foi dêle que concluiu o curso. Os demais transferiram-se para escolas da Capital ou voltaram para suas cidades, antes do diploma. Em 1879, havia 42 alunos, entre os quais Santos Dumont, cuja passagem é registrada brevemente nos anais da escola: "Um dos que obtiveram notas ótimas nos exames de Latim, Inglês e Português e que, mais tarde, tanto glorificou o Brasil". Nessa época, o prestigio do Culto à Ciência já atraía jovens de todo o Interior de São Paulo e de Minas Gerais.

Entretanto, a escola foi fechada em 1889, pouco antes do reinicio das aulas, devido à epidemia de febre amarela que atingiu Campinas. Dois anos depois, o colégio foi reaberto, mas passando por dura crise financeira, que não pôde ser superada. A Sociedade Culto à Ciência foi dissolvida e o patrimonio entregue à municipalidade.

Mas a Prefeitura de Campinas também não dispunha de recursos para sustentar o estabelecimento, e assim propôs que o governo estadual ficasse com o predio e ali instalasse um ginasio. A 21 de junho de 1894, o então governador Bernardino de Campos autorizou os entendimentos, bem sucedidos: em março de 1896 iniciavam-se as aulas do ginasio estadual.

Desde então, o estabelecimento cresceu normalmente. Em fevereiro de 1901 o Culto á Ciencia foi equiparado ao Ginasio Nacional, de forma que seus diplomas passaram a significar acesso direto ás escolas superiores. No ano seguinte, o escritor Coelho Neto assumiu a cadeira de Literatura e, quatro anos depois, transferiu-se para o Colegio Pedro II, do Rio, "sem prestar exames — conta a monografia de Francisco de Paula — pois a condição de professor do Culto á Ciencia qualifica o pretendente". Como seus professores, o colegio teve ainda Ernesto Khulman e o general Francisco Glicerio.

Em 1909, matricularam-se as primeiras moças e o ginasio passa a ter 200 alunos. Em abril de 1932, por decreto federal, torna-se o Colegio Estadual Culto à Ciencia, sob a direção do professor Anibal Freitas um das principais responsáveis pelo prestigio do excelente padrão de ensino e rígida disciplina.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

Visita do Sr. Secretário de Educação, Padre Paleeiro, ao "Culto à Ciência", em 22/3/6[illegible]

259

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

263
BL

Presente, no Colégio de o Sr. Governador no ensino. Ainda sobre, [illegible] um ar trônico. Discorreram: o Diretor do [illegible] o Prefeito [illegible]

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

Jubileu de Prata da turma formada em 1937 - Dezembro de 1962

Visita dos alunos da escola Nível do "Culto à Ciência", para disputas esportivas, em 23/5/1938

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

262/BM

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

Sala de [illegible] do Colégio, em 1966.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

264
Bl

Inauguração do Retrato de SANTOS-DUMONT [illegible] bronze, em comemoração à sua passagem como aluno pelo "Culto à Ciência". À esquerda vê-se o diretor, [illegible], à direita o ex-diretor [illegible], descerrando o retrato, em 27/10/1956.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

Cinquentenário do "Culto à Ciência" como estabelecimento oficial,

em 4/12/1946. Plantio de árvores.

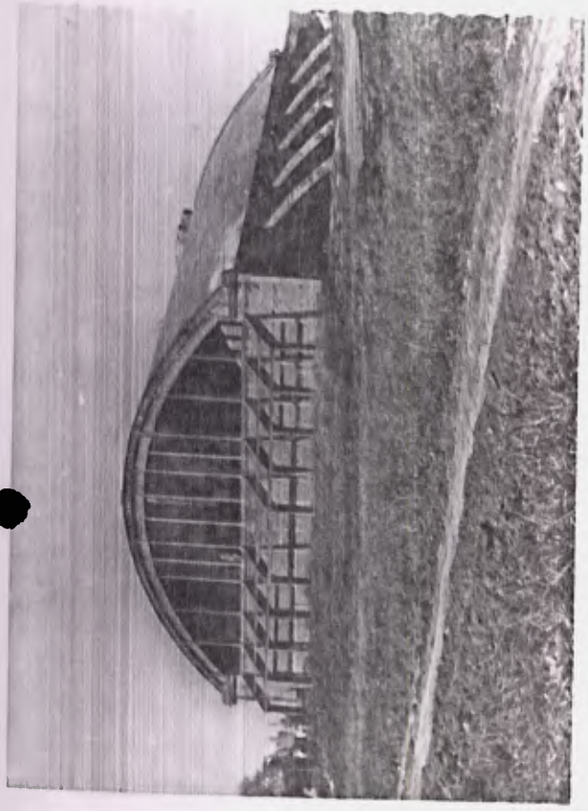
265

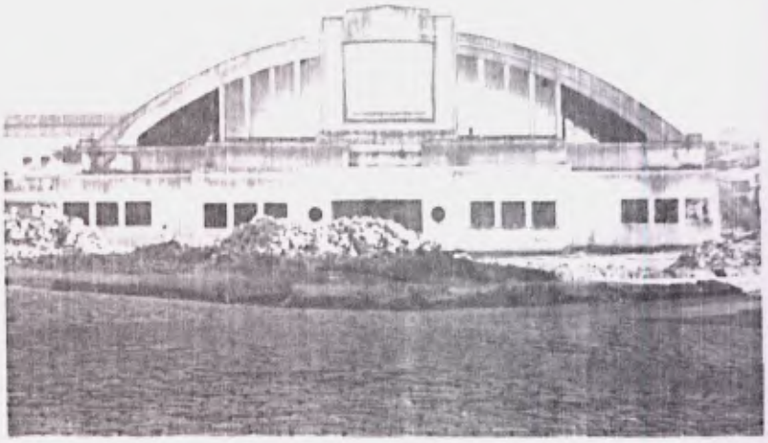
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

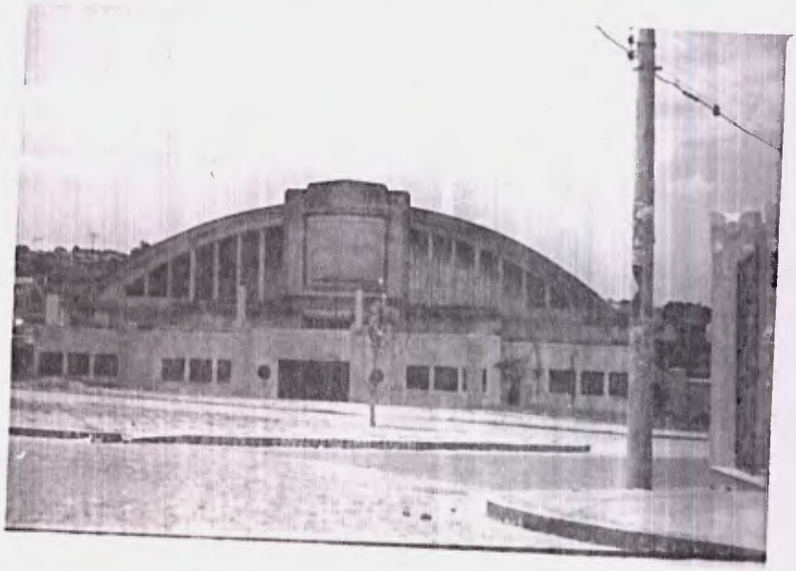
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9 2553 — 13.100 — CAMPINAS

266/B



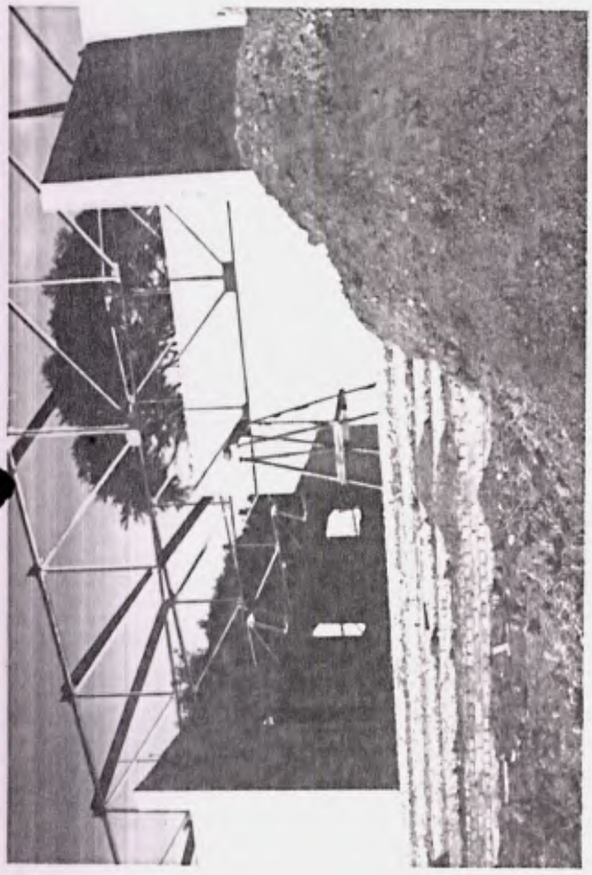


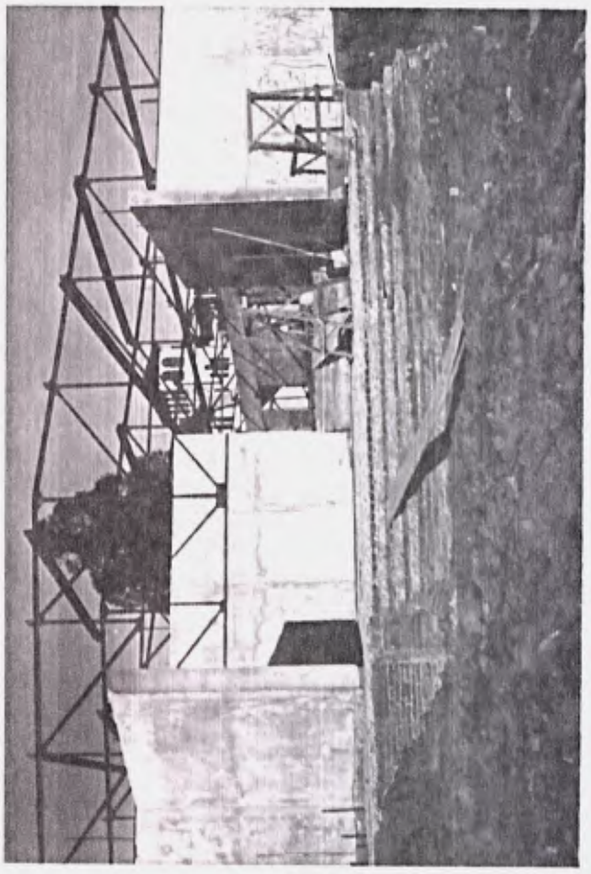


A Praça Anibal Freitas em construção

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

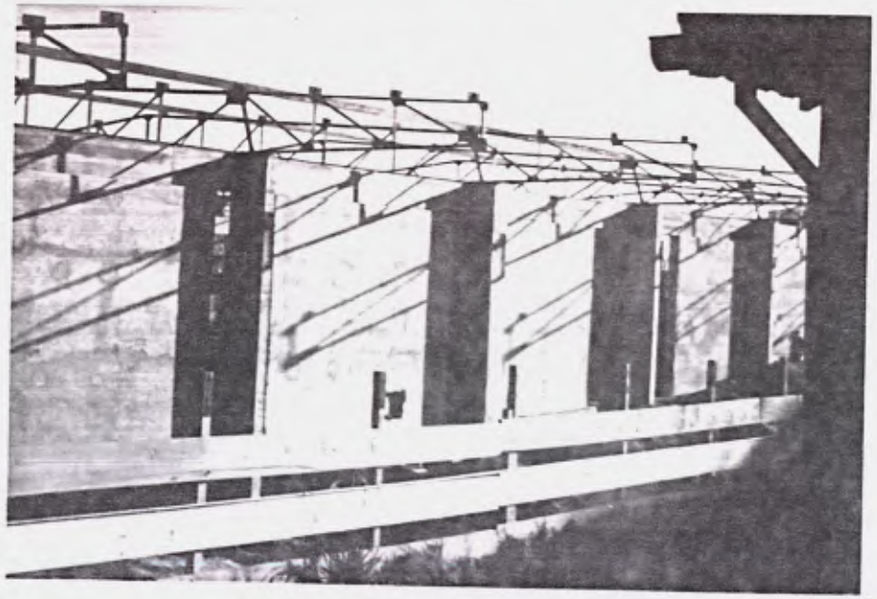
267/3h

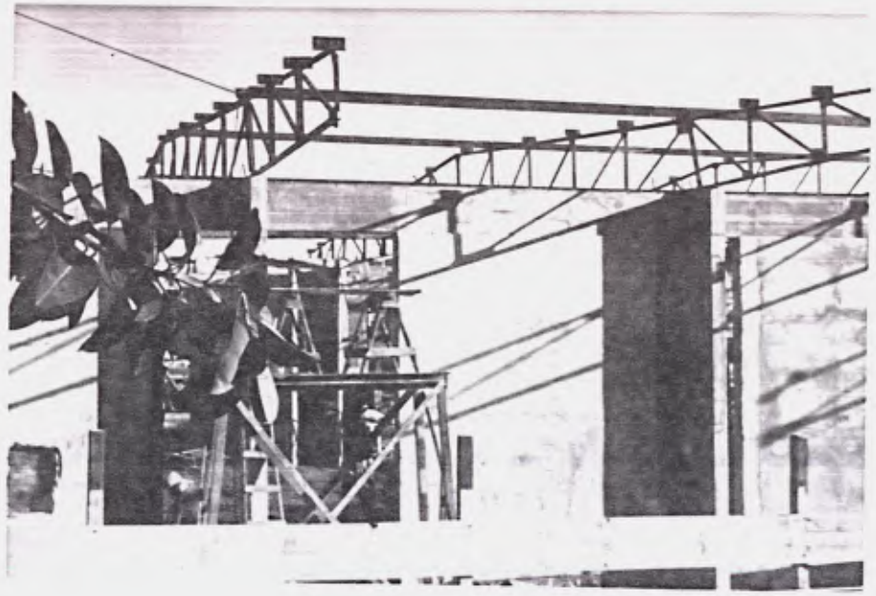




Campinas - 31 de março de 19..

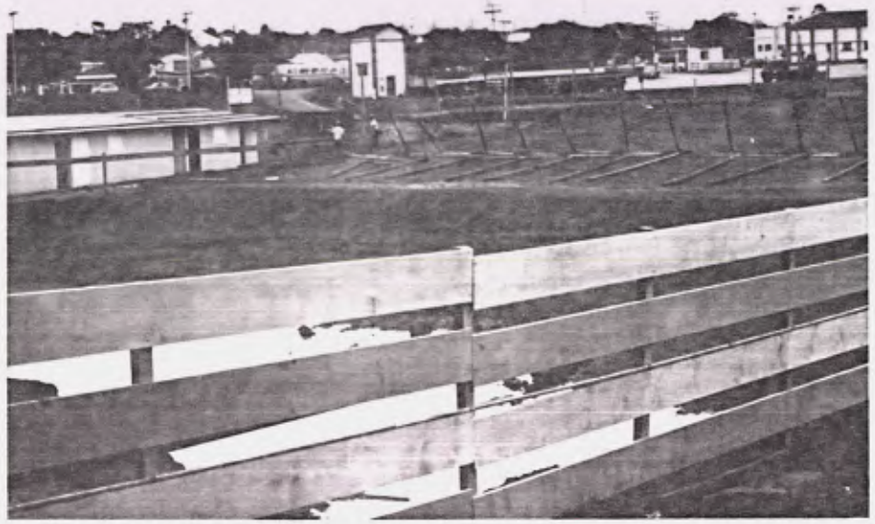
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

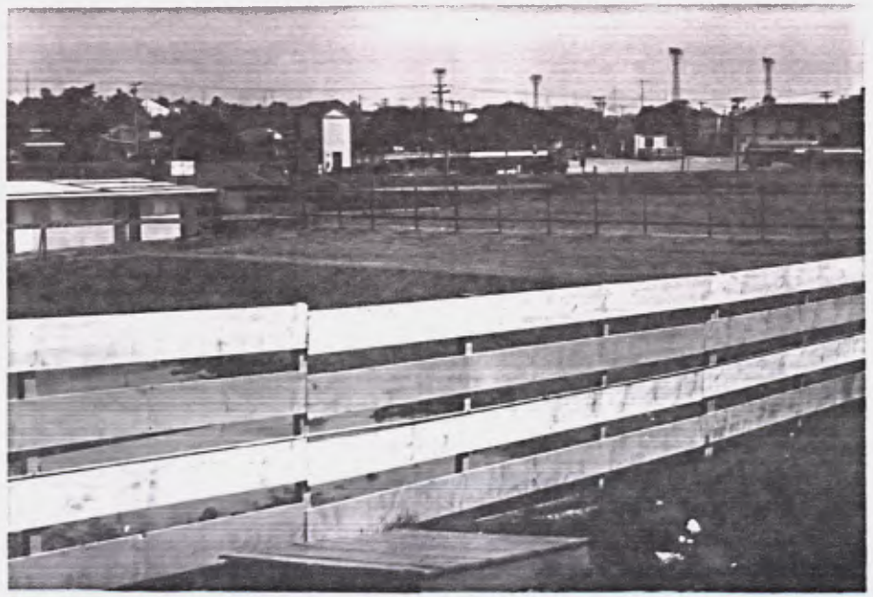




Auditório - 31 de Maio de 1974.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS



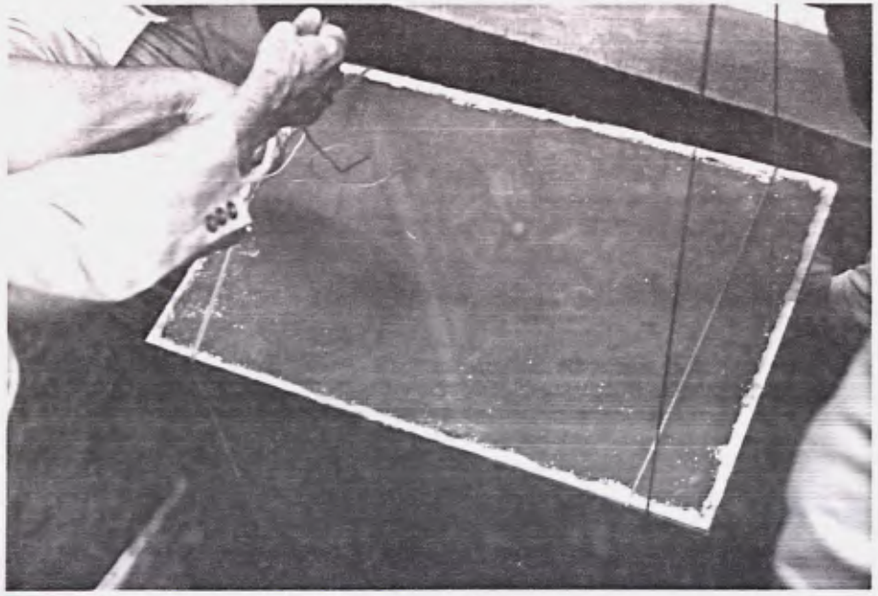


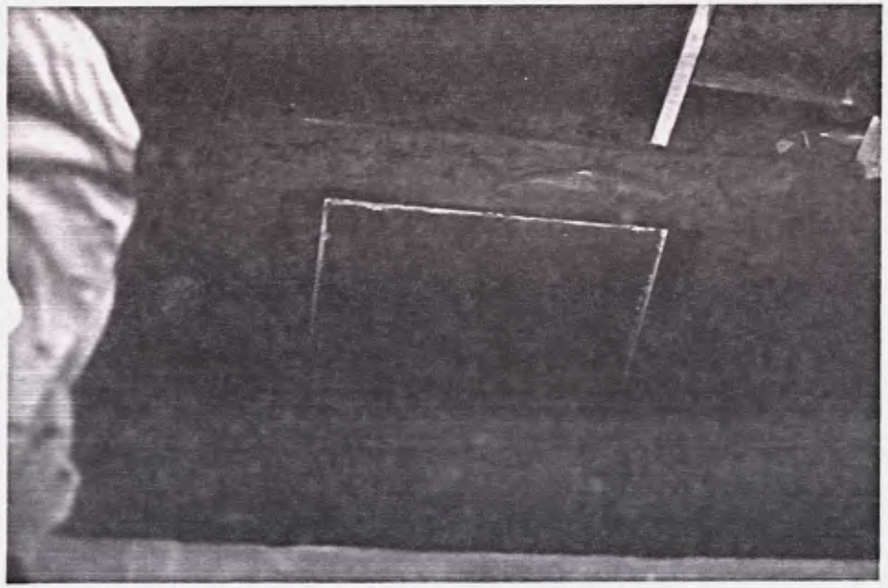
ESTADO DAS OBRAS DO AUDITÓRIO FOI EM 13-11-1973

Auditório, 12 de ~~Outubro~~ NOVEMBRO de 1973.

269

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS





Centenário do Colégio. Relançamento da pedra fundamental, em 15/4/73.

270
RN

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

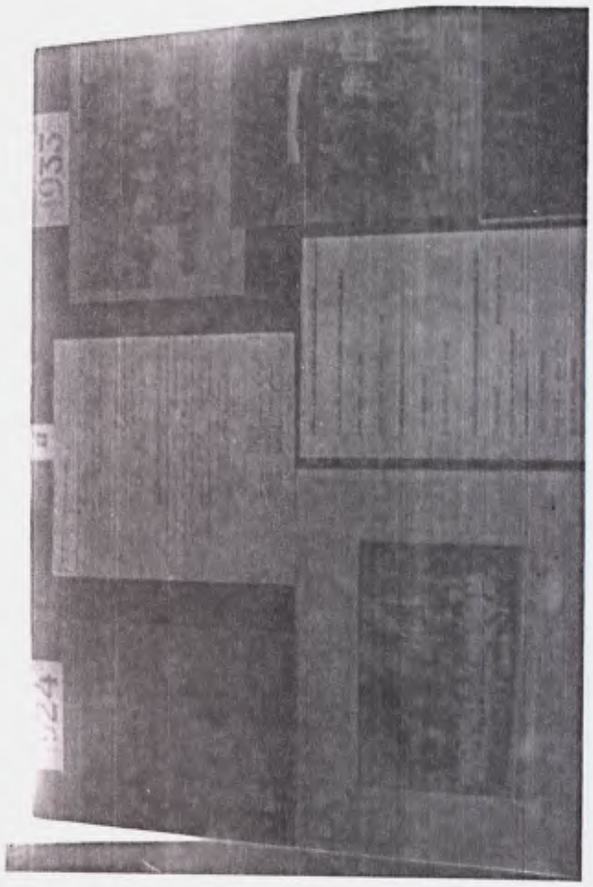
[illegible] 1970. [illegible] da pedra [illegible], e[illegible] 15 4/70.

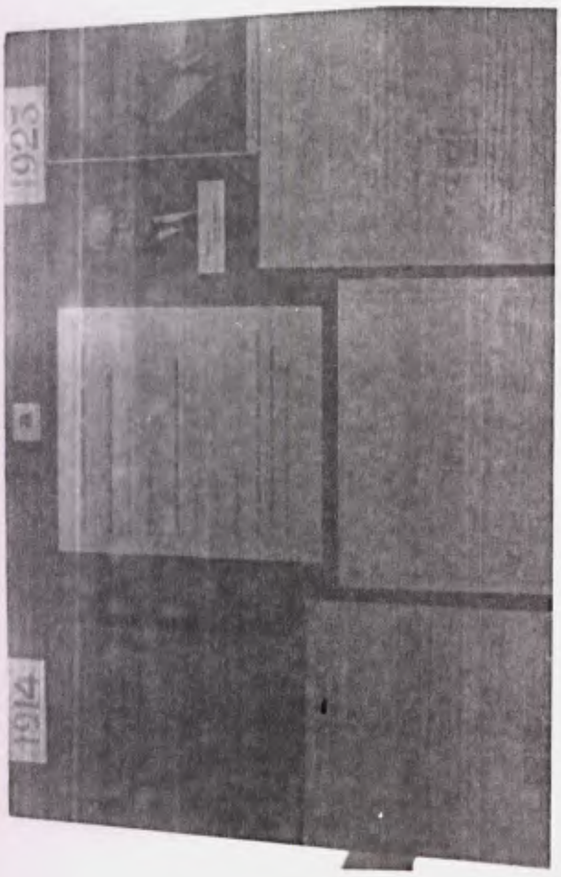
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

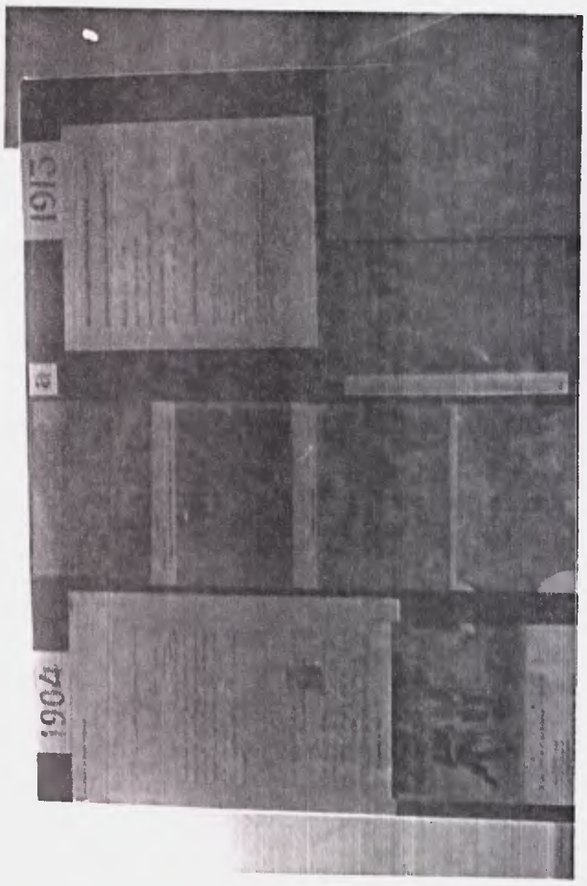
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

272

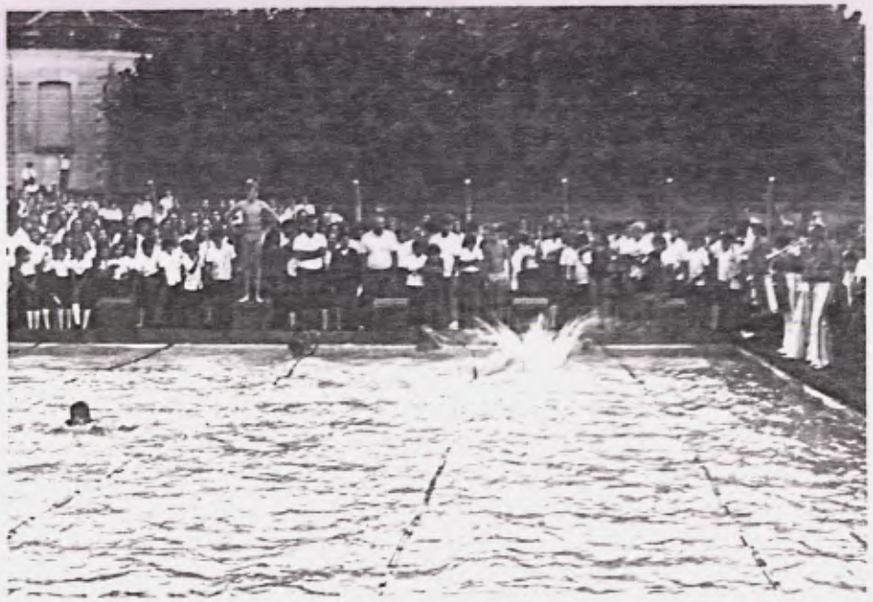


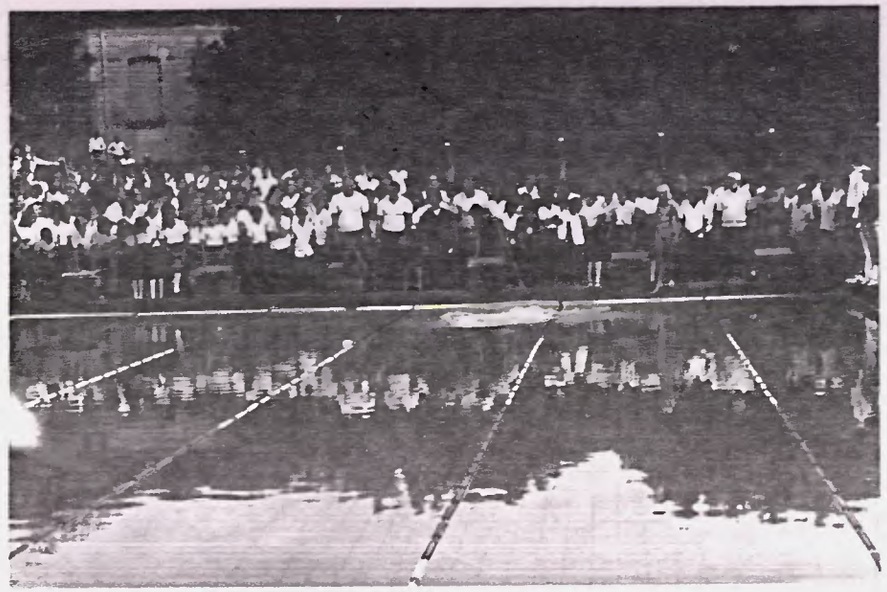


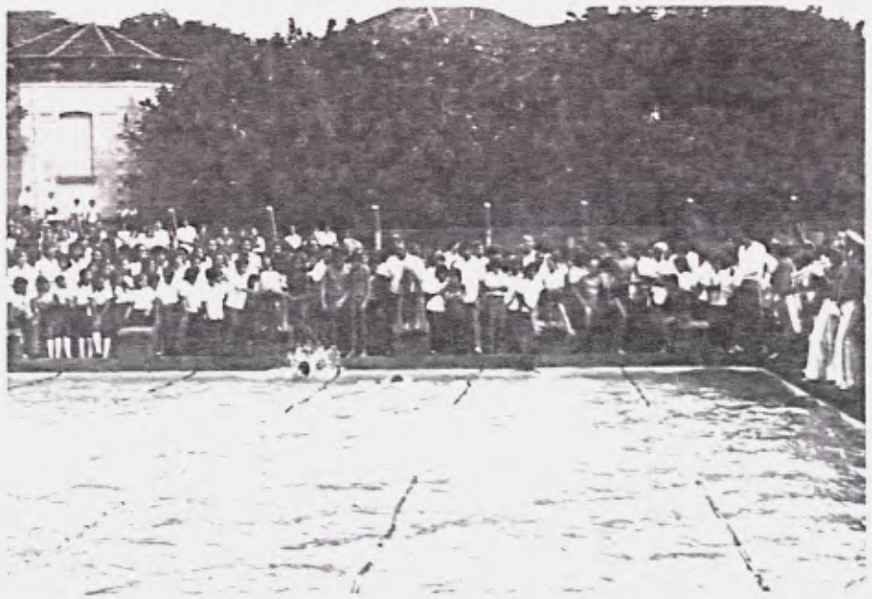


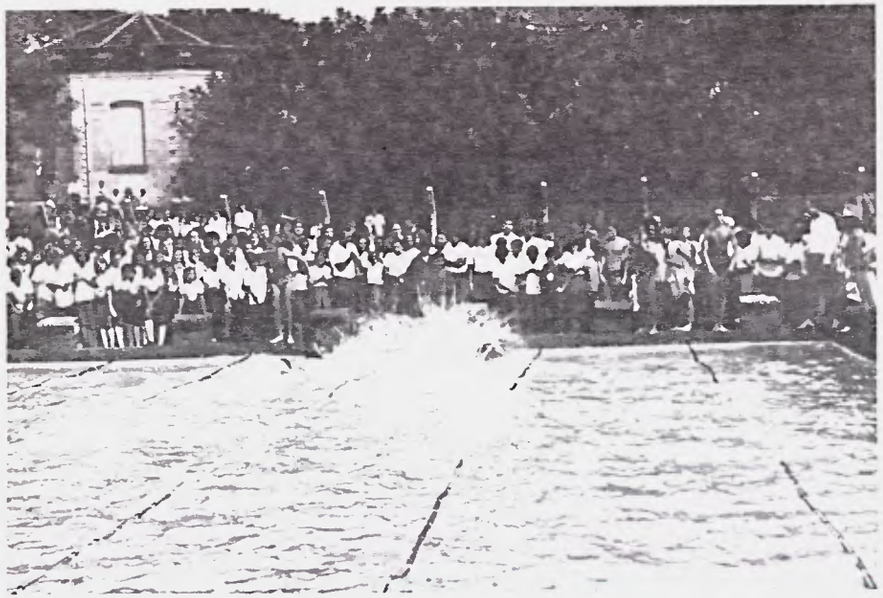
"Secretaria de Estado dos Negócios da Educação. Colégio Estadual "Culto à Ciência", em Campinas."

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL, "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS









Jentenário do Colégio... [illegible]

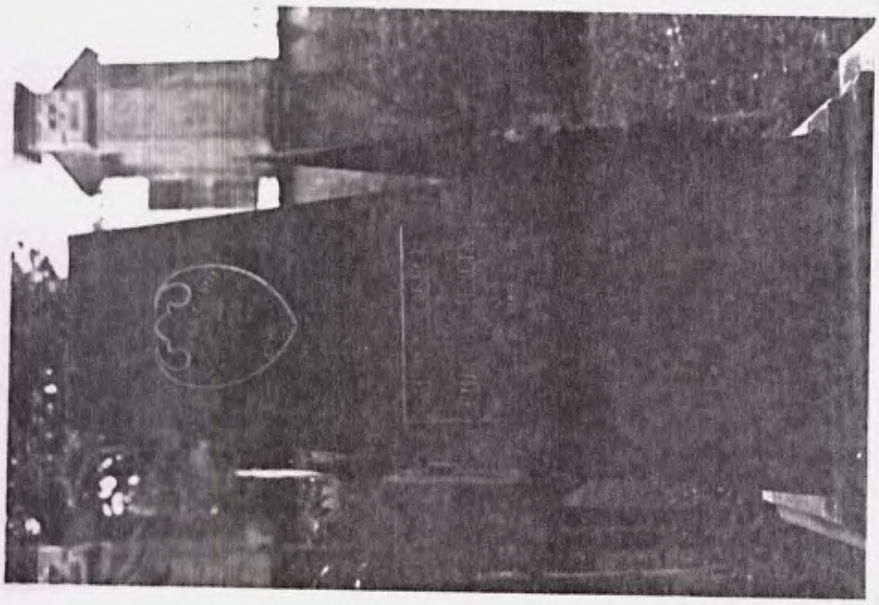
273

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

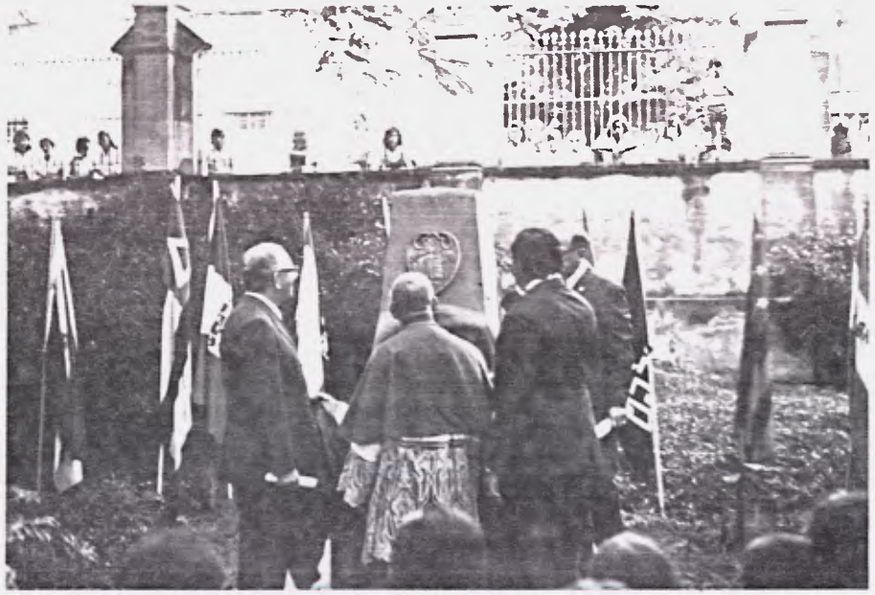
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

274



Centenário do Colégio. [illegible] 13 [illegible]

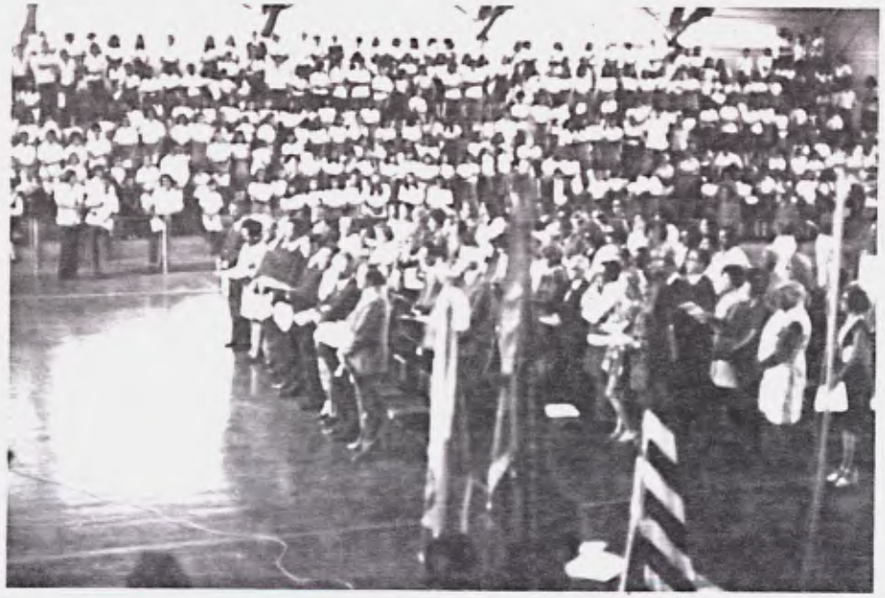
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS



Centenário do Colégio. Inauguração do Obelisco comemorativo, em 18/4/75.

239

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS



Centenário do Colégio. Missa em ação de graças, em 13/4/73.

276

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

277/Bh

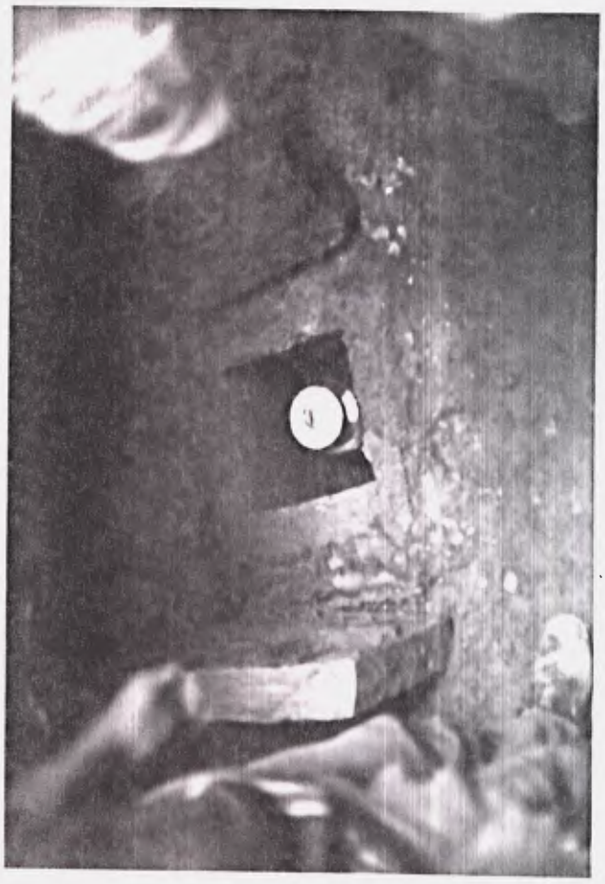
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

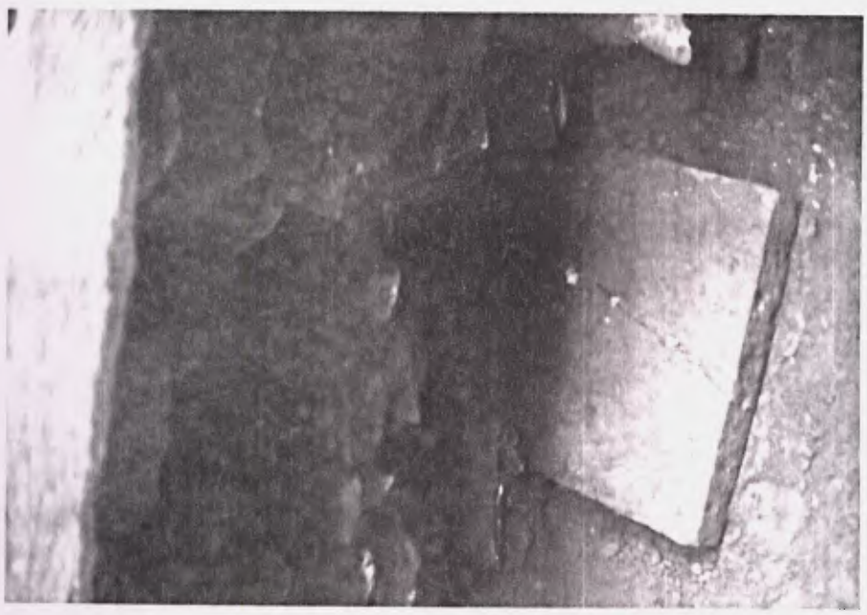
278
Bl

Colégio "Culto à Ciência", Reunião de Pais de Campinas, em 23 de maio de 1973.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

279
Bl



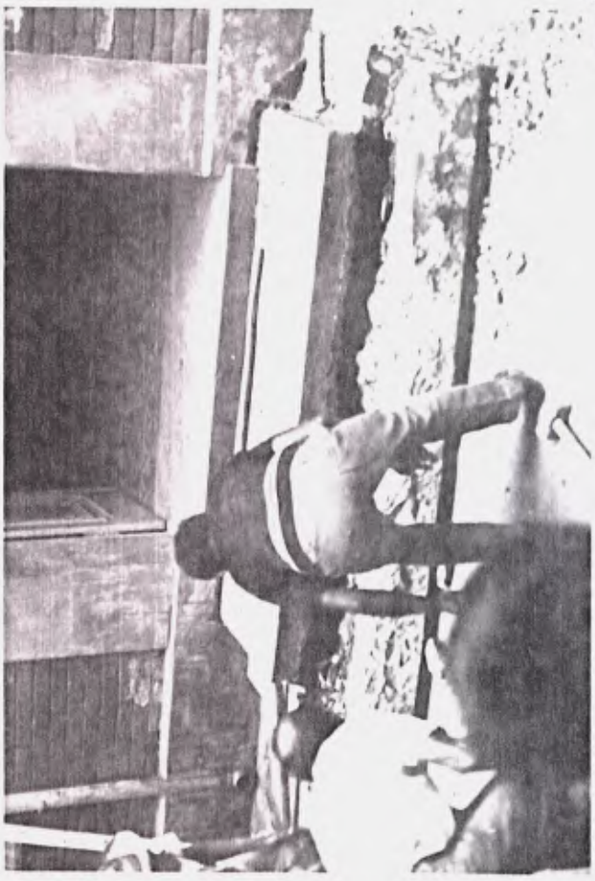


SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS

RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

280
Bh



Sexteníssimo ao Colégio.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

Encontro dos ex-alunos do"Culto a Ciência", em 15/10/1972. Na Diretoria do Colégio, alguns ex-alunos conversam. Entre eles está o Prof. Decourt, o mais antigo aluno.

281

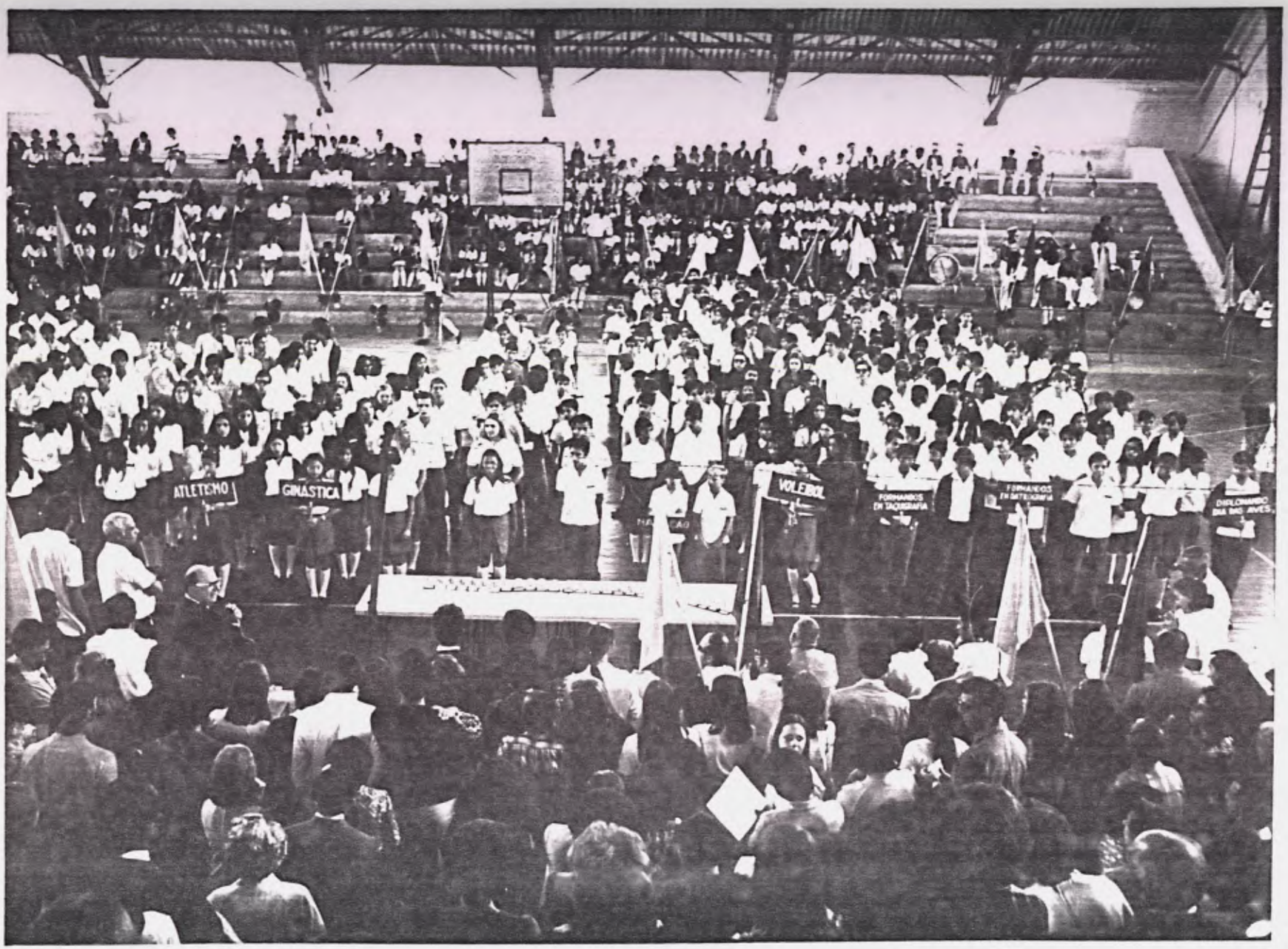
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

Encontro dos ex-alunos do "culto à Ciencia", em 15/10/1972, durante o plantio das árvores.

Na foto a esquerda, o diretor Telêmaco Paioli Melges entrega a enxada ao aluno mais antigo do Colégio, Dr, Paulo Decourt. Na foto a direita, o Dr. Paulo Decourt procede o plantio da arvore.

282

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

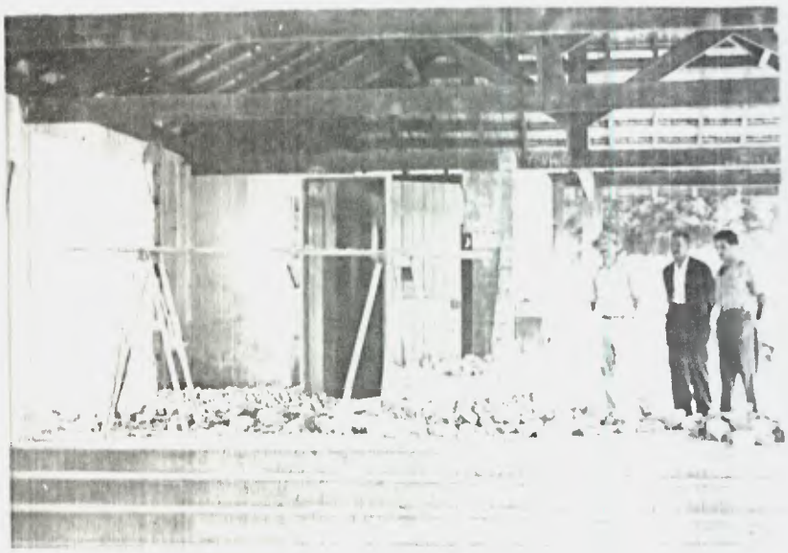


Entrega de Prêmios e Medalhas, em 23/11/1970.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE CAMPINAS
RUA CULTO À CIÊNCIA, 422 — FONE 9-2553 — 13.100 — CAMPINAS

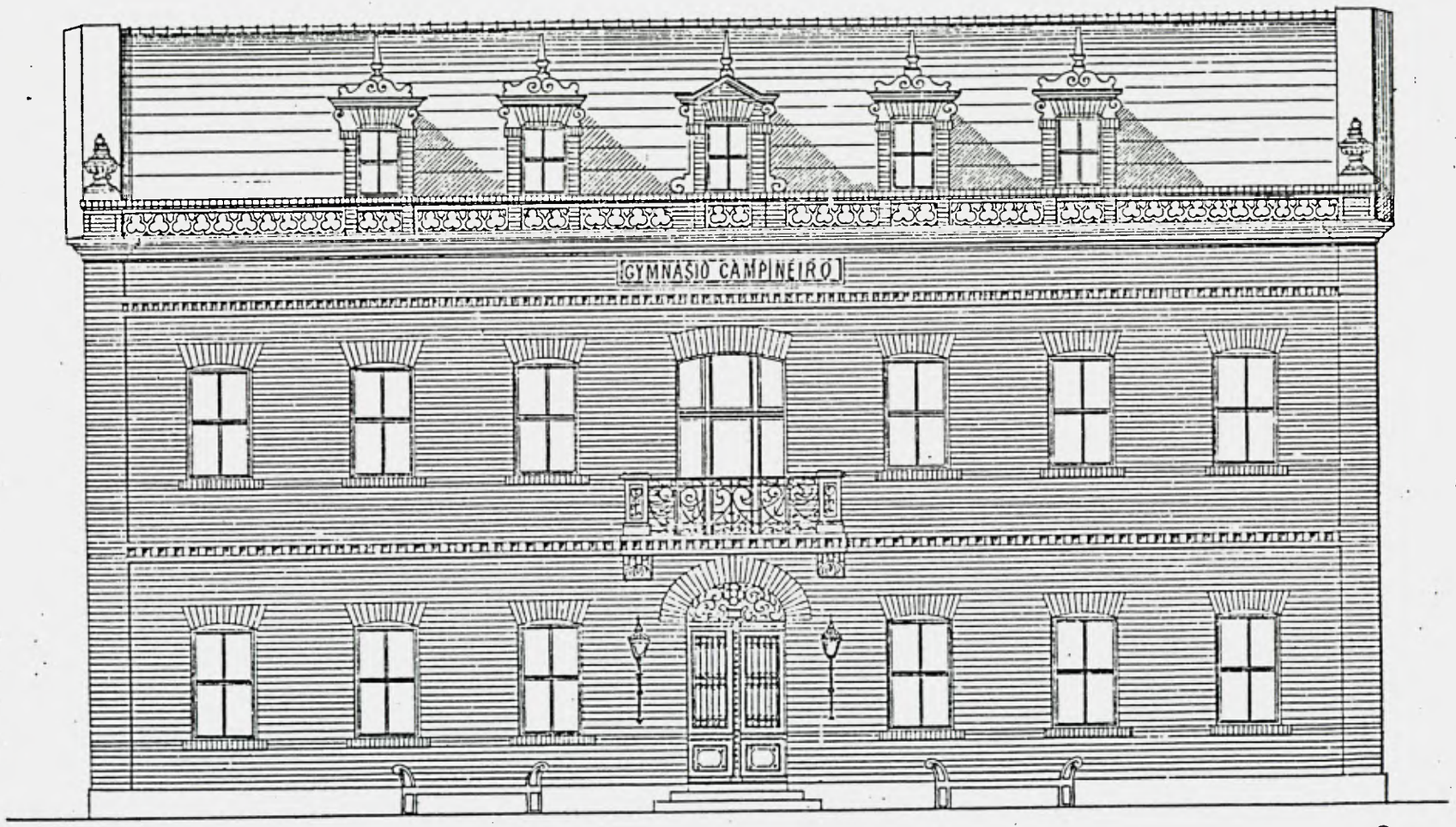
284/B

À esquerda:
a sala de Conjunto Musical



À direita:
a construção da cantina em fase inicial

À esquerda:
início da escavação da piscina, em Novembro de 1968.



FACHADA PRINCIPAL

Estab. graph. V. Steidel & Cia. São Paulo.

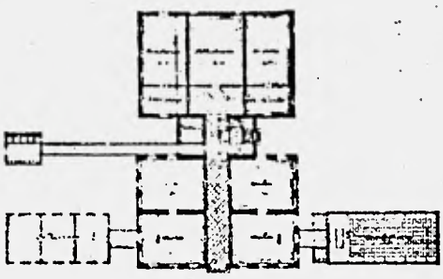
ALEXANDRE LOUREIRO CHA
1896

L 86
Bh

Projecto para adaptação
do
Collegio e Culto e Instrucção
a
Synagoga de Campinas

Escala 1:100

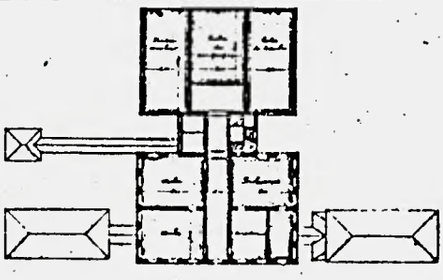
Primeiro Andar



Projecto para adaptação
do
Collegio e Culto e Instrucção
a
Synagoga de Campinas

Escala 1:100

Sotão



1896

ALEXANDRE LUIZ ROCHA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

Do	Número	Ano	Rubrica
P. Condephaat	22804	83	287 Bh

À Diretoria Técnica,

O presente processo já tramita neste Condephaat há bastante tempo. Para seu cumprimento já foi elaborado em 1985 extenso estudo pela historiadora M. Auxiliadora Guzzo Decca (a qual se junta ~~anteprojeto~~ anteprojeto esta) que justifica plenamente o inefável destaque que o Colégio Culto à Ciência teve no panorama do ensino paulista.

Paralelamente desenvolve-se estudo sobre a rede oficial de ensino, no qual o prédio merece atenção, embora o estudo ainda não esteja concluído.

Houve ainda neste interim, a recuperação física do imóvel, ainda em curso, para cujo projeto a Conesp contou com a orientação geral da Arq. M. Lucia Ramalho. Nesta reforma buscou-se recuperar basicamente a harmonia do conjunto, prejudicada por vários anexos recentes.

As instalações do atual ~~EEPG~~ Culto à Ciência são o resultado de uma série de reformas e ampliações que aconteceram com certo critério até o início do século. Estas reformas expressam o próprio curso de transformações administrativas e funcionais da escola.

Em sua fundação em 1874 o prédio apresentava uma feição afrancesada, com torres dotado de lucarnas; em 1896, quando já é público, é ampliado recebendo duas construções laterais ao prédio central; em 1911 (ano em

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob nº 288/Bl

Do: P. Condephaat | Número: 22804 | Ano: 83 | Rubrica:

que mais se implantou escolas (no período da 1ª República) teve sua cobertura modificada, inclusive com a supressão das lucarnas, numa reforma aparentemente de intenção modernizadora. Em 1944 sua fachada iguala-se às realizadas na expressiva maioria dos prédios públicos escolares que tiveram, infelizmente, suas janelas substituídas.

As demais reformas já são fruto de um período caótico no qual as intervenções eram descuidadas e de má qualidade — o que se pretendeu corrigir na reforma em curso.

O prédio do Museu a Ciência foi o único construído especificamente para fins educativos dentre os que foram utilizados pelo poder público — e não construídos por ele — para a educação nos primeiros anos da República.

Seu partido possivelmente influenciou os primeiros projetos específicos para escola realizados pelo governo. O prédio em dois pavimentos com classes simétricas, organizadas em torno de uma circulação central foi solução, com algumas modificações impostas por normas educacionais, repetida exaustivamente nos prédios de grupos escolares pioneiros.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

289/Bh

Do	Número	Ano	Rubrica
P. Condephaat	22804	83	

A modificação mais evidente foi a da transformação do acesso central único em dois laterais que davam para o eixo de circulação longitudinal - providência necessária pelo fato das escolas segregarem os sexos (masculino e feminino, norma que aparentemente não vigia no período particular do Culto à Ciência (antes de transformar-se em escola pública).

Concluindo diríamos que a importância do Culto à Ciência no panorama educacional paulista já foi bastante explorada no presente assim como resta a influência de seu partido arquitetônico na configuração das primeiras escolas públicas paulistas.

Desta forma as justificativas que recomendam sua preservação já são tantas que aqui se considera mais fundamental que se aguarde a conclusão final dos estudos sobre escolas públicas.

Silvia F. Wolff

Arq. SILVIA FERREIRA SANTOS WOLFF

SPCR, 15 de janeiro de 1987

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

290
Bh

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º .....

do Condephaat n.º 228041/83 (a) .....
↑ cópia inf. P. 24016/85

Interessado :

Assunto:

Sr, Diretor Técnico,

Vimos pela presente dar ciência dos entendiemento havidos entre a CONESP - Companhia de Construções Escolaes do Estado de São Paulo - e este CONDEPHAAT, a respeito das obras de adequação e reparos a serem realizados na EESG "Culto a Ciência" em Campinas.

Em vistoria realizada em novembro p.p. constatamos que o edifício necessita de uma série de reformas e adequações, as quais foram definidas naquela ocasião, e transmitidas aos técnicos da CONESP encarregados do projeto e do acompanhamento das obras (Arq Nelson Geraldo de Paula Salles, Arq. Helia Mª Vendramini Neves e Engº Gilberto Kiyoshi kakazu).

Todas as diretrizes foram prontamente acatadas e incluidas no pprojeto de reforma do edifício, conforme consta das plantas em anexo. Ficou acertado também que para o correto reparo e/ou substituição dos elementos construtivos danificados, seria efetuado um levantamento detalhado de cada ambiente do edifício a fim de detectar os materiais utilizados e a técnica construtiva empregada .

Este levantamento começou a ser efetuado; porém, devido à paralisação do processo de obtenção de verbas para a mencionada reforma, outros trabalhos foram considerados prioritários naquele momento, e o levantamento não foi terminado.
O material obtido então encontra-se em anexo.

Na presente data, os entendimentos iniciados àquela época estão novamente em pauta, uma vez que a verba destinada às obras parece já ter sido liberada, embora seja escassa (trata-se apenas de Cr$ 980.000.000).

Impr. Serv. Gráf. SECT
60.000 - VII-982

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 291 Bh

de Condephaat n.º 228/84/83 (a)

Interessado:

Assunto:

Cabe ressaltar que essa quantia (980.000.000) é absolutamente insuficiente para realizar todas as intervenções necessárias. Em vista disso encontramo-nos em fase de definição de prioridades em relação às obras previstas, já que não será possível executar todo o projeto. Entretanto, essa redução acarretará imensos prejuizos ao edifício tanto em termos de reparos estritamente ditos como de restauro e recuperação da volumetria original, hoje totalmente comprometida.

De qualquer mameira, o levantamento programado será retomado proximamente.

:Além do mais, torna-se completamente inviável a adoção de medidas adicionais, como a prospecção das paredes para encontrar os frisos e ornatos originais, que certamente existem e foram cobertos por camadas sucessivas de pintura.

Frente a este quadro desfavorável, solicitamos providencias no sentido de realizar gestões junto à CONESP a respeito das possibilidades de aumento da verba para que as obras possam ser levadas, se não a contento, pelo menos dignamente.

ERa o que tinhamos a informar para o momento.

STCR/ 22 de Julho de 1985.

Lucia P. Ramalho

MARIA LUCIA PINHEIRO RAMALHO
ARQUITETA

60.000 - VII-982

Impr. Serv. Gráf. SICCT

Recebi em 23/4/87.

295

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

Do	Número	Ano	Rubrica
P. CONDEPHAAT	22804	83	

Assunto: Tombamento do "Colégio Culto à Ciência". Campinas

Interessado: Augusto Nila e Outros.

A
D.T.

Solicitamos que o presente processo seja encaminhado ao E. Conselho, para deliberação sobre o tombamento do imóvel em questão.

STCR 23/4/87

ANA [illegible] BORGES
Diretora de [illegible] Técnica
CONDEPHAAT

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

296

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º
293

Do	Número	Ano	Rubrica
P.Condephaat	22804	83	

INTERESSADO: Ariosto Mila e Outros.

ASSUNTO : Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência", sito à Rua Culto à Ciência, nº422 - Campinas.

Devidamente instruidos os autos, encaminhem-se à apreciação do Egrégio Cogiado para deliberação final quanto ao tombamento do bem em questão.

CONDEPHAAT/DT, 27 de abril de 1987.

JUDITH MONARI
Diretora Técnica Substituta

JM/sp

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

29/4/87

Augusto Mila

294

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of.nº 131/87

Em 28.10.87

Do Coordenadora de Proteção da SPHAN/FNPM

Ao Presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo

Assunto Pedido de informações

Senhor Presidente:

Conforme tivemos oportunidade de informar, anteriormente, encontra-se em análise nesta Coordenadoria o pedido de tombamento do Colégio Culto à Ciência, situado à Rua Alegre, nº 422-Campinas/SP, também objeto de estudo pelo CONDEPHAAT (proc.tombamento nº 22.804/83).

Solicitamos, numa primeira oportunidade, informações e material referentes ao assunto, tendo sido atendidos com a máxima presteza; esse material recebido tem sido de grande importância para a avaliação que estamos fazendo.

Tendo em vista, no entanto, o tempo decorrido desde então, gostaríamos de solicitar a V.Sa. que, se possível, nos informasse a respeito da conclusão do referido processo: - qual o parecer técnico e qual a resolução desse Conselho.

Agradecemos, antecipadamente, a atenção que nos possa ser dispensada.

Cordialmente,

DORA M.S. DE ALCÂNTARA
Coordenadora

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação Rubricada sob n.º 295

Do	Número	Ano	Rubrica
Ofício	131	87	

INT.: SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL.

ASS.: Solicita informações sobre o parecer técnico e a resolução do Conselho a respeito do processo nº 22.804/83, que trata do estudo de tombamento do Colégio Culto à Ciência - Campinas.

1) Ao STCR para atender, minutando ofício de resposta.

GP/CONDEPHAAT, 13 de novembro de 1987.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

DS/acmg

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 296/00

Do	Número	Ano	Rubrica
P.CONDEPHAAT	22804	83	

Interessado: ARIOSTO MILA E OUTROS

Assunto: Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência sito à Rua Culto à Ciência nº 422 - Campinas.

Ao arquiteto Silvio Wolff
para manifestação atendimento do despacho do Sr. Presidente à pl. 295
S.T.C.R. 17/11/

RAPHAEL GENDLER
Agente Serv. Civil

À Diretoria Técnica,

Com relação às questões colocadas pela Coordenadora da Proteção da Sphan, posso responder apenas à primeira. O parecer técnico foi favorável ao tombamento já elaborado em janeiro próximo passado.

Quanto à resolução do Conselho tomei ciência de que não existe, ou melhor o processo não foi ainda julgado pelo Egrégio Colegiado.

Sugiro que se oficie à Sphan ~~de~~ que não houve resolução final do conselho e informando que o parecer técnico foi favorável. Assim que houver decisão notificaremos àquela instituição.

Informo ainda que acompanhei a Arq. M. Lucia em vistoria ao prédio recentemente e em que pese alguns problemas conceituais nas soluções de recuperação de algumas paras decoradas, o prédio recuperou muito de sua dignidade, justificando-se ainda mais seu tombamento.

Circunstância que aparentemente é tomada como "parti pris" por este próprio Conselho, visto que já se

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO – Modelo Oficial 17

300

tem discutido que área envoltória, como se o imóvel estivesse tombado.

A outra circunstância é de que já se encontra o processo encaminhado para deliberação final do colegiado, sem que tenha havido Conselheiro Relator. Sugiro que o mesmo seja encaminhado ao Conselheiro Antonio Luiz Dias de Andrade, pois assim a Sphan estará no futuro duplamente atendida.

Em mais, era o que tinha a considerar,

SSA, 19 de novembro de 1987

Silvia Wolff

Em tempo: notamos em nossas conversas que a comunidade escolar imagina o tombamento como algo mais que a simples inclusão no livro de tombo. Imagina-se que necessariamente é um ato acompanhado por festividades. Tendo em vista que esta comunidade ligada ao Culto à Ciência é muito zelosa de seu patrimônio e está muito interessada na preservação, talvez fosse o caso de considerar-se uma cerimônia se o egrégio Colegiado resolver-se pelo tombamento.

À Presidência

Encaminhamos as informações prestadas pela Arq. Silvia Wolff bem como a minuta solicitada. Posteriormente poderá ser encaminhado ao Colegiado.

19/11/87

Thereza Raimundy de K. e Pinheiro
Diretora do Serv. Téc. Subst.

Juntada

Segue _____ juntada _____ nesta data, Documento _____ /Folha _____ de Informação rubricada

sob n.º _____

Em _____ de _____ de 19 _____

Assinatura

MINUTA

Senhora Coordenadora,

Com relação ao estágio atual do processo de tombamento do Colégio Culto à Ciência em Campinas, temos a informá-la que o mesmo encontra-se no Egrégio Colegiado, com parecer favorável do Serviço Técnico, aguardando deliberação final.

Isto posto colocamo-nos ao inteiro dispor desta Secretaria para maiores informações, comprometendo-nos a comunicar-lhes a resolução final.

Sem mais para o momento, atenciosamente

P. M. B.

Sra. Dra M. S. de Alcantara
DD. Coordenadora de Pareceres....

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

CONDEPHAAT

Ofício GP/0960/87
P.CONDEPHAAT 22.804/83

São Paulo, 27 de novembro de 1987.

Senhora Coordenadora

Com relação ao estágio atual do processo de tombamento do Colégio Culto à Ciência em Campinas, temos a informá-la que o mesmo encontra-se no Egrégio Colegiado, com parecer favorável do Serviço Técnico, aguardando deliberação final.

Isto posto, colocamo-nos ao inteiro dispor desta Secretaria para maiores informações, comprometendo-nos a comunicar-lhes a resolução final.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar nossos protestos da mais alta estima e conisderação.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

Ilma. Senhora
Dra. DORA M. S. DE ALCÂNTARA
DD. Coordenadora de Proteção da
SPHAN/FNPM
Av. Rio Branco, nº 46 - 3º andar
RIO DE JANEIRO - RJ
CEP: 20090

500.000 - 11-984 Impr. Serv. Gráf. SICCT

Encaminhe-se ao Conselheiro
Irineu Ribeiro dos Santos
para relatar.

GP/CONS. 30/11/87

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

~~24803/~~ 22804/83.

299

Senhores Conselheifos,

Pouco se pode aduzir a este processo exemplarmente formado além de recomendar, com entusiasmo, ao egrégio Colegiado o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" de Campinas.

Composto por farta e rica documentação histórica e iconográfica, o processo descreve com detalhes a história do Colégio, cuja importância e significação para a cultura do Estado de São Paulo se equivale à do Caetano de Campos.

Destaca-se entre os documentos que o constituem a brilhante e minunciosa monografia histórica intitulada O Colégio "Culto à Ciência" de Campinas -Espaço do Saber -1869-1985, escrita pela historiadoraMaria Auxiliadora Guzzo Decca,com colaboração do estagiário Heber de Castro Motta, distribuida às fls. 84 a 193. Este notável trabalho, a medida em que descreve a história do "Culto à Ciência", nos oferece um bem elaborado panorama geral da evolução histórica do ensino secundário no Brasil, desde o Império até 1985. Sugerimos que se estude a possibilidade de sua publicação como texto autônomo.

Dado ao mais do que merecido apreço que o Colégio desfruta na comunidade campineira, e sua incontestável importância para a história da cultura do nosso Estado e do País, recomendamos finalmente, caso o Colegiado delibere pelo tombamento, que se promova -como sugere a Arq . Sílvia Wolf- cerimônia solene para a concretização do ato.

São Paulo, 14 de dezembro de 1987

Irineu Ribeiro dos Santos

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 306

Do	Número	Ano	Rubrica
P.CONDEPHAAT	22804	83	

P A R E C E R

Senhores Conselheiros

Pouco se pode aduzir a este processo exemplarmente formado além de recomendar, com entusiasmo, ao Egrégio' Colegiado o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" de Campinas.

Composto por farta e rica documentação histórica e iconográfica, o processo descreve com detalhes a história do Colégio, cuja importância e significação para a cultura do Estado de São Paulo se equivale à do Caetano de Campos.

Destaca-se entre os documentos que o constituem a brilhante e minunciosa monografia histórica intitulada ' O Colégio " Culto à Ciência" de Campinas - Espaço do Saber - 1869 1985, escrita pela historiadora Maria Auxiliadora Guzzo De Decca, com a colaboração do estagiário Heber de Castro Motta, distribuida às fls. 84 e 193. Este notável trabalho, a medida em que descreve a história do "Culto à Ciência", nos oferece um bem elaborado panorama geral da evolução histórica do ensino secundário do Brasil, desde o Império até 1985. Sugerimos que se estude a possibilidade de sua publicação como texto autônomo.

Dado ao mais do que merecido apreço que o Colégio desfruta na comunidade campineira, e sua incontestável importância para a história da cultura do nosso Estado e do País,

./...

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 301

Do	Número	Ano	Rubrica
P.CONDEPHAAT	22804	83	

recomendamos finalmente, caso o Colegiado delibere pelo tombamento, que se promova - como sugere a Arq. Silvia Wolff - cerimônia solene para a concretização do ato.

São Paulo, 14 de dezembro de 1987.

IRINEU RIBEIRO DOS SANTOS
Conselheiro Relator

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 302

Do	Número	Ano	Rubrica
P.CONDEPHAAT	22804	83	

INT.: ARIOSTO MILA E OUTROS

ASS.: Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" sito à Rua Culto à Ciência, nº 422 - Campinas.

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO

SESSÃO ORDINÁRIA DE 14 DE DEZEMBRO DE 1987

ATA Nº 769

O Egrégio Colegiado deliberou aprovar por unanimidade o parecer do Conselheiro Relator Professor Irineu Ribeiro dos Santos, favorável ao tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" sito à Rua Culto à Ciência, nº 422, em Campinas.

1. Oficie-se aos interessados;
2. Ao STCR para elaborar a minuta da Resolução de tombamento.

GP/CONDEPHAAT, 16 de dezembro de 1987,

PAULO DE MELLO BASTOS

Presidente

LCA/ahm.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

CONDEPHAAT

Ofício GP-1050/87
P.CONDEPHAAT 22804/83

São Paulo, 16 de dezembro de 1987.

Senhor Secretário

Vimos por meio deste, informar a Vossa Excelência que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, em sua Sessão Ordinária de 14/12/87, Ata nº 769, deliberou aprovar o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" situado à Rua Culto à Ciência nº 422, no Município de Campinas.

Cumpre-nos também, informar que o referido imóvel tem assegurada a sua preservação, conforme rezam os Artigos 142, parágrafo único, 144 e 146 do Decreto Estadual nº 13.426 de 16/03/79. O eventual infrator do mencionado dispositivo, incorrerá nas sanções nele previstas e ainda nas penas previstas no Artigo 165 do Código Penal Brasileiro.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar, nossos protestos de estima e consideração.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

À Sua Excelência o Senhor
Prof. Dr. **CHOPIN TAVARES DE LIMA**
DD. Secretário de Estado da Educação
Praça da República, nº 53
CAPITAL
CEP.: 01045

LCA/ahm.

500.000 - 11-984 Impr. Serv. Gráf. SICCT

304

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311
CONDEPHAAT

OFICIO GP- 1051/87

P.CONDEPHAAT 22804/83

São Paulo, 22 de dezembro de 1987

Prezada Senhora

Vimos por meio deste, informar a Vossa Senhoria que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico' Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado CONDEPHAAT, em sua Sessão Ordinária de 14/12/87, Ata nº 769, deliberou aprovar o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" situado à Rua Culto à Ciência, nº 422, no Municipio de Campinas.

Cumpre-nos também, informar que o referido imóvel tem assegurada a sua preservação, conforme rezam os Artigos 142, parágrafo único, 144 e 146 do Decreto Estadual nº 13.426 de 16/03/79. O eventual infrator do mencionado dispositivo, incorrerá nas sançoẽs nele previstas e ainda nas penas previstas no Artigo 165 do Código Penal Brasileiro

Valemo-nos da oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente.

ILMA SENHORA
LUCIA VENERE DÉCOURT
CAPITAL

LCA/LHLO.

500.000 - 11-984 Impr. Serv. Gráf. SICCT

308

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

CONDEPHAAT

Ofício GP-1052/87
P.CONDEPHAAT 22804/83

São Paulo, 16 de dezembro de 1987.

Senhor Prefeito

Vimos por meio deste, informar a Vossa Excelência que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, em sua Sessão Ordinária de 14/12/87, Ata nº 769, deliberou aprovar o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência " situado à Rua Culto à Ciência nº 422, no Município de Campinas.

Cumpre-nos também, informar que o referido imóvel tem assegurada a sua preservação, conforme rezam os Artigos 142, parágrafo único, 144 e 146 do Decreto Estadual nº 13.426 de 16/03/79. O eventual infrator do mencionado dispositivo, incorrerá nas sanções nele previstas e ainda nas penas previstas no Artigo 165 do Código Penal Brasileiro.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar, nossos protestos de estima e consideração.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

Ao Exmo Senhor
Dr. **JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA**
DD. Prefeito Municipal de Campinas
CAMPINAS - SP
CEP: 13100

LCA/ahm.

500.000 - 11-984

Impr. Serv. Gráf. SICCT

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

Ofício GP-1053/87
Proc.22.804/83

São Paulo, 17 de dezembro de 1987.

Senhor Delegado

Vimos através deste informar a Vossa Senhoria que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado-CONDEPHAAT em sua Sessão Ordinária de 14/12/87, Ata nº 769, deliberou aprovar o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência", situado à Rua Culto à Ciência nº 422, no Município de Campinas.

Cumpre-nos também informar que, o referido imóvel tem assegurada a sua preservação, conforme rezam os artigos 142, parágrafo único, 144 e 146 do Decreto Estadual nº 13.426, de 16/03/79. O eventual infrator do mencionado dispositivo, incorrerá nas sanções nele previstas e ainda nas penas previstas no artigo 165 do Código Penal Brasileiro.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

Ilmo. Senhor
Doutor RICARDO P. PRADO
DD. Delegado Titular da Polícia Civil
CAMPINAS

500.000 - 11-984

Impr. Serv. Gráf. SICCT

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

Ofício GP-1054/87
Proc. 22.804/83

São Paulo, 17 de dezembro de 1987.

Senhor Diretor

Vimos através deste informar a Vossa Senhoria que, o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado-CONDEPHAAT em sua Sessão Ordinária de 14/12/87, Ata nº 769, deliberou aprovar o tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência", situado à Rua Culto à Ciência nº 422, no Município de Campinas.

Cumpre-nos também informar que, o referido imóvel tem assegurada a sua preservação, conforme rezam os artigos 142, parágrafo único, 144 e 146 do Decreto Estadual nº 13.426, de 16/03/79. O eventual infrator do mencionado dispositivo, incorrerá nas sanções previstas e ainda nas penas previstas no artigo 165 do Código Penal Brasileiro.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

Ilmo. Senhor
RENATO JOSÉ HOLLF
DD. Diretor do Colégio Estadual "Culto à Ciência"
CAMPINAS

500.000 - 11-984

Impr. Serv. Gráf. SICCT

308

PREENCHIDO PELO REMETENTE

NOME DO DESTINATÁRIO CHOPIN TAVARES DE LIMA

ENDEREÇO PRAÇA DA REPÚBLICA Nº 53

CEP ~~01045~~ CIDADE SÃO PAULO ESTADO SP

NÚMERO DO REGISTRO (OU DO VALE) 908681

VALOR DECLARADO (OU IMPORTÂNCIA DO VALE) Cr$

NATUREZA DO OBJETO

DECLARAÇÃO SUMÁRIA DE CONTEÚDO

DATA DO REGISTRO (OU EMISSÃO) 23/12/87

UNIDADE DE POSTAGEM Cel. Prado Maia

PREENCHIDO NO DESTINO

RECEBI O OBJETO A QUE SE REFERE ESTE "AR"

28 DEZ 1987

LOCAL E DATA

JACIRA PEREIRA

ASSINATURA DO DESTINATÁRIO

DIANE [illegible]
MAT. 86107070

ASSINATURA DO EMPREGADO

CARIMBO DA UNIDADE DE DESTINO

SDD - SÃO JOÃO
28 DEZ 87

7530-006-0410

A6-105x148mm

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

AVISO DE RECEBIMENTO (AR)

ESTE "AR" DEVE SER DEVOLVIDO A

NOME DO REMETENTE

SECRETARIA DA CULTURA (CONDEPHAAT)

ENDEREÇO

RUA LIBERO BADARÓ 39 - 11 andar

CIDADE	ESTADO
SÃO PAULO	SP

0 1 6 0 9

BRASIL

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n. 309

Do	Número	Ano	Rubrica
P.Condephaat	22804	83	

INTERESSADO: Ariosto Mila e Outros.

ASSUNTO : Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência", sito a Rua Culto à Ciência, nº422-Campinas.

Ao arquiteta Silvia F S Wolff e à historiadora Maria A.G. De Decca
para ~~manifestação~~ elaboração de minuta de resolução de tombamento.
S.T.C.R., 30 / 12 / 87.

p/ Tereza Katinszky de K. e Pielesz
Diretora do Serv. Téc. Subst.ª

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

310
5

PREENCHIDO PELO REMETENTE

NOME DO DESTINATÁRIO JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEXEIRA

ENDEREÇO AV. ANCHIETA 290

CEP 13015 CIDADE CAMPINAS ESTADO SP

NÚMERO DO REGISTRO (OU DO VALE) 906082

VALOR DECLARADO (OU IMPORTÂNCIA DO VALE) Cr$

NATUREZA DO OBJETO R Proc. 22804/83

DECLARAÇÃO SUMÁRIA DE CONTEÚDO

DATA DO REGISTRO (OU EMISSÃO) 23 12 87

UNIDADE DE POSTAGEM Galeria Prestes Maia

PREENCHIDO NO DESTINO

RECEBI O OBJETO A QUE SE REFERE ESTE "AR"

LOCAL E DATA Campinas 31/12/87

ASSINATURA DO DESTINATÁRIO Paulo Magalhães Teixeira

ASSINATURA DO EMPREGADO

CARIMBO DA UNIDADE DE DESTINO

CAMPINAS 04 JAN 88

75170118-1 A6-105x148mm

314

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

AVISO DE RECEBIMENTO (AR)

ESTE "AR" DEVE SER DEVOLVIDO A

NOME DO REMETENTE

SECRETARIA DA CULTURA (CONDEPHAAT)

ENDEREÇO

RUA LIBERO BADARO' 39 - 11 andar

CIDADE

SAÕ PAULO

ESTADO

SP

0 1 0 0 9

GAL. PRESTES 23 12 8 SÃO PAULO SP BRASIL

3/3

3/4

311
8

22/04/83

PREENCHIDO PELO REMETENTE

NOME DO DESTINATÁRIO RENATO JOSÉ ROLLF

ENDEREÇO RUA CULTO À CIENCIA 422

CEP ~~13000~~ 13020 CIDADE CAMPINAS ESTADO SP

NÚMERO DO REGISTRO (OU DO VALE) 906081

VALOR DECLARADO (OU IMPORTÂNCIA DO VALE) Cr$

NATUREZA DO OBJETO CR

DECLARAÇÃO SUMÁRIA DE CONTEÚDO

DATA DO REGISTRO (OU EMISSÃO) 23 12 87

UNIDADE DE POSTAGEM Galeria Presto Maio

PREENCHIDO NO DESTINO

RECEBI O OBJETO A QUE SE REFERE ESTE "AR"

30-12-87

LOCAL E DATA

Dirceia Fernandes Morganto

ASSINATURA DO DESTINATÁRIO

ASSINATURA DO EMPREGADO

CARIMBO DA UNIDADE DE DESTINO

CENTRO DE DIST DOMICILIÁRIA CAMPINAS - SP

7530-006-0410

A6-105x148mm

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

AVISO DE RECEBIMENTO (AR)

ESTE "AR" DEVE SER DEVOLVIDO A

NOME DO REMETENTE

SECRETARIA DE CULTURA (CONDEPHAAT)

ENDEREÇO

RUA LIBERO BADARO 39 11 andar

CIDADE

SAÕ PAULO

ESTADO

SP

0 1 0 0 9

BRASIL

345

312
4

Proc. 22804/83

PREENCHIDO PELO REMETENTE

NOME DO DESTINATÁRIO RICARDO P. PRADO

ENDEREÇO RUA MARECHAL DEODORO 13

CEP ~~13100~~ 13020 CIDADE CAMPINAS ESTADO SP

NÚMERO DO REGISTRO (OU DO VALE) 906084

VALOR DECLARADO (OU IMPORTÂNCIA DO VALE) Cr$

NATUREZA DO OBJETO CR Ofício GB-1053/87

DECLARAÇÃO SUMÁRIA DE CONTEÚDO

DATA DO REGISTRO (OU EMISSÃO) 23-12-87

UNIDADE DE POSTAGEM Galeria Prestes Maia

PREENCHIDO NO DESTINO

RECEBI O OBJETO A QUE SE REFERE ESTE "AR"

LOCAL E DATA Campinas, 6 Janeiro 1988

ASSINATURA DO DESTINATÁRIO

ASSINATURA DO EMPREGADO

CARIMBO DA UNIDADE DE DESTINO

CAMPINAS 06 JAN 88

7530-006-0410

A6-105x148mm

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

AVISO DE RECEBIMENTO (AR)

ESTE "AR" DEVE SER DEVOLVIDO A

NOME DO REMETENTE

SECRETARIA DA CULTURA (CONDEPHAAT)

ENDEREÇO

RUA LIBERO BADARO 39. 11Andar

CIDADE

SAÔ PAULO

ESTADO

S;P;

0 1 0 0 9

BRASIL

4 | 3/2

316

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 313

Do	Número	Ano	Rubrica

À DT

Encaminhamos a minuta de Tombamento do Colegio Culto Ciencia em Campinas, conforme solicitado.

28/07/88

Thereza Katinszky de K. e Pielesz
Diretora do Serv. Téc. Subst.º

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

317

Juntada

Segue ____ juntada a nesta data, Documento a /Folha ____ de Informação rubricada sob n.º 314

Em 19 de agosto de 19 88

Assinatura

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação Rubricada sob n.º 314

Do	Número	Ano	Rubrica
P.Condephaat	220804	83	

INTERESSADO: Ariosto Mila e outros.

ASSUNTO: Estudo de tombamento do Colégio Estadual " Culto à Ciência " sito à Rua Culto à Ciência,nº 422 - Campinas.

INFORMAÇÃO DT - 029/88

Senhora Chefe de Gabinete

Tendo o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT, em sua sessão plenária do dia 14 de dezembro de 1987, Ata nº 769, decidido pelo tombamento da EESG " Culto à Ciência ", antigo Colégio Culto à Ciência, situado à rua de mesmo nome, nº 422, em Campinas, objeto destes autos, estamos encaminhando, apensa à contracapa, a respectiva Resolução de Tombamento para assinatura da Excelentíssima Senhora Secretária da Pasta, se assim o entender.

CONDEPHAAT DT, 17 de agosto de 1988

JUDITH MONARI
Diretora Técnica
CONDEPHAAT

JM/sa.

Visto.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

Juntada

Segue juntada nesta data, Documento ____ / Folha ____ de Informacão rubricada sob n.º 315/316 SE/gs

Em 05 de setembro de 19 88

Assinatura

P.Condephaat
nº 22804/83

ESTADO DE SÃO PAULO

RESOLUÇÃO Nº 48 de 05 de setembro de 1988

ELIZABETE MENDES DE OLIVEIRA, SECRETÁRIA DA CULTURA, no uso de suas atribuições legais e nos termos do artigo 1º do Decreto-Lei nº 149, de 15 de agosto de 1969 e do Decreto 13.426, de 16 de março de 1979,

RESOLVE

Artigo 1º - Fica tombado como bem cultural de interesse histórico e arquitetônico a EESG "Culto à Ciência", antigo Colégio Culto à Ciência, situado à Rua de mesmo nome, nº 422 em Campinas.

Trata-se de tradicional estabelecimento de ensino, fundado em 1874 por uma sociedade particular formada por republicanos e positivistas.

Transformado em ginásio público em 1896, sintetiza, a partir desse momento, a evolução do ensino secundário no Brasil e em São Paulo, mantendo-se até hoje em funcionamento.

Destaca-se como edifício educacional especificamente projetado e construído para tal fim. Característica relevante se considerarmos que, no momento de sua origem e por muito tempo ainda, foi comum a adaptação de construções existentes para a instalação de escolas.

Assim, o Colégio Culto à Ciência foi pioneiro de uma tipologia arquitetônica que só viria a se configurar cerca de 20 anos após a sua construção, quando o projeto educacional republicano passa progressivamente a exigir edifícios específicos, adequados para este programa.

ESTADO DE SÃO PAULO

A somatória de transformações e ampliações porque passou este estabelecimento de ensino, ao longo de mais de 100 anos, é também muito representativo das mudanças espaciais exigidas pela evolução do ensino público neste mesmo período.

A área envoltória limita-se ao próprio terreno do objeto do tombamento, que coincide com a quadra nº 220 da planta cadastral do Município de Campinas.

Artigo 2º - Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, autorizado a inscrever no Livro do Tombo competente o bem em referência, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 3º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

SECRETARIA DA CULTURA, aos 5 de setembro de 1988

ELIZABETE MENDES DE OLIVEIRA
SECRETÁRIA DA CULTURA

Doc. of p. 317
S.05.5 06/9/88

fls. 377

ESTADO DE SÃO PAULO

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE 06 DE SETEMBRO DE 1988

PÁGINA 14/15

SEÇÃO I

Resolução SC-48, de 5-9-88

A Secretária da Cultura, nos temos do artigo 1.º do Decreto-lei 149, de 15-8-69 e do Decreto 13.426 de 16-3-79, resolve:

Artigo 1.º — Fica tombado como bem cultural de interesse histórico e arquitetônico a EESG Culto à Ciência antigo Colégio Culto à Ciência, situado à Rua de mesmo nome, n.º 422 em Campinas. Trata-se de tradicional estabelecimento de ensino, fundado em 1874 por uma sociedade particular formada por republicanos e positivistas. Transformado em ginásio público em 1896, sintetiza, a partir desse momento, a evolução do ensino secundário no Brasil e em São Paulo, mantendo-se até hoje em funcionamento. Destaca-se como edifício educacional especificamente projetado e construído para tal fim. Característica relevante se considerarmos que, no momento de sua origem,e por muito tempo ainda, foi comum a adaptação de construções existentes para a instalação de escolas: Assim, o Colégio Culto à Ciência foi pioneiro de uma tipologia arquitetônica que só viria a se configurar cerca de 20 anos após a sua construção, quando o projeto educacional republicano passa progressivamente a exigir edifícios específicos, adequados para este programa. A somatória de transformações e ampliações porque passou este estabelecimento de ensino, ao longo de mais de 100 anos, é também muito representativo das mudanças espaciais exigidas pela evolução do ensino público neste mesmo período. A área envoltória limita-se ao próprio terreno do objeto do tombamento, que coincide com a quadra 220 da planta cadastral do Município de Campinas.

Artigo 2.º — Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado — Condephaat, autorizado a inscrever no Livro do Tombo competente o bem em referência, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Segue junto a nesta data documento por mim rubricado sob nº 318

São Paulo em 06 de setembro de 1988

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob nº 318

Do	Número	Ano	Rubrica
PROCESSO CONDEPHAAT	22804	83	

INTERESSADO: ARIOSTO MILA E OUTROS.

ASSUNTO : Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" sito à Rua Culto à Ciência, nº 422 - Campinas.

De ordem da Senhora Chefe de Gabinete, encaminhe-se ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, para os devidos fins.

GS, em 06 de setembro de 1.988.

JOSEPHINA BORALLI
ASSESSORA

MCA//rh.*

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 319

Do	Número	Ano	Rubrica
P.CONDEPHAAT	22.804	83	

INT.: ARIOSTO MILA E OUTROS

ASS.: Estudo de tombamento do Colégio Estadual "Culto à Ciência" sito à Rua Culto à Ciência, nº 422 - Campinas.

1. À DT para as providências relativas à inscrição no Livro do Tombo.
2. Ao STCR para a regulamentação das áreas envoltórias.

GP/CONDEPHAAT, 12 de setembro de 1988.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

ASTA em cumprimento ao item 1 - em trâmito direto ao STCR para atender o item 2.
Consultor, 14/5/88

JUDITH MONARI
Diretora Técnica
CONDEPHAAT

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO — Modelo Oficial 17

323

Inscrito no livro do Tombo Histórico, sob o nº 283, p. 73, em 08/06/89.

BPchahin

MARIA RITA MANCINI
Bibliotecá ia Chefe de Seção
Tecnica - Substituta

Juntada

Segue _____ juntada _____ nesta data, Documento _____ / Folha _____ de Informacão rubricada

sob n.º _____

_____

Em _____ de _____ de 19 _____

Assinatura

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: Colégio Culto à Ciência Proc. de Tomb.: 22804 /83 Res. SC 48 05 /03/88

Foto: Iracema de O. G. Fernandes Data: Nov. 97

Foto: Iracema de O. G. Fernandes Data: Nov. 97

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: Colégio Culto à Ciência Proc de Tomb: 22804 / 83 Res 5C48 05/03/88

Foto: Carlos Kipnis Data: s.d.

Foto: _____ Data: _____

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: Colégio Culto à Ciência Proc. de Tomb.: 22804/83 Res.: SC48 05/03/88

Foto: Iracema de O.G. Fernandes Data: Nov. 97

Foto: Iracema de O.G. Fernandes Data: Nov. 97

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: Colégio Culto à Ciência Proc. de Tomb.: 22804/83 Res.: SC48 05/09/88

Foto: Iracema de O. G. Fernandes Data: Nov. 97

Foto: Iracema de O. G. Fernandes Data: Nov. 97

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CONDEPHAAT- Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

À Diretoria Técnica,

Estamos encaminhando fotografia(s) tirada(s) para a publicação PATRIMÔNIO CULTURAL PAULISTA - Bens Tombados 1968 - 1998, para serem anexada(s) aos respectivos processos de tombamento.

Bem tombado: Colégio Culto à Ciência

Processo de Tombamento nº: 22804/83 - CAMPINAS

STCR, 22 de junho de 1999.

arq. Tereza C. R. E. Pereira

hist. Edna H. M. Kamide

Colaboração: arq. Caio Manoel de Oliveira Fabiano

PROCESSO N.º 22804/83

CONDEPHAAT

FLUXOGRAMA DO PROCESSO

DATA DE REMESSA	ENVIAR PARA	RUBRICA REMETENTE	RUBRICA CONTR. PROC.
11.04	Centro de Documentação		